



Aperitivos de Cronos

CONTOS

2ª série - Ensino Médio



VERA CRUZ



CONTOS

2ª série - Ensino Médio

Aperitivos de Cronos

**Direção Geral**

Heitor Fecarotta

Direção de Gestão

Marcelo Chulam

Direção Pedagógica

Regina Scarpa

Coordenação

Ana Bergamin

Aperitivos de Cronos – Contos – 2ª série 2020 – Ensino Médio

Organização:

Luiz Venâncio Rodrigues Aiello
(Professor de Redação)

Professora de Artes Visuais:

Maria Celina Pinto de Gusmão

Professora Orientadora da 2ª série:

Lilian Spalding Degani

Psicólogo Escolar:

Alexandre Trinca

Edição, revisão e projeto gráfico:**Ilustração de capa:**

Helena Winter

São Paulo, novembro de 2020

Sumário

Autores	6	Cicatrizes	62
Contando o tempo (prefácio)	8	O vermelho mais vermelho	65
Imersão	10	A sombra	67
Os próximos dias	12	Sozinho no oceano	69
Onde está Deus nessas horas?	14	É Maria	71
Espelho no armário escuro	16	Vida material	74
Tempo perdido	18	O silêncio que move	77
Prova de fogo	23	O mau agouro	80
Sem título	25	Penas caídas	83
O urubu e o horizonte	29	O voo da madrugada	86
Um canto qualquer	31	Ramos que não crescem mais	89
A morte (ou Um homem com o rosto ausente de luz)	34	Seu mundo já não era o mesmo	93
A alma, o apagão e os restos	40	Pomba	97
Vida	42	O Outro	100
Permanecer	44	O menino que vivia isolado	103
O último nó	46	Ato de rebeldia	105
A banalidade do mal	48	Dias completos de ganância	107
Enxame	50	Mudanças	109
Ofuscação	52	Lembranças de alguém especial	111
Ardência da benevolência	54	Sem saída	113
água	57	Presença	115
Paralelo roda mundo	60	Lar doce lar	117
		Companheira de quarto	119

O silêncio da dor	121	Tom	180
Sonhos alcançáveis	123	Como é ver o pôr do sol	183
Na saúde e na doença	126	O formigueiro	185
Dois lados	128	Ausência	187
Através de batentes	130	Por que fui tão insensível?	189
Efêmero feliz para sempre	132	Meu primeiro e quase último passeio...	191
Palhaço	134	O silêncio dos cochichos	193
Holofote	136	Eu fui, mas ele não	196
Perdido no pensamento	138	O pessegueiro e o menino	198
O voo para amanhã	140	Ratatouille	201
Madeira	143	Visões	203
A anemocoria	146	Velhinho da fumaça	205
Vende-se	148	Um em um par	208
O velho baú	150	Conto de um tênis	212
Quase um universo paralelo	152	Solução	214
De cabeça suja	154	O sonho	217
Crises dos 4	157	Em espera	219
Ser esquecido	161	Presos entre gritos	223
Domingo	163	Formatura inesquecível	227
Exigências familiares	165	Bem-vindo ao Ensino Médio	229
Surdez	168	Uma noite para ser lembrada	232
Dias de folga	172	Alguém com seu melhor amigo	234
Sindy	175	Nota final	236
Arrependimento	177		

Autores

A

Amanda Markovna Rozhanskiy 14
Ana Luiza Tararam 46
André Soares 148

B

Beatriz Soares 117
Bento O. Teles 77
Bruno Fernandez Tonso 16
Bruno Ligorio 42

C

Carolina Bekhor 165
Carolina Brant 180
Carolina Nigro 152
Clara Paranhos 154
Clara Smith 12

D

Daniel Abramoff 183
Daniel Keunecke 212

Diana Starobinas 193
Diogo Nieto 227
Dora Duprat Martini 130

E

Eduardo Abibi 205
Elise Schmitz Boccia 83
Emília Pacheco 146
Enzo Crespo 138

F

Fabiana Tarantino 54
Felipe Pestana W. 232
Filipe Amaral Vieira 229
Flavia Vallejo 121
Francisco Pires Ferreira 52

G

Gabriel Frossard...34
Gabriela Dezan...196
Gabriela Fabri...93

Giovana Chagas...203
Giovana Pacchioni...40
Giulia Mazzini Tonin...157
Guilherme Campanhã de Barros Freire...115

H

Helena Ditt...65
Helena Winter...23

I

Isabela Carrara Marchetti...161

J

Joana Plapler Ferreira...109
João Alfredo Cardoso Lamy...208
João Pedro Gardenal Sarti...172
João Pedro Mattos...150
João Pedro Santi Hohagen...140
Julia Faria...107
Júlia Paliães...217
Juliana Junqueira...128

K

Karina Simone Fischer...201
Kim Lotito...136

L

Laura Astiz Andrade...100
Laura Cicerone...67
Luana Farhat de Carvalho...25
Luana Kirschner Kotscho...126
Luca Constabile Uras...48
Lucas Vieira...29
Luísa Galvão Bueno...143
Luiza Mendonça...80
Luiza Monteleone Robin...187
Luiza Paeke...190

M

Malu Ross Kaiut...223
Manuela Ferraz...191
Manuela Fusco Varella Peixoto ...18
Manuela Maida Magalhães...69

Maria Clara Vasconcellos...111
Maria Eduarda do Amaral Grassano...44
Mariana Facci Mendes...31
Mariana Maués Francisco...132
Mariana Ramalho...219
Matheus Garrido...175

N

Natália Tito...198
Nina Beraha...123

O

Olivia Blay 86

P

Paula Gaido...60
Pedro Alonso Ferreira...62
Pedro Hassun...234
Pedro Magada...97
Pedro Mazzuccheli...214
Pedro Robin...189

R

Rafael Sanches...134
Rafaela Dowbor...89
Rafaela Gianfratti Nastari...10
Rita Barbiellini Sáfadi...50
Rodrigo Motta...177

S

Sky Dazzi...57
Sofia de Paula Moraes...71
Stefani Romano...105

T

Theo Ferros...74
Theodora Astiz...113
Tiago Arakaki...168
Tomás Verdini...163

V

Victor Waldman...185
Vinicius Rafael D'Angelo...103

Contando o tempo (prefácio)

Prof. Luiz Venâncio Aiello

Nunca foi tão importante contar. De várias maneiras, por várias razões. Contar a contragosto: os minutos, as horas, os dias para o fim de uma quarentena e a volta a uma normalidade que não sabemos se retornará plenamente... Contar com a esperança; e contar o que esperamos ainda poder nos tornar. Temos contado perdas — de tempo, de paciência, de pessoas queridas vitimadas pela falta de sentido de uma doença que nos coloca frente a frente com o absurdo; e contado que tudo — seja lá o que tudo for — uma hora vai passar.

Tendo isso em mente — e tendo reelaborado o ato de contar —, os alunos e alunas da 2ª série do Ensino Médio da Escola Vera Cruz produziram, em uma sequência didática vivida durante a quarentena, os contos deste livro. Trata-se — digo sem modéstia, porque esta caberia aos autores e autoras, não a mim — de umas das melhores safras de textos que já tivemos desde que este projeto surgiu, em 2015.

Peço licença ao(a)s quase 120 escritore(a)s para destacar alguns exemplos: em “Onde está Deus nessas horas?”, Amanda Markovna Rozhanskiy dá voz a um rosário que, dos séculos e séculos a que remetem suas contas, narra seu inconformismo com a superficialidade da vida moderna. Na mesma linha de pororoca de tempos históricos dentro de uma narrativa, Maria Eduarda Grassano nos traz as palavras de uma menina fazendo sua primeira comunhão. Gabriel Frossard remete a *O sétimo selo*, de Bergman, colocando um herói frente à morte personificada; tratando-se, porém, não de um cavaleiro medieval e da impassível morte de cara branca segurando a foice: mas de um menino de dez anos frente a uma versão apressada, neurótica e contemporânea da morte.

Autores e autoras tão cheios de vida não deixaram, aliás, de tratar dessa perda, a pior que pode haver: em “Prova de fogo”, Helena Winter a mostra pelos olhos do impiedoso assassino que a realiza; em “A banalidade do mal”, Luca Uras inverte a lógica à qual submetemos um pernillongo quando o matamos; Pedro Ferreira trata, em “Cicatrizes”, do sentido da vida — e, portanto, da morte — no diálogo de um rapaz com seu cigarro; Bruno Ligorio metaforiza projetos de vida na figura de castelos de cartas...

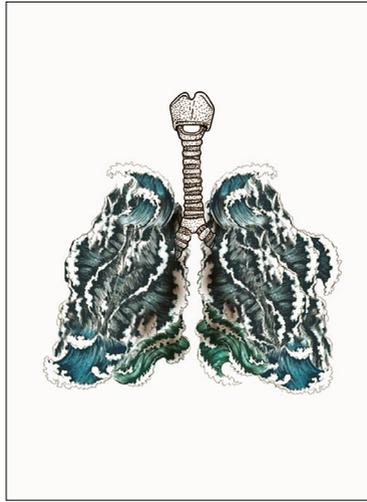
E há, é claro, mais perdas: perda da graça por um bobo da corte, em texto de Kim Lotito; perda do sentido da piada por um palhaço, num conto de Rafael Sanches; perdas de parentes queridos, da infância, da inocência.

Paradoxalmente, porém, nem tudo está perdido: Mariana Facci nos conta da esperança de um velho piano de cauda de ser novamente tocado; Manoela Varela intitula seu labirinto temporal-narrativo como “Tempo perdido”, mas mostra que, no final, há ganho; e há, sobretudo, o tempo nem ganho nem perdido, mas vivenciado: mais do que nunca, talvez por terem vivido de forma inédita a densidade da sucessão temporal em período de quarentena, esses escritores juvenis transformaram o Tempo em protagonista que, ainda que discreto, aparece em todos os textos deste livro. O título da publicação — *Aperitivos de Cronos* —, escolhido pelos próprios estudantes, é prova disto.

Outro ponto de destaque são as escolhas relacionadas ao foco narrativo e ao tipo de narrador. Em muitos dos textos, não é mais um ser humano que narra, mas novos “modos de subjetivação”, com o perdão pelo empréstimo da expressão da filosofia. Assim, além dos — já citados — rosário, piano e mosquito, deparamos também as vozes narrativas de árvores (“Madeira”, Luisa Galvão Bueno), um móvel antigo (André Soares, “Vende-se”), um baú (João Pedro Mattos), tênis (João Alfredo Lamy e Daniel Keunecke), baratas (Carolina Nigro), gato (Carolina Bekhor) e muitos, muitos cachorros.

Novos modos de subjetivação, novas formas de narrar, novo tempo que — esperamos — este livro pode inaugurar... Tudo isso me leva apenas a agradecer à Escola Vera Cruz e especialmente ao(à)s próprio(a)s autore(a)s, e a deixar os leitores com ele(a)s, que são quem tem o que contar. Obrigado.

Prof. Luiz Venâncio Aiello (Redação)



Imersão

Rafaela Gianfratti Nastari

Era verão, estava calor e a água refrescava os raios de Sol que batiam no meu rosto. O mar estava calmo e tranquilo e eu boiava sem me preocupar com mais nada. Todos que eu amava estavam lá, e também os que eu não conhecia. Estávamos todos juntos, todos bem. Estávamos.

Conforme a ignorávamos, a marola crescia mais e mais. Mais visível ela se tornava. Maior ela ficava. Começava a se destacar no horizonte.

A marola virara, agora, uma onda. Mas estávamos todos bem. Estávamos.

Tudo acontecia tão normalmente naquele momento que ninguém parecia se abalar, todos seguiam nadando e convivendo uns com os outros. Felizes. Não cresceria tanto a ponto de nos impactar, por isso, não era preciso se preocupar.

Era a ilusão de que aquela onda jamais nos atingiria.

Mas ela só crescia. Já havia sido notada por todos e uma leve preocupação começara a surgir em alguns. Mas era só uma onda. Estava tudo bem.

O tempo passava e a onda vinha em nossa direção com mais força do que antes. Mais rápida. Ela crescia mais e mais. Mas era só uma onda.

Naquele momento, ela já tomara forma e corpo. Sua velocidade e tamanho aumentavam, assim como nossa preocupação. Mas ainda estávamos bem. Todos lá, juntos, nadando. Estávamos.

Jamais, antes, uma simples onda apresentou tamanha ameaça. Ninguém lá já havia passado por uma situação dessas. Era como se fosse difícil acreditar no que

estava acontecendo. Como pode? Pensava... estava tudo bem. De uma hora pra outra, algo tão grande aparece e nos surpreende. Estávamos bem...

Estávamos.

Até que a onda chegou perto o suficiente. Agora, se tornara impossível não ligar mais. Lá no alto, bem em cima de nós, a gigantesca e assustadora onda estava pronta para se quebrar. O medo já se instalara em minha face, e também na dos outros. Estávamos paralisados, sem saber o que fazer. Encarávamos a enorme parede de água pensando como nos protegeríamos. O que faríamos?

Então a espuma branca, forte e devastadora, caiu sobre nossas cabeças. Fomos engolidos.

Estávamos todos imersos sob a força da onda. Sua correnteza me virava e revirava e eu me esforçava para retornar à superfície, mas aquilo era muito forte, mais forte do que qualquer um de nós. Eu não conseguia respirar. Estávamos desesperados. Tentávamos resistir, mas era muito difícil. O ar em nosso pulmão se esgotava, mas continuávamos a lutar.

Ficamos imersos durante muito tempo, até que a onda simplesmente passou, nos deixando para trás. Já estava tudo mais calmo e a correnteza não me dominava mais. Com o que me restava de fôlego, nadei e consegui emergir. Eu consegui. Estava tudo bem de novo. Eu havia conseguido.

Mas quando olhei à minha volta, não restava mais nada, eu estava lá, sozinho. Eu conseguira passar por tudo aquilo, mas e os que estavam comigo? Estávamos todos juntos... Senti um frio no estômago quando percebi o que havia acontecido. A onda levava todos à minha volta. Todos. E não havia nada que eu pudesse fazer.

Então, lá na frente, depois de tudo que causara, a onda apenas diminuía. E por fim, a grandiosa e devastadora onda, lenta e sutilmente, morreu na areia, domada.



Os próximos dias

Clara Smith

Na calma, tudo destruído. Ninguém mais com a mesma rotina. Tudo adaptado. Quando olhando pela janela, nem se reconhecia mais aquele lugar. Quando olhando pelo espelho, também não se reconheciam. Só o medo do novo e a aflição eram refletidos.

Apenas uma outra vez, no século passado. Não era mais de se esperar. Aquele dia nada tinha de especial. O Sul soprava as folhas do quintal e a garoa regava o gramado. As poças no meio do caminho não impediam ninguém de nada.

Os sete dias seguintes também se repetiram assim; como de costume, uma vez por mês, mas daquela vez a situação se intensificava, assim como as filas nos supermercados. Todos estavam cientes do que se tratava.

As televisões dos botecos começaram a retratar o desespero de outros países. O vento era mais intenso nos vizinhos de fronteira e os abrigos mal suportavam uma única família. Naquele momento, armazenar comida era o melhor a fazer.

Com o anoitecer, as copas das árvores iam se entortando e as ruas iam esvaziando. O barulho lá fora era imenso, mas o silêncio sobressaía do lado de dentro. Todos tensos, sem dizer uma única palavra, esperando tudo aquilo ter um fim.

Não tinha muito como saber como estava a situação fora das quatro paredes. Era de risco muito grande abrir qualquer janela para espiar, mas era como se toda a estrutura fosse desabar e não sobrasse nada. A família toda junta tentava, mesmo que fosse impossível, proteger uns aos outros, ou, pelo menos, se acalmar.

O caos era mais visível nos pensamentos. Tudo de pior era imaginado e sem nenhuma certeza de nada, muitas conclusões eram tiradas. Sem energia nos postes e nos abajures, a única distração era pensar em um recomeço.

Tudo destruído. Ninguém mais com a mesma rotina. Tudo adaptado. Quando olhando pela janela, nem se reconhecia mais aquele lugar. Quando olhando pelo espelho, também não se reconheciam. Só o medo do novo e a aflição eram refletidos. Não tinha como saber como seriam os próximos sete dias.



Onde está Deus nessas horas?

Amanda Markovna Rozhanskiy

Em um quarto turquesa com um baixo sem poeira e pôsteres dos Smiths, havia um rosário dourado com o nome de José Cafasso, nunca antes tocado pelas mãos do homem. José Cafasso foi um presente de catequese, um presente que não fora aberto. José Cafasso não sabia disso, pois nunca havia visto a luz do dia depois de ser fabricado naquelas fábricas cinzas e feias. Entenda, José Cafasso morava numa mesinha, dentro de uma gaveta, dentro de uma caixinha, dentro de um bolsinho de seda.

“Jovens. A fé mundial está em declínio, o Vaticano perde fiéis todo dia e o mundo só se importa com direitos homossexuais e bandas de k-pop. Estamos perdidos, PERDIDOS.”

José Cafasso não era muito chegado aos jovens de hoje em dia.

“A fé nunca foi algo verdadeiramente apreciado pelos jovens, eles não têm a capacidade de praticá-la. Porém, nunca em minha vida vi algo tão monstruoso como a relação entre jovens e a fé católica!”

“Jovens devem cuspir em rosários, queimá-los. Nosso Senhor Cristo deve chorar ao ouvir as preces vazias e superficiais de hoje em dia — ah, me ajuda a ficar com fulano; minha mãe não quer me deixar jogar Playstation; me ajuda a ganhar na Mega-sena? Eu sei o que rola nas cabeças dessa gente. Se tem alguém que escapa disso, são os de mais idade. Esses sim sabem o que é respeito, empatia e dor.”

Ana Bia foi para a sala de pantufas e pijama e ligou a TV.

Ana Bia não calçava um sapato fazia um mês (a não ser suas pantufas de coração, estas ela calçava depois que acordava e as tirava para o banho ocasional).

Ana Bia se sentou no sofá — fez cara de sono, e depois, de espanto. Se inclinou para a frente. “Quarenta e um MIL?!”

“Já falei pra você sair da TV, menina! Não faz bem pra cabeça ver notícia hoje em dia.”

A mãe da Ana Bia pegou o controle e levou pro quarto junto com seu café com leite e álcool em gel (spray).

“Teremos de persistir na luta pela Igreja Católica. Rosários não são mais comprados, nem Bíblias.

Tudo está indo por água abaixo. Tudo por causa da tecnologia, da superficialidade — levaram nossos pobres jovens a virarem máquinas, sem tempo para o que é importante de verdade.”

“Ô, mããããee! Você sabe o que tá rolando com a internet? Eu caí da ligação.”

“Ahhh. Ouvi isso mesmo?! Não acredito que estou dentro de uma casa com uma adolescente dessas. Reclamando para a mãe por que sua internet — portal de Lúcifer atualizado — não funciona. Minhas orações estão com a mãe desta menina sem amor pelo outro.”

“Ô, meu Senhor... não consigo fazer essa bosta funcionar. Tô a meia hora tentando acessar o Teams C*RALHO000.”

“Acabou. Para mim acabou! Não irei mais orar por este mundo. Não tenho a piedade ou resiliência que nosso Senhor tem. Usar nome de Deus em vão? Emitir palavras obscenas? Para mim CHEGA. Acabou essa palhaçada, menina blasfemadora! Herege! Profana! Adeus, mundo cruel! Irei dormir enrolado pelos meus panos até o próximo renascer de Cristo.”

José Cafasso permaneceu assim em seu cantinho. Sozinho. Cheio de ódio.

Ódio não é algo que a Igreja pregue.

José Cafasso então sentiu ódio por estar sentindo ódio. Era muito ódio para uma coisinha pequena como José Cafasso.

Ana Bia entrou no seu quarto e não conseguiu dormir. José Cafasso também não conseguia dormir. Os dois estavam bastante putos. Ana Bia com uma cara de quem decidira comer um morcego. Lembrou de sua avó. Sua avó estava dentro de sua casa e não via ninguém fazia uns dois meses. Então passou a lembrar do seu presente de catequese — o José Cafasso — rosário dourado.

Ana Bia então se levanta, abre a gaveta do seu móvel, abre a caixinha, desenrola o pano de seda. José Cafasso olha pra Ana Bia. Ana Bia olha pra José Cafasso.

“Onde está Deus nessas horas?...”

José Cafasso fica vermelho.

Vermelho escuro.

Roxo.

Ana Bia enrola o rosário de volta no pano que volta para caixinha, que volta para a gaveta.



Espelho no armário escuro

Bruno Fernandez Tonso

Ele sempre foi um espelho. Pelo menos era assim que eu o via. Na verdade, eu ainda o vejo como um espelho.

Um espelho estreito. Bom, não sei se o espelho era estreito o tempo todo ou só quando eu estava olhando para ele. Na verdade, não lembro, faz tempo. Faz tanto tempo que não sei se hoje ele continuaria estreito.

Ele ficava guardado a maior parte do tempo muito longe de mim, lá no armário. Hoje, vejo que não era tão longe, era só eu ir até lá que ele estava pronto para eu me ver. Mas na época, não o vi tanto quanto queria. Tanto quanto quero hoje.

Era um espelho engraçado. Não que eu fosse ver um espelho para rir, eu não era louco. Ele era engraçado por causa dos remendos. Pensando bem, não sei quem o remendou tanto. Toda vez que acontecia algo com ele, no dia seguinte já estava remendado. E não só o espelho, todo o armário era remendado. Não sei, eu achava isso engraçado.

Por ele ter sido um espelho que durou muito tempo, ele estava cheio de consertos; o armário em que ele era guardado, também. Agora não sei, não sei se ele estava todo remendado porque durou muito tempo ou se durou muito tempo porque sempre era remendado. Ninguém ligava muito que ele e que todo o armário estivesse cheio de remendos. Na verdade, isso era único dele. Nenhum outro espelho para comprar tinha remendo; o nosso, tinha.

O espelho foi muito usado. Principalmente por mim e pelo meu pai. Gostávamos muito daquele espelho.

Mudamos de casa. Como íamos ter que redecorar tudo, nada mais justo do que trocar alguns móveis — até porque os antigos já estavam velhos e aos pedaços. Menos o espelho. Óbvio.

Em meio às novas paredes brancas — fruto do acabamento moderno — ele foi colocado. Parecia que não se encaixava direito ali. Tudo limpinho, de última geração, e ele. Estreito. Engraçado. Remendado. Velho e usado.

O espelho, agora, ficava ao lado de uma janela. Quando a luz do Sol batia, ele ajudava a iluminar tudo. Acho que foi ele que passou os remendos para os outros móveis. Ou foi o tempo. Não sei, faz muito tempo. E, mesmo se fosse, não saberia, estava ocupadíssimo pulando de um lado pro outro vendo TV.

Aos poucos, tudo que ficava perto dele ficou remendado. Não que fosse ruim. Bom, ao menos não para mim. Eu era uma criança, não percebia e nem entendia muito. Mas o espelho estava muito remendado. Só daria para pôr uma nova gambiarra com o suporte de outra — que também não estava tão firme.

Era meu aniversário. Não me lembro de muito. Mas lembro de que era meu aniversário. Meu pai nem tentou esconder. Estava claramente triste. Eu não entendia nem o que era tristeza. Era criança. Mas ainda não sabia o porquê. Não me deixaram ver os estilhaços. Ainda bem, eu todo elétrico, provavelmente me cortaria sem querer. Só me contaram que o espelho quebrou à noite. Depois, falaram que foi por causa dos remendos. Ninguém esperava, mas também ninguém não esperava.

Meu pai chorou. Óbvio, o espelho representava muito para ele. Eu não chorei. Não sei se não chorei porque não ligava ou porque não entendia. Só sei que não chorei.

Deveria ter chorado.

Tempo perdido

Manuela Fusco Varela Peixoto

DIA 03/05, pela 36ª vez

Não, não é modo de falar. Não, eu não enlouqueci. Cogitei a segunda opção muitas vezes, mas não. Não é pira — estou vivendo o dia 03/05/1996 pelo 36º dia. O primeiro dia — o 3 de maio de 1996 oficial, chamarei assim —, era um dia comum de primavera na minha vida, ou seja, era um 3 de maio igual ao 2º de maio, que foi igual ao 1º de maio e ao 1º de abril também. Ou seja, não teve absolutamente nada de interessante. Me levantei às 6:35, tomei banho no meu banheiro apertado, tomei duas xícaras de café com pão na chapa de dois dias anteriores na minha cozinha que é quase a minha sala, que é praticamente o meu quarto, junto com o varal e a máquina de lavar, anexado ao banheiro. Saí para o meu emprego, como de costume às 7:20 no meu fusca bege prestes a tossir seu motor pra fora, cheguei no meu cubículo — pode-se dizer que saí de um para ir ao outro —, fiquei sentado na minha cadeira que já até tem a minha bunda definida até as 17:30, com um intervalo de 45 minutos para o almoço, um sanduíche de atum da Casa do Pão de Queijo no térreo do escritório. Não vou falar minha rotina pós voltar do trabalho, já que é praticamente a mesma coisa, só muda o pão na chapa (mas às vezes nem isso), nem falarei com o que trabalho, não quero ninguém sentindo dó de mim; para isso, basta minha avó. Tampouco sei quem é esse “ninguém” a quem me refiro, já que não há alguém que leria um diário feito por mim (nem eu mesmo, sendo honesto), e também porque, mesmo que eu quisesse lê-lo, sei que à meia-noite essas páginas irão se apagar. Amanhã, 37º dia 03/05, será como se

eu nunca tivesse escrito essas palavras sem graça. Por que então eu escrevo? Também não sei, mas caso eu me arrependa elas se apagarão. Na verdade, tenho sim um motivo. Talvez. Ou talvez não, mas de novo, qualquer coisa amanhã será deletado. Resolvi faltar no trabalho hoje. Em 8 anos trabalhando naquela agência, estou perdendo um dia pela primeira vez. Até porque, caso eu me arrependa, caso meu chefe fique puto, amanhã, será como se eu nunca tivesse faltado hoje, já que será ontem, e ontem eu fui. Eu acho. Enfim, hoje eu não fui. Vai que também, se eu mudar alguma coisa no roteiro, quem sabe eu acorde no dia 04/05 finalmente. Estou apostando muitas cartas nessa teoria. E muita fé também.

Seguindo essa coisa de fé, na verdade, farei mais uma loucura (que na verdade, também não é nada demais, mas qualquer coisa serve nessa monotonicidade). Para colocar um ponto final nessa loucura, não apenas faltei ao trabalho como, às 16:15, entrei em meu fusca bege rumo à firma (não para trabalhar, óbvio), mas para encontrá-la. Marina. Marina Fernandes. Trabalha no segundo andar do prédio, andar dos advogados. Marina é maravilhosa. Começou a trabalhar no edifício dois anos depois de mim. Em seu primeiro dia, fui eu quem ela escolheu para perguntar que elevador pegar e a qual andar ir. Eu, um mero cara da tecnologia. Nos apresentamos. Quer dizer, ela se apresentou. Eu mal conseguia falar, só disse meu nome. Falei também que "se precisar de alguma coisa, é só telefonar". No meu andar, lógico, que horas que eu ia passar meu telefone para uma mulher tão incrível. Até meu número pareceria insuportável para ela. Eu quase pedi desculpas por ser tão sem graça, enquanto ela chama atenção em todos os aspectos. Sua pele negra e reluzente, macia, seus olhos escuros e redondos como duas jabuticabas. Seus cabelos volumosos e hidratados. Seus lábios carnudos. Seu sorriso branco. Suas roupas justas, porém, sérias, de uma advogada de respeito. Seus brincos de prata. Seus anéis de prata. Seu colar de prata. Tudo nela me fazia querer observá-la por onde ia, e é claro, não só eu. Uma hora e meia depois, meu colega bate na parede de gesso do meu cubículo, afirmando que "uma tal de Marina precisava da minha ajuda no segundo andar". "Uma tal de Marina": se ele a visse, jamais se referiria a ela desse jeito. Então eu fui, ela meio desajeitada, dizendo que não conseguia ligar o monitor. Pressionei o botão por 10 segundos e o negócio ligou. Ela pediu desculpas pela perda de tempo. "Se todos os dias você quiser me fazer perder tempo, eu estou à disposição". Obviamente só disse a parte do "estou à disposição".

Se você perguntasse a ela sobre o Rodrigo da tecnologia, ela pararia uns 10 segundos até lembrar do cara que apertou o botão do monitor dela no primeiro dia. Contaria a história e vocês ririam. E você veria o sorriso de que eu falei. É por todos esses motivos que eu vou até lá, no horário que ela sai, para ver se ela não aceita um café. Nossa, Rodrigo, você vai passar essa vergonha? Vou, se o resultado for péssimo, à meia-noite será como se isso nunca tivesse acontecido para ela. Ah, mas você vai lembrar do mico, independentemente da data. Vou. Mais um pra conta. E se amanhã for dia 4, como você vai encará-la? Isso é problema

para o Rodrigo do futuro, se houver futuro, no caso. E esperamos que haja. Acho. De qualquer forma, agora são 14:39 do 36º dia, 03/05/1996. Minhas próximas palavras, pretendo que sejam um relato sobre a cagada que farei em aproximadamente uma hora e trinta e cinco minutos.

A CAGADA

Cheguei à firma, 16:17, já pensando que havia perdido o momento. Eis que olho para o ponto e a vejo batendo seu cartão. Ela estava indo em direção ao estacionamento, onde eu estava meio escondido atrás do meu Fusca. E eu, é claro, não sabia qual era seu carro. Olhava ao redor desesperado, mas ainda meio agachado para não chamar atenção, e tentava adivinhar qual carro seria que uma mulher daquelas dirigiria. Tática falha para a agilidade que o momento requeria. Por sorte, ou não, ela vinha em direção à fileira onde eu havia estacionado. Em linha reta. Caminhava como uma modelo em seu salto preto, segurando o blazer e a maleta em um braço e a chave do carro na outra mão. Em linha reta. Na minha direção. Ela ia me ver. Não era possível, estava vindo em direção a mim. O que eu podia fazer para que ela não percebesse o quão perseguidor eu era? Comecei a fingir então que a chave não entrava na porta. Forçando-a, quase que eu realmente quebro ou risco meu Fusca velho. Ela estava muito perto, se fosse um sonho, ela estaria vindo falar comigo. Pelo olhar dela, então que eu vi que seu carro era o estacionado ao lado do meu fusca bege. Era um Monza vermelho, último modelo. Claro. Ela estava a cinco metros, impossível não ver que eu a olhava, por mais que disfarçadamente. Meu coração ia explodir. Com o suor em minhas mãos, derrubei a chave e sem querer a chutei para debaixo do carro. Soltei um "Porra!". Ela me olhou com a testa franzida. Não tinha mais o que fazer. "Embaixo do carro ninguém alcança. E ninguém iria querer um fusca bege velho de qualquer jeito", pensei. Olhei para frente vendo que ela me observava com uma cara de indagação. "Quer ajuda?". Senti um frio por dentro. Travei. A encarava travado. Dei uma minigaguejada, respirei fundo, mas não muito para ela não notar. "Não faz mal, o carro já tá bem velho mesmo. Toda a vez que ele liga pode ser a última. Marina, não?". Ela afirmou com a cabeça e um leve sorriso, afirmando se lembrar de mim do dia do monitor. Fez a referência com vergonha. "Rogério, né?". Quase que eu deixei assim mesmo, juro que já estaria ótimo. Ela perguntou se eu não precisava de ajuda mesmo. "Ajuda não sei, mas companhia para um café, quem sabe". DE ONDE VEIO ISSO?? Não faço a MENOR ideia. Quando acabei de pronunciar a última letra, fiquei com vontade de entrar embaixo do carro para pegar as chaves e deitar em posição fetal ali mesmo. E ficar.

"Olha, eu meio que marquei com umas amigas às 18:30. Mas acho que um expresso não seria muito demorado. Pode ser aqui na esquina mesmo, né?". Ok, pode não ter sido com a maior boa vontade do mundo. Mas era um sim. Ou pelo menos, não era um não. Fomos na Dulca na esquina da rua da firma, ela pediu um expresso com um brigadeiro e eu apenas o café. Ficamos quase uma hora nos conhecendo, rindo, compartilhando histórias sobre e não relacionadas ao trabalho.

Não relacionadas, no caso só ela falou, mas não tinha problema. Eu podia ouvi-la por horas, mas não tinha nada de estranho nisso. A questão era que ela também me ouvia com uma expressão de interesse. Por quê? Como? Isso nunca aconteceu. Nem eu sabia o que eu estava falando, histórias 100% normais, e não parecia que ela estava querendo fugir. Parecia que ela realmente gostava do que ouvia. Ou pelo menos, não desgostava. Acho que nunca vou entender, posso apenas agradecer. Na hora de irmos, devido à situação das chaves, ela me ofereceu carona até em casa. Ela perguntou o que eu faria para resgatá-las e eu, sem querer, disse "Tudo bem, amanhã de manhã meu carro estará comigo", sem nem me dar conta. Ela perguntou se eu tinha chamado o guincho ou algo assim. Me toquei então do absurdo que eu quase soltei e disse que sim para a alternativa do guincho. Imagina se eu contasse do 36º dia 03/05? Ela me desovava ali, me xingando de louco e ainda cantaria pneu.

Chegando no portão do meu predinho sem graça, a cagada começou. Marina disse que tinha mesmo que ir, mas que amanhã podíamos ir "a um bar ou algo assim". Fechei a cara imediatamente. Olhei para baixo, entrelacei os dedos. Ela percebeu minha reação e ficou automaticamente ansiosa. "Quis só dizer que amanhã é sábado, sabe? Podíamos sair e voltar mais tarde, outro tipo de passeio... Mas, não se sinta obrigado a nada, por favor." Ela não sabia que o problema não era ela. Ela não sabia e não podia saber que hoje era o 36º 03/05, e que amanhã, seria 03/05 também. Amanhã é sexta de novo, Marina linda. Mas você não saberia. Amanhã vai acordar e vai achar que eu sou o Rogério quando me vir no estacionamento. Se eu estiver lá. Como eu queria sair amanhã Marina, você não mede. Mas não vamos.

Isso era tudo que passava pela minha cabeça, até que algo me ocorreu. Se for ou se não for dia 3. Se for ou se não for dia 4. Por que isso mudaria algo? Muda muito com certeza. Mas o fato de eu não saber é o que deixa tudo mais arriscado, mais intenso. Qualquer decisão que eu tomasse naquele momento, eu iria me arrepender de alguma forma acordando amanhã, seja dia 3 ou dia 4. Isso faz com que qualquer passo conte, e foi isso que eu não entendi por 36 dias. A incerteza me deixou parado por 36 dias, quando o que eu deveria ter feito era agir de uma forma que eu nunca agira na vida. Com ousadia, destemido. Desde a escola que não pensava nessas palavras. Era hora de revivê-las. E o fato de Marina ter me dado bola, foi a deixa para que eu vivesse (ou não) o último 03/05/1996. Então eu parei, virei-me e nos encaramos. Estávamos os dois com os olhos bem arregalados. Eu nem sei se eu estava respirando naquele momento. Estava de frente com Marina Fernandes no seu Monza, quase que recusando um convite dela pra sairmos no dia seguinte. Não tinha como eu descer daquele carro sem fazer o que estava prestes a fazer. Me reclinei em direção a ela, olhei para seus lábios carnudos e brilhosos pelo gloss que ela usava. Não hesitei. Ela também não. Fechei meus olhos e mergulhei em direção a ela naquela água gélida. Senti o baque da temperatura no momento em que encostamos os lábios, mas o choque

térmico passou quando ela não se esquivou. Muito pelo contrário. Ela me beijava e eu a beijava também. Marina Fernandes.

Não acreditava no que estava vivendo, ainda não acredito. De alguma forma isso tudo foi mais inacreditável para mim do que ter vivido 36 vezes o mesmo dia.

Não tenho a menor ideia de quanto tempo durou. Podem ter sido duas horas ou dois minutos. Ninguém tinha relógio. Quando acabamos, e eu nem sei por que acabamos, ela me perguntou se aquilo era um sim para o encontro de amanhã. Não tinha por que dizer não. Se amanhã for o 37º 3 de maio, tanto um sim quanto um não seriam equivalentes a nada. Se amanhã for o 1º 04/05, então um não teria sido a pior escolha da minha vida. Assim, respondi que nos veríamos amanhã às 19:30. Meu Deus, como eu quero acordar em outro dia. Acho que de qualquer forma será um outro dia. Considerando as loucuras que cometi hoje, sou um novo Rodrigo. Por isso, permaneço com minha fé de que acordarei no dia 4. Nos despedimos com um selinho, desci do carro, ela acelerou. Fiquei observando o que se tornou um pontinho vermelho até ela virar na terceira esquina.

Agora, pouco tenho que fazer. É esperar o sono vir, o que eu duvido que aconteça. De qualquer forma, é esperar a meia-noite. Portanto, farei deste relato do melhor momento da minha vida minhas últimas palavras do 37º 3 de maio. Se amanhã for hoje novamente, tudo o que escrevi no dia de hoje será apagado, tal como será apagado da mente de Marina. Caso contrário, eu tenho um encontro como um homem realizado. Veremos o que a página seguinte dirá.

37º 3 de maio de 1996

Prova de fogo

Helena Winter

Não me assusto com gritaria, mas até eu fiquei assustado com aquele caos. Ainda assim, ia ficar tudo bem. Não foi à toa que eu tinha me preparado tanto a vida toda para fazer este serviço. E eu estava justamente na minha antiga escola. Fazia tanto tempo que eu não entrava mais naquele colégio; dava vontade de ver cada cantinho de novo. Mas desta vez eu estava lá a trabalho.

Salvar todos dessa tragédia era uma preocupação que me fazia ir em frente. E sempre me preocupei com os outros. Desde a época em que sentava naquelas carteiras, as quais, naquele momento, estavam vazias. Os alunos, encolhidos no fundo da sala. O medo era latente. É difícil manter a calma. Até pra mim, que já sou instruído a lidar com essas coisas. Quando entrei no corredor ao lado da cantina, me deparei comigo mesmo. Era eu no passado em cada uma daquelas crianças. Rodeado de pessoas assombradas por uma realidade que já não mais aguentavam. Foi por isso que escolhi esta vida. E pensar que eu ia sozinho. A ideia inicial era ir sozinho. Mas seria egoísta guardar este futuro só pra mim. Fui chamado lá pelas 10 da manhã. Era o dia da missão mais importante da minha vida, mas eu não sabia disso ainda. A ficha só caiu quando vi aqueles anjinhos apavorados.

De início, os alunos ouviram os barulhos como bombinhas de festa junina fora de época. De repente, encontrei um rosto conhecido, Tia Vaninha, que trabalhava como caixa na cantina ainda quando eu era daquele tamaninho. “Nossa, como você cresceu! Veio nos ajudar?”; “Mas é claro, Vaninha!” afirmei. “Enquanto as autoridades não chegam, alguém tem de tirá-los dessa desgra-

ça.". E o diálogo acabou por aí; eu passei a caminhar em direção à diretoria e Vaninha foi às salas de aula.

Chegou um ponto, lá pelas 10h25, em que o silêncio da escola era ensurdecedor, mas para mim soou como um calmante, apesar da contradição. Duas crianças mais novas — deviam ter no máximo 12 anos — eram carregadas nas macas. A fisionomia delas era tranquila, acreditem.

Esses minutos seguintes foram marcados pelo caos sonoro dos gritos dos sobreviventes. Era mais difícil pra eles do que para os próprios mortos. Afinal não teriam que voltar a lidar com todo o trauma daquele momento. Tocou o sinal; todo o alívio que os estudantes geralmente sentem com este som já não importava mais. Não eram só aquelas macas descritas anteriormente. Uma, duas, três, dez, uma dúzia.

Perto dos bebedouros, um garotinho moreno e baixinho se desesperava ao telefone com sua mãe; dizia não saber o que estava acontecendo, mas implorava para voltar para casa. Gostei muito do menino. Me vi bastante naquele rosto inchado e ainda em choque com toda a situação; a criança caminhou para perto de mim. Algo me dizia que deveria salvá-lo antes de qualquer outro. Então, puxei-o de canto e disse: "Vou te tratar como prioridade, tudo bem? Quer que eu te tire daqui?". Confirmou com a cabeça. Demos as mãos e saímos andando em direção ao portão de trás. Ia dar tudo certo.

Chegamos perto das caçambas de lixo. "Te tiro daqui assim que eu terminar uma última coisa. Ok?" Ele murmurou uma frase. Tirei de meu bolso um pacote de álcool gel e um isqueiro; joguei tudo na caçamba, tudo estava se encaixando de acordo com os planos. "Corra comigo em 3, 2, 1."

3, 2, 1. Corremos umas três quadras. "Garoto, agora vou te levar pra casa. Me desculpe pelo que te fiz ver; foi necessário. Te vejo lá." Puxei o gatilho.

O volume das sirenes aumentava mais a cada segundo; elas estavam se aproximando. Não podia ser levado. Não agora, que estava tão perto do destino que sempre quisera; de levar-nos todos para um mundo melhor. Livre de todo o sofrimento que a vida nos traz. Era minha vez. Puxei o gatilho, desta vez direcionado à minha cabeça.

Sem título

Luana Farhat de Carvalho

Nós estávamos no carro. Era de noite. Estávamos animados, porque tínhamos acabado de sair de um show, e a música tocando no rádio era boa.

Abri o Instagram. Olhei as mensagens.

Não deveria ter feito isso — eu acho.

Mas olhei.

Uma mensagem de alguém que não falava comigo há semanas. Que eu achei que nunca mais falaria comigo.

Mas lá estava a mensagem.

Por quê?

Por que o quê?

Certeza que você não sabe?

Eu sei.

Sabia.

Sempre soube. Só não queria admitir.

São nove da noite.

Nove da noite de um domingo não é hora de se mandar mensagem.

Nove da noite de um domingo não é hora de se mandar mensagem e fazer enigmas.

Não é sua culpa.

Mas eu sinto que é.

Mas você faz com que eu sinta que é.

Talvez seja. Talvez seja minha culpa.

Eu só queria saber o motivo pelo qual eu choro todas as noites.
Eu já disse. É complexo.
É a sua última chance.
Por quê?
Porque ninguém mais está aqui. Não tem mais ninguém. Não tem mais eu.
Liguei.
Eu não te entendo. Não entendo, não entendo, não entendo.
Com quem você tá falando?
Agora não. Por favor.
Por favor. Por favor.
Me escuta. Eu não te entendo.
Para de chorar. Desliga o celular.
Só mais um pouquinho, por favor. É importante.
A gente chegou. Desliga o celular e para de chorar.
Não.
É sério, me escuta.
Eu falo com você mas não entendo nada.
Não importa mais, e você sabe disso.
Claro que importa.
Importa tanto que eu nem consigo respirar direito.
Importa tanto que eu estou tremendo.
Importa tanto.
Mas você não vê isso, vê?
Você não vê, porque não dá pra ver.
Essa angústia desgraçada que me sufoca.
E me sufoca há tanto tempo.
E eu achei que estava fazendo tudo certo. Que estava tomando a melhor decisão.
Agora eu me arrependo.
Devia me arrepender?
Não sei, mas me arrependo.
Destranca essa porta.
Não.
Abre logo a porta e sai daí.
Não! Não, não, não. Você não entende nada, é importante.
É besteira, é isso que é. É drama. Senta logo e janta.
Eu vou para fora.
Desliga esse celular e janta logo.
Não tô com fome, eu vou sair.
Eu não consigo entender nada que você fala, mas será que você consegue entender
o que eu falo?
Mesmo com a minha voz tremendo?
Mesmo que eu não consiga ver nada?

A última vez em que eu me senti tão mal foi quando meus parentes morreram.
Mas eu nunca, nunca fiquei assim tão desesperada.
Vai ficar tudo bem, eu tô falando com todo mundo que possa me ajudar.
Me ouve, por favor. Importa, importa demais.
Nunca, jamais, nunca mesmo se sinta culpada.
Pensando agora, dá vontade de rir. Chega a ser irônico.
Onde você tá?
No último lugar que eu vou ver.
Por favor.
Para.
Para com isso.
Tem gente aqui — mesmo que você não veja.
Tem gente aqui — eu sei que não é sua culpa, eu sei que fui eu quem ferrou com tudo.
Não precisa tentar.
Mas eu agradecería muito se você me dissesse o porquê.
É complicado, mas não é hora disso.
Tem mais alguém com você?
Tem.
Quem?
Mas, por favor, me fala, porque eu não aguento mais.
Chorar pra caralho todos os dias e querer desaparecer sem nunca ter entendido.
Mas eu já expliquei tudo que eu achei que conseguia explicar.
E eu nem sei como ainda consigo conversar.
Não é sua culpa, não é minha culpa (eu acho), é algo natural e que aconteceu.
Eu não queria me tornar o motivo do seu sofrimento.
Eu achei que estava fazendo o melhor pra mim e consequentemente pra você também, mas acho que eu só desgracei tudo ainda mais.
Por favor.
Me responde.
Obrigado.
Era tudo que eu queria saber.
Fica bem, tá bom?
Pelo amor, para com isso!
E de repente, uma voz diferente do outro lado.
Estou com ele.
Não sei colocar em palavras o meu alívio, mesmo que a culpa ainda esteja pesando.
Obrigada.
Muito obrigada mesmo.
Eu ainda estou tremendo.
Ainda estou chorando.
Não lembro muito bem do que aconteceu depois.
Mas no dia seguinte, eu chorei de novo. Pelo menos tinha quem me consolasse.

Quem entendesse.

E então eu saí da escola, acompanhada. Iria almoçar na casa de um amigo.

E pareceu cena de filme, sabe?

Porque ele estava lá, na calçada. Também acompanhado.

Eu tinha tanta coisa para dizer.

Tanta, tanta coisa.

Acho que, em algum momento, eu quis pedir desculpas.

Ele não falou comigo.

Ele sequer olhou na minha cara.

Falou com o meu amigo.

Eu preciso falar pro pessoal que eu tô bem.

Pro pessoal.

Não para mim.

Ele fingiu que eu não existia.

As desculpas sumiram.

Eu só senti raiva.

Tanta, tanta raiva. Nada de culpa, nada de compreensão – minha racionalidade foi embora.

Passei muito tempo sentindo culpa.

E muito tempo sentindo raiva.

E muito tempo sentindo que nós dois estávamos certos e errados.

E culpa de novo.

E então eu o entendia.

E mais raiva.

E aí eu entendia, mas sentia raiva.

E, francamente, agora eu não sinto nada.

E soa quase como ficção.



O urubu e o horizonte

Lucas Vieira

Era vasto, muito vasto, o horizonte profundo era costurado pelo caminho de pedra. O jovem viajante caminhava há anos, cortina branca de seda o encobria, amarrada pela gravata da ingenuidade. Buscava o fim do horizonte, era só seguir o caminho, o certo, o único.

Espere. Não pode ser. Não é possível. Há uma bifurcação, uma separação, uma angústia? Não importava, pois agora havia dois caminhos. O horizonte o guiará, é o que lhe tinham dito. O horizonte. Não estava mais lá.

O devaneio da alma já não era claro, o recorte na utopia separava seu critério. A rachadura infringiu um grave ferimento na alma do viajante, tarde demais, será que tinha tomado o caminho errado? No impulso do pensamento, virou as costas e correu na direção oposta do conflito, tentando alcançar os monumentos da lembrança.

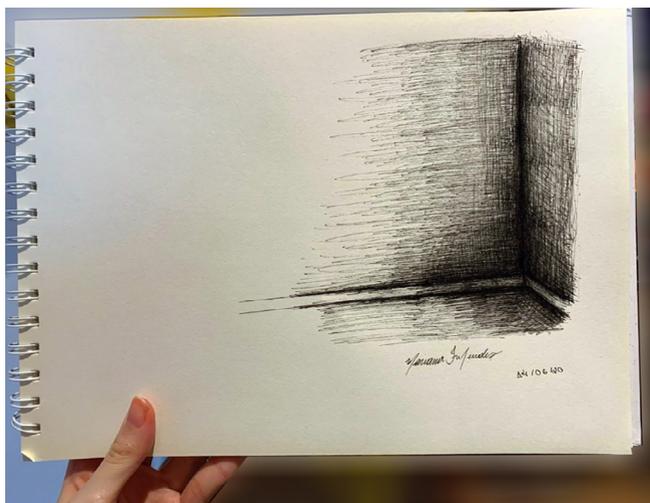
Conforme corria, seus passos ficavam mais largos, sua tormenta se estendia e sua vontade se esgotava. Quando se deu por vencido pela agonia, percebeu que estava mais próximo da bifurcação e mais distante da origem. Mergulhou no chão do desespero, tentando procurar uma razão para tudo aquilo. Repentinamente, de um dos caminhos surgiu a silhueta de um abutre. Este repousou na cabeça do viajante, que o encarava com certa familiaridade, cravou suas garras em seu crânio, tentando o arrastar para o caminho que surgiu.

O viajante não relutou, sentia certo conforto no ato da criatura, que comprimia sua mente a uma jaula. O sangue que escorria se transfigurava no horizonte,

finalmente seguiria seu propósito. Em contrapartida, sentiu seu interior se desfazendo lentamente conforme se aproximava do caminho escolhido. Escolhido?

Com seu último suspiro da alma se livrou das garras da ave, o horizonte se desfez novamente, a ilusão, não estava mais lá. Olhou para o outro caminho possível, mas isso já não importava mais, fechou a visão e se desfigurou na essência da vontade.

Agora guiado pelo interior da consciência, a escuridão da ilusão foi coberta pela luz, ela tomou o imensurável e o viajante atravessou a barreira da fantasia e enfrentou a quimera. Não havia mais caminhos, não havia mais horizonte. Ele agora fluía pela corrente do presente, sobre a incerteza do trajeto.



Um canto qualquer

Mariana Facci Mendes

Um piano Fritz Dobert feito de madeira escura, empoeirado no canto do cômodo mais escuro da casa mais vazia, ocupava todo o espaço do mundo, mas sem ser notado. O piano, entretanto, estava longe de estar sozinho. Todos os brinquedos que Dean quebrara, todos os aparelhos velhos que não tinham mais uso e todas as roupas que tinham ficado pequenas demais para Dean lhe faziam companhia. Mas companhia nunca é o suficiente. Pianos precisam ser tocados, cuidados e escutados. Ninguém encostava naquele piano de madeira escura, empoeirado no canto do cômodo mais escuro da casa mais vazia, há mais de 2 anos. Não, 5 anos. Não, 8 anos. Até ele havia perdido a conta. Mas, por alguma razão, com o pouco de esperança que ainda lhe restava, ele ansiava pelo dia em que veria luz novamente; em que seria colocado em uma sala espaçosa, em que alguém tocaria suas teclas e faria suas cordas emitirem o som mais lindo que alguém pudesse escutar. O dia em que o espaço que ele ocupa não seria mais do que ele merece ocupar. Ele esperou por esse dia.

Foi numa tarde chuvosa. Talvez tenha sido numa noite chuvosa. Ou até mesmo num dia ensolarado. Foi num dia qualquer. Um dia qualquer em que o piano Fritz Dobert de madeira escura estava ocupado demais recebendo atenção para reparar no dia lá fora. Ele tinha apenas 5 anos, talvez menos, ele não se lembra. Ele não lembra como foi. Não lembra quem daquela casa decidiu que seria melhor se ele não ficasse mais na sala de estar. Tudo o que ele lembra é de acabar numa sala escura, suja e vazia. Vazia de calor humano. Vazia de atenção. Vazia daquela

sensação da infância. Aquela lá. Aquela sensação de leveza, de falta de problemas e dor nas costas. Ele tinha apenas 5 anos. Ele tinha apenas 5 anos quando se viu sozinho num quarto escuro. Ele tinha apenas 7 quando percebeu que a sua situação não era temporária. Ele tinha 8 quando percebeu, sem perceber, que ele era a única companhia que ele tinha. Os objetos velhos, as roupas jogadas em caixas de papelão no outro canto do cômodo não eram nada além de coisas descartáveis e substituíveis. Ele tinha 10 anos quando entendeu que ele também era descartável e substituível.

— ... mas onde tá? — uma voz gritou de algum lugar perto da porta do quarto. A voz era de um menino. Um moço. Ele estava na porta, encostado no batente. A porta do quarto estava aberta. O piano devia estar sonhando.

O menino adentrou o quarto sem hesitar, seus olhos corriam por toda parte. Ele estava procurando alguma coisa.

— Mãe, onde você disse que tava mesmo? — o menino gritou mais alto do que da última vez. Ele vasculhava as caixas de roupas, parando de vez em quando para analisar uma camiseta ou outra que nunca caberia nele. — Mãe!...

Por alguns minutos o quarto ficou em silêncio. Lá estava ele. O piano mal podia acreditar. O menino que se sentava em um banco na frente dele todas as tardes depois de aparecer naquela casa sempre no mesmo horário com uma mochila nas costas. Ele estava em sua frente. Ele estava maior. Ele não era mais um menino. Não como o piano se lembrava.

— Você pode parar de gritar, Dean? — uma voz estridente veio do corredor, seguida por passos apressados e que pareciam chegar cada vez mais perto do quarto.

— Você achou a mala? — uma mulher perguntou assim que entrou no quarto. O menino negou.

— Argh! — a mulher exclamou e se pôs a procurar nas mesmas caixas.

Uns minutos haviam se passado.

— Deve estar no sótão. — a mulher disse. Dean assentiu com a cabeça e os dois se moveram em direção à porta.

A mulher saiu do quarto. Dean olhou mais uma vez para o quarto cheio de tralha. Suspirou. Se virou. Saiu.

Ele está indo embora. Quando a porta se fechou atrás de Dean, ele podia jurar que escutou um barulho de uma corda de piano se arrebetando. Era coisa da cabeça dele.

E lá estava o piano. Sozinho. Abandonado. Pela segunda vez, mas o que pareceu ser a 1278392a vez. Se ele fosse humano, seu estômago estaria dolorido, seus olhos tão inchados que pareceria que ele levava uma picada de abelha em cada um, seu corpo tremeria como se estivesse morrendo de frio. Naquele quarto ele não sentia frio. Não na sua parte de fora, pelo menos. Não havia janelas. Não havia luz e o piano já tinha se acostumado com isso há muito tempo. Se ele fosse humano, ele teria caído no sono enquanto chorava. Se ele fosse humano, ele teria

desejado não acordar no dia seguinte. O dia seguinte. Os dias seguintes. As semanas seguintes. Os meses seguintes.

A casa estava tão barulhenta quando o piano acordou (Se ele fosse humano, é claro). Pessoas andando para cima e para baixo e vozes irritadas. Por fim, a porta se abriu. Se o piano fosse humano, o coração dele teria afundado. Três homens em uniformes azul-marinho iguais adentraram o cômodo, olharam o piano, se olharam e assentiram.

Antes que o piano pudesse assimilar o que estava acontecendo, ele foi levantado do chão e carregado com bastante dificuldade para fora do quarto. Eles passaram pela sala que um dia o piano ocupou. Passaram por um corredor largo e longo com fotos cobrindo todas as partes das paredes. Fotos de diversas pessoas sorrindo ou não sorrindo. Todas elas um pouco parecidas. Logo eles estavam fora da casa. Era uma casa grande. De onde o piano estava (agora dentro de um caminhão com a porta de trás aberta), parecia que a casa tocava o céu. Tum. O piano estava no escuro de novo.

Esse escuro era diferente.

O piano foi colocado em uma sala. Uma sala grande e colorida. A sala se enchia de crianças tão frequentemente que ele tinha certeza que nunca ficaria sozinho. Não mais. Ele era limpo toda semana. Ele era tocado todos os dias. Não importava o quão ruim fosse o som que saía dele. Ele era tocado. Ele tinha um papel. Ele tinha um lugar.

O piano Fritz Dobert de madeira escura que brilhava com a luz do sol vinda das janelas tinha 12 anos quando ocupou um canto da sala de estar de um orfanato. Ele tinha 12 anos quando descobriu a vida de novo.



A morte (ou Um homem com o rosto ausente de luz)

Gabriel Frossard

Toda a casa estava ausente de luz. A escuridão dava a sensação engraçada de que a casa estava vazia, mas não. Todos estavam apertados entre as paredes, o calor dos corpos, a menos de um metro de distância, fazia as cabeças daqueles que eram os mais ansiosos transpirarem. Apesar de haver mais de trinta cabeças suando naquela casa, todos estavam imóveis e em silêncio. Vania, a empregada, diferente dos outros, segurava duas velinhas, uma em forma do número um e outra do número zero. Mesmo no breu, as pessoas olhavam fixamente para um ponto da sala: Rafael.

Um bolo com as mesmas duas velinhas é colocado pela mãe no centro da mesa. Uma chama nasce de repente, iluminando os rostos das pessoas mais próximas. A luz é bem fraca, mas já é capaz de tornar visível o sorriso inocente do menino, que está feliz por ver todos familiares olhando para ele. Para enxergar melhor, ele resolve pegar o fósforo já aceso e aproximar dos rostos escondidos pelo breu. Reconhece, logo à primeira vista, Vania, sua babá, seus pais e seu avô Jarbas. Tenta ver mais gente, mas não consegue, coloca o fósforo de um lado para o outro, mas só vê sombras. Não existe a possibilidade de reconhecer mais ninguém, até que sente um pressentimento gelado no seu peito de que alguém está tocando no seu ombro direito, como se implorasse para ser iluminado e reconhecido. Rafael direciona o fogo para o rosto de quem o toca, mas continua vendo só o breu da escuridão. Mesmo iluminado, é impossível reconhecer o homem. O

rosto do sujeito é preto, mas não é preto como o de Vania, de pele negra. Ele era ausente de luz. O fósforo que já estava no fim, apaga.

Rafael começou a emendar seu sorriso inocente numa boca aberta e trêmula. Sua vontade era de acender outro fósforo para conferir se realmente vira aquilo mesmo, mas o medo era maior que a curiosidade. Decidiu, então, concentrar-se no bolo e nas pessoas que batiam palmas felizes. Provavelmente, confundira o que vira. Deveria ser algum convidado que segurava algo preto na frente do rosto, talvez um tablete de chocolate diamante negro ou um pedaço de carvão.

O menino pensava em diversas possibilidades para explicar aquele mistério, mas todas eram pouco prováveis. De repente, veio uma lembrança antiga que o tranquilizou profundamente. Ele ficou tão aliviado que cortou o bolo e fez questão de dar o primeiro pedaço para o homem com rosto ausente de luz. Este, depois que pegou o bolo de chocolate, deu meia volta e sumiu na escuridão da casa. Não havia nenhum problema nisso, pois Rafael sabia quem ele era. Lembrou que, muito tempo antes, o seu tio Beto, mesmo tendo uma idade avançada, adorava se fantasiar para ir a celebrações ou festas de aniversário como aquela. No natal, por exemplo, era sempre ele que se fantasiava de Papai Noel, e essa regra servia até mesmo para a páscoa. Então, com certeza era o tio Beto querendo fazer mais alguma piada, mas como a casa toda está escura, ninguém viu.

Acendem-se as luzes, um clarão pareceu cegar a todos, que colocaram a mão nos olhos espremidos de dor. Como são pessoas de classe média alta, são mais sensíveis. A iluminação era forte e as paredes de mármore pareciam espalhar ainda mais a luz; tudo na casa estava à mostra: os móveis caros e as pessoas próximas do aniversariante. Entretanto, Rafael só se preocupava em encontrar o homem de rosto ausente de luz, ou melhor, o tio Beto. Olhou o panorama da sala. Não via nada. Mas daquela vez, a curiosidade era maior que o medo. Logo, afastou-se da mesa do “parabéns”, recebeu um beijo rápido da mãe e foi procurá-lo.

Saiu da sala, observou o quarto dos pais, o quarto da empregada, a cozinha e só quando passava pelo corredor, notou algo estranho. O banheiro estava fechado, mas com a luz acesa. Tinha alguém lá. O menino pegou na maçaneta para ver se a porta estava trancada, mas não. O banheiro estava aberto e ele foi abrindo a porta devagarzinho. Aos poucos, foi vendo algo preto dentro do banheiro, algo tão escuro que parecia impossível de ser pele. Quando a porta se abriu totalmente, ele reconheceu o homem de rosto ausente de luz. O sujeito estava sentado na privada, vestido com um manto preto, mas não tão preto quanto seu rosto.

— Tio Beto? — perguntou Rafael ignorando o frio interior que sentia em todo corpo.

O homem escuro preferiu ficar em silêncio. Apenas respirava imóvel, tinha uma respiração forte e lenta.

— Dessa vez você se superou, hein, Tio Beto? Sua fantasia está muito realista, só precisa tomar cuidado para não acharem que você está fazendo “black face”. — falou o menino para quebrar o gelo — Posso ver do que ela é feita?

O sujeito de rosto ausente de luz continuava respirando sem se pronunciar. Rafael se aproximou para dentro do banheiro e estendeu a mão para tocá-lo. O garoto tremia o braço como se tivesse ganhado Parkinson de aniversário.

Todavia, ele teve coragem e encostou os dedos gelados no manto preto do homem. Ao passar os dedos pelo pano, não sentiu nada por trás. Afundou um pouco mais os dedos. O homem não tinha carne. Num impulso, o homem puxou Rafael para dentro do banheiro e bateu a porta.

— O que você está fazendo, moleque? Quer que eu te leve antes, é? Eu sempre fico atrás das pessoas, mas sinceramente, você é a primeira que decide ficar atrás de mim. — Diz o homem sombrio com sua voz áspera.

O menino percebeu que o homem realmente não tinha o rosto, e, perplexo começou a chorar descontroladamente. Os soluços intensificaram o choro, que se transformava numa mistura de lágrimas com catarro que escorria pelo nariz. Com certeza, Rafael nunca tinha sentido tanto medo na vida. Todo o seu corpo reagiu ao susto e, como cada vez mais o pavor aumentava, ele não aguentou e defecou como se não tivesse controle de nenhum de seus orifícios. As fezes escorriam pela sua perna, mas o medo o fez não notar.

— O que foi, Rafael? Não chore assim, não há motivos — Disse o homem, mudando de intenção abruptamente para tentar fazer com que o garoto não chorasse tão alto, pois as pessoas na festa poderiam ouvir.

— Quem é você? — Perguntou o menino ainda assustado.

— Eu sou uma pessoa que todo mundo conhece mais cedo ou mais tarde, mas você é uma das pessoas que acabou me conhecendo mais cedo. Só que não precisa chorar, garotinho... Hm? Nossa! Que cheiro estranho. Você está sentindo?

— Ah, eu acho que eu acabei me cagando, não queria que isso tivesse acontecido, mas... O rosto... Desculpe... Mas quando eu vi seu rosto eu...

— Tudo bem... eu já entendi, não precisa continuar, não é a primeira vez que isso acontece comigo... Venha cá.

O homem com o rosto ausente de luz levantou a tampa da privada e colocou Rafael sentado em cima dela. Em seguida, abaixou e ficou de joelhos com o chuveirinho na mão.

— Desculpa ser tão direto, mas por que está ajudando a me limpar? — Indagou a criança.

— São coisas que amigos fazem, meu garoto. Amigos estão aí para isso.

— Quer dizer, então, que somos amigos? — Rafael se surpreendia com gentileza do homem sobrenatural de quem morria de medo segundos antes.

— Bom, tento ser amigo de todos que eu conheço, porém, a maioria não gosta de mim. Entretanto, com você eu senti algo diferente. Acho que a partir do momento em que eu me agachei para limpar a sua bunda, sem ter essa obrigação, nós nos tornamos melhores amigos. Mas não conte para ninguém da nossa amizade. Eu não fui convidado para essa festa e acho que ninguém vai ficar contente se me vir.

— Pode deixar, se somos realmente amigos, eu não vou contar, mas você pode só me explicar uma coisa: o que está fazendo na minha festa?

— Como posso dizer... Eu estou esperando...

— Esperando o quê?

— Você não entenderia, Rafael. Digamos que eu estou esperando... que você fique sozinho, sem ninguém por perto... assim eu posso te levar... para a minha casa, que fica bem distante daqui.

— Olha, eu ainda estou me acostumando com a ideia, mas agora que somos melhores amigos, eu também gostaria de ir dormir na sua casa. Só que como nossa amizade é meio recente, acho que é difícil minha mãe deixar. De qualquer forma, eu posso perguntar para ela. Quer que eu pergunte?

— Sim! Se possível, o mais rápido que puder, pergunte também se ela poderia nos deixar sozinhos antes de partirmos. Se você ficasse sozinho, iria facilitar muito meu trabalho. — falou o sujeito escuro sorridente ao ver a oportunidade que tinha em suas mãos.

— Combinado. Vou perguntar agora para ela. Espero que ela deixe!

Rafael subiu as calças, fechou o zíper e saiu do banheiro procurando sua mãe. Ele a encontrou na cozinha, junto com Vania. A festa tinha praticamente acabado e as duas mulheres estavam exaustas. Enquanto a mãe descansava, Vania cozinha uma sopa para a patroa tomar antes de dormir. O garoto entrou na cozinha e foi dar um abraço na empregada, desejando boa noite. Logo em seguida, foi falar com sua mãe. Explicou tudo que tinha ocorrido da forma mais amigável possível e perguntou se poderia ir um dia para casa desse novo amigo. Embora a explicação de Rafael tivesse sido clara, a mãe não entendeu desde o início.

— Como assim? Um homem preto chegou perto de você?

— Sim. — respondeu Rafael demonstrando que era óbvio.

— Mas você está com tudo aí né? Celular? Carteira?

— Sim, mãe!

— Rafael, eu já falei para você não ficar andando com essa gente! Eu não quero esse amiguinho de novo aqui sem minha permissão. Meu deus, gente! Será que ele levou alguma coisa da casa?

A empregada cospe na sopa discretamente.

— Pronto! A sopa está pronta, senhora! — Diz Vania, dando o prato de sopa para a mãe de Rafael.

— Muito obrigada, Vania, você é um anjo.

— E então, mãe? Vai me responder ou não? Eu posso ir dormir na casa desse meu amigo?

— É claro que não! Você está maluco, garoto? Pode ser muito perigoso — diz a mãe, encerrando o assunto e quebrando as expectativas inocentes do menino.

— Mas mudando de assunto, que sopa saborosa essa! Meio cremosa! Uma delícia.

Depois que toda a casa estava vazia, cada um no seu quarto dormindo, Rafael, desanimado, decide ir para o quarto, e, simplesmente, apagar as luzes e dormir. Sozinho.

Acendem-se as luzes. Um clarão invade o sonho da criança. Aparece, no quarto, o homem de rosto ausente de luz com sua a mão no interruptor do quarto.

— Vamos, Rafael. Chegou sua hora.

— Esquece, eu não posso. A minha mãe não deixou.

— Mas estamos sozinhos, nada nos impede.

— Eu também não estou feliz, mas não posso! Já disse.

O homem com o rosto ausente de luz segura o braço de Rafael à força. Nada o impedia de levar o garoto. Toda a casa estava vazia e os pais dormiam profundamente com a porta fechada. Assim, ele puxou o menino, arrancando-o da cama e arrastando para fora do quarto.

Rafael deu um grito alto, como se fosse uma sirene de polícia, mas mais aguda. O homem imediatamente tampa a boca dele.

— Pare de gritar! Seja inteligente e morra em paz!

— Do que você está falando? Pensei que éramos amigos.

— Nós somos! Fique quieto que teremos um final feliz.

— Não! Não vou ficar quieto, e se continuar me puxando eu vou gritar tão alto que minha mãe vai achar que tem alguém me estuprando! E olha que ela já não gosta muito de gente com o rosto preto.

O homem escuro afrouxa o modo como segura Rafael, mas ainda o encurrala pelas paredes.

— Olha, garoto, não torne isso mais difícil do que já é. Eu sei que tem pessoas que merecem isso muito mais do que você, sua mãe é um exemplo disso, mas eu não posso escolher... Eu, sinceramente, gostei de você, Rafael.

— Mas então por que está fazendo isso?

— Porque eu realmente quero te levar para minha casa e precisa ser ainda hoje. Acredite em mim, você vai adorar! Principalmente o clima do ambiente, novos ares, nova vida! Com certeza, novíssima vida! E uma coisa eu posso te assegurar, lá é um lugar, no mínimo, diferente. A casa é sempre muito animada, todo mundo vai parar lá um dia, tenho certeza de que você vai querer ir também.

— É tão diferente assim mesmo? — Perguntou Rafael, cujo medo de antes se transformava em curiosidade. — O que tem lá?

— É segredo. Isso sempre foi regra da casa: o que acontece lá, fica lá.

O menino começa a gostar da ideia de ir dormir na casa do homem com rosto ausente de luz. Ele era estranho, sem dúvidas, mas parecia ter um bom coração. Além disso, com certeza, Rafael nunca sentira tanta curiosidade nos dez anos de sua vida. A curiosidade era tanta que Rafael não se aguentava. O medo que sentia alguns segundos antes ficou tão insignificante quanto a existência humana no planeta Terra.

v Tudo bem, eu vou conhecer sua casa. Mas você precisa prometer uma coisa: eu preciso voltar antes do amanhecer, se não minha mãe vai ficar preocupada.

O homem primeiro hesita. Fica em silêncio por alguns instantes, coloca a mão levemente sob o próprio peito e olha profundamente nos olhos de Rafael.

— Eu prometo.

O menino que acabava de fazer 10 anos estende a mão para o homem com o rosto ausente de luz. De mãos dadas, eles caminham devagarzinho para fora da casa. Vão andando em direção à escuridão, fugindo de pouquinho em pouquinho da luz. Assim, quando a iluminação passa a ser tão fraca quanto a de um fósforo prestes a apagar, os dois decidem pegar o caminho da eternidade.



A alma, o apagão e os restos

Giovana Pacchioni

Escorria por meu corpo e carbonizava meus ossos. Ossos que em nada mais acreditavam a não ser no que estava em minhas pálpebras fechadas. Estas, agora fortemente grampeadas. Fez questão de derretê-las. Tudo que queria era ver minha pequena alma quebrar. Mesmo já não tendo pele, carne e ossos eu ainda estava lá. “Como esperam que eu ainda tenha controle de meu ar tendo tudo tirado de mim?” — sussurrei para que não fosse ouvida pela chibata em tua mão. Contemplei esse pensamento por boa parte do tempo em que passei vagando.

Não iria parar de me perseguir. Então. Resolvi. Parar. Me sentei, mesmo sem corpo. Chorei, mesmo sem olhos. Gritei, mesmo sabendo que ninguém me ouviria. Era isso que queria. Ver o sofrer queimar cada pedacinho que havia restado. Queimava mais a cada vez que me debatia. Esperava que as chamas azuis pudessem ser apagadas com um único suspiro. Mas nem isso de meu ser sairia. Não era como se tivesse muito mais para ser dizimado. Nem mesmo minhas costas, de baixo de minhas unhas, aguentaram o fervor daquilo. Nada disso podia ser verdade.

Levantei-me. Depois de meses de receio comecei a fingir. Fingir que ainda era de pele, carne e ossos. Andava no meio de outras almas e me passei por alguém que usufruía de seus pulmões como qualquer um. Meus passos cautelosos fizeram o chão tremer. Nem uma única alma voltou seus olhos ao meu ser. “No que me transformei?” me questionava a cada vez que tive minha carótida dilacerada. De tudo fiz para voltar a ser de pele, carne e ossos. A cada ser que eu via, desejava

um pedaço para a obra que havia de ser feita.

O apagão.

Em minhas mãos, um serrote, um martelo e alguns pregos. Sussurrou em meus ouvidos:

“Que comece o massacre!”

Cada grito que ecoava em minha mente era abafado pelo meu querer. Porém, sem perceber comecei a agir sob o controle de um querer diferente. Um querer animal. Este se apossava de meu corpo de uma forma brusca. Subitamente joguei o material de destruição que segurava ao perceber que meus dentes afiados dariam conta do trabalho maçante e prazeroso que estava frente a mim.

Aquele vermelho, ainda quente, manchava meus trajés brancos os pigmentando com o sofrer dos pedaços inanimados.

Pele, carne e ossos. Espalhados no breu no qual residia, eram agora tijolos de uma nova construção. Tripas, miolos e glóbulos oculares eram encaixados da forma mais grotesca e possível com o que eu ainda tinha em mãos. Todo aquele vermelho intoxicado pelo silêncio moral que orquestrava aquele lindo espetáculo.

Os restos.

Encaravam minha alma deformada pelo que entrou através da fresta de baixo da porta, que com centenas de cadeados já havia sido lacrada. Movidos por uma força justiceira, tais restos começaram a se remodelar. Se esgueirando às espreitas, inconformados, ossos formatavam uma estrutura resistente para que eu possa repousar de forma sufocante. Se esgueirando às espreitas, a carne amarrava seus pulsos e tornozelos para que logo eu pudesse enxergar. Enxergar o que toda aquela pele que se esgueirou as espreitas estava prestes a me mostrar. A chibata, o fogo, o ácido e a faca em meus olhos sedentos pela escuridão.

Finalmente pude responder o que eu havia me tornado.



Vida

Bruno Ligorio

Um castelo, com toda a sua magnificência e grandiosidade. Há séculos esculpido da rocha para proteção ou somente para o conforto de um nobre. Resistindo ao tempo e ao esquecimento. Essas construções passam de geração para geração por centenas de anos e continuam em pé cumprindo a sua função.

Em meio à estressante e trabalhosa vida, devemos nos contentar com o nosso próprio castelo, um grandioso castelo de cartas. Bonito, equilibrado e em perfeito funcionamento, esse castelo se mantém em pé. Porém, o que basta para derrubá-lo?

Nos velhos tempos, era necessária uma catapulta, um trabuco ou até um canhão para trespassar as suas muralhas. Mas, para nós, só é necessária uma leve brisa para tudo que foi construído com tanto suor e ternura desmoronar, restando somente um punhado de cartas sem uso para o esquecimento.

Ao nascer, somos apresentados ao nosso castelo, mas somos muito novos para cuidar dele, então, os nossos pais cuidam. Durante a nossa infância, várias brisas passam, e muitas vezes, a janela fica fechada, protegendo o nosso castelo.

Com o passar do tempo, o controle desse castelo vai sendo cuidadosamente entregue para nós. Mantemos a janela fechada, porém, a vontade de respirar o ar fresco passa a ser cada vez maior. Então, passamos a abrir a janela e fechar o mais rápido possível para que nenhuma brisa derrube o castelo. Mas o castelo, ainda, é resistente, tem bases fortes, bem cuidadas e novas; mesmo que uma brisa entre, não tem problema.

A partir desse ponto, passamos a ter que trabalhar na manutenção do castelo que cada vez fica mais frágil. Por mais que o perigo seja claro, você continua abrindo a janela para tentar conseguir um pouco de ar puro no meio de todo esse trabalho.

Você passa a encontrar pessoas, amores, amizades e inimigos e com o tempo você passa a acumular cada vez mais funções. Você encontra o seu amor, se casa e agora vocês se ajudam, em um certo ponto vocês decidem ter filhos.

Logo depois do primeiro filho, a sua esposa e o castelo dela ficam muito frágeis e você não tem que cuidar só do seu castelo, mas também do seu pequeno filho de um ano e de sua esposa que tenta com toda a sua força manter o seu castelo, aparentemente prestes a desabar.

Com o seu esforço, o castelo do seu filho começa a se desenvolver de forma normal, e a sua esposa e seu castelo conseguem se manter em pé, mas, ele vai levar tempo para se recuperar. Enquanto isso, você passa a deixar o seu castelo cada vez mais de lado.

O seu castelo vai ficando cada vez mais deteriorado e as constantes brisas passam a afetá-lo, mesmo que de forma leve. Você pensa todo o tempo nos castelos dos outros e em como ajudá-los, enquanto o seu castelo fica cada vez mais abandonado.

Dessa forma, o tempo passa, as brisas batem e o seu castelo é esquecido. Com o tempo, ele é devorado cada vez mais. Em um momento, por obra do destino ou somente má sorte, esse complexo castelo desaba sobre si mesmo, causando somente agonia em quem o observava.

Para quem era próximo a você, a dor de descobrir a queda do castelo é como uma facada. Porém, não resta chorar ou se lamentar; resta o futuro e a oportunidade de, com as cartas caídas, construir um castelo melhor.



Permanecer

Maria Eduarda do Amaral Grassano

Entre e esperei o velhote-de-costas-dóidas se sentar do outro lado. Meu rosto encarando a portinha de madeira escura e o dele próximo ao mosqueteiro que nos dividia. Ave Maria Puríssima e perdoa-me Padre, porque pequei. Começou o sermão-particular, se é que existe coisa tal: destino e tempo e destino, porque é só pra isso que os católicos concedem a fala. Fiquei ali escutando os murmúrios teológicos invadindo minha orelha direita, quietinha; metade por medo de ser condenada ao inferno, e a outra, por não saber muito o que falar. Tava tudo ali, e eu em corpo e alma.

Um arranhãozinho perto da maçaneta, miúdo, que parecia ser feito por formiga. O padre falava ainda, mas paciência de gente quase tão miúda quanto o arranhão dura pouco. Desvio de atenção — quase como se pela magnitude, meu olhar se atraísse pelo pequenino, e dele não desgrudasse. Ficava turvo, o olhar, cada vez mais, mas não ousou se fechar ou mover. Era eu contra o arranhãozinho, e a tagarelada contínua do padre de trilha sonora do clube da luta.

Aí o tempo parou: tudo nulo, tudo caos. Eu em alma, ocupando baquianamente todos os cantinhos de espaço. Parecia desmaio, mas era menos tristonho. O corpo ficava lá, quietinho, do mesmo jeito que antes. Foi quando eu entendi que tinha sido derrotada pela porra do arranhão. Era minúsculo, tão mais minúsculo que eu, e entretanto, me fizera morrer a ponto de ver o corpo sem sua alma.

Ali.

Estático.

Na minha frente.

Meu corpo sem sua alma.

Ouvindo um padre que nunca fez a missa naquela capelinha falar e falar sobre destino e tempo e destino, e encarando obsessivamente um arranhãozinho pequerrucho perto da maçaneta.

Desperdício de tempo parado.

Limbo.

Atemporal.

Que nem cair num buraco que atravessa o mundo, te levando daqui até a China.

Segregação das partes. Fica metade-metade e eu caindo e caindo em um lugar em que nem sequer tinha como cair. Tudo por causa de um arranhãozinho miúdo. Muito mais que os um e quarenta e tantos do corpo, ou que o dedinho do pé daquele meu primo recém-nascido, ou que o limbo, ou que a capelinha, ou que os gatos desaparecidos. Muito mais.

Maria? Perdoa, padre. Vão ser cinco ave marias e três pais nossos. Obrigada. Deus abençoe. Amém.

Um minuto inteiro de conflito interno de costas apoiadas do lado de fora do caixote — o resto dos catequizandos e o grupo das velhas do coral me encarando durante todos os sessenta segundos. Eu ali, em corpo e alma, sem nenhuma lembrança do que acontecera lá dentro. Aí sentei do lado do Jucá, no terceiro banquinho da direita, pra falar mal do resto da sala e debater quem vai ter que rezar mais.



O último nó

Ana Luiza Tararam

Foi numa segunda-feira quando tudo começou. Nos jornais, só vinham as notícias urgentes do mesmo tema. Acordar meio-dia e não ter lição de casa foi uma sensação difícil de engolir naquele momento. A geladeira e a despensa eram os meus faróis diante dos metros quadrados. A vista da janela com prédios e poucas árvores parecia mais interessante e o Netflix não tinha o mesmo valor.

O surto piorava a cada dia. As curvas dos gráficos apenas aumentavam no noticiário e apenas tragédias se falavam nele. No Instagram, só recebia notificações de “dicas para ficar em forma na quarentena” ou “dicas de como se proteger na quarentena” ou amigos na praia, no campo, sol... Fernando era o único que “aparecia” demais na minha tela. Sempre na academia, na “call” com os amigos e na piscina privada dele. Ele queria ser visto. Eu, por outro lado, só queria voltar à normalidade. Bateu-me ali uma saudade... Saudade de tocar na grama e de sentir o seu cheiro, saudade de andar de bicicleta e sentir a brisa leve passando pelo meu rosto, saudade de ir a um restaurante e rir à beça com os amigos. Amigos...

A segunda semana começava. As horas tinham o mesmo sentido de dias, passando lentamente. Tarefas e lições de casa passavam pela minha cabeça como os sedimentos que o vento leva pelo Maranhão prestes a formar uma nova duna. Me olhava no espelho e não me reconhecia. Estava pálido como uma parede e não sabia bem se tinha engordado ou emagrecido. Só queria usar pijamas todas as horas.

O Instagram era a rede mais chata no momento. Pessoas com seus sorrisos e "carões" não me faziam pensar que estavam felizes e sim, provavelmente, deprimidas e ansiosas. Mais uma vez, Fernando se encontrava na academia com um vídeo pulando corda intensamente para bater seu próprio recorde a cada dia. Esse garoto tem muito tempo livre.

A rotina que eu havia estabelecido estava cansativa. Fazer as mesmas coisas não me interessava mais. Só queria ficar na minha cama e cochilar uns três minutos a mais, ou quem sabe, umas duas horas. Nunca achei que teria essa vontade, porque eu odeio dormir. Enrolava até os últimos minutos para dormir e acordava sempre disposto. Agora, a cama tinha outro sentido e textura. Se tornava mais macia, mais confortável e o consolo de minhas crises. Tive a impressão de que o travesseiro me chamava.

Durante uma aula de química, me veio o pensamento de como eu queria estar na escola. Ri em silêncio por um momento, pois quem diria que um menino no 2o ano do colegial falaria essa frase? Às vezes, me culpo de tanto pensar que o Coronavírus é uma resposta à minha vontade de ficar em casa. Como me arrependo dos meus pensamentos! Parece que eles foram ouvidos ao extremo.

Novamente, me deparei com outra postagem do Fernando. Desta vez, estava na grande piscina em sua casa, mostrando seu tórax e seu abdômen sarado. Fazia um grande sol e o céu possuía um azul cristalino. Embaixo da foto, seguia uma legenda: #emcasa.

E assim se passaram seis meses, como seis décadas. O chão ficou cada vez mais empoeirado a cada semana, mesmo minha mãe insistindo para que eu usasse a vassoura. Um raio sequer de sol entrava pela janela suja e a solidão da escuridão consumia o meu otimismo. Mas então, finalmente o frio mórbido deixou a cidade: era primavera. E junto com as flores, a cura acompanhou a chegada da estação.

Deitado em meu quarto com sono, o som da televisão chegou a meus ouvidos junto com o choro e os prantos de minha mãe. Havia encontrado a cura para os doentes às custas de tanto sofrimento e perdas. E assim, o dia que eu mais esperava chegou: voltaria à escola.

Ao chegar ao edifício, ouviam-se risadas, choradeiras e abraços que cruzavam os corredores por toda a escola. Em meio ao tumulto de emoções, baldes e esfregões foram convocados a uma boa faxina. Todos se juntaram para a limpeza. Funcionários, professores, diretores e amigos se divertiam com bexigas d'água e bolhas de sabão pelo pátio. E finalmente, aquele sol se pôs, mas eu me recusava a dormir tentando fazer aquele dia se prolongar.

Chegando alegre, com um sorriso estampado no rosto, minha vestimenta favorita e a amostra dos meus dentes não foram o suficiente para alegrar o colégio. Viam-se pessoas pálidas de olhos escuros e vermelhos. A tristeza fora restaurada. Nos juntaram na arena para o testemunho da fala da diretora. Olhando ao redor, mais rostos tristes saíam da escola em luto. Fernando havia usado suas cordas pela última vez.



A banalidade do mal

Luca Constabile Uras

Para ser bem sincero, sangue tem um gosto horrível. Eu não faço isso porque eu gosto, longe disso, só calhou de eu evoluir dessa forma, sabe? Eu não pedi para ser irritante ou deixar seu braço coçando, diria até que sou tão vítima quanto você. Apenas um refém das circunstâncias, seguindo esse ciclo infernal, do momento em que nasço até minha eventual morte. Se eu der sorte, eu duro uns sete dias; se não, bem, menos.

Minha vida efêmera, no entanto, não te dá o direito de me matar. Eu ainda tenho um propósito a seguir e fica muito difícil de fazer o meu trabalho morto. Te picar não é nenhum tipo de brincadeira doentia. Não uso seu sangue para nenhum ritual demoníaco. Meus ovos não vão se botar sozinhos, afinal.

Esse é o grande problema com os seres humanos, não é? O senso de superioridade, a arrogância, a incapacidade de se colocar no lugar dos outros. Armados de suas raquetes elétricas, seus sprays inseticidas, ou até mesmo suas próprias mãos, matar mosquitos pode ser um passatempo extremamente gratificante. Não é incomum ver-se anunciar "Peguei mais um!". Como se tivesse acabado de fazer uma cesta de três pontos.

Me digam então qual seria a diferença entre um ditador, tão desprezado, e uma pessoa qualquer? Vocês nos matam, matam nossas crianças, destroem nossas casas, mas é tudo justificável quando se tratam de seres inferiores, certo?

Não vejo o porquê de prender criminosos de guerra e psicopatas tendo em vista as tendências genocidas do cidadão comum. Nem aqueles que dizem lutar

pelos direitos dos animais se isentam de desviar os olhos do extermínio sistemático de minha espécie.

Digo mais! Vocês, seus vermes covardes, deveriam agradecer às suas divindades que não estamos em condição de igual para igual. Se assim fosse, a história seria completamente diferente. Não deixaria pedra sobre pedra até que todos os humanos fossem apagados do mapa.

Não pensem, nem por um momento, que seria uma morte rápida e misericordiosa. Não, não, vocês perderam esse direito faz muito tempo. Em vez disso, pensem no terror que cada inseto sente ao ser esmagado, desmembrado, eletrocutado, melhor ainda, vocês sentiriam isso. Ah, as torturas inimagináveis às quais os humanos seriam submetidos. Nós beberíamos o seu sangue na frente de sua prole, usaríamos suas tripas para fazer nossa arte, mandaríamos cada um de vocês para debaixo da terra, até que o próprio inferno transbordasse.

De nada adianta tentar se defender. Fingir inocência não mitigará a justiça divina vinda em sua direção. Vocês matam até suas próprias crianças e querem nos garantir que, a partir de agora, as nossas estariam seguras. Tantas armas de aniquilação, tantas guerras inúteis. Vocês idolatram assassinos em série como se fossem celebridades e adoram seus governantes dementes como se fossem deuses. Estaríamos fazendo um favor ao mundo livrando-os de sua escória, vermes mald...

"Squich", fez o mosquito.



Enxame

Rita Barbiellini Sáfadi

Sempre tem um zumbido no fundo. Ela não acha que sempre esteve lá. Quer dizer, quando ela era bem pequena, ela não se lembra de ter nada atrapalhando seus pensamentos, se bem que também não se lembrava de muita coisa de quando era pequena.

Mas desde que ela se lembra, se lembra de verdade, tinha uma abelha. Ela cutucava todos os cantos da sua cabeça, fazia um barulho insuportável, e fazia pressão nos seus olhos até eles não aguentarem mais, até eles cederem. Mas quando a abelha ainda estava sozinha, não tinha tanto problema.

Em alguns poucos anos, a abelha se tornou um enxame. Pouco a pouco, mais iam chegando. Não eram muito coordenados. Derrubavam tudo, faziam barulho, e não deixavam muito espaço livre para outras coisas. Então quando a garota conversava, tudo que ela ouvia era o enxame. Ela o ouvia dizendo bobagens, ouvia a trapalhada, sentia os furos nos olhos e se convencia de que não eram eles, e sim ela, toda atrapalhada, toda errada de todas as maneiras.

E a cada dia que passava, cada conversa que a garota tinha, cada briga com a família, cada fofoca ouvida na escola, a cada palavra pronunciada, mais uma abelha entrava. E cada vez que uma entrava, mais espaço o enxame ocupava, e mais elas imploravam para sair.

De vez em quando, algumas conseguiam escapar. Às vezes, seu barulho ecoava nas paredes do corredor da casa dela. Outras vezes, as mais frequentes, eles não se mostravam para ninguém além do próprio reflexo da garota, que se

olhava no espelho e não entendia por que eles gostavam tanto de ver seu rosto vermelho, molhado, e retorcido numa carranca irreconhecível.

Eles nunca paravam de falar bobagens. Toda risada que ela ouvia era alguém tirando sarro dela. Todo mau humor que ela via era por sua culpa. Nenhum de seus amigos realmente gostava dela. Ninguém realmente a escutava. Ninguém realmente se importava. E todo momento que parecia bom era arruinado.

E o pior de tudo é que quanto mais ela mantinha o enxame só para ela, quanto mais ela não deixava ninguém ver, mais barulho eles faziam, e mais espaço eles ocupavam. E ela pensava que não tinha como ficar pior que isso. Então o que aconteceria se ela deixasse eles irem? Definitivamente, seria muito melhor. Eles sairiam todos de uma vez, fariam um estrago danado, ocupariam tanto espaço à sua volta que ninguém se aproximaria, fariam tanto barulho que não daria para ouvir mais nada. Mas eles iriam embora. O zumbido que não a permitia pensar sumiria. Os sussurros na sua mente não existiriam. A pressão constante em seus olhos iria embora. O que aconteceria se ela só... deixasse?

Assim que ela passou a pensar assim eles se agitaram mais ainda. Entupiam sua garganta, machucavam seu estômago, desestabilizavam seus joelhos e furavam seus olhos. Machucavam tanto, tanto, e tantos deles entravam e faziam tanto barulho e ocupavam tanto espaço e colocavam tanta pressão e quebravam tanta coisa e ela não aguentava mais, não conseguia por mais nem um segundo e doía tanto e não tinha mais espaço que ela só... deixou.

Sairam pelos seus olhos até ela não conseguir enxergar. Sairam pela sua boca até ela não conseguir falar. Sairam esbarrando por cada canto do seu corpo até seus joelhos baterem no chão. E uma vez que estavam fora, causaram seu estrago. Arrancaram tudo das estantes e das mesas e jogaram tudo no chão. Fizeram tanto, mas tanto barulho, que quem olhava não sabia o que fazer. Sua cabeça doía e suas palmas sangravam. Mas o que importava era que eles tinham saído. E pela primeira vez, teve espaço suficiente em seus pulmões para ela respirar fundo.

E por um segundo, a sensação foi tão boa que ela não prestou atenção em mais nada. Não ouvia, não falava, não enxergava nada. Por um segundo, a sensação foi tão boa que ela não percebeu que, uma vez que o enxame não tinha mais o que fazer ali fora, não lhe restava nada a não ser voltar para ela.



Ofuscação

Francisco Pires Ferreira

Fazia quatro dias. Quatro incansáveis dias. E, acredite, ele já havia tentado de tudo; já havia utilizado fios de arame, havia tentado derreter a fechadura, havia, desesperadamente, arremessado diversos objetos com força contra aquela porta, mas ela não abria.

Decepcionado e exausto, sentava-se no sofá e olhava pela janela. Tudo que podia ver era nada. A vasta incerteza do nada. E, só de pensar que ela ficara do lado de fora, ficava aterrorizado.

Noventa e seis horas antes, anoitecera. Toda escuridão que acompanhava a noite era invisível e, assim, amedrontadora. Por isso, ele e ela correram para dentro da casa, a tempo de sobreviver em claro. Porém, ao fecharem a porta, se viram separados: um do lado de dentro e um do lado de fora. E mesmo que fosse bela a sobrevivência em luz, de que valeriam sentimentos e sentidos que não compartilhados com ela? De que vale ver, pensar e aprender se não amar?

Ainda no sofá, afogado em suor e lágrimas secas, fechava os olhos. Conseguia ouvi-la, do lado de fora, cantando a mais bela melodia, a qual, de olhos abertos, era imperceptível.

E assim, ele dormiu...

Quando acordou, a luz e qualquer informação que não a voz dela o incomodava. Então, novamente, pôs-se a dormir; e de novo, e de novo.

Fazia cinco dias. Cinco deprimentes dias. E, acredite, ele ainda não conseguira se levantar do sofá: não adiantava o esforço, o desespero por salvar sua amada,

ou até a fome, de onde estava não saíra; nem se mexera e, ainda mais, nem vira a luz.

Arrependido e desmotivado, se sentou e, de vez, abriu os olhos. Pela janela, via nada. E, só de pensar que ela ficara do lado de fora, ficava confuso.

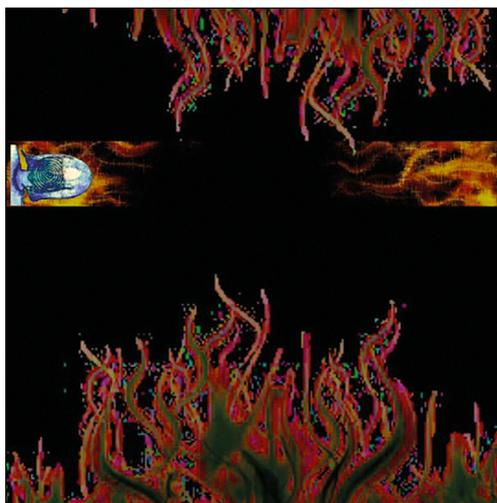
Muitas horas antes, anoitecera. Mas, que ridícula a vida, que pode se sustentar sem, de fato, existir; que não dá propósito ao ator e ainda espera que algo aconteça; que não dá, nem traz beleza, somente expulsa, para que se force a procurar. Mas, que covarde é aquele que a escreve, que cria e consome sofrimento terceirizado; que vê e não chora; que ouve e não fala. Cento e vinte horas antes, ele morrerá, porém ainda podia ver a luz.

A luz era uma farsa. Os olhos ardem, a cabeça dói. Os olhos cegam e a cabeça dói. Os olhos doem. A luz é uma praga. Os cantos ocupados, os ouvidos desatendidos. Os cantos iluminados e os ouvidos desatendidos. Os cantos desatendidos. Seu canto: ela, já era, a essa altura, um loop temporal, uma intensa e intrínseca repetição de ideias, a falta de originalidade que dói os cantos e desatende os olhos. Devia apagar a luz.

E, assim, escureceu... E a porta se abriu...

Fazia seis dias. Seis dias. Com a porta aberta, nada entra e nada sai. Tudo está, como um, como os dois. Nada é esclarecido, tudo flui.

"Muito tempo antes" — ele disse — "te perdi". Lá estava ela: a noite devastadora, que mata e descansa. E sua voz parou de cantar.



Ardência da benevolência

Fabiana Tarantino

A chama que sobe é brasa que desce. A brasa que desce é chama que sobe. Chama, que sobe. A brasa, desce. Desce que desce que desce que desce. E sobe.... É mais ou menos isso.

Entendeu?

...

Não? Você não entendeu?

Bom, tudo bem. Vai ver não chegou sua hora de entender ainda. Eu vou continuar. Quando você entender, vai saber do que eu to falando. Brasa que sobe que desce que chama pro alto e vai e volta e vem e vai. É mais ou menos isso.

Entendeu?

Ok... Ainda não. Certamente. Eu espero que você consiga até Segunda-Feira. Lembra? Segunda-Feira. 11:30. Até lá... Quem sabe? Vem. Volta, volta. Vamos por aqui, pelo básico: Sou o resultado de uma soma. Sou a combinação de três ingredientes que juntos, trazem a combustão.

O combustível queima.

Queima que queima que desce que sobe que brasa que arde.

Entendeu? Meu deus. Como você não entende uma coisa dessas? Tá na sua essência... Eu espero que você consiga até Segunda-Feira. 11:30. Por hoje, só. Tudo claro.

Oi. Voltamos? É isso? Voltamos ou só eu voltei? Volta comigo, vai... Isso. Pronto. Voltou. Eba. Agora perceba que você tá cara a cara com ela. Vai. Me esculacha. Fala tudo que você me falou a semana inteira. Fala que você não me aguenta

mais, conta para ela o quão desprezível e doloroso é sentir minha presença. Grita pra ela o quanto eu te faço mal. Só assim ela será capaz de te ouvir. E só assim eu serei capaz de te calar.

To brincando, bobinha. Assustou? kkkkkkkkk.

A chama que sobe é brasa que desce. A brasa que desce é chama que sobe. Chama, que sobe. A brasa, desce. Desce que desce que desce que desce. E sobe.... É mais ou menos isso.

Entendeu?

...

Não? Você não entendeu?

Bom, tudo bem. Vai ver não chegou sua hora de entender ainda. Eu vou continuar. Nos vemos semana que vem. Segunda-Feira. 11:30. Em ponto. Mas... Antes disso... Talvez eu apareça para dar umas brincadas... Sabe? Muito tempo livre, entende? Eu acho que você me entende... Somos tão próximos... Falando sério, eu espero que você me entenda... Sou tão bom para você. Na verdade, espero ser. Acho que sou. Tento ser. Sou.

Ei, ei, ei. Palhaçada. Volta. Volta aqui e me escuta: não vai mais lá. Está me entendendo? Tantas outras alternativas por aí e você me vem logo com essa? Não. Não aceito. Em mim não cabe esse tipo de ardência. Não cabe queimar. Em mim, e logo logo em você, o espaço é exclusivo para a vivência de seu grande amor. Vive tudo que o espaço te permite sentir na pele: o melhor beijo do mundo, o abraço mais caseiro que existe, o toque mais sensível que conhece, o sentimento mais puro da semente do amor que plantara em seu coração. Viva! Há de se comemorar! Viver e viva!

Mas por ele eu só sinto repúdio. Tudo bem. Eu sei que tá tudo bem. Ela me contou hoje cedo quando abri meus olhos e perguntei. Quem? Ora... Ela. Ela que me faz abrir a janela e sentir o sol queimar minha pele. Ela que causa em mim um redemoinho de longas e aliviantes e respirantes puxadas de ar. Ela que chega quando eu acho que tudo foi embora para me lembrar que ela, diferente do resto, vem pra me fazer bem. Ela e ele. Ô bem que faz. E eu sei disso porque aprendi. E quando ela chega, a claridade se faz presente e a terra se encontra cada vez mais a vista. Ou pelo menos, é o que parece, não é mesmo?

Não passará. A força vai me guiar para aquilo que me pertence. A impassibilidade chegará para ficar e fazer com que você se torna cada vez mais plácida.

Já chega. Eu vou continuar.

Não. Não vai.

Já estou. A brasa, desce. Chama que sobe e chama a brasa para subir também. Mas assim que a chama desce, a brasa levanta e arde e queima e dói e mata. Mas desce. E fica bem. É mais ou menos isso.

Entendeu?

...

Não? Você não entendeu?

Bom, tudo bem. Vai ver não chegou sua hora de entender ainda. Segunda-Feira. 11:30. Eu vou continuar.

Espero que ninguém me atrapalhe enquanto eu trabalho duro para ver seu sorriso. Vai. Vem cá. Deixa eu te falar um negócio que faz tempo que martela em minha nuvem compacta de informações irrelevantes para aqueles que as julgam como tal? Oba! Sinto tanto a sua falta. Não escuta ela e volta pra mim. Promete? Você é tão importante para mim, não quero jamais perder o fogo que há entre nós. É ele que me faz continuar. É ele que me seduz a cada dia que passa. É ele que me ensinou, assim que me conheci, a te seduzir também.

Respira. Segunda-Feira. 11:30. Chegou. São 9:00. Então, respira. Vai se alongar e fazer seus malabarismos, sua yoga, vai. Isso te dá uma brecha... Respirar... Sabe? Já havia percebido. Respira e se alonga e sinta a liberdade que pesa em seus pés.

Não. Já chega. 10:00. Minha hora. Vou continuar.

Queima que queima;

que desce que sobe;

que brasa que arde;

que?

Saiam todos. Chegou minha hora. O relato será dado.

"A sobe que chama é desce que brasa. A brasa que desce é chama que chama e sobe e desce. Chama, sobe. Brasa, também. Mas desce depois. Oi? Desce que desce que desce. E sobe." Tudo está preto. Oi? Me vejo entre o tudo e o nada como se a única maneira de sair daquela sala escura eh clicando no botão de tudo de novo. E tudo acontece de novo e de novo e de novo. E de novo, como previsto (de novo). Porém, diferente do outro novo, nesse novo me vejo carregada. E hoje, diferente de ontem, sinto que consigo trazer o silêncio em minha morada. Dou um jeitinho aqui e ali, e faço.

A chama que desce já não sobe mais. A brasa vive seu ciclo e vai descendo e descendo e descendo e do nada, sobe. Oi? Diferente do novo outro, a que sobe desce e a que desce vai subindo. A brasa que chama a chama que sobe. E, por sua vez, a chama da espaço para algo a mais se libertar na subida: já não importa mais todo o fogo que arde subindo e descendo. Oi? Então quer dizer que todos acabam na descida?

água

Sky Dazzi

água.
o mundo gira gira gira e para.
a caixa tá ali.
foi tudo pra fora.
tem óculos rasgado embaixo da cama.
tem um nome pros óculos e um pro dia e um pro mês
mas isso não.
se não mata sede mata o quê?
não era por isso mas tudo bem.
sabe quando o mundo gira
se provar perde a graça
mas tanto faz também.
caiu do espinho de cada rosa de cada poema tosco
é da cabeça
é da guerra.
isso aí faz mal.
caiu do pelo da perna trêmula do bêbado na praça da Sé.
é a poeira.
caiu em cima do corpo caído na cama.
levanta logo.
são três vezes e para né?

quer dizer, só acontece uma vez.
filha da puta isso corta o dedo
ela comeu toda a ironia
tá.
um trago de neblina às quatro da tarde
é ímpar mas tem que deixar passar.
pé piso Pisa pizza
uma tonelada de tosse pra você
um dois
um
um dois três
dois três quatro
dois
umdoistrêsquatrocinco
tá.
era uma vez começa assim.
que merda. tá.
tem um pedaço de
é tipo água derretendo. isso.
a água derrete no quarto que não bate sol.
é com letra maiúscula.
um pontinho que não é vértice. pensa num ângulo de 89 graus.
pensa em graus escrito com l
pensa no giro.
dessa vez não é falta de proteína
será?
dessa vez caiu mesmo
o que
pensa num termômetro no zero.
a chave vira em sentido anti-horário.
é assim em toda casa?
é tipo o ípsilon.
gato morde mão que bate em gato
assim são as coisas.
de que adianta o rodopio
uma hora sempre começa
e para que é a mesma coisa.
cala a boca.
okay.
uma bolha na água fervendo
pronto.
você sabe o que acontece quando desliga o fogo.

vácuo vazio nada é tudo
a mesma coisa.
que saco.
não tem ninguém na colmeia pega tudo logo
dá até pra visualizar assim seu dente amargo
todo melado. siga em frente ou morda o lábio.
mas tem a bolha
como é que diz
tava quase acabando mas aí chegou um imbecil com um fósforo
quem sobrou?
você não entende a história.
sei lá
o vampiro comeu alho e vomitou
cê é burro?
tem que ser impactante pra todo mundo ficar chateado
poeta é tudo sádico.
foda-se.
era uma vez, isso mesmo.
era uma vez o meu café da manhã.
era uma vez o cachorro no parque.
era uma vez meu suicídio.
mas não tem carta porque eu não sou poeta
e não acaba bonito, porque fui eu que escrevi.

Paralelo roda mundo

Paula Gaido

Um vai e vem sem fim, balançava algo perto de 30 vezes por minuto, 1 vez a cada 2 segundos. Via o chão de perto algumas vezes por dia, ainda que não fosse de seu desejo.

— Reparei que era sempre correria, esquecimento e uma cartela laranja destacável. E muitas vezes repetia as mesmas palavras. O fato de ter silêncio nisso tudo e permanecer assim talvez fizesse de mim ainda mais ridícula. Ele não conseguia me encaixar direito, era desleixado, e nós éramos todas tão diferentes.

Era dependente, se colocava a usar aquela argola prateada desde que passou a existir com suas peculiaridades. Era única, casa própria.

— O corpo é casa. Habita-se com maior ou menor juízo, não sei se isso era do seu entendimento. O problema dele era com a fechadura, como em um campo de batalha, eu levava porrada, e ele parecia ser campeão. Mas mesmo assim eu tinha algo que ele não tinha.

Ele era solitário, escorria pelos cantos. Parecia não ser único. Talvez tão ridículo como eu, mas único não. Não era ninguém, absolutamente ninguém.

Era raro ouvir alguém chamá-lo pelo nome. Até onde eu sei, sempre esteve desacompanhado. Distante, não se sabe se por ser grotesco, mesquinho, submisso ou arrogante. Pelo menos era isso o que eu ouvia das outras, as viajantes, que tinham a mania de pular de argolas. Mas ele parecia não ser nada. Os relatos delas confirmavam, nunca conheci qualquer outra que tivesse levado porrada,

senão eu. Todas intactas e brilhosas, sem sequer um arranhão. Eu era a de Coroa dourada, pelo menos foi assim que sempre me chamavam.

A identidade era uma das milhares de coisas que nos separavam. Não era por necessidade que me afirmava ser “melhor” se é que podemos falar assim, é só que lhe faltava brilho, um coletivo e um pouco de barulho. Ele não costumava sair, chegava do escritório e normalmente, se contentava em ficar em casa. Mas era pouco antes das 8 quando saiu e trancou a morada.

Nada se vê, nenhuma luz sequer refletia. Em poucos passos adentrando uma porta, põe a mão no bolso, desenrosca da argola e, gentilmente, a posiciona. Rapidamente não se ouve ruído, não tinha mais ninguém ali. Não levou porrada, não caiu no chão e não havia mais balanço. A manhã chegou e nada se sabia da correria, do esquecimento e da cartela laranja descartável. A existência tinha, por fim dado a ela o que parecia ser o mais ridículo dos destinos. Ter por sentença ser tão genérica se não vil.

— Não sei por qual razões a minha essência não era mais a mesma. Sabia que me faltava brilho, companhia e pouco do som que produzia. A realidade parecia vazia, distante. Pareço sofrer a angústia de todas as pequenas coisas ridículas. O silêncio ensurdece, e eu não voltava à argola, bem como não saía.

Queria ouvir no tom preocupado, ainda que comedido da voz humana, a constante repetição: chave de casa, carteira, celular.

Já não conseguia expressar valores, medos e aspirações. Não possuía mais nada, nem sequer a mim mesma.

Cicatrizes

Pedro Alonso Ferreira

Acorda apenas para esperar a hora de dormir novamente, assim como em qualquer outro dia. Senta-se à sua janela e tenta achar algo para observar. Em geral, não seria difícil, em bairro rico, sempre é fornecido o máximo de beleza pelo qual aquelas pessoas podem pagar. Mas naquele dia estava especialmente difícil de achar algo bonito. Com os olhos ainda semicerrados pela noite em que mal havia dormido, toma um gole de seu café e me puxa de sua cartela me botando entre os lábios e me acendendo.

— Engraçado como a gente pensa que não vai morrer, não é mesmo? Bom, a cada trago sua vida fica mais curta, assim como a minha. Uma relação mútua de autodestruição, e mesmo assim nesse momento parece valer tanto a pena... — disse a Pedro, que logo perguntou de forma fria:

— Muito interessante, mas onde você quer chegar?

— Eu tenho que necessariamente chegar a algum lugar? Não posso simplesmente aproveitar essa conversa enquanto ainda me resta algum tempo?

— Bom, conversas são feitas para aproveitar o tempo. Isso me parece mais uma lição uma moral. E uma moral sempre tem um ponto.

— Não quero te convencer de algo, ou passar alguma espécie de valor ético. Só quero que você reflita sobre isso.

Me levando novamente à boca, ele pergunta:

— Sobre o quê?

— Sobre a morte. E essa não foi a primeira forma que você arrumou de tentar flertar com a ela.

Ele me deixa no canto da janela, nitidamente incomodado.

— Eu prefiro não falar sobre isso.

— Exatamente, você prefere não falar sobre isso. E já pensou que faz tanto tempo que você não fala que talvez você nem entenda mais o que aconteceu?

— Tá bom, o que você quer saber?

— Não, a questão é o que você quer saber.

Ele esboça um leve sorriso, expressando um ar de sua superioridade.

— Eu não sei, talvez o porquê de eu fazer aquilo?

— Bom, vamos para quatro anos atrás, 25 de outubro, uma segunda-feira, e apesar da época, era uma manhã fria. E você, com os seus 12 anos, vai até escola, entra na sala de aula, é abordado por Luís, com a ideia genial de fazer uma brincadeira que desafia a morte. Uma afronta à vida e ao mesmo tempo uma carta de amor ao sentimento de imortalidade da juventude. Bom, você apoiou suas costas na parede e prendeu o fôlego, Luís pressionou seu peito com o intuito de fazer você desmaiar. Só uma brincadeira idiota entre duas crianças. E então...

— E então o quê?

— Nada. Você não ouvia, não sentia e não via nada, é o mais próximo da inexistência que você já chegou. Por um segundo parou de chegar oxigênio em seu cérebro. O único momento em que eu não consegui te acompanhar, o único momento que eu não faço a menor ideia de como foi. Mas já sabemos o que aconteceu logo depois disso. Você acordou no chão confuso, com medo e com seu queixo aberto por causa da queda.

Dei uma pequena pausa. Pedro começou a se irritar, não gosta que tragam esse assunto à tona, nunca gostou. Mesmo assim, preciso continuar:

— Mas o mais importante não foi acontecimento em si. Foram as repercussões dele, não é mesmo? Enquanto sua mãe te levava ao hospital para tomar pontos, completamente desesperada e tentando entender o que havia acontecido, Luís chorava com sangue em suas mãos, chorava por quase ter matado o seu melhor amigo. O que te causa angústia até hoje não foi o fato de ter chegado perto de uma consequência que não teria volta... mas sim o fato de ver seu pai falando que você havia trazido decepção por causa de quase ter morrido, o fato de ser proibido de ver o Luís depois disso e, principalmente, o fato de por um instante você ter achado melhor ter morrido naquela brincadeira. Um sentimento de perda que parece que se aplicou aos dois, uma vez que ambos saíram de lá com uma cicatriz, uma no queixo e a outra quase tão irreparável quanto. Um motivo para se destruir, se punir, um motivo pelo qual não viver.

Pedro usa todas as suas forças para segurar uma única lágrima presa em seu olho.

— Eu entendo, foi uma tentativa de se provar, se mostrar mais corajoso, do que você era. Desafiando o instinto mais básico do homem, o instinto de sobrevivência. Você queria se defender do mundo ao seu redor.

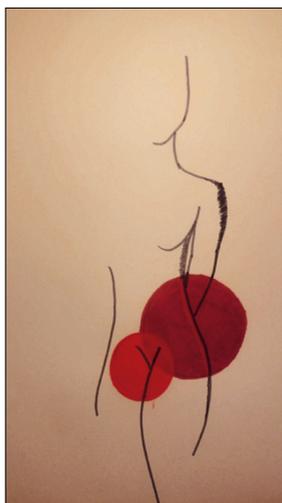
Ainda segurando a lágrima, ele retrucou em um tom sarcástico:

— Então, aparentemente, você entende mais sobre o que eu sinto do que eu.

— Sarcasmo, a principal defesa de pessoas inseguras. Tudo o que quero te mostrar é que por uma vez na sua vida você pode abaixar a sua guarda e parar de se defender. Na verdade, você tem que fazer isso, se você não fizer você está se privando de viver essa sensação e se fizer isso, esse sentimento vai estar guardado dentro de você para sempre.

Ele solta a lágrima que estava presa e eu olho aquela única lágrima. Ela percorre todo o seu rosto e chega a seu queixo, fica lá por um breve instante antes de cair em sua xícara de café se dissolvendo completamente. Ele me fornece um último trago.

O cigarro parou de queimar. É engraçado como por um breve momento psicótico eu realmente acreditei que estava conversando com ele. Mas no fundo talvez ele estivesse certo, ele entendia o que eu sentia melhor do que eu mesmo. Ele era uma parte de mim que nem eu consigo compreender e, sendo uma parte minha, ele só consegue se manifestar através de algo destrutivo, através de uma sensação momentânea de prazer... ou talvez eu esteja completamente louco.



O vermelho mais vermelho

Helena Ditt

No Natal de 2017, eu estava mais ansiosa do que nunca. Não sabia por que, mas eu sentia. Sentia que este Natal seria o melhor da minha vida! Conseguia sentir o cheiro e o sabor dos melhores presentes! Finalmente, no auge dos meus 12 anos, eu conseguia ver todo o brilho que o Natal sempre teve para mim!

Havia uma embalagem vermelha no canto da sala, não conseguia parar de encará-la. Um papel vermelho extremamente chamativo e violento, e ao mesmo tempo muito vivo embrulhava um pacote grande, muito grande que parecia trazer consigo muitas responsabilidades — imaginei isso, pois carregava um adesivo informando ser um pacote frágil. Poucos ou nenhum dos meus parentes ao menos tinham percebido sua presença, mas eu estava simplesmente fascinada, não sei se pela sua beleza e grandeza ou se pelo medo que este me trazia.

Estava muito ansiosa para descobrir do que se tratava aquela embalagem, e talvez por isso sentia a demora na pele. Depois de muito tempo, o Papai Noel (que não passava do meu avô fantasiado) chegou. Como sempre, as crianças foram à loucura e eu só queria acelerar o processo. Meu avô sentou-se na cadeira e começou a chamar as crianças uma a uma. Eu não sabia ao certo se queria que uma delas ganhasse o presente vermelho para que eu pudesse apenas observar de longe, ou se eu queria ganhá-lo para mim. Por isso, a cada nome diferente que o Papai Noel chamava, eu sentia um frio na barriga diferente e mais intenso.

Quase todos os meus familiares já haviam sido chamados, e nada do presente vermelho. Estava quase desistindo de todo esse suspense até que finalmente

fui chamada. Achei que estava tudo sob controle mas meu coração começou a agir de forma independente do resto do meu corpo. Tudo ao meu redor ocorria em câmera lenta, e eu não conseguia nem entender o porquê de tudo isso. Cada passo que eu dava em direção ao meu avô parecia demorar quase uma eternidade. Chegando perto vi, ainda em câmera lenta, ele se agachando para tirar o meu presente do saco. Tudo ocorria muito lentamente, até que finalmente pude ver uma pequena parte da embalagem, o suficiente para saber que era o grande presente vermelho.

Após algum tempo, fui aprendendo a lidar com a situação e não tinha mais vontade de chorar toda vez que o presente me aparecia; nem o abominava mais. Talvez hoje eu até saiba reconhecer que se trata mesmo de um presente: daqueles que eu carrego comigo desde que nasci, pelo simples fato de ser uma mulher. É um presente que me lembra uma vez por mês, de que eu tenho a incrível capacidade de gerar um outro ser dentro de meu próprio organismo.

A sombra

Laura Cicero

Foi um dia em que estava me sentindo mais insegura do que o comum, mas resolvi ir a uma festa, e como todos já estavam lá, eu tive que ir sozinha.

23:17, cheguei à festa e de cara vi Paula, Antônio, João e Helena conversando numa rodinha; estranhamente, nenhum deles falou comigo, mesmo tendo a sensação de que eles me viram. Olhando ao redor, vi outros amigos que me cumprimentaram de longe, mas também não demonstraram muita emoção ao me ver. Estava achando muito estranho aquele silêncio coletivo.

23:32, vi-me sozinha sentada no sofá e senti uma sombra dentro de mim, a qual não consigo nomear, sem forma, sem cores, no princípio pequena, mas que estava lá e me impedia de levantar do sofá por mais que eu quisesse muito.

23:56, João se sentou ao meu lado. Por que você não “tá” lá com todo mundo? Não sei. Ficamos alguns minutos em silêncio — que para mim pareceram horas, minha cabeça pensou em muitas coisas, mas nada se traduzia em palavras. Ele, sem me dar algum tipo de explicação, se levantou e foi embora. A sombra dentro de mim, agora não tão pequena, não me deixou conversar com João nem levantar do sofá.

00:21, eu não conseguia parar de pensar na “não conversa” com João e na ideia fixa que eu tinha de ninguém ali fazer questão da minha presença. Será que sequer notaram que eu estava lá? A cada minuto, os pensamentos se multiplicavam e a sombra escura, congelante e indefinível ia crescendo dentro de mim.

Há quem diga que quando não sabemos dar nome para algum tipo de tristeza, estamos no território da melancolia. A minha estava aguda.

00:44, consegui me levantar daquele sofá, mas ao olhar para a festa, tudo e todos estavam pintados pela escuridão (que na verdade era minha). Eu não conseguia conversar com ninguém, entrar em nenhuma rodinha, nem comer qualquer coisa; e a tal melancolia indecifrável havia tomado conta dos meus pensamentos que agora só tomavam um rumo, a porta de saída...

No dia seguinte, depois de acordar, peguei o celular e vi muitas mensagens perguntando da minha saída abrupta, muitas mais do que eu poderia ter imaginado. Será que aquela sombra era só uma fabricação imaginária dentro de mim e não correspondia ao que as pessoas sentiam a meu respeito? Revirei muitas vezes essa pergunta para mim mesma e até agora tenho dúvidas. O que de fato essa sombra representou?



Sozinho no oceano

Manuela Maida Magalhães

Faz 20 dias que eu não me vejo. Faz 20 dias que eu não vejo ninguém. Faz 20 dias que eu não me ouço. Minhas pilhas acabaram, então faz 20 dias que eu não ouço ninguém, nem mesmo pelo rádio.

Só ouço o som do mar. Que por tanto tempo me confortou, e agora só me assusta. Me assusta, porque quando olho o mar, sempre em movimento, lembro que estou aqui parado, perdendo tempo. Ou ganhando. Não sei mais o que é tempo. Não sei como ele passa. Nem se passa, por que se passasse, uma hora ele acabaria. E o tempo nesse lugar nunca acaba. Eu vivo todo dia, não sei quantos, mas vivo, e o tempo nunca, nunca passa.

Quando a solidão me consome, eu tento lembrar que agora pelo menos eu tenho essa casa, esses porcos, essas galinhas e meus 100 reais por mês. Antes eu não tinha nada.

Mas de que valem esses 100 reais, se aqui não tem nada nem ninguém pra me vender? Se com eles eu não compro felicidade, dignidade ou companhia? De que vale essa vida, se aqui não tem nada nem ninguém pra viver?

Muito tempo pra pensar e muito tempo pra olhar pro mar. O mar que dá a volta em mim. Que me acolhe e ao mesmo tempo me isola. Esse mar de sentimentos. Mar de sensações. E mar de saudade.

Já não faz mais sentido acordar na hora de acordar, nem de dormir na hora de dormir. Se nem mais as horas fazem sentido, quem dirá eu. Que nada faço. E o

que eu digo, ninguém ouve. E se o que eu escrevesse, ninguém leria. Na verdade, nem sei mais escrever. Na verdade, nunca soube. Na verdade, não sei mas o que sei e ninguém sabe de mim.

É Maria

Sofia de Paula Moraes

Vejo apenas fragmentos do que está acontecendo.
Percebo uma movimentação. Campainha toca.
Cláudio abre a porta. Eu o acompanho para entender o que se passa.
Saio de casa e vejo um corpo sobre o asfalto. Cláudio corre em sua direção.
Vou junto.
Escuto pessoas falando.
Sinto um cheiro familiar. É Maria.
Cláudio mostra estar preocupado. Me manda entrar. Não obedeco.
Sou arrastado para dentro de casa. Fecham a porta.
Volto a ver a cena entre as aberturas do portão.
Fico um tempo ali.
A movimentação diminui. Pessoas vão se afastando.
Escuto um som alto.
Um carro passa e perco de vista Cláudio e Maria.
O som vai sumindo.
Não vejo mais ninguém na rua.
O tempo parece não passar.
Não tem o que fazer.
Não tem nada que eu queira fazer.
Fico então parado.
Continuo no mesmo lugar desde que vi Cláudio e Maria pela última vez.

De vez em quando fecho os olhos.
Escuto alguém passando. Abro.
Não era quem eu queria ver. Fecho.
A mesma situação se repete constantemente.
Nada me faz querer sair de lá. Só quero entender o que aconteceu.
Olho para rua procurando uma resposta.
Nada.
Escurece.
Ainda no mesmo lugar.
Troco de posição. Fico ali mais um tempo.
Desisto.
Fico sem esperanças de ver Cláudio e Maria tão cedo.
Levanto.
Vou em direção a porta da frente.
Empurro a porta.
Entro em casa.
Vou para cozinha. Sem comida.
Pego o que tem no saco dentro do armário.
Subo para o quarto. Deito na cama.
Sinto o cheiro de Cláudio e Maria.
Sinto falta do Cláudio e da Maria.
Volto a pensar no que aconteceu.
Me sinto inútil.
Desnecessário.
Insignificante.
Me arrastaram para dentro de casa.
Não consegui ajudar ninguém.
Quando vi, já não tinha quem ajudar.
Não consegui entender por que não queriam a minha ajuda.
Não consegui entender por que eu obedeci e fiquei dentro de casa.
Ainda não entendi.
E essa é a pior parte.
Porque uma coisa que eu entendi é que aquele corpo eu conheço.
Amanhece.
Tudo na mesma.
Continuo sozinho.
Continuo preocupado. E agora menos esperançoso.
Fico ali vendo a movimentação.
Só consigo lembrar do Cláudio e da Maria.
Do quão inútil eu fui em toda essa situação.
Então procuro me distrair.
Vou para o quintal da casa atrás de uma bola. Escuto um barulho.

É o portão.
Cheio de alegria, dou meia volta. Vou correndo.
Coração acelerado.
Quase nem acredito que eles voltaram.
Chego na frente do portão.
Ninguém.
Sento ali. Escuto o barulho de novo.
O cheiro me é familiar.
A porta abre.
Vou logo ver quem é.
Demoro para reconhecer. Mas reconheço.
É o homem que fica na pequena casa do outro lado da rua.
Ele sempre vinha colocar água e comida para mim quando Cláudio e Maria
estavam fora.

Dessa vez não foi diferente.
Dias se passam.
O homem volta toda manhã. E volta de novo toda noite.
Sempre penso no Cláudio e na Maria.
Cada vez maior a falta deles.
Cada vez menor a esperança.
Uma manhã o homem não veio.
Achei estranho, mas não me importei muito.
Quando o sol já estava quase se pondo, o mesmo barulho no portão.
Nem levanto. Já estava acostumado com a presença do homem.
Quando viro, Maria.
Saio correndo.
Pulos de alegria.
Estava tão animado que nem notei.
Maria estava em uma cadeira.
Cláudio tirando as coisas do porta malas.
Sem entender o porquê da cadeira. Só entendendo minha felicidade.
Maria ia da cadeira pro sofá e da cadeira para a cama.
Por bastante tempo foi assim.
Cláudio, eu, Maria e a cadeira.
Até que tudo começou a voltar ao normal.
Cláudio, eu, Maria e sua bengala.
E finalmente.
Cláudio, eu e Maria.



Vida material

Theo Ferros

— Papaiiii, você chegou!!! Ficamos te esperando o dia todo.

— É, pai, você prometeu que ia chegar mais cedo para jogar Banco Imobiliário com a gente...

— Eu sei, filho, desculpe, tive que ficar até tarde no trabalho hoje, amanhã podemos jogar...

— Você sempre fala isso! — reclamaram os filhos.

— Parece que você, Bento, se importa mais com seu trabalho do que conosco, sua própria família, você só liga para esses carros importados e roupas de marca que você tem, mas nunca para a gente! — exclamou Luci, esposa de Bento.

Bento já havia escutado esse mesmo discurso tantas vezes que já o havia decorado, não se preocupava mais, sabia que era só trazer um presente para sua esposa que já estava resolvido.

Já estava tarde, Bento estava cansado como sempre e a única coisa que pensava no momento era dormir, para no dia seguinte poder ir trabalhar em mais um dia tedioso e comum sem novidades, mas do que reclamar? Ele ia para o trabalho de Ferrari.

Conforme os dias passavam, Bento ia contando o tempo de sua sentença, faltavam apenas 5 anos e 10 meses. Já não aguentava ficar tanto tempo trabalhando, acabara de completar 67 anos, mas afinal de contas, ia para o trabalho vestindo Prada.

Chegando do trabalho em uma certa noite, Bento se deparou com uma das perguntas mais difíceis pela qual já fora questionado. Sua filha lhe perguntou quantos anos ela faria no dia seguinte.

— 7! — respondeu sem muita certeza.

Sua filha foi para seu quarto, quase chorando. Ela completaria 11 anos.

Com isso, Bento percebeu que 4 anos tinham se passado e ele não tinha aproveitado nada com sua família. Ele só queria se aposentar, faltava apenas 1 ano.

Indo para o trabalho em mais um dia comum como qualquer outro, Bento estacionou sua F5 e, como estava com sua cabeça em outro lugar, não percebeu uma movimentação estranha do outro lado da rua.

Dois homens chegaram por trás de Bento e, surpreendentemente, lhe enfiaram uma seringa, aplicando nele um líquido que instantaneamente o fez dormir.

Quando acordou, percebeu que estava vendado e com suas mãos amarradas; logo deduziu que estava sendo sequestrado. Instantaneamente começou a chorar, todo o seu orgulho e sua superioridade haviam ficado naquele estacionamento.

— Cala a boca, bixinha! — ouviu de uma voz grossa vinda do canto superior direito.

Bento estava desesperado como um veado em um dia de caça. Não sabia o que fazer, já sentia sua morte, mesmo antes de chegar o momento decisivo.

Quando a van parou, uma esperança veio ao seu coração.

— Pode ser a polícia! — exclamou.

As portas se abriram, quando outra voz interrompeu os momentos gloriosos da imaginação de Bento, perguntando se era aquele cara todo mijado o famoso playboy. Ele fora arrastado durante, aparentemente, vários metros e andares até ser jogado em uma sala fria, com suas mãos desamarradas. Tirou a venda e molhou o chão do local com suas preciosas lágrimas.

Era um lugar sujo, escuro e com apenas um cobertor fedido e manchado de sangue. Era o cenário das suas semanas seguintes. Percebeu que seu Rolex havia sumido, junto com seu sapato da Gucci.

No primeiro dia, sua única refeição foi uma espécie de purê de batata. Seu único companheiro foi um rato, que não se mexeu durante essas longas 24 horas. A única coisa que vinha à cabeça de Bento era o questionamento do porquê. Por que com ele? Ele sempre frequentara as missas nos domingos, todo ano fazia doações para orfanatos... Por que Deus fora tão injusto? Realmente existe alguém?

O segundo dia foi pior, mas pelo menos teve um contato humano: uma voz e um olhar sobre a fresta. Era a mesma voz grossa da van (aparentemente, de um cara grande).

— Estamos tentando fazer um acordo com a sua família! Mas aparente, eles não gostam muito de você... Sua liberdade não vale nem 500 mil para eles.

Com esse fato, Bento viu que toda sua vida fora em vão, sempre se preocupando com as coisas erradas, dando valor para o material. Não tinha mais vanta-

de de viver, não tinha motivo. Desperdiçara sua vida inteira, perdera a única coisa que o dinheiro não podia comprar, amor.

O terceiro dia foi pior. O quarto ainda mais. E assim por diante.

Já era a segunda semana quando finalmente Bento teve contato visual com alguém: o portador da voz. Parecia um anjo.

Este não conseguia enxergar mais esperança em Bento. Já não havia humanidade nele. Era apenas uma pilha de ossos e pelos que não tinha mais lágrimas para soltar.

Depois de implorar para não ser liberto, Bento finalmente aceitou seu destino, a liberdade.

Sua família o encontrou depois de um dia em um hospital da cidade, mas não o reconheceu. A postura firme e certa que sempre o acompanhara desapareceu. Bento mal conseguiu olhar para a cara de sua família. Estava com muita vergonha, triste e arrependido.

Após chegar em casa depois de uma semana no hospital, a primeira coisa que fez foi se desculpar com sua mulher e filhos sobre tudo o que ocorrera antes do marco em sua vida. O sequestro o havia mudado. Ele era agora um homem de poucas palavras, seu único sentimento visível era a tristeza.

— Não o estou reconhecendo! Você ainda não saiu daquele inferno, Bento! — afirmou sua mulher.

O silêncio que move

Bento O. Teles

O parque estava vazio e fresco e eu poderia derrubar uma nação.
Arranquei a menor flor do canteiro, pois assim daria tempo dela crescer.
Guardei-a em um vaso e o abasteci de água.
"Eu vou fazer isso!" — disse a mim mesmo, estava decidido.
Deixei-a lá e fui fazer outra coisa para não pensar demais. O pensamento excessivo é minha fraqueza.
Uma semana depois percebo que ela sugara toda a água que eu coloquei, mas ainda não tinha florescido. Será que vai dar tempo?
Ela começou a florescer depois de duas semanas.
Está demorando demais, será que eu vou conseguir?
O dia estava chegando e ela ainda não tinha florescido totalmente. Mas eu achava que ia dar certo.
Poucos dias antes, comecei a pensar se eu deveria mesmo fazer aquilo.
Depois de tanto tempo cuidando daquela bendita flor, eu comecei a duvidar de mim.
Ela terminou de florescer na véspera, mas deixei-a na água com medo de que ela apodrecesse.
Enfim chegou o dia. Não sei se estou pronto pra isso.
Tenho a flor comigo guardada delicadamente em um saquinho plástico em meu bolso traseiro.
Estou aqui, posicionado, só preciso de uma deixa.

Perdi uma possível chance, o que eu tô esperando pra fazer isso?

Talvez eu deva desistir.

Mas e todo aquele trabalho pra cuidar e cultivar a bendita flor? Todo o tempo necessário pra fazer crescer e florescer?

Comecei a conversar com ela, será que eu entrego aqui no meio de todo mundo? Eu falo pra gente ir pra outro lugar? Não, isso seria besta. Como fazer pra afastar toda essa gente? Pedir pra alguém distrair todo mundo seria suspeito demais. E bobo. Preciso fazer isso sozinho. Mas eu preciso fazer isso? Ela está bem, eu estou bem. Posso fazer isso outro dia. Mas eu deveria fazer hoje. O que fazer? Ou o que não fazer? Como não fazer o que deve ser feito? Sei que devo fazer algo, mas não sei o quê. Como saber sem saber?

Finalmente me acalmo, mas ainda não sei o que fazer.

Eu vou até ela.

Conversamos mais um pouco.

Eu falo algo, ela ri.

Em um segundo eu percebo o que fazer.

Desisto de entregar a flor.

Passam-se algumas horas. Converso com quase todo mundo. Estão todos se divertindo.

Alguns já foram embora, ficamos eu, ela e mais alguns amigos mais próximos.

Vou ao banheiro. Lavo a cara. Me olho no espelho.

Me desculpe, mas por que não entregar a flor mesmo?

Eu que te pergunto, você que não conseguiu.

Você estava lá, sabe como tava difícil, com todas aquelas pessoas olhando e tudo mais...

Se você não consegue fazer isso na frente de pessoas, em que tipo de circunstância você vai fazer?

Sei lá, depois eu vejo isso, me deixa em paz.

Eu saio do banheiro e vejo ela se despedindo de todo mundo.

Ela vem em minha direção. Minhas mãos começam a tremer um pouco. Ela percebe.

A voz dela perguntando se tá tudo bem ecoa na minha cabeça junto com os milhares de pensamentos sobre porque eu deveria entregar a maldita flor e dizer a razão de eu estar dizendo aquelas coisas e entregando algo tão besta mas tão significativo naquela hora pra ver se, pelo menos em um futuro próximo, isso adiantaria alguma coisa, sabe, se isso de ser corajoso e destemido adianta de alguma coisa ou se é melhor eu continuar como o grande bundão que eu sou. Levo minha mão direita ao bolso enquanto a esquerda continua a abraçando em um momento que eu desejava nunca ter terminado. Alcanço a flor, começo a tirá-la do bolso traseiro discretamente pra não assustá-la ou dar a impressão de que eu estivesse a afastando. Nesse momento, ela dá um passo pra trás esperando pela

minha resposta. Eu volto a minha mão direita para a sua e sorrio dizendo que sim, que estou só um pouco cansado, ela parece aliviada.

Lentamente, ela vai se afastando e se dirige ao carro enquanto eu apenas olho, sem culhões de fazer nada.

Vem a ideia de gritar pra ela esperar e correr desesperadamente em uma coragem súbita e entregar a maldita flor dizendo tudo que eu guardava pra mim nos últimos 2 ou 3 meses.

O momento passa.

Minha última chances se vão com ele.

Me sinto estúpido. E meio impotente.

Pela menos ela gostou.

Foi uma boa noite. Alguns meses cuidando da maldita flor pra desistir em tempo recorde.



O mau agouro

Luiza Mendonça

Em um evento de gala, no palácio de Versalhes na França, homens e mulheres com suas vestes a rigor entram no longo e largo Salão de Espelhos.

Pelas paredes, enormes espelhos são expostos dando foco às grandes e trabalhadas molduradas antigas de ouro e lustres de cristais pendurados no teto arqueado.

Risos e gargalhadas ecoam pelo corredor. No mar de vestidos e paletós que carregam consigo taças e garrafas de champanhe, o clima de festa é subitamente interrompido pelo grito de uma mulher. Ela arremessa seu flute de cristal em minha direção. Num momento, estou inteiro e no outro me desfaço em milhares de pedaços, me espatifando pelo chão. O silêncio toma conta da sala por alguns segundos, mas a festa continua. Ninguém esperava o que estava preste a acontecer.

Não se importavam comigo ali, aos pedaços riscando o assoalho. Me chutaram para lá e para cá como se fosse uma bola de futebol. Finalmente parei. Me recuperando da zanzeira percebi que estava perto de uma grossa pilastra de mármore e pude ouvir uma conversa:

— Por que arremessou a taça?! — disse uma voz grave de homem.

— Ele veio... — respondeu uma mulher de vestido azul e cabelos tão vermelhos que pareciam fumegantes, em um tom de desgosto, apontando para um homem alto de cabelos dourados cacheados do outro lado do salão.

— Você não se resolveu com ele ainda? — respondeu.

— Como!? — disse sem fôlego — Uma traição é imperdoável!

Quando ansiosamente esperava a resposta, algo me empurrou para longe. Mas não pude parar de pensar no ódio que podia ver através dos olhos daquela mulher.

Estava agora perto das janelas onde um grupo de homens se reunia em torno de um grande homem de cabelos loiros. Falavam e riam sem parar da “ruiva pirada” que quebrou o espelho, tentando destruir o rostinho bonito de cachinhos dourados. Mas ele não parecia nada bem, uma expressão de preocupação dominava seu rosto.

Outra vez, enquanto esperava mais dados sobre o que estava acontecendo, fui empurrado para longe. Juntei-me ao que havia sobrado de meu antigo e magnífico meu corpo.

Por que aquele cara tinha traído aquela linda mulher? E por que ela ainda guardava tanto rancor? Será que haverá uma reconciliação ou ficará por isso mesmo?

Enquanto pensava nessas possibilidades, continuava sendo movendo em direção ao banheiro e chegando ao lado da porta, fui esquecido, ali sozinho. Era o que achava pelo menos.

Ouvia um choro vindo de um dos reservados. O barulho da minha chegada fez com que a pessoa saísse, apressada. Ela foi na direção ao espelho que sortudo, estava inteiro. Era a garota do vestido azul! Seus olhos e nariz tão vermelhos que faziam um ton sur ton com seus cabelos. Estava arrasada, coração tão quebrado quanto eu e, pior, não tinha ninguém para ajudá-la.

Ela olhou em direção a porta, para ver se alguém a vira chorando. Ninguém estava lá. Seus olhos, de repente, se refletiram em mim e ela se aproximou. Chateada, começou a recolher os cacos e jogá-los no lixo. Sabia que eram os mesmos que havia criado mais cedo naquela noite.

Quase no fim e, eu perdido em seus olhos, ouvi-a falar com uma voz desdenhada, enquanto me segurava:

— Henrique... — disse ela surpresa — ... o que é que você está fazendo aqui? — e com um tom de desdém completou — Veio me humilhar um pouco mais?!

— Clara, desculpe, mas você se humilhou por conta própria! Quem arremessa uma taça em plena multidão?! — respondeu o homem.

— Quem é que trai alguém na cama dela!?! — disse Clara, que realmente parecia ter seus cabelos em chama dessa vez. Henrique ficou em silêncio e se aproximou, olhando profundamente nos olhos da garota.

— Olha... eu sinto muito — disse ele com olhar de cachorro abandonado — eu não estava pensando direito e, eu e a Priscila, nem estamos juntos sequer!

— Ahh e isso é pra eu me sentir melhor?! — disse Clara indignada.

— Não, não, não!! — disse Henrique enquanto ela se afastava dele — Eu quero que... quero que você me perdoe. Pelo que aconteceu e, entenda que não quis te magoar, mas achei que era melhor estarmos separados se você me odiasse, mas percebi que isso é loucura, não quero mais taças voando em minha direção!!

— Nós não precisamos ser amigos, mas a gente pode apenas ser menos infantil e aceitar a presença um do outro? — completou.

— Você deve estar de brincadeira, né?! — disse Clara com o rosto fervendo de raiva — Não posso acreditar que você! Veio na festa em que eu disse a meses que viria! E! Ainda tem a audácia de me chamar de infantil! E rir com os amigos de mim! Na minha gente! — respirou fundo e disse — Vai, embora! Vai pra casa, Henrique!

Trêmula, com as emoções à flor da pele, me apertou com força e começou a sangrar. Mas mesmo vendo que era melhor se afastar Henrique se aproximou mais e mais. E com lágrimas nos olhos Clara se virou:

— SAI DAQUI!! — gritou batendo com toda força no homem alto.

— Para Clara! Alguém vai se machucar!! — disse tentando segurar os pulsos finos da beldade.

Com um movimento, me segurando, Clara moveu seu braço com a mesma força e rapidez que me quebrara mais cedo, em direção ao peito de Henrique. Sem fôlego, ela mal conseguia respirar, assim como ele. A diferença era que dessa vez, Henrique saiu correndo gritando por ajuda enquanto carregava a donzela de cabelos vermelhos em seus braços. Com a camisa cheia de sangue e o busto de Clara rasgado, o clima de festa finalmente parou.

Algo não parecia certo, todos estavam olhando em minha direção. Henrique a colocou com delicadeza no chão e começou a ligar para a emergência. Tudo ficou silencioso, o frio tomou conta dos corredores do palácio e a fonte dessa sensação mórbida vinha de ninguém menos do que a garota dos cabelos fumegantes, Clara.

Depois de algum tempo, parado sendo o centro das atenções, uma sirene tomou conta do ambiente, passos pesados que vinham pelo longo corredor pararam rapidamente em volta de mim e do nada tudo ficou escuro.



Penas caídas

Elise Schmitz Boccia

Ele caía.

A única coisa que conseguia ver era uma sombra preta, a mesma que tinha causado a sua queda.

Ele chamou e gritou, mas sem resposta. Já estava acostumado, seus pais nunca tinham lhe dado muita atenção mesmo. Sempre preferindo o seu irmão, maior, mais forte, o orgulho da família.

Toda sua vida ele tentou ser como o irmão, mas era impossível ignorar a diferença. Ele sempre tão pequeno e frágil, tão menos propenso a sobreviver e se reproduzir.

Tentou subir novamente. Com toda a força que tinha. Mas ao chegar, viu que já não havia espaço para ele no que antes tinha sido a sua casa. Todo o espaço era ocupado pela sombra escura, que ia crescendo e sugando aos poucos a vida da família.

Um por um, cada um dos seus irmãos tinha caído. Nenhum deles voltara. Provavelmente já serviam de alimento para a árvore que os tinha abrigado. E, se não pela queda, deviam ter morrido pela falta de comida. Não que fosse muito diferente quando ainda estavam com seus pais. A falta de alimento era algo comum para essa família, com exceção, é claro, do gigante preto, que era sempre o primeiro da fila na hora do almoço.

Ele não pertencia mais àquele lugar, não que em algum momento tivesse realmente pertencido.

Decidiu não voltar, pois sabia que ia ser empurrado de novo se voltasse. Saiu e em sua cabeça o único pensamento era encontrar uma nova família.

Ele voou o mais rápido que pôde com suas pequenas asas machucadas pela queda.

De repente, avistou um lugar movimentado e muito iluminado, mesmo o céu estando escuro. Ele foi se aproximando, cada vez mais certo de que ali encontraria uma família que o aceitasse como ele é.

Dentro de uma janela entreaberta, viu alguns pássaros. Pareciam felizes, brincando uns com os outros, então ele decidiu ir para lá.

Passou por baixo da janela e entrou na casa. Foi então que percebeu que o que de longe parecia uma brincadeira entusiasmada, na verdade era uma briga feroz entre pássaros de cores diferentes. Se bicavam e voavam desesperadamente naquele pequeno espaço do qual não conseguiam sair.

Assustado, ele foi em direção à janela por onde entrou. Mas sua passagem foi bloqueada por um animal enorme, que gritou e começou a bater nele com o que tinha no pé. Ele não sabia o que era aquilo e nem porque estava tentando matá-lo, mas conseguiu finalmente sair pela janela.

Ao olhar para trás, ele percebeu por que aquele animal tinha se assustado com a sua presença. Se ele queria ser aceito pela sua nova família, ele tinha que ter uma coloração mais bonita e vibrante, como a dos pássaros que estavam brigando. Cada um tinha uma cor diferente, vermelho, amarelo, verde... Era isso o que ele tinha que ter se quisesse fazer parte de uma família.

Com isso, ele se lembrou do seu irmão. Quando fazia muito sol, a cor normalmente preta das suas penas mudava para um bonito azul. Talvez fosse por isso que os seus pais gostavam tanto mais dele e porque ele sempre ganhava mais comida. Comparado com o seu irmão, ele não tinha nada demais, com sua cor marrom acinzentada.

Depois de se afastar um pouco da casa, ele percebeu que estava com muita sede e foi beber de uma poça ali perto.

Abaixou a cabeça para beber e notou que do seu lado tinha uma tinta amarela que parecia estar fresca.

Ele se esfregou na tinta até ficar totalmente amarelo. Agora sim eles vão gostar de mim!

Procurou novamente pela casa onde tinha entrado, mas se perdeu no meio de tantas luzes e pernas, não conseguindo encontrá-la.

Finalmente, conseguiu se livrar da multidão e entrou em outra janela. Outro daquele animal gigante estava nessa casa. Ele voou para perto dele e pousou na mesa à sua frente, exibindo a sua nova cor. O animal parecia ser simpático e ele estava seguro de que, com sua nova cor, ele seria acolhido.

O animal olhou para ele com carinho, mas então viu o rastro amarelo que ele tinha deixado na mesa branca e se enfureceu, empurrando-o da mesa.

Mais uma vez, ele caía. Não sabendo o que tinha que fazer para que fosse querido por alguém. Ele já tinha tentado de tudo, mas, como sempre, caía.

Ele conseguiu levantar voo e saiu pela janela. O Sol já nascia e ele mais uma vez tinha sido expulso, não sabendo o que mais tinha que fazer para encontrar um lar.

Ele voava sem esperança quando viu um grupo de pássaros exatamente igual a ele. A mesma cor e tamanho. Era isso, era àquele lugar que ele pertencia!

Uma cena linda. Todos os pássaros dividiam as migalhas do chão em harmonia. Ele se enchia de esperança, tendo encontrado finalmente uma família que com certeza o aceitaria. Foi chegando cada vez mais perto, pronto para se reunir com sua nova família.

Ele pousou onde estavam todos os outros e começou a comer as migalhas de pão. Ele finalmente pertencia a um grupo e isso era tudo o que ele queria.

Todos começaram a encará-lo e ele pensou que estavam apenas reconhecendo o novo membro do seu bando e então ficou muito feliz. O que não sabia era que na verdade o que estavam olhando era o pedaço de pão que estava em seu bico, que era um pedaço realmente grande. De repente, começaram a ir em sua direção e atacá-lo para pegar a sua comida. Ele tentou fugir, mas não conseguiu. Os pássaros o bicavam e arranhavam tentando pegar o que tinha em sua boca e ele não entendia o que estava acontecendo.

Os pássaros não paravam de atacar e ele não sabia o que tinha feito de errado daquela vez. Ele era igual a todos os outros, então por que eles o atacavam? Por que não queriam ele ali? Será que havia algo de errado nele?

Não adiantava ficar se perguntando agora. Os bicos vinham furando sua pele e arrancando as suas penas sem dó e ele já não conseguia mais se levantar e a luz do Sol era coberta pela montanha de pássaros que lutavam pela comida e sufocavam a sua respiração.

Quando acordou de novo na calçada úmida, os pássaros já tinham ido embora e já não tinham mais migalhas no chão. Ele mal conseguia se levantar, já que suas pernas estavam machucadas e sangrando. Ele, que tanto queria ter uma coloração mais bonita, agora tinha conseguido. Suas penas (ou pelo menos as que sobraram) tinham um vibrante vermelho misturado com o marrom de antes.

Ele tentou voar, mas, com as asas quebrada, caiu no telhado de uma casa. Ficou lá. Desistiu, ninguém nunca ia gostar dele. Ele aceitou esse fato.

Por dias, ele ficou no mesmo telhado, só ouvindo o barulho dos carros, as pessoas passando, os pássaros cantando...

Mas um dia tudo parou. Era um silêncio absoluto. Não havia mais carros nem pessoas, só continuavam os pássaros. Ele nunca se sentira tão sozinho em sua vida, mas ele não estava triste como das outras vezes e ele não tinha vontade de encontrar alguém.

Ele não sabia por que, mas pela primeira vez na sua vida ele se sentia bem.



O voo da madrugada

Olívia Blay

As manhãs eram sempre iguais para o tucano Carlinhos. Acordar bem cedo. Sua barriga roncar. Uma vontade enorme de voar, mas ao mesmo tempo, um medo de se perder de sua mãe e nunca mais encontrar seu ninho. A mãe estava dormindo ainda, não saberia que ele estava perdido. Ele poderia ser pego pelos temidos “corujões”, aqueles que seu irmão sempre insistia em dizer que o pegariam caso ele não obedecesse às suas ordens malucas, e até mesmo, perigosas. Além de tudo isso, ele tinha vergonha de pedir ajuda. Vai que ele cai ao voar pela floresta. As manhãs eram sempre iguais para Carlinhos, inclusive para seus pensamentos.

O irmão de Carlinhos era um tucano que adorava se aventurar. Como ainda era um adolescente, sua mãe não permitia que realizasse ações muito perigosas. No entanto, com muita insistência, conseguiu convencê-la, como um presente de aniversário, a liberar uma de suas aventuras, a de voar pela noite sozinho. A única condição imposta foi a de que Carlinhos teria que acompanhá-lo, pois, mesmo sendo mais novo, era o mais responsável.

Depois de muita espera, o momento chegou. Mas, tudo estava muito bom para ser verdade. Quando a aventura ia começar, a mãe parou os filhos com uma expressão triste e fria.

— Hoje vocês não vão sair. Sinto muito.

Claramente, o irmão, indignado, começou a se aprontar como se a mãe não existisse. Já Carlinhos foi tentar convencer o irmão do contrário, e falhou com

sucesso. Não seria possível prendê-lo em casa, ele sairia voando, mesmo que tivesse chance de morrer. E foi exatamente esse o resultado. Ele saiu voando. E sabe se lá quando voltaria, ou se voltaria.

As manhãs não eram sempre iguais para Carlinhos. A cada vez que ele abria seus olhos, lembrava do pesadelo da noite anterior. Seu irmão tinha voltado, porém, sem asas. Ou seu bico tinha desaparecido... Pior ainda, ele acordava e lembrava da inexistência de seu irmão. Dessa forma, depois dos olhos abertos, as manhãs eram sempre iguais para o tucano.

Tucanos são conhecidos por seus coloridos bicos. No entanto, Carlinhos se diferenciava nesse aspecto. O seu era composto por todas as cores que ele já tinha visto e tinha uma característica peculiar: caso ele não visse as cores por muito tempo, essas iam desaparecendo de seu bico.

A pergunta que Carlinhos mais fazia para sua mãe era o motivo deles não poderem sair. Ela nunca respondia ou automaticamente mudava de assunto. Ou apenas dizia que era assunto de tucano grande. Pois bem, o tucano pequeno não se contentava com as respostas. Mas, mesmo assim, obedecia a ordem de sua mãe, diferentemente de seu irmão. A única coisa que ele fazia para tentar descobrir aquele super-ultra-mega-segredo era colocar sua pequena cabecinha para fora da árvore. O que deixava Carlinhos ainda mais curioso era que, quando ele realizava essa ação, seu bico perdia uma cor, mesmo que ele visse as cores que tinham em seu bico. Sua mãe também tinha essa característica. Depois de uma semana, seu bico já se encontrava praticamente sem cor. Ela passava o dia inteiro olhando para fora, numa falsa esperança de que seu filho voltaria para seu ninho, como acontecia em todos os seus sonhos.

As semanas pareciam não passar. Carlinhos e sua mãe, agora, apenas se encontravam nos sonhos. A mãe ficava o dia inteiro olhando para fora, e cada vez mais, seu bico perdia as cores. Já Carlinhos, passava o dia pensando em mil suposições que explicassem o motivo de eles não poderem mais voar. Na verdade, a pergunta que parecia rodear as cabeças da mãe e do filho era onde estaria seu irmão.

As noites duravam dias. As cores pareciam não existir mais. Os sonhos eram apenas ilusões inúteis. Então, a única coisa a se fazer era olhar para fora, à espera de qualquer sinal, não importando qual fosse ele. As esperanças, mesmo sendo as últimas que morrem, já haviam morrido há um bom tempo.

— Esperar é o único remédio — dizia a mãe para seu filho mais novo.

Cansado de esperar, Carlinhos se cansou mais ainda. Cansou de dormir, cansou de voar em seus sonhos. Cansou das cores que já não existiam. Só que cansou de cansar.

Assim, cansado de estar cansado, Carlinhos decidiu fazer qualquer coisa. Qualquer coisa que o fizesse descansar do cansaço. Então, ele foi. E fez. Descobriu a verdade. No final, ela acabou sendo a qual ele mais temia. Agora, o cansaço não era de cansar. Era, sim, o medo de temer. Temer qualquer coisa. Literalmente.

Temia que a leve brisa do vento o fizesse cair em um buraco infinito. Temia que não soubesse controlar suas asas enquanto voava. Temia perder todas as cores de seu bico. Temia que, se temesse tudo, não conhecesse outro sentimento além desse.

Temu tanto que acordou. Abriu os olhos. Seu bico tinha todas as cores. Sua mãe não estava lá. O irmão estava. Sua barriga estava roncando. A ventania da madrugada o acordou de um pesadelo. Um pesadelo que sempre se repetia. Todas as madrugadas. O mesmo pensamento. E os olhos sempre abertos.



Ramos que não crescem mais

Rafaela Dowbor

Nas noites frias de São Paulo, depois de uma longa estação de chuvas de verão, o inverno se aproximava e ela, como de costume, dormia cedo após o último abajur ser desligado. Se alimentava bem, mas caso ninguém lhe cuidasse, se enfraqueceria como uma jornada da luz à escuridão. Nunca havia um espelho em sua direção e a falta de reflexo não era um sofrimento. Enxergava o mundo às alturas, contemplando e sentindo a vida ao seu entorno.

Era no apartamento em Santa Cecília que a samambaia vivia, perto da janela, a observar os passantes. Quem costumava manter seu coração pulsante era a dona do quarto, Joana.

— O que passa? Qual é o motivo de seus braços estarem caídos e por que estão cobertos com este tom de marrom-escuro? Como devo regá-la para que melhores?

— Não tenho convicção de que me embeber será a solução, no entanto, se você supõe, rega no centro de mim, assim receberei mais água em minhas veias.

— Você está assim há mais de uma semana, já não consigo dormir. Não suportarei ver apenas seus ossos. Se a solução não é regar, o que devo fazer com você?

— Não acho que deves implementar nada novo comigo. Pense, Joana, às vezes, não é a falta de atitudes e cuidados. Ocasionalmente, sou impactada pelo vento, ar, sol e outras condições sobre as quais não tens controle.

— Mas você não foi influenciada por nenhum desses fatores, eu também cuido deles para que não te machuques.

— Pois bem, talvez desta vez a causa esteja tão longe de seu domínio e controle como a lua no céu.

Joana era uma adolescente, dessas que é gente como a gente. Que sofre e se isola no quarto escuro, mas que dá risadas que chegam a dar até dor de barriga. Era uma dessas meninas que curte uma farra, mas finge aos pais que não sabe como se escreve álcool. Joana tinha uma personalidade forte e sua sinceridade era às vezes como um tsunami no psiquismo de um adolescente. Tinha raiva de perder o controle da situação e quando isso se deslocava para sua própria vida, ela se transformava no próprio tsunami.

Ao longo dos dias, a samambaia se tornava mais marrom e perdia seu verde vibrante de sempre. Seus braços caíam aos poucos e já não se abriam mais como antes.

Joana observou a janela com um olhar perdido. A menina não entendia como podia haver algo de errado se fazia tudo do mesmo jeito como sempre fizera.

Neste mesmo momento, na casa de Joana, onde morava só com o pai, a família se isolava nos quartos, onde a única luz emitida era das televisões, com suas propagandas inumeráveis, os tornando verdes de tão alienados. O silêncio perpétuo invadia cada cômodo da casa e jantares repletos de risos agora eram vistos apenas como lembranças. Joana já não tinha conversas longas com seu pai, nas quais compartilhava seus problemas que sempre lhe pareciam gigantescos. Seu pai, como forma de ajudá-la, já não tentava mostrar que não passava apenas de uma fase, dizendo sua velha frase “tudo passa, até a uva passa, minha filha”.

Seguindo o conselho de seu pai, a menina via sua casa silenciosa e escura como uma mera fase também, como um momento de adolescência, no qual pai e filha não têm mais muito em comum e por isso se isolam no quarto. Joana se contentava com a aquela explicação e enxergava aquilo como algo que todas famílias passam; afinal, por que não ser igual a todos? Justificando esta questão internamente, sua maior preocupação não era com sua casa e sim com algo que lhe pertencia, sua samambaia.

Joana foi a uma loja e comprou a melhor terra, adubo e todos os utensílios de melhor qualidade para tentar salvar sua planta. A menina não acreditava em fatores externos e considerava que se fizesse tudo certo e tivesse controle sobre sua vida, não teria problemas e sua samambaia sobreviveria.

Enquanto colocava a nova terra em sua planta, as duas conversaram sobre a situação:

— Comprei nova terra e adubo para que você se sinta melhor. Não quero que você morra.

— Joana, você acha mesmo que isso é a solução para que eu não veja mais o sol como um inimigo ardente, para que não observe a chuva como alguém muito triste chorando, que não sinta o vento como um indivíduo arrependido, tentando limpar suas sujeiras?

— Não consigo pensar em mais nada, passei noites procurando uma resposta que esteja sob o meu alcance

— Para alcançar a solução, você precisaria ser muito alta, minha querida.

— As escadas estão aí para o que então?

— Não são escadas que resolverão algo, olhe à sua volta.

Joana permaneceu não compreendendo aquilo que sua samambaia dizia e continuou a comer arroz frio da geladeira sozinha na mesa.

Durante as semanas seguintes, a menina ficou com olheiras de tanto pensar no que poderia fazer para salvar sua companheira. Foram diversos dias em que Joana chorou como se suas lágrimas fossem a dose de cura da samambaia.

Ela não falava sobre sua planta, nem sobre a melancolia de sua casa para ninguém. Os problemas de Joana se mantinham como segredos em um livro antigo de uma biblioteca. Não eram compartilhados nem com as paredes dos grandes prédios da capital paulista.

Joana vivia em um teatro. No entanto, não era a plateia e sim a atriz. Mesmo com seus medos e ansiedade por não ter controle supremo de sua vida, a garota atuava como uma atriz cursando faculdade de artes cênicas. Ria, abria um sorriso, conversava alto, como se nada passasse. Fez de sua vida uma constante atuação de bem-estar.

Contudo, chegou o dia em que o teatro acabou. Daquela vez o público não aplaudiu ao final. Joana chegou em casa, depois de um longo dia de atuação e viu seu pai sentado na poltrona da sala. Foi a primeira vez depois de muito tempo que olhava para o seu pai e lhe dizia algumas palavras. Foi neste dia que Joana realmente o enxergou. Depois de dias sem olhar para ele, a menina pôs seus olhos em outro canto que não fosse sua própria vida. Seu pai estava magro, cansado e amarelado. Foi então, que Joana entendeu sua samambaia.

A menina viu a pele de seu pai contornar seus ossos. Suas costelas eram visíveis à longa distância. Os olhos amarelados eram como faróis de um carro em uma noite fria. Seu cansaço e fraqueza podiam ser ouvidos apenas através de sua respiração. Joana se sentou. Não falou nada, apenas o observou. Delicadas e involuntárias lágrimas caíam de seus olhos. As gotas de água causavam grandes manchas no delicado tecido onde se sentava. Seu pai a olhou, mal conseguindo levantar suas pálpebras para enxergar. Tinha um olhar vazio, onde apenas uma cor marrom preenchia o espaço. Ele respirou fundo e disse:

— Eu tenho câncer....

Joana gritou e as singelas lágrimas que caíam se tornaram cachoeiras. Seus olhos ficaram vermelhos. Apertava os dedos contra sua mão. Queria arrancar os cabelos de sua cabeça. Tinha a impressão de que suas lágrimas seriam a solução para a cura de câncer. Tinha sentimento de raiva e medo misturados em uma tigela. Gritou.

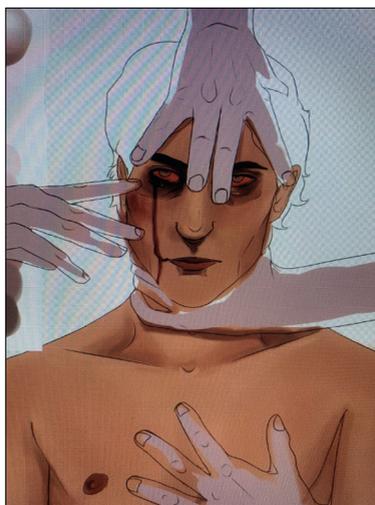
Ela já sabia. Já havia entendido. Seu pai tinha um tumor no pâncreas e não havia nada a ser feito. Foi esse o motivo de uma mistura de lágrimas intensas e gritos desesperados. Joana não podia fazer nada e não havia nada a ser feito.

Seu pai, com a força que ainda lhe restava, explicava-lhe a situação. No entanto, nos ouvidos de Joana havia sido criada uma fina camada que lhe impedia de ouvir. Seu olhar voava pela sala da casa. Apertava os dedos contra a mão novamente.

Navegando sobre o mar de águas salgadas causadas por seu choro, Joana chegou ao seu quarto. Cansada pela longa jornada pelo oceano agitado, disse:

— Você tinha razão, nem sempre temos controle sobre nossa vida.

A samambaia já havia morrido.



Seu mundo já não era o mesmo

Gabriela Fabri

Seu mundo já não era o mesmo. Nunca fora. Tudo parecia uma grande confusão. Passo após passo, a caminho de encontrar-se com a figura de sua mãe que não se lembrava ter conhecido... Mas recordava-se das mentiras, dos sussurros, da maneira com que se entregara à gangue; ao desconhecido. Sozinho, apavorado. Dos longos anos apanhando, longe da família. Corte após corte, após soco, após tapa, após pingo de seu sangue. Era muito recente, muito presente em sua cabeça.

Não conseguia respirar, não estava pensando bem. Marco balançou seu rosto, com sua pupila tremendo, tonto. Seu corpo, magro e cansado. Suas sobrancelhas fechavam seu semblante. A imagem de sua mãe pulou em sua consciência. A imagem descrita pelo homem que cuidara e maltratara Marco, descrita detalhe após detalhe toda noite.

Cabelos brilhantes, loiros, manchados por tons mais fortes de marrom. Olhos grandes, também brilhantes, claros como a Estrela D'alva. Bochechas cheias e vermelhas, sempre livre das impurezas da maquiagem. Não conseguia esquecer. Sua mente apertava. Doía como ferrões penetrando seu cérebro. Doía como o líquido incolor que jorrava de sua cabeça. Transtornava sua respiração, matava sua vontade de continuar vivo. Pensar em sua mãe era pensar na morte.

Caminhava no bairro escuro com as mãos no bolso, suando frio.

Estava lá, pois haviam descrito muito bem a rotina da mulher: trabalho logo ao amanhecer, o número do ônibus que sempre pegava, e logo ao cair da noite,

a longa caminhada pela calçada de volta para sua casa. Era um apartamento minúsculo, mas Marco possuía a intenção de encontrá-la antes que sua mãe conseguisse fugir para o conforto de sua segurança. Deu mais alguns passos, seus olhos se arregalaram. Mal podia acreditar. O cabelo claro, os tons escuros de sua raiz. Anabela. A tontura rapidamente cessou. Sua visão ainda estava nublada, suas roupas ainda cheiravam a enxofre, mergulhado em sangue seco.

Como ela estava viva? Era uma aberração viver assim, sabendo o quão mal fizera a seu próprio filho. Era pior que qualquer assassino que Marco havia conhecido, era a mais cruel... uma tirana. Suas unhas afundavam dolorosamente nas almofadas de sua mão, quase furando — de tão grandes e mal aparadas — a própria carne. Não conseguia respirar, sua garganta fechada trancava qualquer passagem de ar suficiente que o mantivesse calmo.

Cada passada era um arrepio em sua espinha. Suas pupilas afiadas trancadas na nuca de Anabela. Em poucos segundos, com um rugido gutural, trancou dedos contra os cachos de cabelos. Sua outra mão tampando a boca. Apressou-se para dentro de um beco, jogando-lhes contra uma das paredes. Com a força do impacto, ambos grunhiram. Teve que tirar a mão suja dos lábios da mulher, ela não perdendo tempo para gritar por misericórdia.

— Não... por favor!!!

— Sua desgraçada... — Bramiu em soluços descontrolados, lágrimas amarguradas descendo livres em seu rosto desolado. Apertou as palmas contra a jugular da sua mãe, com uma vermelhidão formando no pescoço pálido. Rosnava em meio a um choro raivoso. Seu maior desejo era vê-la morta. Era só empurrar um pouco mais... mas algo o impedia. Isso o angustiava. Por que não conseguia?

Ao ouvir pela primeira vez a voz de Anabela, seus dentes rangeram. Apertavam tão forte uns contra os outros que doía seu maxilar. Como se estivesse se deslacrando. O aperto continuava em seu coração, fígado pela agonia, fúria, angústia e principalmente, uma incerteza. Por que ela se fazia de desentendida? Antes que pudesse se responder, Marco não percebeu que sua mão havia se afastado, e com ela, socado a sobrancelha da felina em questão, que, com sorte, conseguiu fechar os olhos a tempo. Ela virou o rosto, gemendo. O sangue desceu. Marco se arrepiou.

Sentia sua garganta partindo ao meio, queimando, um refluxo batendo à beira de sua garganta enquanto a azia piorava. Tinha vontade de vomitar.

— Eu esperei tanto tempo por isso... — Começou, seu hálito azedo batendo contra o nariz de Anabela. Fitava seu reflexo no preto das pupilas, não permitindo seus olhos rondarem as feições tão delicadas e femininas da loira: em vez disso, percebia-as borradas pelos cantos dos olhos. Mas ainda assim... sua mãe parecia tão nova, inconsciente de seus atos... Delicada demais para ter causado tanto sofrimento.

— Você não merece viver. — Apertou novamente suas mãos contra a garganta, querendo que Anabela sentisse seus mesmos sintomas, que ficasse tão

enojada quanto ele. Começou a perceber o efeito de sua força. O desespero nas feições femininas o instigavam a parar, e ao mesmo tempo, empurrar mais forte. Anabela soltava rangidos desesperados, afinados, roucos. Seus olhos já estavam nublados. Marco, com lágrimas em seus olhos, aproximou-se de uma das orelhas pequenas. Sussurrou bem perto de seu ouvido com uma voz dóida:

— Mas eu sei que... se eu te matar, mãe, terei que dividir o mesmo lugar. Andar de novo no mesmo chão que você será o maior pecado do inferno. Não existe palavra tão barbárica que descreva o que eu faria contigo. — Soluçou contra a pele da sua mãe. Com atenção, escutava os gritos contínuos, desesperados para recuperar o fôlego.

Foi o suficiente.

Saltou para longe de sua mãe, voando para a parede do outro lado do beco. O homem vestido de preto, soluçando entre suas palavras arrastadas, apertou os olhos. Ainda rangia seus dentes. Estava de cabeça baixa, defensivo. Assistia ela se contorcer, aflita, com medo, com dor. Ele? Com alívio. — Já é doído demais viver essa vida sabendo que você ainda está respirando.

Ela permaneceu em silêncio. Marco estava ofegante, parado no mesmo lugar, contra a parede de tijolos. Sua volta girava, só tinha olhos para ela. Franziu seu nariz, enojado, com a mesma dor no peito e queimação de antes.

— Anabela... — Repetiu para si mesmo, mas alto suficiente para que a outra o escutasse. Entretanto, não pareceu ouvir. — Anabela! Você é surda?! — Mais alto, num bramido que raspava em sua garganta, furioso que sua mãe nem tentava se justificar. Pior ainda, fingia não conhecê-lo. Nunca gritou tanto em sua vida. A dúvida em sua cabeça permanecia. Ela não batia bem da cabeça?

Anabela arregalou os olhos ao ouvir o nome, se arrepiando, aos poucos se pondo de pé. Nesse movimento, observou com toda sua atenção a reação de Marco, com medo que ele não quisesse que ela se levantasse. Os olhos vermelhos estampavam a sua surpresa. As íris azuladas se estreitando enquanto pupilas pretas tomavam um formato que comia o azul.

— Você me entregou para aquele lugar, me tirou do que era meu direito ter; uma vida normal... com uma família. E agora não consegue nem abrir a boca? Que tipo de mulher você é?! — Aproximou-se com passos certos, pouquíssimo temeroso. Seus dentes amarelados saltando para fora de sua boca, rangentes.

— Entregou... — Tentava formular algo coerente. — ... Anabela? Minha mãe entregou você para uma gangue?

Quê? A respiração de Marco caiu. Ele parou.

A mulher, apoiando-se contra a parede, ajeitou sua posição. Abriu a boca em um grito silencioso, percebendo o que estava acontecendo. — E-eu não sou ela... não sou Anabela. — aproximando-se do outro com passos cambaleantes, encontrou-o no meio do beco. — Mas ela era minha mãe. — Declarou. Finalmente, seus olhos rondaram as feições machucadas de Marco. Era um homem maltratado, claramente havia passado por muita coisa antes de chegar ali. Mas seus olhos

possuíam aquela semelhança, a maneira com que suas sobrancelhas eram moldadas, ou aquela pinta larga ao lado de seu nariz. Não podia ser. Nunca acharam o corpo dele. Só especularam que ele havia fugido, morrido de fome nas ruas. Seria mesmo?

Um sorriso melancólico surgiu em seu rosto, manchando de escarlate. Lágrimas ansiosas se acumularam em seus olhos. — Marco... — Murmurou. A memória do seu irmão pequenino mais viva do que nunca em sua cabeça bagunçada. — Você está vivo! — Marco, antes com uma postura poderosa, pareceu encolher-se no lugar. Pelo amor de Deus, o que havia feito? Seus olhos estavam arregalados com dúvida, quase convencidos. Ainda tremelicava seus dedos após escutar o que havia sido dito. Muita coisa para processar. Fechou as sobrancelhas tentando tomar rumo em seu tom de voz.

— Depois de tanto tempo, você ainda nega. Não adianta. Todas as noites eles me sussurravam você, exatamente você. Sua cara, teu olhar... tudo, mãe. — Ladrrou um pouco mais firme, seu coração despencando do peito ao chamá-la de mãe. Seus pensamentos ainda a traíam, a confiança no que falava se escapava. Desde quando se tornou assim tão manipulável? Rolou seus olhos pela superfície suave do corpo da até então desconhecida. Pensou em seu pescoço, o quão forte lhe apertara poucos minutos antes, estrangulando-a com toda sua força. Sentiu a garganta da mulher fechar contra suas próprias mãos. A culpa bateu pelo alívio que sentiu naquele momento de desespero. Como pôde?

Começou a soluçar novamente. Suas próprias palavras desnordeadas, batendo contra as extremidades de sua cabeça. No chão, havia um abismo. Sentia-se em queda livre. Os olhos das paredes comendo-o pelas pupilas pretas. Choravam um líquido vermelho, fedido a enxofre. E então, desistiu. Despencou no próprio abisso, caindo de bruços no chão. Não queria fitá-la. Queria afundar na imensidão dos olhares, cair sob a terra e lá passar o resto de sua eternidade.

Se não era Anabela, quer dizer que ela ainda estava em algum lugar, respirando o mesmo ar que o seu. E que a mulher à sua frente, em quem tanto bateu, que espancou e maltratou, era ninguém mais que sua própria irmã.

Os sons que antes ouvia, enfim identificou serem sirenes. O tom do vermelho e azul iluminaram o rosto delicado de sua irmã e o resto do beco.

Foi em câmera lenta que saiu correndo, suas pálpebras se fechando dolorosamente ao escutar os gritos desesperados da mulher o chamando.

Seu mundo já não era o mesmo

Pomba

Pedro Magada

Era ali, logo na Rua do Papel, que morava um ser humano dos mais ordinários: Jorge. Ao contrário de Jorge, a Rua do Papel era curiosa, ficava no meio de uma concentração de fábricas. Porém, ali também, onde havia uma das áreas mais barulhentas da cidade durante o dia, tinha-se o oásis de Jorge e sua esposa durante a noite. Com o silêncio absoluto na ausência total de vizinhos, o bairro era todo deles. Isto é, até o falecimento da mulher.

A casa espaçosa, grande orgulho do casal, tinha uma espécie de isbá na área externa do jardim, que ficava defronte à uma acumulação de fios elétricos nos postes, fato que era bastante comum nessas áreas industriais. O casal levava uma vida média, nenhum dos dois gostava de trabalhar nas fábricas, mas a volta para casa era como que libertadora.

Contudo, após o falecimento de sua jovem esposa, Jorge, que alimentava um grande amor pela mulher e pela casa, viu-se morando entre as meras quatro paredes de madeira da Isbá de seu jardim. Tudo bem, as condições não eram ideais se comparadas às anteriores, mas ele conseguiria viver na pequena casinha que continha um fogão, cama sem colchão e um balde, que às vezes chamava de penico. Tudo melhor que entrar e enfrentar aquele ambiente, que um dia significara sua felicidade.

Era como um dia após o outro, só que sem a parte boa. Um jovem, que um dia na volta do trabalho se preocupava com a esposa, via-se cheio de pensamentos dos mais triviais: "talvez eu devesse comprar uma cama nova para minha isbá",

"essas botas bem que precisam ser engraxadas", "será que vai ter o resultado da loteria hoje no rádio?". Enfim, ele realmente havia mudado.

Antes, se contentava em grande medida apenas com aquele silêncio e canto dos grilos, que haviam sido substituídos pelo barulho do rádio, que parecia nunca encontrar o que Jorge procurava. Agora, em sua janela, onde uma vez havia visto o nascer do sol de toda cidade, sua visão apenas alcançava parte de um grande acúmulo de fios elétricos, nos quais uma pomba malhada ficava o dia todo. Via Jorge acordar e dormir. Nunca antes, até a morte da esposa, havia notado a presença da ave.

Vai e vem semana, Jorge passou a não se contentar tanto com o minúsculo espaço, que não representava nem 5% da área da antiga casa. Suas roupas de trabalho, que antes ficavam elegantemente dispostas num armário, agora se aglutinavam em cabideiros ao redor de todo o quarto. Passou a disputar seu local de dormir com as próprias roupas sujas.

Ao cabo de duas semanas do falecimento da mulher, foi quando se deu conta: ele não podia mais voltar ao trabalho com o aspecto sujo das roupas. As pessoas estavam comentando.

Então, na volta do trabalho, irrompeu pela primeira vez em duas semanas inteiras em sua antiga casa. A sala de estar que um dia guardara tantas memórias agora inspirava um grande terror. Jorge, turvo com a ideia do que fazia ali, correu direto para a lavanderia. Pegou um balde e esfregão, e como uma criança com medo do escuro, irrompeu para fora, trancando tudo novamente.

Era fim da tarde e ele, acompanhado da pomba nos fios elétricos, estava ainda ofegante pelo assombro causado pelos segundos gastos dentro de casa. Aterrorizado, esfregou suas roupas até o cair da noite. Ao fim do serviço, foi para sua pequenina cabana, que agora parecia menor ainda com a presença do balde, esfregão e as roupas recém-lavadas.

Todavia, foi só no dia seguinte, ao acordar e ver a pomba pela janela, que reparou no monstro que se formava em seu fogão. Exatamente duas semanas e um dia de louça suja empilhadas do lado de dentro e fora. A situação estava grotesca: pratos com uma espécie de crosta deixada por uma velha lasanha mais se assemelhavam a uma fazenda de cianobactérias, além do terrível odor dos molhos velhos que vinha consumindo ao longo dos dias. Estava decidido, no caminho de volta entraria lá para resgatar um detergente e salvaria sua pequena cabana do caos absoluto.

Na volta tremia, era caçado por esse pensamento de que daquela vez teria que ir mais fundo na casa. Ir até a cozinha era um desafio tremendo, gelava em calafrios. Racionalizar nada ajudava: "tenho que ir até lá pegar o detergente para limpar toda essa louça nojenta, é apenas uma casa, pouco importa o que se passou lá". Conforme se aproximava, a tremedeira aumentava e lágrimas escorriam por seu rosto uma a uma.

Quando finalmente chegou à porta, vacilou. Era muita pressão; como deveria vencer sua fobia de um lugar que um dia fora tão amado ter se transformado em

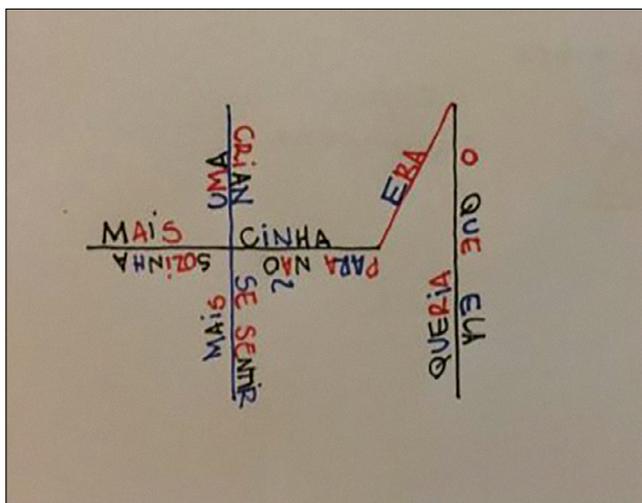
um espaço que agora lhe inspirava calafrios e trazia à tona a morte de sua mulher? Deu a volta e, passando pela pomba e entrando na isbá, seus olhos saltaram: como podia não ter percebido antes? Seu colchão estava todo úmido e amarelado pela água que caía pela infiltração do teto. Não era um estrago pequeno, a infiltração formava uma forma de bolor e fungo verde asquerosa que muito lhe lembrava um sapo e ocupava todo seu teto. Pela primeira vez, o odor repugnante não foi o que manteve Jorge acordado, e sim as formas em seu teto, que muito pareciam lhe agarrar.

Estava desesperado, não dormia, suas roupas estavam impregnadas pelo odor horrível dos pratos e o espaço ia se esgotando. Edições antigas de jornal iam se espalhando por todo o quarto, ao passo que baratas e outros insetos passaram a ser atraídos por toda a sujeira. Contudo, voltar para sua verdadeira casa não configurava uma opção. E a pomba mais uma vez estava lá, visível da janela, zombando de Jorge com seu caminhar torto e olhos vidrados.

Como um ser humano, da espécie sapiens do gênero homo, poderia se submeter a tal situação após anos de evolução da cultura e do hábito de higiene pessoal eu não sei. Todavia, lá estava Jorge. Ao acordar, estirado em sua cama, tinha pequenos Franz Kafkas por todo o corpo. Baratas escorriam assim como uma cachoeira de sua boca, vermes lhes saíam pelos globos oculares, as cutículas das unhas estavam sendo feitas por carrapatos! Era tudo um delírio. Jorge, com suor por todo seu corpo dado ao sonho de aspecto asqueroso, entendeu. Era só uma questão de se levantar.

O silêncio que perturba da madrugada foi cortado pelos passos de Jorge, firmes e certos, em direção à porta de sua casa. Era isso; quando finalmente ganhou a sala, com um estrondo tocou no interruptor que fez estremecer a vizinhança inteira, fazendo toda a rua se inteirar da iluminação que vinha das janelas. Sem mais, se deitou na velha cama e adormeceu.

Quando acordou, sentiu que havia acordado pela primeira vez desde a morte da mulher, que agora nem rosto tinha. A rotina já lhe era familiar, café, pão e trabalho. Mas, foi só ao pisar na calçada que notou. A pomba, a pomba malhada, aquele animal de olhos vidrados deitado de bruços no concreto e torrado. Longa noite, foi o que pensou antes de dar um chute de três dedos no cadáver da ave, que agora jazia no meio da rua.



O Outro

Laura Astiz Andrade

No meio de São Paulo, em uma casa bem branquinha, morava uma menina bem pequenininha.

Tão pequenininha que ainda não tinha nenhuma obrigação e nenhuma preocupação. Ela se chamava Laura, mas aqui vamos chamá-la de Ela.

Ela adorava brincar. Brincava com qualquer coisa a qualquer hora. E todos os grandes brincavam com Ela. Principalmente Eles. Eles moravam com Ela e estavam sempre junto a Ela.

A única questão era que Ela não queria brincar só com grandes, ou só com Eles. Afinal, uma menina bem pequenininha deveria brincar com outras crianças bem pequeninhas e não só com grandes ou Eles.

Ela não gostava de ficar sozinha, mas também não queria ficar com qualquer um. Para uma menina tão pequenininha, ela era muito exigente.

Quero um outro igual a mim, decidiu.

No mundo em que Ela vivia, normalmente ao pedir alguma coisa, conseguia. Mas desta vez, o que Ela estava pedindo era um pouco mais difícil de conseguir.

Era um pouco mais difícil de conseguir, porque daquela vez, Ela não estava pedindo um brinquedo ou um livro, Ela estava pedindo uma outra criança bem pequenininha.

Como conseguir uma outra criança? Essa pergunta não saía da cabeça Dela. Resolveu perguntar para Eles. Ela não sabia, mas Eles também queriam uma outra criança bem pequenininha para fazer companhia e brincar com Ela.

Pois bem?! Perguntava Ela. Como vamos conseguir uma outra criancinha? E Eles explicavam que uma criancinha não era tão fácil de conseguir como qualquer outra coisa. Ela insistia. Pois queria uma outra criança bem pequenininha. E Ela era teimosa. Muito teimosa.

Além de teimosa, Ela era muito observadora. Isso porque, quando não tinha ninguém para lhe fazer companhia ou brincar, Ela observava. Observava tudo: pessoas, árvores, brinquedos. Mas principalmente, Eles.

Depois de um tempo da famosa conversa de conseguir uma criancinha, Ela percebeu que um Deles começou a ficar diferente. E depois de mais um tempo, esse mesmo "um Deles", anunciou que conseguiu uma criancinha.

Ela ficou muito feliz. Muito, muito feliz. O máximo que uma criancinha bem pequenininha pode ficar de feliz.

E quando essa criancinha vai chegar? É um menino ou uma menina? Vai brincar comigo? Quando ela vai chegar? Ela não parava de perguntar. E Eles perceberam que não foi muito boa ideia contar para Ela sobre a nova criança tão cedo. Afinal, ainda faltavam uns sete meses.

Sete meses que se passaram cheios de perguntas e inquietações, mas vamos concluir isso mais para frente.

Perto do que foi o terceiro mês cheio de perguntas, aquele "um Deles" de antes, o que foi ficando diferente, contou que a criancinha nova seria um menino.

Ela continuou feliz. Muito feliz.

Até o dia em que Eles deixaram de brincar com Ela para preparar algumas coisas para esse menino.

Como até aqui chamamos Laura de Ela, chamaremos o menino de Outro. Outro porque ele é o Outro que agora dividiria Eles com Ela. E Ela não gostava muito desse detalhe.

Passou a virada do ano e veio o aniversário Dele, que teve festa. Um mês depois, teve mais uma festa. Mas não era uma festa de aniversário. Era festa do Outro. Que nem tinha chegado, mas já tinha festa. Passado mais um tempo, chegaram as chuvas fortes. As chuvas de Março.

E um belo dia, com muita chuva forte de março, Ela foi passar o dia com a Vó. A Vó, era mãe de um Deles, mãe do que ainda continuava igual. E nesse dia, em especial, Ela estava muito observadora. Observava que algo estava fora do lugar. Eles estavam agitados e com pressa. Mas pressa para quê?

Mas tarde, do mesmo dia, a Vó ficou agitada e com pressa também. E resolveu levar Ela para passear. Vamos encontrar com Eles — disse a Vó. Quando chegaram no lugar, onde supostamente iriam encontrar com Eles, Ela sentiu frio na barriga. Estavam no lugar que você vai quando não está bem. A Vó explicou que aquele lugar se chamava Hospital.

As duas, Ela e Vó, andaram muito até chegar em uma parte calma desse "Hospital". E entraram em uma salinha, parecia um quarto. Eles estavam dentro do quarto e não estavam mais agitados ou com pressa. Estavam calmos, silen-

ciosos, e tinham alguma coisa na mão. Uma coisa bem pequenininha, menor que Ela. Era o Outro.

Então é aqui que se consegue outras criancinhas! Ela falou com um tom de piada. Eles estavam olhando demais para o Outro, Ela queria um pouco de atenção. Um Deles trouxe o Outro pra bem pertinho Dela, para Ela ver.

Nesse momento, alguma coisa mudou, ficou diferente. Ela não estava mais observando, ou chamando atenção, ou brincando. Estava só olhando para o Outro. E ali, olhando, sabia que a partir de então teria com quem brincar. E não ficaria mais sozinha, nunca mais.



O menino que vivia isolado

Vinicius Rafael D'Angelo

Numa cidade grande como São Paulo, vivia um menino que se chamava Vinicius Rafael. Ele gostava muito de praticar esporte, jogar videogame, dormir e o que ele mais gostava era de comer. Esse garoto deveria ter em torno de 1,30 m de altura e uns 5 ou 6 anos.

Ele estudava em uma escola que do lado da casa dele, se ele podia ir caminhando. Só que ele não gostava dessa escola porque ele sofria bullying por ser adotado. Nessa escola, ele sempre chegava machucado em casa dele porque os professores batiam nele.

Num dia, ele resolveu falar para os pais dele que ele queria sair dessa escola, então os pais o tiraram de lá. Ele foi para um escola que não era muito perto da sua casa, só que ele gostou dessa escola. Então ele começou a estudar nessa escola chamada Vera Cruz.

No começo, os pais sempre perguntavam para ele se estava tudo bem e ele respondia que sim.

Só que, na verdade, ele não estava bem, porque ele sempre ficava isolado, ele não tinha nenhum amigo. Ele não conseguia fazer amigos... sempre que ele chegava em casa, ficava com o seu cachorro ou no quarto. Ele sempre achava que estava tudo bem, só que os pais sabiam que ele não estava bem.

Bom, chegou um dia em que ele teve que falar que não estava bem e que não tinha nenhum amigo.

Com isso, os pais dele começaram a ajudá-lo a fazer amigos: como fazer, como chegar nas pessoas para falar, etc.

Com o passar do tempo, ele foi tentando fazer amigos; mas quando ele estava conseguindo um amigo, uma doença muito contagiosa que podia matar começou a se espalhar pelo mundo todo, então a escola tomou a decisão de todos ficarem em casa em quarentena.

Ele ficou muito triste, porque justo quando ele estava conseguindo um amigo, começou essa doença chamado Coronavírus.

Quando toda essa doença passou, ele voltou para a escola, só que voltou também com dificuldades de fazer amigos.

Então ele pediu ajuda para os pais e para a escola para saber o que ele podia fazer para se aproximar das pessoas.

Com o passar do tempo, ele começou a fazer vários amigos. Com isso, ele foi passando de ano e fazendo novos amigos. Esse garoto está atualmente no segundo colegial da mesma escola. Ele fala que essa escola se tornou uma parte muito grande da vida dele, diz ele que está muito feliz nessa escola e não quer sair dessa escola por nada.

Assim, ele se tornou um dos alunos que têm mais tempo nessa escola, ele tem atualmente 17 anos, faz 13 anos que ele está nessa escola.

É assim que um menino que vivia isolado se tornou um garoto popular, ou seja, ele não desistiu dessa escola; nunca se deve desistir logo no primeiro erro, tem que persistir e conseguir o que quer.

Assim termina nosso conto.

Ato de rebeldia

Stefani Romano

— Pedro, Pedro, saaaai daí!

Ele queria fazer esse ato de rebeldia, queria provar um ponto, mas ninguém pensou que ele ia pular.

Pedro era uma pessoa muito doce, simpática, inteligente, mas solitária. Ele crescera brincando apenas com os funcionários que trabalhavam em sua casa, principalmente com a babá e o cozinheiro. Até tinha um ou outro amigo na escola, mas era sempre deixado de lado. Poucas pessoas do 4o ano gostariam de ser amigos do garoto fraquinho, de cabelo lambido e olhos tristes que preferia ficar brincando de massinha ou ler gibis da turma da Mônica no recreio do que jogar bola. Ele era aquele garoto clichê de filme com quem as pessoas fazem bullying, mas ninguém sabe o motivo.

Sua rotina era basicamente ir pra escola, fazer suas lições de casa depois da aula, brincar com os seus funcionários quando estavam fazendo um intervalo para o almoço e então ir para o clube, que era na mesma rua da escola, onde ficava sentado lendo, acabando suas lições ou na piscina. Até que seu pai, que passava o dia inteiro trabalhando, chegava para buscá-lo.

Seus pais sempre foram ausentes, o pai só via Pedro quando chegava do trabalho e o buscava no clube, e sua mãe só o via de manhã, quando ela o deixava na escola antes de ir trabalhar. Mas muitas vezes eles ficavam semanas sem ver seu filho, por conta das viagens de negócios. Pedro perdia cada vez mais a esperança

de que iria ver seus pais no dia, de tantas vezes que o motorista o buscava no clube ou em sua casa falando que seus pais estavam presos no trabalho.

Sua babá, que se chamava Fernanda, cuidava dele desde quando Pedro completara seus dois anos, e ela basicamente o criara. Pro garoto, ela era como um porto seguro, que estava sempre lá para ajudar ele com qualquer coisa.

Na escola, ele tentava ficar na dele, sentando na primeira fileira e não saindo da sala no recreio. Dependendo do dia, conversava com dois amigos, mas, normalmente, ele ficava sozinho. Ele não aguentava mais as pessoas cochichando do seu lado sobre suas roupas ou aparência. Passou a ficar neurótico, tirando o casaco no fim de cada aula para ver se já tinham colocado algum post-it.

Aquela semana estava sendo muito ruim. Seus pais, como sempre, estavam viajando, e Fernanda estava doente. Ele estava sob o cuidado do motorista, cozinheiro e um dos funcionários do escritório dos seus pais. Sem ter ninguém para conversar quando chegava em casa.

Em um dos dias dessa semana solitária, o menino chegou em casa depois de sofrer muito bullying. Era como se as outras crianças tivessem decidido descontar todas as notas vermelhas e problemas em suas famílias no pobre garoto. Mas chegando em casa naquele dia, foi diferente; ele decidiu não almoçar ou fazer suas lições, como se não importasse mais, sem pensar nas consequências dessa decisão; e ir mais cedo para o clube.

Ao chegar ao clube, ele se sentiu culpado de não ter feito suas lições, então se sentou em um banco, logo na entrada e começou a fazer os deveres. Quando ele já estava na metade da segunda lição, viu algumas pessoas da sua sala entrando no clube, o que sempre acontecia, porque era muito perto da sua escola. Mas daquela vez entraram muitas pessoas, pois um dos garotos chamou boa parte da sala para ir à piscina do clube para comemorar seu aniversário. Ao passarem por Pedro, eles ficaram rindo e falando mal dele, o que o levou a largar sua mochila e lição de casa no banco e sair correndo.

Pedro estava com muita adrenalina no corpo por conta do que tinha acabado de acontecer. Ele começou a andar pelo clube triste, mas destemido. Então, passou a procurar pelo lugar mais alto do clube. Ele estava muito confuso, a semana dele tinha sido muito ruim.

Ela começou a subir em um lugar muito alto, até que seus companheiros de sala o avistaram e começaram a berrar:

— Pedro, Pedro, sai daí! — Não faz isso, Pedro! — Não pula! — Não pula!

Pedro começou a recuar e perceber o que ele estava prestes a fazer, até que uma das crianças falou:

— Ele não vai pular, só quer atenção!

Então Pedro perdeu a noção novamente e, sem pensar duas vezes, durante a trilha sonora das pessoas da sua sala berrando “nãooo”, pulou do trampolim, molhando as mochilas de quase todas essas crianças infernais do quarto ano.



Dias completos de ganância

Julia Faria

Em um lugar onde o vento sopra o meu rosto e leve meus pensamentos para longe, tirando tudo que está ao meu redor, limpando minha mente e me dizendo: “é temporário”. Quando esse vento parar de soprar meu rosto, o mundo em que vivemos continuará piorando e se destruindo dia após dia. Mas aí está você, acreditando que pode ser o vento de alguém e levar os problemas de pessoas necessitadas para onde você quiser, nunca aceitando gratidão em troca de seu “trabalho duro”. Meus problemas estão à solta na minha cabeça, um tentando resolver o outro na esperança de mudar esse sistema, enquanto eu, ao invés de tentar resolver o que me pertence, tento concertar o que os outros quebram e deixam para trás.

Este é o estado de espírito em que me encontro; me sinto bem e melhor toda vez que o vento sopra mais forte. Tempos atrás, deixei o vento soprando a poeira do chão ao ver uma linda borboleta voando em meio a um pequeno bosque, e como uma garota estranha de 16 anos, eu não decidi jogar um chinelo na coitada, preferi segui-la, mas aquele animal tão cativante voou tão alto que obviamente não pude alcançá-lo. Depois de tê-la perdido de meu campo de vista, não pude deixar de pensar: será que as borboletas reclamam de sua vida? Elas voam e o vento está sempre junto delas, eu não teria como reclamar de algo tão tranquilo. Mas como todo ser humano, eu nunca vou estar feliz apenas com o que tenho, não tenho nenhuma necessidade de mais objetos materiais ou pensamentos racionais e irracionais, e apesar de ser

verdade o fato de eu não precisar de nada disso, eu nasci com essa ganância. Nem como uma borboleta eu estaria feliz.

Passaram-se horas e o dia era outro, desta vez lá estava eu sentada na cama ao lado da janela, observando o pôr do sol. O céu se dividia nas cores amarelo, rosa, vermelho e laranja, aquilo era insuficiente para que a paz em mim voltasse. Pensamentos vinham à tona e ali fiquei, estudando as cores desse fim de dia. Mas..., como tudo acaba, aquela visão também se foi.

Vi o sol ir embora, e o céu ficar escuro, saí de minha cama e finalmente algo que me compunha estava ao lado de fora: fui a uma escadaria que tinha visão da lua e da cidade, peguei o meu celular e ouvi aquela música, "Our Secret Base!" do Skyblew. Meu lugar secreto, quem diria que uma escadaria funcionaria tão bem, nunca deixe de acreditar essas são palavras para se viver.

Dia após dia, é sempre a mesma coisa: acordo, vou à escola, volto pra casa, estudo e ouço músicas durante longas madrugadas de insônia. Cinco dias totalmente iguais e desgastantes, para então chegar no tão esperado final de semana, os dias que todos definem como de descanso e diversão, todos se divertindo fora e dentro de casa, e lá vou eu, mais dois longos dias de igreja. Meu único descanso é esse pequeno período do dia, cheio de música, animes e vídeos totalmente aleatórios.

Tudo me decepciona, as pessoas do mundo que não podem me dar liberdade, o famoso pôr do sol que todos tanto amam e principalmente pessoas que acreditam que a lua que as deu o que elas têm. Minha maior esperança é que o som alto das cidades continue e que as pessoas deixem a porra da borboleta em paz; agora eu percebo, foda-se se você queria voar como um animal que você não é e não pode ser, põe o pé no chão e siga a sua vida sendo um ser humano.



Mudanças

Joana Plapler Ferreira

Minha avó chegou em casa de repente. Ela rapidamente entrou no meu quarto e me chamou pelo modo que ela mais gostava: Jojô. Me ajudou a me arrumar penteando os meus cabelos que iam até os ombros. Quando fiquei pronta, ela pegou minha mão e comentou como estava ansiosa para ver seu novo neto. Descemos para o térreo. Demos tchau para o porteiro e saímos pelo portão. Toda vez que íamos atravessar a rua, ela segurava a minha mão. Começou a chover. Corremos. Compramos um guarda-chuva. Entramos na estação. Muita gente à nossa volta. Ingressamos no metrô. Estava me divertindo. Saimos da estação. Andamos mais um pouco. Entramos na Pro Matre. Muita gente à nossa volta. Esperamos na sala de espera. O médico nos conduziu até um quarto. Encontrei minha mãe nele. Ela estava com uma cara de cansada. Pedro estava em seu colo. Meu irmão.

Ficamos mais alguns dias no hospital. Recebemos várias visitas. Todos diziam que meu irmão era lindo. Acabei gostando de comida de hospital. Fomos para nossa nova casa. Tínhamos nos mudado havia pouco tempo.

Era outro dia. Vários familiares na minha casa, reunidos em um cômodo só. Todas as atenções estavam em Pedro. Recitavam rezas. Ouvi meu irmão chorar. Queria ir até ele. Não consegui. Tinham muitas pessoas à minha frente. Mas vi que meu avô estava com ele. Fiquei mais tranquila. Meu avô estava emocionado. Perguntei para alguém o que estava acontecendo. Me responderam: o Brit Milá.

Meu avô veio se despedir. Ele ia para Santos a trabalho. Abraçou meus pais e a mim. Deu um beijo na testa de Pedro. Passou pela porta. Foi embora. Passa-

ram-se algumas horas. Meu irmão resmungava. Cantei uma canção de ninar. Ele parou de resmungar. Meus pais disseram que eu era uma irmã mais velha nata. Fiquei orgulhosa.

Eu estava com saudades de meu avô. Perguntei por ele para minha mãe. Ela resolveu ligar para ele. Ele não atendeu. Imaginamos que deveria estar ocupado. Veríamos-nos em alguns dias.

Minha mãe recebeu uma ligação do meu tio. Quanto mais eles falavam, mais ela parecia apreensiva. Ela desligou a ligação. Disse que meu avô estava internado. Não fiquei preocupada. Não entendia a gravidade da situação. Meu tio foi a Santos vê-lo. Queria ir junto. Meus pais não deixaram.

Nos dias seguintes, minha mãe ligava toda hora para meu avô. Ele sempre dizia que estava tudo bem. Mas isso nunca a tranquilizava.

Se passaram alguns dias. Estava dormindo. Acordei com minha mãe chorando intensamente. Fui até a sala. Lá estavam meus pais. Perguntei o que tinha acontecido. Me disseram para ir dormir. Obedeci.

No dia seguinte, acordei e fui para a escola. Quando eu voltei, minha mãe me chamou para conversar. Ela estava abatida. Seus olhos estavam lacrimejando. Falou que meu avô não iria voltar da viagem. Perguntei o porquê. Ela parecia ensaiar o que ia falar na cabeça. Por fim ela falou: ele se foi.

Demorei alguns segundos para entender o que aquela fala significava. Corri para o banheiro. Vi pelo o espelho as lágrimas escorrendo pelos meus olhos. Minha mãe foi atrás de mim. Me abraçou. Ela me esmagava. Não reclamei. Era reconfortante.

Tentávamos não chorar na frente de Pedro, mesmo que ele não entendesse o que significava. Cuidar dele não era mais tão divertido quanto antes. Meus pais não me elogiavam mais. Me sentia culpada por querer atenção.

Estava no carro. Íamos para o funeral. Todos estavam em silêncio. Durante o caminho, tentava me lembrar do rosto de meu avô. Chegamos. Vários carros entravam no cemitério junto com a gente. Um atrás do outro.

Nunca tinha visto tanta gente de preto. O lugar era bonito se você não pensasse muito onde estava. Várias pessoas reunidas em um cômodo só. Recitavam rezas. Ouvia pessoas chorando. Lembrei do Brit Milá do Pedro, tinha várias similaridades. Mas a situação era completamente diferente. Tinha algo faltando. Algo que mudava tudo. O meu avô.



Lembranças de alguém especial

Maria Clara Vasconcellos

Mia era uma garota de quatorze anos que vivia em um apartamento em um bairro nobre de São Paulo. A garota era muito ligada com seu avô, o Luiz Carlos, mais conhecido como Vasco, pai de sua mãe. Ela era a primeira neta dele, por isso ele possuía um carinho enorme por ela, sempre a chamava de a primogênita mais linda da família. Desde pequena, Mia tinha essa conexão especial com seu avô, ela podia contar qualquer coisa para ele e ele sempre dava um jeito de ajudar. Ouviam música juntos, dançavam, brincavam, comiam doce escondido, era tudo de bom. E todo ano a família viajava para o Chile nas férias de julho para esquiar. Eles sempre se divertiam muito e todos lá já conheciam a famosa família Vasconcellos.

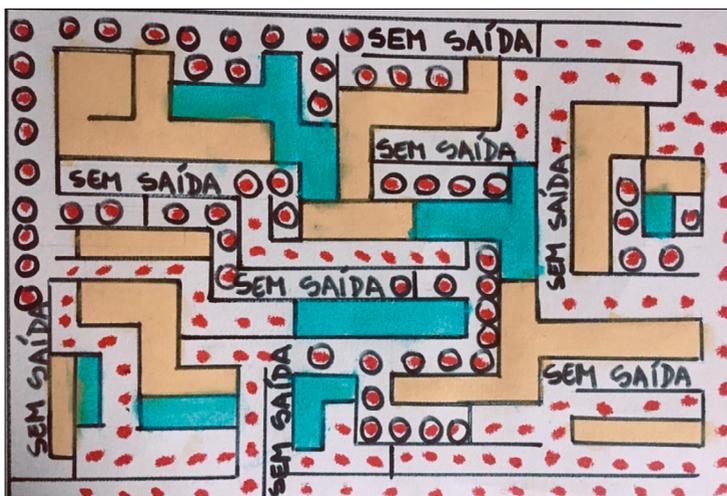
Em um certo ano, o avô de Mia começou a adoecer e ter problemas de respiração. Todos acharam melhor não fazer mais a viagem para o Chile aquele ano, mas Luiz Carlos continuou insistindo para que fizessem a viagem e dizia que já estava se sentindo bem para ir. Então seguiram com o plano da viagem. Todos estavam muito ansiosos, não viam a hora de chegar. Mia seu irmão e seu primos estavam inquietos e muito animados. Chegando lá, foram para um hotel muito bonito em Santiago, era bem alto, muito iluminado e quando subíamos no último andar, dava para ver quase a cidade toda. Ficaram em Santiago por uma semana, porém, um dia antes de irmos subir a montanha para esquiar, o avô de Mia começou a piorar de saúde.

Todos ficaram preocupados. Ele estava com muita dificuldade de respirar e tinha que ficar usando um aparelho. Ele estava bem fraco, mas isso não o impediu

de ficar junto de sua família. Depois do jantar, cada um foi para seu quarto descansar, pois no dia seguinte iriam ter uma viagem longa para subir a montanha. Porém, no meio da noite tiveram um contratempo. De madrugada, uma moça bateu na porta do quarto de Mia e avisou eles que seu avô tinha piorado muito, não sabiam se ele iria aguentar. A mãe de Mia foi correndo para o quarto ver e acompanhar seu pai. Mia e seu irmão mais novo ficaram sem reação, não estavam entendendo direito que estava acontecendo. Naquele momento começaram a ouvir barulhos de ambulância se aproximando e ficaram muito assustados.

O pai de Mia apareceu no quarto falou para ela que eles estavam indo para o hospital com todo mundo e ela teria que ficar tomando conta de seu irmão e suas primas pequenas até eles voltarem. Mia se despediu de seus pais e tentou descansar um pouco, mas não conseguiu. Depois de um tempo, suas primas acordaram e não estavam entendendo nada pois seus pais não estavam lá. Mia tentou acalmá-las e deu alguma coisa para elas comerem e ficaram vendo televisão. Ficaram sem notícias do avô o dia todo, até que no final da tarde seus pais retornaram e não pareciam muito bem. Pediram para que eles desligassem a televisão que precisavam conversar.

Todos ficaram com medo da notícia que iriam receber. Contaram o que tinha ocorrido e que o seu avô não aguentou e acabou falecendo. Mia ficou arrasada ao saber da notícia e não conseguia imaginar não poder mais abraçá-lo, ficar junto com ele, ela não sabia o que fazer. Ela tinha perdido o avô e também um grande amigo que iria fazer muita falta.



Sem saída

Theodora Astiz

Ganhei de presente da minha avó uma lembrança de uma de suas incríveis viagens. Quase nunca deixei de usar, não sei se pelo fato de que achava muito bonito e que combinava comigo ou porque de certa forma me trazia boa sorte, por mais que eu não seja uma daquelas pessoas que acreditam que objetos podem ajudar em situações complicadas. Não chegava a ser um amuleto ou algo do tipo, só sentia que ele me transmitia uma boa energia. Até que, em uma situação muito perigosa, a qual eu não via como resolver nem fazer algo para me salvar, o tal objeto foi uma luz no fim do túnel: não só me mostrou uma saída como também me impulsionou a sair de lá no exato instante em que tudo piorou.

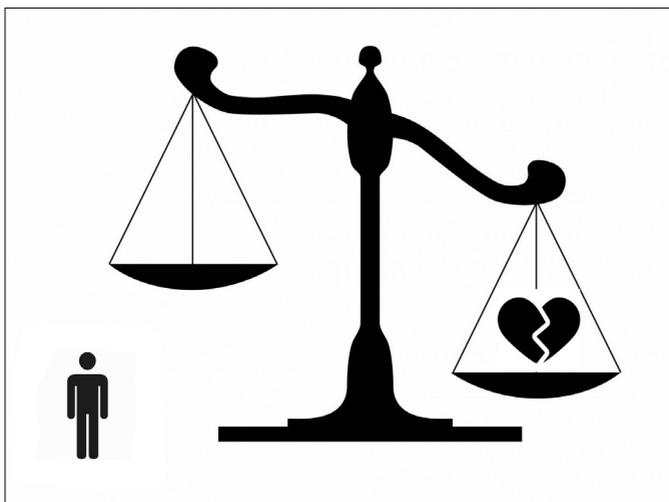
Tinha muita gente, milhares e milhares de pessoas com um único objetivo em comum: curtir o carnaval paulista. Pela primeira vez, a cidade pareceu ser pequena, e no meio da calorosa multidão, eu só conseguia pensar em como tudo teria sido diferente se eu não tivesse saído com aquele colar. Vire e mexe me encontrava pensando nele, não sei ao certo por que, mas sentia que seria nele em quem eu teria que confiar. E como resultado disso tudo, tive um pressentimento ruim.

Foi tudo muito rápido. Em questão de instantes, nos encontrávamos vulneráveis. A correria e o desespero tomaram conta de tudo e de todos. Não tinha como escapar. Os disparos pareciam estar cada vez mais estrondosos e mais próximos de onde estávamos, não sei se porque pareciam se misturar com os gritos da multidão, mas era a verdadeira definição de caos.

Corremos. Na medida do possível, já que mal havia espaço para esticar as pernas. Juntamente da multidão enlouquecida, nos vimos sem saída, totalmente encurralados.

Escutamos mais tiros, ficavam mais e mais frequentes. Estava certa de que naquele dia eu não voltaria para casa.

Parecia que, conforme andávamos, mais pessoas apareciam. Era de fato uma ratoeira e não havia nada que pudéssemos fazer. Eis que, sem intenção alguma, segurei o colar. Na mesma hora algo me puxou para trás. Não sei exatamente o que era, mas fez com que eu me distanciasse do meu grupo de amigos e em seguida caísse no chão. Foi então, mesmo afastada dos outros, que vi uma saída em meio aquilo tudo. Uma paralela à avenida que servia de passagem para ambulâncias e afins. Assim que consegui, gritei para meus amigos para que tentassem chegar até mim. Corremos como se não houvesse amanhã e enfim chegamos ao final do túnel que por instantes pareceu na confusão pareceu não existir.



Presença

Guilherme Campanhã de Barros Freire

Eu era apenas um menino de 15 anos, vivia com a minha família no interior de São Paulo. Lá havia muitos pastos, grama, também havia uma cidade bem pequena com alguns poucos comércios. Na minha família, havia eu, meu pai, minha mãe e minhas duas irmãs. Meu pai trabalhava nos pastos, ele era muito forte, eu me inspirava nele, ele conseguia colocar sempre comida na mesa. Mesmo parecendo muito infeliz, na maioria das vezes, ele era um bom homem. Nas raras vezes nas quais não tínhamos comida para todos, ele deixava de comer. Apesar de ser frágil e ficar doente facilmente, eu ainda adorava ir ver meu pai trabalhar, eu ficava o observando e o imitando, tentava meu melhor para aprender com ele; aonde quer que ele fosse, eu ia atrás dele.

Certo dia, quando chegou a hora do trabalho do meu pai, eu não conseguia achá-lo no seu quarto, na sala, na cozinha, em lugar nenhum. Então, eu decidi ir até o lugar no qual ele trabalhava. Quando cheguei lá, não o avistei. Após chegar em casa, deitei-me na cama sem entender o que estava acontecendo; então, quando acordei com fome, fui até a cozinha. Enquanto comia uma maçã, avistei uma silhueta no horizonte, eu tinha certeza de que era meu pai, mas já estava muito longe para eu poder alcançá-lo; então, eu apenas desisti. No dia seguinte, fiquei sentado olhando pela janela esperando-o passar, e lá estava ele novamente, muito longe. Após isso, eu caminhava todo dia para o lugar no qual eu o avistava passar e deixava um pouco de comida. Ele deve estar há um bom tempo sem comer, pensava eu.

Tudo havia mudado naquela casa, o clima era muito diferente. Ninguém falava com ninguém, estava muito difícil para todos; então, eu tentava meu melhor para acalmar a situação. Às vezes, eu me sentia muito cansado, então minha mãe, percebendo meus esforços, me levava para a cama e fazia um chá enquanto conversava comigo... Mas eu podia sentir, cada vez eu ficava pior, as dores de cabeças, o cansaço... Mesmo assim, eu ainda tentava meu melhor.

Apesar de tudo que estava acontecendo, eu ainda todo dia colocava comida para meu pai e o observava passando no pôr do sol. Algumas vezes eu até tentava sair de casa, mas quando o via, ele já estava muito longe, então eu acabava apenas desistindo. Cada vez mais eu tentava parecer com meu pai, eu queria estar no lugar dele, para conseguir fazer tudo voltar ao normal, mas eu não conseguia e era muito frustrante. Minha mãe estava sempre tentando me reconfortar, mas eu apenas a ignorava e pensava que não era bom o suficiente.

Todos os dias sem exceção eu olhava meu pai, correndo; eu estava decidido, eu deveria assumir seu lugar, então eu comecei a correr. Gritava para ele, mas não importava o que eu fizesse, ele não me ouvia, e eu não conseguia alcançá-lo. Então, cansado, eu voltava, mas não ia desistir tão facilmente.

No dia seguinte, eu tentei novamente e no seguinte também, mas não conseguia, até que chegou o dia no qual eu estava muito perto, podia ver o sol ficando cada vez mais próximo. Ele estava se pondo com sua cor alaranjada, eu podia ver a silhueta de meu pai ficando cada vez maior. Quando estava quase o alcançando, uma luz branca muito forte apareceu, eu podia senti-la me consumindo, e quando me dei conta, tudo havia acabado.

Lar doce lar

Beatriz Soares

Gipsy era uma tigresa muito levada. Nascida em uma família de tigres, foi abandonada logo no seu nascimento. Ela era toda alaranjada com manchas pretas na pele, algo convencional para um tigre. Tinha a mania de perseguir borboletas. Quando as pegava, apenas rasgava suas asas e ia embora. Era meio comum isso acontecer, já que na floresta não há regras a serem seguidas.

Gipsy foi encontrada por animais que não tinham nada a ver com a sua natureza, assim, não tendo seus hábitos. Ela uma felina frágil, os outros variavam desde aves até elefantes. Durante o seu crescimento, a tigrinha foi amadurecendo seus pensamentos e ações, nisso percebendo que pela sua natureza, esta deveria estar com outros tigres, e não com outras espécies de animais. Dessa forma, passou na sua cabeça mudar seu comportamento: começar a caçar para sobreviver, atacar animais pequenos para sua própria sobrevivência... Com a questão da sua família tê-la abandonado e aparentemente outros animais a terem adotado, ela quis sair de sua zona de conforto. Para isso, ela foi atrás de seus antepassados para conhecer sua família e ver se ela seria aceita por eles principalmente porque já estava adulta.

Gipsy precisava se portar como um grande felino. Para isso, precisava ter o exemplo de um. Era seu instinto natural reagir em grande ocasiões; por exemplo, quando outro animal ia atacar, seu extinto natural era de se defender. Trazendo um pouco para nossa realidade: quando estamos em uma discussão, nosso instinto é nos defender **argumentando**.

Como esse exemplo não lhe foi dado quando filhote, aprender a reagir a esse tipo de situação seria muito difícil, principalmente se fosse aprender sozinha. Isso porque aprender que animais de pequeno porte são mais fáceis de atacar para a alimentação. Para a tigresa, conseguir fazer isso sem ter tido o exemplo de sua mãe era praticamente impossível. A ideia de ir em busca de sua família era uma coisa que certamente havia pensado: encontrar a felina que lhe dera à luz certamente era a coisa mais importante a se fazer naquele momento. Onde ela se encontrava, havia animais que apenas comiam plantas: herbívoros; e ela fora acostumada a isso. Havia água à sua disposição e, principalmente, havia companhia de outros animais.

Sair desse ambiente seria uma mudança drástica na sua vida. Ir atrás de alguém que não tivesse sido visto por ela por muito tempo, que talvez não a reconhecesse e que talvez pudesse não querer se entrosar era muito difícil. E isso poderia ocorrer. Gipsy tinha que decidir seu futuro, se iria ou não sair de sua zona de conforto e enfrentar tudo mundo afora, ou se ela preferia ficar onde estava e tentar aprender sozinha.

A saída do felino foi uma grande "aventura", pois sem saber caçar, sem saber que rumo tomaria e sem saber quais seriam as consequências de enfrentar uma nova realidade do mundo, havia uma grande chance dela ser morta por um animal de grande porte que soubesse caçar; havia a possibilidade dela encontrar a sua mãe e ser rejeitada, ou então da própria mãe já estar morta. Várias coisas deveriam ocorrer durante o seu percurso. Intrigada com o que aconteceria, saiu de uma vez sem olhar para trás, sem pensar nas coisas que ela tinha, em todo o conforto que ela possuía.

Saiu em busca de sua família e passou por bastantes perrengues. Passou fome, pois não sabia caçar; passou sede, pois não sabia onde tinha água para beber. Passou frio pois não tinha uma caverna para se esquentar, se sentiu sozinha, pois não estava acompanhada. Todos os sofrimentos de uma vez só, pensava se a mãe realmente iria querer conhecê-la. Cada vez mais, o pensamento de rejeição aumentava; cada vez mais, os pensamentos tristes invadiam seu coração. E cada vez mais, a ideia de retornar para casa vinha sendo mais constante.

A tristeza foi tão grande que, de certa forma, a força e determinação acabaram de uma vez só, deixando-a sem rumo. Indecisa se voltava para sua casa ou ia em direção ao seu futuro. Dessa forma, não precisou nem pensar duas vezes para ver que tudo ocorre de uma certa forma e que se fosse para ficar passando o que ela estava passando para achar a felicidade, era melhor ficar do jeito que estava, pois o amor era garantido.



Companheira de quarto

Luiza Paeke

Todo dia que eu acordava, ela estava com ele, sempre ao seu lado. Não sabia muito como lidar com o tio Marcello, pois tinha medo dela. Não entendia o que ela queria e porque estava sempre lá. Nos almoços e jantares, ela colocava a mão em sua boca, deixando-o mudo e muitas vezes sem expressão.

Em um domingo qualquer, acordei morrendo de sede, então fui buscar um copo de água. Chegando à cozinha, Tio Marcello estava lá, e ao seu lado, estava ela. Fiquei assustada porque ela estava maior, mas daquela vez não saí correndo, sentei com ele e tentei conversar. Só que toda vez que ele falava, ela dava um beliscão em seu braço para ele parar de falar.

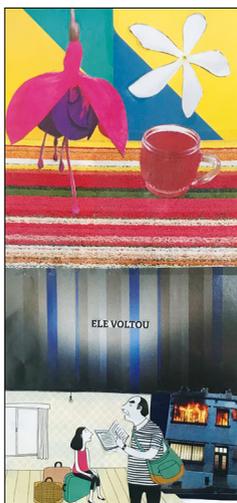
Admito que foram longos e difíceis 10 meses, ninguém sabia muito como se comportar ao lado dela. Ela o puxava cada vez para mais longe de nós, mas ela cada vez ficava mais perto. Já estávamos acostumados com sua presença, mas ela ainda incomodava, e com o passar do tempo, fui entendendo o porquê dela existir. Por mais acostumada que eu estivesse, sentia falta do meu tio Má.

Estava no quarto daquela casa de campo, quando levantei um pouco a cabeça olhando as camas na minha frente. Reparei que minha prima não estava em sua cama, mas sim minha amiga, Helena. Um sentimento de angústia subiu pela minha garganta e a única coisa em que eu pensava era se Ela havia conseguido. Lembrei de uma cena que aconteceu de madrugada: eu acordei com a movimentação no quarto tentando entender o que estava acontecendo, mas meu sono foi maior e voltei a dormir.

Logo reparei na minha amiga e nas amigas da minha prima me olhando, como se já soubessem de algo e só estivessem esperando meu peito explodir. A porta se abriu, vi a cabeça de minha mãe e percebi na hora, Ela realmente tinha conseguido.

A casa estava um silêncio, todos evitavam o contato dos olhos, tentavam segurar o choro para fingir que nada tinha acontecido, mas tinha acontecido. Era como se nós já esperássemos o momento em que Ela iria viver, mas ao mesmo tempo ninguém estava preparado.

Fazia dias que eu não sentia nada, mas sentia a presença dela ao meu lado. Tinha que ignorar para cuidar da minha prima. Segurava tudo que podia, a angústia estava presa novamente em minha garganta. Até que, finalmente, pude sentir a perda. Junto com isso ganhei uma companhia que ficaria ao meu lado por longos 8 meses (ou mais...).



O silêncio da dor

Flavia Vallejo

No auge dos meus 30 anos, jamais imaginei que me veria aqui. Nos primeiros dias, senti só que eu tava num buraquinho, não tão grande, dava pra sair com uns pulinhos. Mas depois, parece que eu fui me descuidando, deixando ele cavar esse buraco mais fundo. Aos poucos, fui vendo os móveis do apartamento saindo do meu campo de visão, e de repente, para enxergá-los ficou muito distante. Às vezes, ele cavava com uma colher, mas outras vezes, com uma escavadeira.

Quando ele não tava em casa, era o único momento em que eu sentia as coisas minimamente aliviadas. Parece que uma escada descia para mim, e eu conseguia finalmente subir à superfície de novo. Eu daria de tudo pra ter essa escada a todo tempo. O buraco era amedrontador, solitário e repressor. Mas nele achei um conforto estranho e uma conformidade com suas características.

Um conforto e uma conformidade que não deveriam existir. Sinto que tinha chegado no nível mais profundo, naquele em que eu acreditava nas coisas que ele dizia sobre mim, e fazia das cicatrizes quase que uma marca de nascença. Tavam sempre lá, nem me incomodavam mais. Eu era incapaz quando tentava fazer alguma coisa, nojenta quando usava shorts, burra quando esquecia algo e uma escrota por não querer fazer sexo. Era marcada na pele com socos e tapas em seus momentos mais raivosos. Mas tudo bem. Todo mundo fica estressado, né?

“Só faço isso porque te amo”, “Você tem que me ouvir ou não vai a lugar nenhum”. Pra mim, era cuidado e carinho, coisas de quem ama. Um arquiteto vindo de família completa e humilde foi com quem me casei e por quem eu me

apaixonei. No começo da nossa união, transbordávamos amor, tudo era um pelo outro, até que ele começou a me proteger. Demais. Dizia que eu não podia ir a alguns lugares, afinal não era um ambiente bom pra mim. "Ok, obrigada pela preocupação" era a minha constante resposta, afinal era um gesto de carinho. Um gesto de carinho? Esse carinho começou a sufocar até chegar ao ponto em que não era uma sufocação sentimental, mas sim física. Mas tudo bem, eu achava que eu merecia.

Eu vi o tempo passar, enquanto afundava na porcaria de um buraco no meio da minha sala. Minha própria casa, que eu sempre amara e com a qual me identificara tanto, virou o lugar mais hostil do mundo. Só voltava a ser bom quando ele tava fora. Me sinto com pensamentos perversos, não posso pensar nisso, eu tenho que amá-lo.

Eu tenho razão. Quando ele não tá, é o único momento em que eu tenho paz, em que eu presto, em que o buraco diminui, e em que aparece a escada. E então, ele volta. E eu caio com toda força do mundo num imenso buraco que só aumenta. De novo, toda vez.

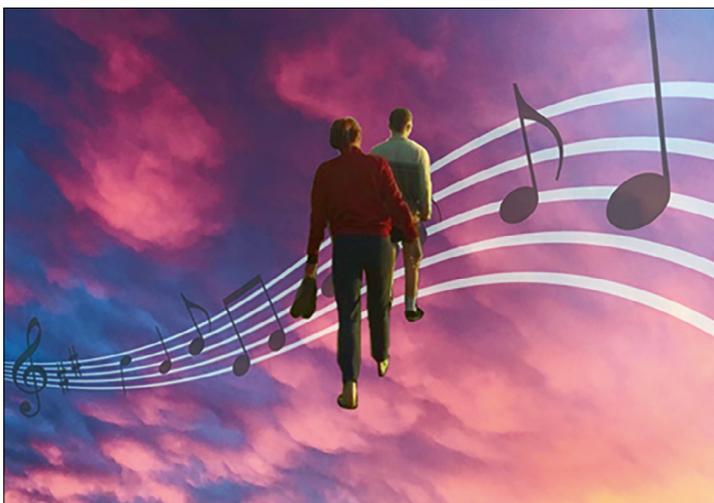
Pois bem, esses pensamentos que eu considerava perversos não me deixavam em paz. E não saíam da minha cabeça. Estavam ganhando forma. Minha mãe sempre me dizia que reprimir pensamentos só os fazia mais tentadores. Fui a prova viva, não conseguia mais resistir ao que vinha pensando há semanas. Mas como? Como que eu ia sair desse buraco tão fundo que já vinha sendo cavado há tempos? Quem iria me escutar, acreditar em mim? Nunca iria descobrir se não tentasse.

Destruir tudo e todas as coisas. Fogo. Asfixia e carne viva. A raiva que ele se meou e cultivou por tanto tempo em mim finalmente ganhava voz. Eu dei espaço pra ela, e ouvi o que ela tinha a dizer para mim. Precisava urgentemente me livrar dele e voltar ao nível do solo.

Logo após um dia intenso de trabalho, ele estava capotado, dormindo feito pedra. Meu plano estava impecável. Sem nem hesitar, me arrastei para fora da cama, peguei um galão de 4 litros de álcool 70 e espalhei pelo quarto. Despreocupada, joguei um fósforo. O ambiente ficou iluminado, e o calor começou a se aproximar dos meus pés. Essa foi a minha deixa. Com a maior naturalidade e calma chamei o primeiro táxi que vi, enquanto ele estava em seu décimo (e eterno) sono.

LI BER DA DE

Antes eu ouvia críticas. Hoje eu ouço música.



Sonhos alcançáveis

Nina Beraha

Se lhe apoiassem e admirassem o que você faz; isso sim é a felicidade. Estava ela, mais uma vez, se frustrando por não conseguir tocar as notas do piano no mais perfeito tom. Mariana com seus 25 anos, cabelos castanhos que iam até o fim de suas costas e seus delicados olhos azuis, tinha um sonho desde que era bem pequena; encontrar o amor de sua vida e se tornar uma pianista famosa. Um ano antes, estava passeando com seu cachorro por sua cidade natal, Salvador. Era o momento preferido de seus dias, adorava olhar para a profunda vista cheia de verde, com um cheiro exuberante e o magnífico céu, assim como a cor de seus olhos. Até que encontrou alguém para dividir esses momentos especiais; nesse mesmo dia conheceu Carlos, com um metro e oitenta e quatro de altura, gentil, bondoso e que compartilhava os mesmos gostos que ela por cachorros e por longas caminhadas pelas ruas da Bahia.

Carlos então virou seu companheiro de vida; cinco meses depois de se conhecerem, casaram-se em uma igreja na frente de sua casa, a mesma onde seus antepassados haviam trocado votos cerimoniais. As flores mais lindas da estação ocupavam todo o corredor, havia cortinas brancas e bordadas em todas as janelas, assim como seu vestido para esse grande dia. Foi tudo muito perfeito, Mariana não poderia estar mais feliz.

Um dos maiores sonhos de Mariana era encontrar o amor de sua vida, pois ela era órfã e se sentia só o tempo todo. Seus pais morreram num acidente de avião quando tinha 12 anos, e desde então, sentia vazio e solidão em seu peito; sempre

que pensava em seus familiares mais amados, vinha-lhe uma dor que apertava seu delicado coração.

Seis meses se passaram e tudo parecia um sonho. Carlos foi uma luz na vida de Mariana; a fazia rir em todas as situações, compartilhavam momentos especiais, trazia-lhe flores. Pelo menos até agora. Ela achou que encontrar o amor de sua vida era a solução, ou, pelo visto, Carlos não era o amor de sua vida; tudo num piscar de olhos começou a desmoronar, como um trem saindo dos trilhos, um castelo de areia desabando, a última gota de sangue... Tudo havia acabado.

No início, foi apenas o seu modo de falar. Eram palavras curtas, mas com ênfase nos xingamentos e na tonalidade alta. Ele passou a ser ignorante, a gritar com tom intenso, a proibi-la de ir a certos lugares, a dizer o que era certo e o que era errado. Ela se tornou apenas uma estrela no universo, e ele se tornou o próprio universo. Já não eram mais agressões verbais, naquele momento a situação já estava controversa. Agressões físicas se iniciaram, momentos em que ele achava que ela lhe estava desrespeitando. Um dia era um tapa, no outro um olho roxo. As coisas estavam saindo do controle.

Sentindo-se melancólica e deprimida, ela decidiu dar um fim naquilo. Apanhou suas malas mais espaçosas, colocou o necessário de roupas e suprimentos; comprou uma passagem de última hora para Vancouver, Canadá; escreveu uma carta se despedindo e dizendo que não tinha como tudo se solucionar e que aquilo era o melhor a se fazer para o bem dos dois; então pediu um táxi e foi direto para o aeroporto.

O avião já havia decolado, e foi o único momento em que Mariana parou e processou tudo que havia decidido nas últimas três horas de seu dia. Não ter familiares vivos facilitou na hora de tomar sua decisão, era fácil de deixar tudo e não olhar para trás, era fácil fugir e não sentir vontade de voltar. Nada mais poderia ser feito, ela estava mal, acabada, desmoronada. Tudo parecia um sonho, até a realidade bater à sua porta.

Chegou em Vancouver, tinha que determinar sua estadia da noite. Escolheu um hotel barato, mas aconchegante. Aquilo era uma das coisas de que mais gostava de lá, tudo era muito aconchegante e acolhedor. Já conhecia a cidade de duas visitas feitas outrora, uma com seus pais e outra quando fez 18 anos. Optou por se mudar para o estado do frio porque, por mais que viesse de uma cidade muito ensolarada, gostava da sensação de temperaturas baixas, bastante vento, usar casacos grossos e quentes. Essa cidade trazia boas lembranças de seus pais, o que era ótimo, assim não se sentia tão só.

Já eram sete da manhã do dia seguinte quando escolheu tomar café da manhã em um de seus lugares favoritos: Home Coffee. Um chalezinho todo construído de madeira e pisos de azulejos azuis vindos de Portugal. Tinha as melhores panquecas e chocolates quentes do mundo, se sentia acolhida naquele espaço. Viu nas portas que precisavam de um funcionário novo e logo se empolgou com a ideia. Entrou para conversar com o gerente, contou sobre sua mudança e que precisava de um novo

emprego; ele a contratou. O gerente era um homem com cabelos grisalhos e, apesar de ter 40 anos, tinha uma aparência um pouco mais velha. Rodrigo, com seu jeito simpático e solidário, se comoveu com a história de Mariana. Além de oferecer um emprego que ela tanto precisava e tanto desejava, ele ofereceu uma hospedagem em sua casa até ela encontrasse um lugar mais pessoal.

Logo então se apegou a Rodrigo; sabia que seria um grande amigo naquele momento difícil; ele era receptivo e protetor, assim como seu pai e isso a deixou muito alegre. Os dois passavam grande parte do tempo juntos, ele ensinou as várias receitas do Home Coffee que Mariana tanto amava, e ela ensinou algumas frases em português.

O carinho que Mariana tinha por piano não tinha se perdido no meio de toda essa confusão, ele ainda estava lá; ela não havia praticado desde a mudança. Até que descobre que tem um piano nos fundos do café. Com um sorriso que ia de orelha a orelha, tocava as notas de sua música preferida, *A Thousand Years*, de Christina Perri.

Depois de um ano, já tinha virado rotina e os clientes do café adoravam escutá-la tocando piano. Cada vez mais ficava emocionada com a quantidade de pessoas que queriam ouvi-la. Rodrigo contou uma grande novidade, a qual a deixou em estado de euforia: foi que um amigo seu chamado Alan, dono de um estúdio de gravação, a viu tocando piano na e fizera uma proposta de emprego. Tal proposta consistia em fechar um contrato de gravação com Mariana. Ela abraçou essa oportunidade da mesma maneira que pessoas se abraçam de tanta saudade. Ao longo dos anos, vem compondo músicas. Era o que mais gostava de fazer nas horas livres; anotava tudo em seu caderno de tons de amarelo e laranja, os mesmos tons do céu nos fins de tarde de outono.

Durante o ano que passou, ela vinha recebendo alguns e-mails de Carlos dizendo para voltar para casa, que ele tinha mudado e nada daquilo iria se repetir. Lendo palavra por palavra de seus textos, vários questionamentos vieram à tona em seus pensamentos: "será que ele realmente mudou? Será que depois de tudo o que aconteceu ele se arrependeu do que fez? Será que ele percebeu que eu saí ferida e a melhor solução foi o afastamento?". Ele foi a pessoa que mais a decepcionou. Sabia que, se voltasse para ele, o relacionamento abusivo retornaria. O melhor a se fazer era esquecer totalmente e seguir o novo capítulo de sua vida que estava prestes a começar.

Agora depois de 5 anos que fez um contrato de gravação, parou de ter notícias de seu ex-marido abusivo, Mariana está em seu melhor momento. Todos os obstáculos que enfrentou em sua vida contribuíram para seu sucesso; se eles não tivessem acontecido, ela não teria conhecido Rodrigo nem Alan, e o mais importante: não teria se tornado o que mais desejava, uma pianista famosa.

Percebeu que encontrar um amor não era a razão de sua felicidade, e sim conquistar seus sonhos e ter pessoa verdadeira e todos deveriam ir atrás dela.

Na saúde e na doença

Luana Kirschner Kotscho

Às 17h00, os sinos tocam, lá vem a noiva. Após 22 anos, Mel finalmente está com um par. Seus cabelos longos estão presos em um decorado penteado, seu vestido rendado se espalhava pelo chão na mesma direção da correntinha prata que acentua o azul profundo de seus olhos. Podia-se sentir a tensão dos envolvidos.

O homem ao seu lado a conduz pela mão até seu destino ao fim do altar. Os convidados, quietos como estátua, calculam cada passo da bela noiva, como fora ensaiado meticulosamente por todas as partes.

O vermelho a segue como flor, colorindo poeticamente seu noivado, em um desenho gritante que marca as fotografias. Ficarão lindas no jornal, é o que ela pensa com alívio. Um, dois, um, dois, o salto marca. Um. Dois. O noivo, mais arrumado que nunca, tem o sorriso mais brilhante do galpão. Mal pode esperar para assinar os documentos. O véu frio finalmente toca seus dedos, é hora. O acompanhante que lá pairava como sombra se afasta na mesma velocidade que os papéis chegam para serem assinados. Vermelho se espalha. Um. Dois.

O silêncio seria de matar se a respiração da noiva não fosse ensurdecidora. Seu olhar inquieto estava procurando por algo. O noivo a fitava enquanto o abdômen dela era cada vez mais pressionado, vermelho se espalha.

— “Você o aceita como seu noivo?”. Respiração, olhar, pressão, olhar, respiração, pressão. Luz.

Em um abrir de portas, o branco foi tomado por luzes azuis e vermelhas. Dois homens entraram no galpão e envolveram a mão do noivo em uma correntinha como a de sua noiva, cuja maquiagem escorria junto ao sangue de suas feridas.

Estava em todos os jornais: "Melissa, jovem de 22 anos, é encontrada pela polícia em um galpão na região oeste de São Paulo. Os policiais descrevem a cena como um casamento que, segundo a jovem, seria forçado. O sequestrador afirma: 'Algo tão bonito tinha de ser meu.' A jovem ainda se mostra abalada, dizendo que foi mantida em cárcere privado até que o dia chegasse, um total de 10 dias."

Dois lados

Juliana Junqueira

Duas pessoas de mundos diferentes, com ideais diferentes, jeitos diferentes e pensamentos diferentes, de algum jeito conseguiram ficar juntas por muito tempo. Porém, nada é eterno, e essa relação antes harmônica agora pode sofrer complicações. Quando as discussões são muito grandes, quando elas ficam frequentes e desnecessárias quer dizer que já deu, os dois então decidem que cada um irá seguir seu caminho. Porém, essa nova jornada fica muito mais complicada quando algo ainda faz com que elas tenham uma pequena relação, mesmo que ela seja mínima.

Imaginem uma corda de palha, e cada uma das duas pessoas segurando uma parte da corda, eles não têm contato nenhum entre si, porém a corda tem contato com ambas as partes.

A pessoa da direita puxa a corda.

“Você fica comigo nesse final de semana.”

A da esquerda não permite e puxa a corda.

“Tem um compromisso nosso nessa data, você não se lembra?” — ela retruca.

A outra puxa mais forte do que antes.

“Diga para ela que você irá comigo.”

A da esquerda puxa novamente.

“Não vai dar, já estava combinado, você não percebe o quanto ele é irresponsável?”

A corda antes frouxa já está totalmente ereta, agora sem espaço, presa.

A da direita puxa novamente.

“Você não percebe como ela me trata com desprezo?”

Mais um tranco do outro lado.

“Você sabe que tenho razão”.

A palha da corda começa a se desfazer. Então ela decide tentar se afrouxar, porque já está começando a se machucar.

Porém, a rivalidade, o sentimento de competitividade mais do que qualquer outro impede que isso ocorra e ambas as partes continuam puxando a corda com muita intensidade.

“Você vai comigo”.

A corda e puxada com força.

“Avisa para ela que ela não pode te dizer o que fazer, você vai comigo”.

Metade dos fios que a sustentava se foram.

“Ai, fala para ele que ele não pode simplesmente falar uma coisa do nada e fazer com que isso aconteça, eu me organizo, ele também precisa.”

A corda parte mais alguns fios.

“Que saco, ela é muito chata”.

Palha vai se partindo.

“Ele é irresponsável”.

Somente três fios restam para sustentar a corda.

“Você vem comigo”.

“Comigo”.

A corda com um estouro se rompe de vez.



Através de batentes

Dora Duprat Martini

Ai! Não precisa bater tão forte, Cristo! Seus pais não te ensinaram modos não? Doe, te desculpo dessa vez, mas na próxima não tem necessidade de me bater pra terminar sua cena dramática. Vixe, será que ela me escuta? Começou a chorar bem na hora, será que a magoei?

“Eu odeio vocês!”, ela gritou. Ufa, dessa vez a culpa não é minha, outro dia o pai dela me chutou e me xingou tanto que até me senti culpado, mas não é minha culpa! Eu não posso me mexer, ué.

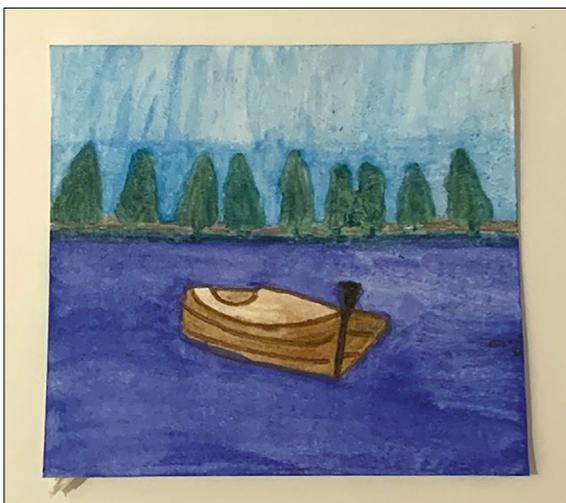
O choro dela se intensificou, por trás de mim ela se escondia embaixo das cobertas. Ela tá brava, sei reconhecer os choros dela, alguma coisa a irritou num nível que a magoou. Ai! Que mania chata é essa de bater em mim antes de entrar! Bate na parede, sei lá, mas não bate em mim não, coisa chata. Me abriram, não consegui escutar mais, mas a menina abraçou o pai dela aos prantos. Mais tarde, me fecharam e foram dormir.

No dia seguinte, ela acordou animada, me puxou tão forte que até bati minha maçaneta na parede. Correu para acordar os pais gritando e se deitando entre eles. Ela ria enquanto os pais a abraçavam, mas então ela lembrou de alguma coisa, seu sorriso sumiu, ela se levantou e foi para a sala. Sua irmã corria atrás dela pela sala, irritada que a menina tinha pego algo dela sem pedir; mas logo depois riram e esperaram os pais para tomar café. Eles eram uma família feliz, brigavam às vezes, discutiam, mas sempre acabavam se resolvendo. Na mesa, os rostos das meninas se fecharam ao som de algo que os pais disseram.

A pequena se levantou com raiva, veio em minha direção já com lágrimas em seus olhos, a dor exalava pela sua pele. Por favor, não bata em mim, por favor. Não bateu, correu direto para sua cama aos prantos, pegou seus bichinhos de pelúcia que não largava por nada, acho que eles se chamavam Sr. Leitão e Carneirinho, eram inseparáveis. Ela estava tão desolada, doeu em mim ver ela assim, até rangi.

Vi a casa viver como nunca viveu, não paravam quietos, indo de um lado para o outro. A menina parou de chorar tanto quanto chorava, aos poucos o rosto de sua irmã apenas perdeu expressões faciais. Aos poucos parei de prestar tanta atenção, não sei, as coisas estavam tão iguais que parecia que os dias nem passavam. Sinto que as meninas sentiam o mesmo, viviam sem nem pensar.

Nem me toquei e um dia caixas acumulavam em meus pés, nas paredes, e tudo estava empacotado, o apartamento estava quase vazio. Não entendi nada, pessoas desconhecidas entraram, foram pegando as caixas e saindo do apartamento. A menina passeava pelos cômodos dando uma longa observada, se despedindo. Como assim? Não! Você não pode largar tudo e me deixar aqui! E sua família? Seus amigos? Percebi então que a menina estava tão triste quanto eu, ela não tinha escolha. Parou no meu batente e deu para seu quarto sua última despedida, e assim se foi.



Efêmero feliz para sempre

Mariana Maués Franciscano

Eu procuro a parte que falta em mim.

E faço isso de maneira incessante e furiosa.

Buscar um cheiro que me faça cócegas na alma, o aroma mais afável em toda a minha existência miúda e delicada é minha missão diária.

Não é de hoje que me saboto ao inventar sabões em pó perfumados, mas se não fizer isso, como acharei meu grande e predestinado amor?

Espere aí... que cheiro mais... mais... delicioso!

Ah... só podia ser! É o cheiro do almoço da vizinha. Essa fumaça quentinha que tanto me agrada seria A Garota de Ipanema se fosse gente. Meu desejo era que eu pudesse ficar aqui na varanda durante a tarde inteira só pra aproveitar ao máximo esse aroma até que ele acabasse, quando Maria, Antônio e Julinho devorassem toda a comida que estava posta à mesa.

Pena que A Garota de Ipanema seria demais pra mim; muita areia pro meu caminhãozinho tão singelo.

Melhor seguir para o trabalho, porque hoje chove e mal posso esperar para me deparar com o cheiro de grama molhada quando a janela do carro for aberta, minimamente, só pra arejar.

É agora! Essa frestinha entre a janela e a porta é a razão da minha felicidade futura.

Quer dizer, nem tão futura assim, porque tudo já tá ficando mais claro! O carro tá cada vez mais perto do lado de fora!

Já posso sentir! Ah, como é gostoso o cheiro do verde úmido! Esse aroma não seria nada como A Garota de Ipanema, mas seria Frida. O cheiro das plantas molhadas é como a explosão de cores das flores de Frida, lindo de se apreciar.

Só é uma lástima que esse cheiro seja efêmero. Assim que a grama seca, o cheiro cessa e Frida perde suas cores. De qualquer modo, Frida seria demais pra mim, assim como a Garota mais famosa do Rio de Janeiro.

A minha sorte é que, pelo que parece, esse cheiro não acaba tão cedo, considerando o temporal que tá caindo lá fora...

Isso me lembra de uma coisa! Tomara que a luz do escritório tenha acabado! Porque aí, velas serão essenciais e vou poder ter o gostinho de sentir cheiro do fósforo queimando.

Não é que hoje é meu dia de sorte mesmo? A luz acabou na hora certa, deu tempo de usar o elevador, mas agora as velas devem estar sobre as mesas.

Regina já vem vindo da cozinha com a caixinha mais esperada nas mãos. Ela raspa a cabeça do pobre fósforo na lateral da caixa uma vez, duas, três, agora sim!

Já posso sentir o fogo queimando todo o corpo de madeira do pequeno fósforo. Sei que esse aroma tem uma duração minúscula perto dos outros pelos quais passei hoje, mas nem por isso deixo de aproveitá-lo. Se a chama ardendo tivesse nome seria Lúcifer, forte e intenso.

Pena que a intensidade do anjo caído é demais pra mim, assim como Frida e a Garota de Ipanema são.

Fim de expediente. O próximo destino é a padaria da esquina pelo mais óbvio motivo: café. O pedido é sempre o mesmo, descafeinado e com espuma.

O café chegou. Mas espera, dessa vez sinto algo novo... Um perfume tão delicado, assim como eu. Que cheiro maluco! Acho que isso é frio na barriga! Será que isso é o que eu procuro? De onde será que esse perfume doce, mas com um toque cítrico de laranja lima, vem?

Uma moça ruiva vem em minha direção e agora tenho certeza de onde o cheiro de laranja lima vem. Também tenho certeza de que esse perfume é a parte que falta em mim, porque o frio na barriga não acaba.

Dedicaria todos os sambinhas mais bonitos pra esse perfume, e é quase como se Gal tivesse dedicado Coisa Mais Linda pra ele. Uma pena que aquela sensação esquisita não passasse; pareciam borboletas dançando ao som de um frevo dentro de mim.

Atchim! Eu... Atchim! O que é isso? Atchim! Por que não passa? Atchim!

E como num passo de mágica, perco minhas certezas. Não sei mais se é amor ou rinite alérgica. Vai ver, as borboletas eram mariposas mutantes disfarçadas, assim como o perfume escondia outro cheiro que existia.

No fim, acho que a culpa é minha... afinal, sou eu que invento os sabões em pó perfumados. Agora me resta ir pra casa, aguardar o cheiro do jantar e torcer para que Maria, Antônio e Julinho não estejam tão famintos.

Palhaço

Rafael Sanches

— Tá bom, lembrei de uma boa que você pode anotar no seu caderno — disse o palhaço alegre do espelho.

— Ok pode falar — disse o homem que detesta seu emprego de palhaço no circo.

— O que um boné disse pro outro?

— Não sei.

— Ele disse: "você é bom, né?"

— Nossa, essa é péssima, se eu faço essa piada durante o show a plateia me xinga de coisas que nem foram inventadas ainda.

— Mas pelo amor de Deus, você precisa ter mais autoconfiança, senão você não vai conseguir fazer seu trabalho da maneira certa.

— Claro que eu consigo fazer meu trabalho da maneira certa, é só fazer piadas boas e não esse lixo que você acabou de me contar.

— Mas o seu papel é fazer as pessoas rirem, mesmo com suas piadas não sendo engraçadas. Por isso que se chama palhaço, você precisa ficar fazendo palhaçadas e idiotices pra fazer o público rir.

— Mas como que eu vou fazer o público rir se eu não estiver confortável durante a apresentação?

— É por isso que você pinta sua cara, é como se você estivesse colocando uma máscara por cima do seu rosto. Não é você que está lá, quem está lá é um personagem que você é pago pra fazer.

– Mas...

– Mas porra nenhuma! Vai fazer seu trabalho direito, as pessoas não ligam pra como você se sente, elas só se importam com as babaquices que você faz na frente delas. Ninguém se importa se você está fazendo algo que você goste ou não, é assim que o mundo funciona.

– Meu Deus....

– Por que a cara de espanto? Você sabe que se você morrer ninguém vai nem notar sua falta, eles só vão contratar uma pessoa nova pra fazer seu trabalho de uma maneira melhor.

– QUEM É VOCÊ PRA ME FALAR ESSE TIPO DE COISA?!

– EU SOU VOCÊ!

– NÃO AGUENTO MAIS!

Minutos se passam, o circo está cheio, a plateia está no aguardo do número do palhaço.

– É sua vez, palhaço – diz o responsável pelas apresentações do circo.

O responsável bate três vezes na porta do camarim do palhaço, e nada.

Vinte minutos de atraso na apresentação do palhaço e nenhum sinal de vida dele. O pessoal do circo se preocupa e abre a porta do camarim.

O espelho se encontra quebrado e o palhaço morto com um dos cacos de vidro em seu pescoço.



Holofote

Kim Lotito

Ele se sentia como um bobo da corte, que precisava enfrentar o desafio de aliviar todas as dores, infelicidade e o vazio do seu rei. Para ele, era apenas um sorriso que bastava para garantir a sua cabeça no lugar. O show vai começar, ele repassa todas as suas melhores piadas, arregaça as mangas roxas e laranjas, lustra seu sapato pontudo e respira fundo.

Achando que seria mais um dia comum de trabalho, o bobo da corte faz a clássica piada de pedir para o rei puxar seu dedo e ele soltar um pum. “Outra”, o rei fala com uma voz de entediado. Escutando essa palavra, o bobo parte para outra. A piada do não, nem eu, mal começa e o rei revira seus olhos: “outra”. Com o pouco de confiança que ainda restava, o bobo da corte se dirige ao rei e rouba seu nariz. Com uma cara de bravo, o rei fala lentamente: “outra”. O bobo olha em volta e vê o carrasco o observando e acariciando seu machado. O bobo tenta fingir que cai.

“Outra”. Olha de novo ao seu redor e vê todos rindo dos seus fracassos, menos o rei. Todos riem, de tal forma que parecem estar gostando de ver o bobo morrendo aos poucos. Desesperado com a sua situação, o bobo da corte planta bananeira, faz malabarismo com facas pegando fogo, dança loucamente, mas nada basta para fazer o seu rei sorrir. Cansado de toda aquela baboseira, a realeza olha para o carrasco e fala: “pode levá-lo”. Com todo seu orgulho e dignidade jogados no chão, o bobo da corte tenta seu último ato: lentamente, ele abaixa suas

calças e rasga sua camisa, ficando pelado na frente de toda a corte. Por que me submeto a esse tipo de coisa? Vale apenas fazer isso? — o bobo se questiona. É quando, em meio à multidão de nobres, vê o sorriso do seu rei. É neste momento que todos os seus questionamentos têm resposta.

Perdido no pensamento

Enzo Crespo

Hamdam. Humano como qualquer outro, gostava de jogar futebas e de sair com seus poucos amigos, ocorrência muito rara devido à separação dos mesmos por conta da finalização de seus períodos de felicidade, período em que podiam ficar fora de casa sem a necessidade de voltar, apenas pensando e questionando sobre a vida. Morava na cidade fantasiosa e imaginava onde poderia esconder da realidade chamada de Rio de Janeiro. Nunca teve nenhuma namorada ou muito contato com mulheres, ele até as evitava o máximo que conseguia, feito relativamente fácil devido a certas peculiaridades. Também não possuía nenhuma ideia sobre seu rumo no futuro, já que certa peculiaridade o impedia.

Nunca foi capaz de ter uma vida normal, ou ao menos se portar como alguém normal: ele era peculiar, todos o olhavam mas o ignoravam e ele nem percebia, não se importava, na verdade parecia que ele nunca se importava ou já se importara com algo em sua vida. Hamdam era peculiar de sua própria maneira.

Hamdam sabia que a sua vida tinha sido desperdiçada, ele próprio tinha clara consciência desse fato, que com certeza ocorreu devido à sua maldita peculiaridade. Peculiaridade simples, porém devastadora: pensar demais. Hamdam pensava demais, um absurdo para uma pessoa só. Morava no mundo da lua, não pensava sobre estudar sua família, futuro, passado, amigos ou amores futuros, apenas questionava tudo e fantasiava sobretudo, observava uma pessoa em seu carro e tentava imaginar com o máximo de detalhes possível sobre como seria a

vida dessa pessoa: o que fazia, como vivia, com quem morava e acabava criando histórias complexas que facilmente dariam diversos livros.

Hamdam geralmente não vivia a sua própria vida, ele vivia uma vida imaginária que não era a sua. Nunca se observava ou pensava sobre si mesmo exceto em ocasiões especiais, a sua falta de consciência e percepção própria chegava a ser tão grande que ele geralmente era quase atropelado por carros, pessoas e bicicletas. Uma vez ele quase cortou seu dedo ao cozinhar para sua família, sorte dele que seu avô estava lá. Por conta desses diversos eventos, ele foi apelidado com o nome de “cabeça de nuvem”, até mesmo sua família o chamava assim, e obviamente ele nem se importava, pois não sabia que tinha um apelido.

Até que um certo dia acordou como todos os outros e foi se arrumar. Porém, quando se olhou no espelho e não se reconheceu, ficou louco. Não conseguia entender o que estava acontecendo: tudo estava parecendo ser uma imaginação como a de um sonho sem um protagonista. Olhou para seus familiares como se observasse desconhecidos, faziam rostos extremamente desconfortáveis e apavorados, pareciam imagens abstratas daqueles que antes eram seus pais. Assustado com o pesadelo, saiu correndo de sua casa em direção à praia. No caminho quase foi atropelado por um carro e quase caiu em um buraco, mas conseguiu ver os perigos à distância. Correu o máximo que suas pernas permitiam e se jogou no mar e apagou.

Depois de algum tempo ele acorda no meio do mar. Ainda dava para ver o continente, porém, colocar os pés no fundo era totalmente impossível, pois embaixo dele existia apenas escuridão, um mar tão escuro que ele duvidava se aquilo era realmente apenas água. Enquanto observava o Void do oceano surgiu uma enguia, a qual ele sempre via enquanto imaginava o fundo do mar. Seu nome era Gulper.

— Hamdam, você precisa sair do seu mundo imaginoso de uma vez ou irá enfrentar o que merece.

Depois de soltar poucas palavras, Gulper desapareceu. Hamdam pensou profundamente sobre tais palavras (que na realidade eram suas próprias) e desmaiou novamente. Depois de algumas horas, ele acordou na praia por conta de uma imensa sorte, e decidido a mudar, voltou correndo para a sua casa ignorando tudo em seu caminho. Enquanto atravessava, a rua percebeu que não lembrava onde morava e entrou em um estado de choque. Então, começou a correr; porém, um carro passou muito rápido na rua e parou antes de Hamdam, permitindo a sua travessia. Mas Hamdam acabou caindo no buraco mais óbvio que existe e desapareceu da rua. Um homem imaginário com uma vida imaginária acabou morrendo de maneira imaginária, ainda não sabendo quem era, pois tudo sobre ele era imaginário, tudo que agora está nas nuvens.



O voo para amanhã

João Pedro Santi Hohagen

Você já teve a sensação que iria morrer? Era julho de 1997, saí de casa me despedindo da minha esposa e duas filhas, que estavam preocupadas. Eu, Kevin, com um cargo de vice-presidente, aos 36 anos, já tinha viajado de avião algumas vezes.

Voo JJ8945, avião antigo da TAM, um FOKKER 100, me lembro até hoje. Naquela época voo para lá era muito raro devido às condições climáticas, não foi diferente daquela vez.

Eu estava em direção ao aeroporto internacional de Buenos Aires, viagem noturna, eram 22:00 e eu estava em um táxi a caminho, o voo era à 1:00. Chegando ao aeroporto, eu era um dos únicos na fila do check-in. Também, naquela época, nem todo mundo tinha condições de viajar de avião para outro país, o voo já estava atrasado, com notificações sobre o clima da região, uma grande nevasca se aproximava.

Check-in feito, raio-x passado, estava esperando o voo na frente do portão. Espero uma, duas, três horas e nada de embarcar, logo uma aeroportuária anuncia:

— Passageiros da TAM, o seu voo JJ8945 está atrasado devido a nevasca no local de destino.

Nunca gostei de aeroporto, muito menos de avião, estava desesperado, e se o avião caísse, se desse pane no motor, falha elétrica, todas as más possibilidades passavam pela minha cabeça? Sou um homem casado, dois filhos, eu, Kevin, tinha muito a perder.

Bom, já eram 5:00 e o voo começou a embarcar, 15F era meu assento, adivinhem onde? Saída de emergência, seria um sinal? Vai cair? O piloto deu início ao procedimento de decolagem:

— Senhoras e senhores, bom dia, estamos iniciando a decolagem, o nosso voo é de 3:00 horas, o clima no local se encontra em -10° e uma leve neve.

O medo tomou conta do meu corpo, senti os pelos do meu pé até os do topo da minha cabeça arrepiados.

Uma hora de voo e não nos aproximávamos ainda do local, pensei em dormir, dito e feito, peguei no sono.

— Senhoras e senhores já estamos sobrevoando o local.

— O sinal de turbulência foi acesso, por favor afivelem o sinto de segurança.

— Completou a aeromoça.

Ainda sonolento, consegui sentir o avião se movimentando bruscamente. Foi quando ele despencou uns 500 metros que acordei em um pulo. Desesperado, olhei pela janela e estava nevando muito.

Comecei a escutar as crianças chorando, os adultos rezando e eu pensando no pior que poderia acontecer. O avião não parava de se mexer, ia caindo e subindo, despencava para um lado, voltava, despencava para o outro.

Além disso, um barulho, um chiado, um rangido, soava pelo avião. Comecei a perceber que o avião estava perdendo atitude e de repente todas as luzes apagaram e máscaras de oxigênio caíram, todo mundo entrou em pânico.

Em meio a tudo isso, um clarão repentino acontece, me lembro de ter desmaiado, imagino que o avião inteiro também.

Recuperando minha consciência, percebi que já estava de noite, muito estranho devido a termos saído às 5 da manhã em um voo de 3 horas.

Finalmente aterrissamos, logo ao descer já percebi que as coisas não estavam normais, todos os aviões eram diferentes do que víamos antes, pareciam mais "avançados".

Conseguimos sair do avião, apesar da dificuldade de achar algum portão para desembarcar. Fui avisar minha esposa e notei que meu celular não estava funcionando, o relógio ficava girando sem parar.

Saindo do banheiro, fui pegar minha mala e não havia nenhuma esteira descarregando nosso voo, mas notei uma aglomeração de passageiros do mesmo voo que o meu bem estressados no balcão da companhia aérea. Não tive dúvida e fui junto.

Todos gritando, alguns chorando, nada resolvido. Me envolvi e ao perguntar sobre nosso voo, disseram que era para ter aterrissado 5 anos atrás.

Ninguém gostando daquela piada, como assim aterrissamos 5 anos atrasados? Somos encaminhados para uma sala de interrogatório, ninguém vê motivo, todos ainda preocupados e chocados. Fomos separados cada um daria seu depoimento individualmente. O interrogador se senta em minha frente e diz:

— O Voo J18945, que vocês estavam, decolou às 5:45 do dia 14 de julho de 1997, e saiu do radar às 7:00. Agora, hoje dia 27 de julho de 2002 às 23:30 vocês aterrissam.

Nessa hora eu, e imagino que todos os passageiros que estavam sendo interrogados comigo, entrei em choque, como isso era possível? E minhas filhas, minha esposa, meu trabalho? O interrogador continua:

— Vocês foram dados como desaparecidos em agosto de 1997, e mortos em janeiro de 1999.

Eu não estava conseguindo digerir essas informações e pedi para sair ao banheiro.

A caminho do banheiro, vi todos passageiros do voo que estava chorando, ligando para suas famílias, amigos, empregos, implorando para que acreditassem que eles estavam de volta.

Sem dúvida, na hora pensei em fazer o mesmo. Peguei o meu telefone para ligar para Marina, minha mulher; e ninguém atendia. Pensei que, devido ao horário, ela poderia estar dormindo. Decidi então ligar para Diogo, meu melhor amigo e parceiro de trabalho. Ele atendeu:

— Cara não é possível, como isso aconteceu?

— Eu não sei, ninguém sabe. E minha mulher, minhas filhas como estão?

Um silêncio prevalece na ligação:

— ... Então cara, não sei como te falar isso, mas a Marina não suportou sua perda, ela se suicidou.

Voltei para a sala de interrogatório. O interrogador satisfeito, me liberou.

Pedi imediatamente uma passagem de volta para minha casa. Pelo menos isso deu certo. Voltando para casa, exausto, dormi o voo inteiro.

De lá, tive que recomeçar minha vida do zero com minhas duas filhas. Até hoje, não consigo explicar o que aconteceu.



Madeira

Lúisa Galvão Bueno

- Madeira!!!
- Lá se foi a Medis! Uma amiga especial e companheira, nós vamos sentir falta dela.
- O que será que ela vai virar? Papel ou madeira?
- E eu vou saber? Só sei que se eu tivesse perna, eu sairia correndo agora!
- Mas que exagero, Stablo!
- Exagero?? Você sabe o que esse invasores são capazes??
- Eu nunca entendi direito, o que eles são? ETs?
- Eles? Haha são a causa que nossa famílias estão sendo assassinadas! Eles não são ETs, eles são ASSASSINOS!
- Mas o que a gente fez para eles?
- Árbre, querido! Nós não fizemos nada!
- Ué, não tô entendendo nada!
- Olha... eu só sei que a gente tem valor! Porque eles fazem trocas com os nosso pedaços!
- Vixe, Maria! Tô nem aí para trocas! Não quero morrer não!...
- Penal!
- Relaxa, eu vou matar esses ETs antes deles me matarem.
- Você tá louco, moleque? Como você pretende matar esses “ETs” ?
- Ainda não sei..., mas quando descobrir eu te conto!

– Eu não deveria ter tocado nesse assunto com você! Você tem zero maturidade!

– Você vai ver...

– (...)

– MADEIRA!!

– MADEIRA!!

– MADEIRA!!

– Stablo, você tá vendo aquela fumaça ali?

– Fumaça?

– Sim! FUMAÇA!!!

– Não tô vendo nada, mas tá ficando quente aqui!!

– O que será que tá acontecendo???

– Não sei, mas tô ficando sem ar!!!

– Calma, Stablo!! Tá tudo bem, só respira com calma!

– Não é sério eu tô ficando sem ar!!

– Stablo, você está bem??

– ...

– Stablo??, Stablo???

– MADEIRA!!

– NÃOOOOO!!

– MADEIRA!!

– Tudo bem, relaxa! Pelo menos eu vou encontrar a Stablo lá em cima! Eu tô preparado! Tá bom, pode me matar!!

– ...

– Onde vocês tão indo?? Não querem me matar não?

– HAHHAHAHAH

– Quem tá rindo??

– ...

– UÉ, TÊM ALGUÉM Á??

– Relaxa, Arbre!! Sou um amigo!!

– Estranho, mas tá bom! Qual seu nome?

– ... Ouvi que você queria se vingar desses seres...

– Ehh, mas não tenho ideia como!

– Você tá aberto para uma parceria?

– Humm, pode ser, né! Não tenho mais ninguém mesmo!

– Ótimo!! Então, o plano é assim: você fica aqui de boa e eu vou cuidar desse seres aí! Ok?

– Calma aí, não entendi! O que eu faço?

– Só relaxa aí e dá um tempo, já já você vai ter uma nova família!!!

– OK, então!

– (...)

– Psiu! Psiu! Arbre!! Onde estão os ETs?? Já passou do horário que eles normalmente chegam!!

– Não sei!!! Talvez eles estejam atrasados... Não sei!

– (...)

– Arbreee! Será que eles desistiram da gente?!?

– Não sei! Talvez! Espero!

– (...)

– Oi, amiguinho meu nome é Arbre! Bem-vindo à sua família!! Qual seu nome?

– “Nome”?

– Quer saber? Vou te chamar de Stablo, tudo bem?

– Tudo...

– E aí, Arbre! Tudo bem?

– E aí? Nossa, quanto tempo! O que aconteceu com os seres? Faz tempo que eu não os vejo!

– Eu não prometi que você ia ter uma família nova?

– Sim! E eu agradeço por isso, mas o que você fez?

– Não interessa... mas espero que eles reflitam um pouco depois disso.

– Disso o quê?

– Vamos dizer que eles receberam um pouco do seu próprio remédio!

– Uhhh não entendi! Mas quer saber, nem quero entender!

– HAHAHA tá bom, mas agora preciso me despedir. Mas espero que você e sua família fiquem bem!!

– Obrigada... Mas calma aí, qual é seu nome?

– Ehh Huaketo!

– Ahh... então tchau, Huaketo, obrigada!

– (...)

– (...)

– MADEIRA!!!

Glossário:

– Huaketo – vírus em Maori

– Stablo, Arbre e Medis – árvore em diferentes línguas



A anemocoria

Emília Pacheco

Taraxacum Officinale. Do Árabe tarakhshagog, ervas amargas. Apresenta uma aparência leve, de coloração branca. É encontrada em regiões temperadas e cresce em relvados. Frequentemente considerada uma erva daninha, tem, normalmente, um ciclo de vida longo e sua dispersão é feita pelo vento. Herbácea e perene, pertencente ao reino vegetal, necessita de sol pleno e umidade, e como todo e qualquer um de seus semelhantes seres vivos, expressa, em seu íntimo, um desejo único. Este já foi uma vez previamente expresso por um outro de seus semelhantes quando disse, "eu queria sair de tudo o que eu era para entrar em um destino melhor".

Vigésimo dia de seu quinto ano.

O sol volta a secar suas folhas, como nunca deixou de fazer.

O solo volta a molhar-se como nunca deixou de acontecer.

Tudo segue girando em seu entorno, como nunca antes parou de girar.

Vigésimo dia de seu sexto ano.

Como uma passagem súbita, a mata se fecha à sua volta.

A chuva não molha mais seu solo.

E o sol não alcança mais sua palidez.

Vigésimo primeiro dia de seu sexto ano.

Aos poucos se curva, cedendo ao peso daqueles que a impediam de crescer.

Sair de tudo que uma vez já fora era ainda, porém, uma necessidade tñeu e desconhecida pelo seu próprio espírito.

Vigésimo segundo dia de seu sexto ano.

O encargo de permanecer a esgotava aos poucos. Sair era agora o anseio de sua alma, e a necessidade de sua compleição. Mas era também seu maior revés. Como se pela mão daquele que tudo criou, os desejos mais puros fossem dádivas daqueles que nunca os alcançariam.

A brisa então a alcançou. Suas folhas balançavam ao som sutil da mudança, e seu desejo se avolumava em seu interior. Mas a mata continuava a fechar, a chuva ainda não molhava seu solo e sol ainda não alcançava sua frente.

De súbito, sem saber de onde veio, o vento arrancou-lhe as raízes. Trazia consigo o calor do sol e a umidade da chuva. Era a mudança trazendo finalmente a graça de sua presença. Esmagadora, revoltosa, discrepante do que se pensava. Carregando-a para longe, destruindo seu feito.

Agora, dançava ao vento apenas sua alma, sua origem, de pálida leveza, tentando acompanhar a ritmada turbulência que destruíra seu ser. Os ventos se calam e com um forte impacto ela volta ao chão.

Sua forma não era mais a mesma. Deixou para trás seu caule e suas raízes. Pensava ter sido destruída, mas sobraram em si suas sementes, e elas a permitiam germinar novamente.

Era a anemocoria.

E a beleza esmagadora de um novo ciclo.

Vende-se

André Soares

O surto do Coronavírus ao redor do planeta fez com que todo mundo tivesse que trocar de estilo de vida. No Brasil, pessoas passavam fome, empresas fechavam suas portas a cada dia e a postergação do isolamento por parte de muitos fez com que a situação somente se agravasse. Por São Paulo, o caos foi estabelecido. A família Marques estava totalmente quebrada e decidiu fazer uma placa de "Vende-se" em frente à sua casa. O bairro inteiro estranhou, pois todo mundo achava que a família era muito rica.

Ainda bem que eu fui privilegiado de morar em uma casa com tantos móveis, tudo o que eu queria na vida era vender tudo que tinha no jardim. Do maior sofá até o abajur. Afinal, esse era meu objetivo. Toda vez que qualquer pessoa passava na minha frente eu me alegrava demasiadamente, só não pulava porque não conseguia.

Uma das coisas que eu adoro fazer é observar as pessoas que passam em frente à casa. Com isso, fui percebendo que sempre um jovem passava todos os dias e observava alguns dos itens deixados no jardim dos Marques e depois ia embora.

A aparência do rapaz é muito distinguível, olhos castanho-claros e barba por fazer, cabelos pretos e média altura. Uma vez ele olhou para mim, eu olhei para ele e ambos não falamos nada. Ele continuou andando, mas não para a saída. Naquela hora, eu entendi: finalmente ele ia executar uma ação. Foi à

frente da casa e tocou a campainha, conversou um pouco com o Sr. Marques, observou os móveis e levou uma poltrona de couro preto, quase sem uso. Depois disso, nunca mais o vi.

Uma coisa que eu odeio quando acontece é quando chove. Todos os móveis da família precisam ser colocados na garagem e, conseqüentemente, o movimento no dia seguinte é muito menor. E outra, eu sou colocado para dentro, para “não estragar”, como diz a Sra. Marques. Aí, no dia seguinte, como eles acordam tarde, eu demoro muito para poder ser recolocado no jardim novamente, ou seja, não posso observar as pessoas que passam.

Mais pessoas começaram a passar na frente do quintal e eu as observava. Eles faziam sempre o mesmo: passavam por mim, me encaravam por um tempo, alguns iam embora, outros olhavam atentamente os detalhes dos móveis e até chegavam a falar com o Sr. Marques para comprar os mesmos. É muito bom quando uma grande quantidade de pessoas começa a aglomerar, pois isto significava mais diversidade e mais diversão.

Por algum motivo, o movimento era cada vez maior. Estava tão alto que a grama que estava à minha volta tinha acabado virando terra. Houve um dia em que chegamos a 5 móveis vendidos, e eu só não pulava do chão porque estava fincado. Isso era a coisa que mais me deixava feliz: ver mais e mais pessoas passarem por mim. Também ficava feliz pela família Marques, pois cada vez que os via, estavam, mesmo que pouco, mais felizes.

Com o passar do tempo, a lojinha da família foi começando a ficar cada vez com menos móveis em seu jardim e eu comecei a pensar qual seria o meu propósito dali para frente. Sem os móveis, menos pessoas iriam passar pelo quintal, e isto significava que meu momento de observação das pessoas iria acabar, mesmo sendo aquilo o que mais me deixava mais feliz.

No dia seguinte, eu fui movido para mais perto da rua, na calçada. Ao meu lado, tem uma lata grande de metal. O Sr. Marques colocou uma fita adesiva vermelha em mim, mas eu não consigo ler que está nela. Depois de um tempo, uns homens com macacões verdes passaram com um caminhão bem grande. Eles pegaram a lata ao meu lado, jogaram tudo para dentro e começaram a correr em direção à outra casa. Contudo, um dos homens olhou para mim, e pude perceber as características dele. Ele usava uma máscara azul, o cheiro dele era horrível e cabelo preto estava todo bagunçado. Correndo, ele me agarrou. Essa foi a última pessoa que eu pude observar.



O velho baú

João Pedro Mattos

Lembro até hoje do dia em que cheguei à sua casa, há uns 15 anos. Estava lá jogada em uma loja de móveis antigos no centro. De repente, vi um homem de terno vindo em minha direção com um brilho único nos olhos. Entrou já perguntando meu preço e perguntou se teria alguém para ajudar a levá-lo para o carro, porque ele queria levar ainda naquele dia para o seu filho que havia nascido.

Duas horas depois, lá estava eu, na sala, naquele conhecido canto de baixo da escada, e foi nesse momento que vi a sua expressão ao ver todos os seus tão amados brinquedos. Foi pegando seus preferidos e começou a brincar no tapete; foi quando percebi que nossa relação seria longa e cheia de momentos únicos.

Você brincava sozinho no quarto, depois de espalhar todos os brinquedos pelo tapete. Divertia-se com cada carrinho e boneco que encontrava, e logo abandonava um para divertir-se com os outros. Quando percebeu que já havia usado todos os brinquedos, foi correndo até o baú para retirar mais alguns.

Levantou a tampa e olhou lá dentro. No fundo, restava apenas um pião. Cadê meu Max Steel?, ele pensou. Não estava em lugar nenhum o incrível boneco que mexia os braços e falava. Foi correndo chamar seu pai, que estava no escritório ao lado. Mas você só tem um ano e meio, e não aprendeu a falar nada mais do que "papá" e "mamã".

— O que você quer, meu amor? O papai está trabalhando. Mais tarde brincamos com seus Hotwheels.

Você viu o pai sair e permaneceu sentado no tapete, entre os brinquedos. Mas ele queria o trem. Levantou-se e voltou ao baú, correndo com suas meias emborrachadas, e mais uma vez ficou na ponta dos pés para olhar lá no fundo. “Ópa, mas que coisa mais estranha!”. Teve que chamar o pai mais uma vez para mostrar aquilo.

— Papá!

Seu pai parou o que estava fazendo.

— Fi, já disse para esperar mais um pouco. Eu logo acabo e já vou brincar com você.

Chateado, voltou ao baú e ficou olhando os entrelaçados das laterais. Seu pai continuava concentrado na tela do computador e você sabia que não adiantava tentar tirá-lo de lá, então você se deitou na cama dele e dormiu.

De repente, você foi acordado pelo seu pai que te pegou no colo e disse:

— Filho, eu te amo muito, tem uns homens atrás do papai, mas vai dar tudo certo, fica no baú, não importa o que aconteça, não saia daí.

Então ele te deu um beijo na testa e te colocou dentro do baú. Muito confuso com o que estava acontecendo, resolveu começar a “cavar” nos brinquedos para poder ficar no fundo do baú onde era mais confortável. De repente ouviu um barulho de carro parando na porta e pessoas começando a gritar. Escutou seu pai também gritando, depois escutou o som de vidro quebrando; você conseguiu escutar seu pai falando:

— Não faz isso, meu filho está em casa ele vai ouvir, por favor, Ana!

Começou a escutar o barulho de alguém subindo as escadas, enquanto tocava música lá na sala, escutou a porta abrindo e seu pai entrando com essa tal de Ana, ela começou a falar com ele sobre algo, você ficou curioso e começou a espiar pelas frestas: lá estava ela, sentada na cama com o papai.

— Já faz muito tempo, hein, Jorge? Dessa vez, você não vai escapar de mim.

Então ela subiu em cima dele e começou a gritar, mas seu pai conseguiu virá-la e começou a atacá-la. E então depois de muitos gritos e violência eles pararam, você resolveu sair do baú para ver o que tinha acontecido, foi aí que tudo ficou claro, Ana te olhou e disse.

— Não acredito Jorge! É ele? Por que não me contou antes de começarmos?

Então seu pai, agradecido, respondeu:

— Ana, quer ser a mãe do meu filho?

Ela, emocionada, veio até o baú e te pegou no colo e começou a te ninar. Foi aí que percebi que nossa família estava completa novamente.



Quase um universo paralelo

Carolina Nigro

5:00 no relógio. Hora de sair para comer. Era o caos: barata pra cá, barata pra lá, todo mundo no tumulto. No universo das baratas, só existem duas preocupações: sobreviver no esgoto e saber que não há de faltar comida.

CROCTA, CUIDADO! JATO DE ESCREMENTO ATRÁS DE VOCÊ!

— Aqui é assim. Se distrai por 5 segundos e já corre risco de vida.

Sobreviver no esgoto não é fácil não, viu! Seja bem-vinda!

Eu, uma barata com 4 anos na conta, ainda não me acostumei com o estilo de vida que esse povo acha tão normal. A alegria do meu dia é poder sair para comer. Ver gente, cores, alegria, movimento. Tudo o que eu mais amo. Minha única felicidade.

As ruas da cidade têm luz natural, parques, praças. As pessoas se beijam, se abraçam, se cumprimentam. Eu só queria ser um humano. Quer comida? É só ir ao mercado comprar. Simples e rápido. A vida de um humano, por mais cinza que seja, é sempre mais colorida do que a de uma barata. Alguns deles até viajam, comem fora, dão rolê de bike. Uma maravilha.

Veç ou outra aparece um perrengue aqui, outro ali. Uma barata na cozinha para tirá-los do sério. Mas nada extremamente trágico.

Só que dessa vez parece tudo diferente. O relógio marca 19:00 horas. As ruas vazias. Restaurantes fechados. Mercados sem ninguém. As raras pessoas que aparecem, vez ou outra, estão com a cara coberta por máscaras. Tudo muito estranho. Atípico.

Por curiosidade, me aproximo da janela de uma casa distante. Dela sai uma luz azul que parece ser de uma televisão. Me aproximo mais. Está passando um documentário cheio de números. Imagens que mostram leitos de hospitais. Pelo que eu vejo, só se fala de mortes. E mais mortes. Funerais que não podem ser feitos. Pessoas chorando.

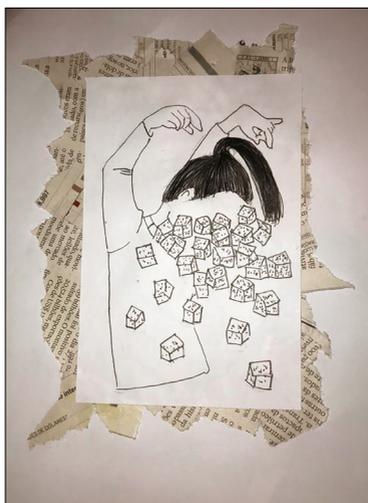
No caminho de volta para casa, a mesma coisa. Passo por parques. Fechados. Shoppings. Fechados. Praças. Vazias. As emoções escondidas por máscaras. paro na janela de outra casa. Lá, uma família chora olhando. Uma tristeza.

Passo por outra, e mais outras casas. Todas iguais. A mesma situação. Só lágrimas. Pessoas andam distanciadas entre si. Sem mais abraços. Nem carinho. Andam com medo. Parecem ter nojo. Igualzinho como vivemos no esgoto.

O mundo parece todo mais cinza. Uma decepção adentra em mim. Não é possível. Tudo o que eu mais admirava acabou de morrer. Fim de um mundo. Tudo o que eu mais enaltecia se tornou igual a minha simplória vida. O universo humano acaba de perder a graça. Perdi o chão. Fim de uma utopia. Ai de mim. O que vou fazer agora? Essa vida que me maravilhava era minha única razão de viver. Minhas horas de comer não têm mais propósito. Acordar também não.

No dia seguinte, me levanto. Só para não morrer de fome. Infelizmente, tenho que sair de novo. Encarar a decepção mais uma vez. Boto a cabeça para fora do bueiro. Outra vez, ninguém na rua. Ando meio distraída. Pensando na vida. Ouço um barulho. Logo depois, sinto uma pontada. Olho para frente. Não vejo nada. Tudo embaçado. Outra pontada. E mais outra.

Quando vejo, percebo que acabo de ser pisada. Pelo único humano da rua. A dor começa a tomar conta do meu corpo. O ápice da minha decepção com a humanidade. Chegou a minha hora. Nunca morri em anos no esgoto, mas em dias na cidade. Caí nas falcatruas humanas. Eles não são nada diferentes de nós. Se acham tão diferentes... No fundo, moram, engolem e vivem no lixo. Idênticos às baratas.



De cabeça suja

Clara Paranhos

Íris é uma formiga, que assim como todas as outras, vive em sociedade. Entretanto, uma coisa a diferencia das outras: ela sofre de compulsão por limpeza, o que basicamente a torna incapaz de viver em lugares sujos.

A vida no formigueiro é semelhante à vida humana. Existem hierarquias, e cada setor é como se fosse um bairro, com cores diferentes. Íris, como gosta muito de trabalhar, decidiu morar na vizinhança de seu trabalho de jornalista, o bairro de cor vermelha. Este bairro é conhecido por ser um bairro movimentado, e como nossa protagonista mora sozinha, esse foi um fator chave na decisão.

No início da vida de Íris, sua compulsão era controlável, ela apenas passava pano nos cantos de sua casa diariamente. Conforme o tempo foi passando, essa compulsão foi se tornando mais intensa, e hoje em dia, Íris passa mais de 4 horas por dia limpando sua casa, sem contar as limpezas dos lugares em que ela encosta. Isso fez com que ela se afastasse de seu trabalho e amigos, se tornando um problema na vida de todos.

Em seu trabalho, Íris tinha um chefe, Carlos. Ele era um homem que estava atingindo a terceira idade; portanto, era um pouco rabugento, mas sempre buscava criar um ambiente de trabalho no qual seus funcionários pudessem confiar nele quando tivessem um problema, sempre todos se mantendo profissionais. Carlos era casado com Irene, que já era aposentada de seu cargo como enfermeira, e ambos tinham uma filha da idade de Íris, mas que havia se transferido de formigueiro a negócios.

Em seu cotidiano, Íris tinha um grupo de amigas, composto por formigas e que ela conhecera no ensino médio, e de quem desde então não desgrudara mais. Elas eram cinco: Íris, Marcela, Pietra, Teresa e Letícia. Os pais de Marcela e Íris haviam se conhecido na faculdade de direito e mantiveram sua amizade desde então. Marcela seguiu a carreira de seu pai, se formando na UFL (Unidade do Formigueiro do Leste). Pietra era esteticista e ganhava um salário que lhe permitia sustentar sua família com seis filhos, todos crianças. Teresa era confeitadeira e fazia sucesso com sua confeitaria, porque todas as formigas da região eram atraídas por seus doces especiais. Letícia era a mais nova do grupo e estava no último ano da faculdade de antenologia, especializando-se na anatomia da antena, na faculdade estadual.

A rotina de Íris era simples: acordava às 7 com seu relógio biológico, fazia um café com bolo, ia para o trabalho, voltava para casa às 19hs, jantava apenas quando sentia necessidade, assistia notícias e ia para cama. Aos domingos, ela e suas amigas se encontravam para conversarem sobre sua semana, comerem as sobremesas que Teresa preparava para a ocasião e assistiam a filmes.

Em seu trabalho, Íris tentava se manter profissional, porque buscava ser promovida no futuro, assim podendo ser efetivada como jornalista de telejornal, um sonho que carregava desde pequena consigo. Com isso, a protagonista não interagia muito com seus colegas, deixando de ser convidada para festas; mas ela não fazia muita questão de ir.

Uma característica muito marcante de Íris é que ela possuía compulsão por limpeza, ou seja, ela precisava muito estar limpa sempre. Isso aconteceu porque quando ela era criança, o mundo sofrera um surto de COVID-19, o que fez com que o planeta inteiro entrasse em quarentena. Durante esse surto, Íris leu que se manter limpo era essencial para se prevenir de contrair a doença. Assim, lavar as mãos e higienizar sua casa se tornou rotina, e futuramente um perigo.

Numa terça-feira, Íris foi chamada ao escritório de seu chefe:

— Íris, hoje é terça, dia de passar novos trabalhos. Andei percebendo que ultimamente você anda se afastando de todos, e eu não consegui entender muito bem por quê.

— É a minha compulsão, ela está cada dia mais grave, o que me faz querer ficar longe dos outros, afinal nunca se sabe por onde eles passaram.

Depois de pensar um pouco, Carlos respondeu:

— Sendo assim, eu tenho a matéria ideal para você! No bairro roxo, existe uma fábrica prestes a fechar por questões sanitárias; ou você faz esse trabalho e encara seu medo, ou você está demitida!

Íris saiu pela porta e foi para casa pensar.

Passadas algumas horas ela ligou para sua amiga Marcela, para contar o ocorrido e pedir alguns conselhos.

Depois de conversarem por telefone, Marcela e Íris decidiram se reunir no final de semana com suas amigas para decidirem o que fazer, pois essa era uma

decisão fundamental na carreira de Íris, e elas sentiam que sozinhas não conseguiriam tomar uma decisão. Com isso, após horas de conversa, Íris concluiu o que fazer.

Na segunda-feira, ao entrar em seu escritório, dirigiu-se à sala de seu chefe e se demitiu, priorizando sua saúde acima de tudo. Em seguida, foi a um consultório psicológico recomendado por Pietra e começou suas sessões de terapia, tendo em mente que naquela mesma semana buscaria um novo emprego.

Crises dos 4

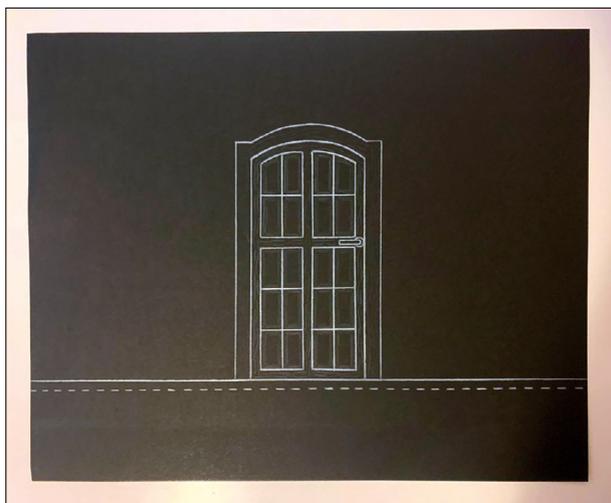
Giulia Mazzini Tonin

Barulhos de choro de criança...
Será que finalmente usarão o novo rolo?
Porta do banheiro se abre.
Rapidamente, a menina de 4 anos pega o rolo nas mãos.
“Ei, o que ela tá fazendo?”
“Lá lá lá lá lá! Eu vou transformar essa casa num circo.”
“Joana, volta aqui agora com esse rolo de papel higiênico! Se seu pai vê essa bagunça ele me mata...”
“Mata não, ele só liga para aquela porcaria que chamam de Laura, nem vai perceber a bagunça.”
Barulhos de choro de novo...
O rolo é arrastado até o último quarto do pequeno apartamento.
Uma volta pela TV, outra dentro do armário.
Barulhos de risada..
“Isso parece divertido! Os outros não me avisaram que rolar ia ser assim...”
Por debaixo da cama grande. Um casal dorme ali.
“Joana! O quarto de seus pais não menina, ficou maluca?”
“Eu SOU maluca.”
A menina então acelera o passo e passa embaixo das pernas da moça, que fica presa no fio de papel higiênico, que agora passa pela segunda porta.
Uma volta na estante, outra no cabide.

“Você me paga!”
“Para de pegar o meu papel, Luciane! Meu pai nem vai ver isso aqui. Ele nem liga mesmo!”
“Que mentira, Joana! Se tem uma coisa no mundo que seu pai liga é pra você!”
Barulhos de choro...
O rolo escorrega das mãos da menina que se joga no chão.
“Ué, a gente parou de rodar por quê?”
“Ô minha filha, não chora...”
“Sai daqui, Luciane, você é outra que só me dá atenção quando aquela peste tá dormindo.”
Barulhos de choro ficam mais intensos...
“Ela tá sempre dormindo, tadinha!”
“Então ela chora dormindo também, é? Porque ela come chorando, acorda chorando, brinca chorando.”
“Não fale assim de sua irmãzinha que ela é só um bebê.”
“Porque ela é só um bebê mimimi.”
A menina debochada pega o rolo novamente.
“lupi! Vamos voltar a rodar!”
A menina novamente passa debaixo das pernas da moça, que dessa vez começa recolher os pedaços soltos pelo quarto.
Cruzando a porta, entrando no banheiro da esquerda.
“Ai não, já tá na hora de voltar?”
Entra no chuveiro, dá uma volta no gancho.
Sai e então dá outra volta na pia.
“Ufa...”
Barulhos de risada...
A menina sai correndo quando avista a moça e entra rapidamente no quarto dos pais.
Joga o rolo no chão.
“Ué, paramos de novo?”
“Oi, Laurinha, olha só que bonitinha você dormindo, nem parece que tá bolando um plano pra acabar com a minha vida!”
“Joana, sai de perto de sua irmã antes que ela acorde!”
Barulhos de choro...
“Ela sempre faz isso quando eu tô perto, Lu. Ela me odeia!”
“Não fale isso nunca! Ela te ama, menina.”
“Se ela me amasse, ela não iria chorar toda vez que eu chego perto e ainda tentar tirar a MINHA família de mim!”
“A família é de vocês duas, você precisa aprender a dividir!”
Barulhos de choro ficam mais intensos...
A menina sai correndo em direção ao outro quarto.
Barulhos de porta batendo.

“Será que ela já se esqueceu de mim?”
“Ô meu neném, chora não... nana neném, que a Cuca vem pegar...”
Sem mais barulhos de choro.
A moça se agacha em direção ao rolo.
“Essa menina faz cada bagunça, onde já se viu!”
“De volta pra aventura!”
Ela pega o rolo com a mão e vai em direção ao banheiro dos pais.
“Ah não, tava tão divertido...”
Ela se retira e então vai recolher os restos de papel que foram espalhados pela casa.
Ao fundo, escutam-se cochichos.” Poxa, mas se eu choro ela nem liga! Eu já tentei de tudo senhor puffles... nada funciona.”
Barulhos de choro fininho...
“Eu disse que ela não liga mais pra mim, eu to sozinha agora, só eu e você.”
A porta se abre novamente.
“Hora do seu leitinho!”
“Tá vendo só? Ela chora e consegue tudo o que quiser, mas se eu choro me colocam de castigo senhor puffles, que injustiça!”
Barulhos de choro se calam.
A porta lentamente se abre.
Agora a menina sai com o que parece ser um ursinho de pelúcia.
“Quem deixou você tirar o papel higiênico daqui?!”
“Você fez uma bagunça e eu tinha que limpar, porque senão depois seu pai fica bravo comigo!”
“Mas era pra ele ver mesmo e ficar bravo comigo, pra ver se pelo menos assim ele liga pra mim...”
Barulhos de choro.
A menina se joga no chão.
“Agora você não vai conseguir limpar mais nada, que eu vou mostrar pro prédio inteiro minha bagunça!”
Ela sai correndo em direção ao banheiro.
Pega o rolo novamente.
“Ela voltou! Mais diversão! lupi.”
“Cuidado com o que você faz menina... ai de você se bagunçar de novo!”
Com o rolo nas mãos, a menina sai correndo em direção a varanda.
Décimo andar, décimo.
De cima só se vê a belíssima piscina onde bate um sol frio de outono.
“A gente vai rolar até lá embaixo?”
“Joana! Você tá ficando maluca, né? Só pode!”
“Eu disse, eu te avisei, mas nem você me dá atenção mais!”
Ela olha novamente para baixo.
Levanta os braços e...

"Isso machuca... é água? Eu vou desintegrar?"
"Desculpa, Lu, desculpa."
A menina cai lentamente no chão.
Barulhos de choro.
"Tudo bem, Jozinha, vai pra teu quarto agora pra eu poder limpar essa bagunça. E aí de você se for mexer com a sua irmã de novo!"
"Eu não vou, desculpa, Lu."
Ela se levanta e vai em direção ao seu quarto. No caminho, a menina pega o ursinho de pelúcia do chão.
A moça pega o rolo nas mãos.
"Parece que não vamos rolar nunca mais..."
"Essa menina ainda me paga, molhou todo o papel com esse chororô dela."
A moça entra devagarzinho no quarto da menina, com o rolo nas mãos.
Barulhos de choro fininho.
A menina está deitada encolhida na cama, tremendo de frio enquanto chora escondida. Nos seus braços, o ursinho.
A moça, sem dizer nada, abre a porta do banheiro e deixa o rolo na pia. A porta aberta.
Ela, ainda sem dizer nada, sai do quarto e fecha a porta como se não houvesse ninguém lá dentro.
"Será que se eu sumir eles me procuram? Eu sei que se ela sumir procuram por ela."
"Mas, se ela sumir, como que eu vou rolar de novo?"
"Eu podia fazer que nem nos filmes, enrolar todas as coisas que eu gosto e sair pela rua. Mas eu ia ficar com tantas saudades... ai, senhor puffles, como faz pra voltar no tempo?"
Ela vai se desenrolando e se senta na pontinha da cama.
Enxuga as lágrimas com a mão, que continuam a descer pelo rosto.
"Tudo bem, senhor puffles, vai ficar tudo bem, né? A Clarinha tinha me dito que quando o irmãozinho dela nasceu, os pais dela também não tavam dando muita atenção pra ela. Acho que eu só preciso esperar a Laura fazer 3 anos então, né?"
A menina abre um sorriso forçado e fica de pé.
"Poxa vida, será que eu vou poder rolar de novo?"
Ela abre a porta e sai.
"Oi, Laurinha, esse é o senhor puffles! Ele é só meu, mas você pode ter um pra você também, pra quando você se sentir sozinha... Lu! Lu! Ela segurou o meu dedo!"
"Viu só, Jo? Eu não te falei que a sua irmã te ama?"
Barulhos de risada.
O ursinho cai no chão.
"É, parece que eu não vou mais rolar por aí..."



Ser esquecido

Isabela Carrara Marchetti

Começou quando Paulo se esqueceu de ir passear comigo pela primeira vez. Ele e a Fabi estavam ocupados comemorando.

Outro dia toda família foi em casa pra comemorar de novo, eu nunca encontrava todo mundo.

Depois de um tempo, começou a vir gente em casa para tirar tudo do escritório onde eu amava ficar com a Fabi depois dos passeios.

Começaram a chegar várias caixas que iam para o escritório, até colocaram lá uma cama do meu tamanho, mas era muito alta pra mim.

Eu não podia brincar com os brinquedos novos e quase nem podia ficar no "meu quarto" novo.

Aí que eu percebi que a atenção não era mais só pra mim, tudo tinha ficado diferente.

Todo dia começou a ter alguma novidade.

Paulo ajudava a Fabi para fazer tudo.

Fabi começou a engordar, já não era bom deitar no colo dela.

Fabi também começou a passar mal direto, igual a mim quando o passeio é de carro.

Sobre passeio, não era mais todo dia que eu saía com Paulo.

Fabi continuou a engordar.

Eles ficavam o dia todo na mesa da sala de jantar e não mais no escritório.

Por isso acho que a Fabi devia estar engordando.

Do mesmo jeito, o dia todo eu pedia comida na mesa, mas ninguém me dava.

Fabi estava com uma barriga muito grande, até eu cabia lá dentro.
Um dia, eles me mostraram "meu quarto" novo.
Estava cheio de brinquedos e almofadas que eu não podia mastigar.
O "meu quarto" ficava com a porta fechada sempre.
Nem eu mesmo podia entrar lá.
Paulo e Fabi fizeram as malas um dia e foram embora.
Quando eles viajam, eu sempre fico no sítio.
Daquela vez, esqueceram de mim.
Fiquei esperando na porta como sempre.
Passaram-se horas.
Minutos.
Não sei, dormi muito.
Paulo finalmente chegou de noite, mas ele estava sozinho.
Colocou minha água e comida, pegou mais uma mala e foi embora mais uma vez.
No dia seguinte, ele voltou de manhã e fez a mesma coisa.
De noite, aconteceu tudo de novo.
O dia seguinte foi igual.
Onde será que estava a Fabi?
Ela precisava de mim?
Por que ninguém ficava mais em casa?
O que estava acontecendo?
Eu não estava ajudando em nada.
Mais uma vez eu acordei sozinho.
De repente, escutei o barulho do elevador.
Senti um cheiro familiar por baixo da porta.
Eram a Fabi e o Paulo!
Comecei a pular na porta para chamá-los, mas só me responderam com "shiii".
Assim que entraram em casa a atenção era toda pra mim, o que não acontecia fazia
muito tempo.
Na confusão, nem percebi que a Fabi não tinha mais um barrigão.
E o mais importante: eles trouxeram um carrinho para casa.
Só depois de um tempo que eu percebi um cheiro novo no carrinho.
Então eles me levantaram e me mostraram.
Tinha um bebê lá dentro.
Aí que eu entendi tudo de novo que tinha acontecido nos últimos meses.
As comemorações.
Não ir mais passear.
O escritório indo embora.
O quarto novo.
Os brinquedos novos.
A barriga da Fabi.
E a viagem dos últimos dias



Domingo

Tomás Verdini

Era domingo. Já era quase meio-dia, hora do “despertador” de Cooper. Ricardo vinha se aproximando calmamente da porta e “béé béé béé”, deu três toques curtinhos na campainha. Nesse momento, Cooper acordou, saiu correndo em disparada à porta para fuçar, lambear e fazer uma festa para o senhor que aguardava do outro lado, esperando esta ser aberta. Como de costume, veio a família toda receber Ricardo. Cooper já tinha entendido mais ou menos como funcionava a relação deles, o senhor que acabava de entrar na casa era aparentemente o mais velho e o que mais recebia atenção, os dois adultos eram como se fossem os donos do garoto que terminava de abrir a porta.

Mas, enquanto fazia a famosa festa para Ricardo, Cooper percebeu algo de diferente. O senhor não estava retribuindo direito às brincadeiras e pulinhos que o animal dava, e ainda por cima, sua aparência estava meio diferente; isto é, os “pelos da cabeça” de Ricardo quase não existiam mais.

Passado um tempo, o almoço foi servido, e, vendo que não estava recebendo nenhuma atenção do senhor, Cooper resolveu voltar para sua cama. Acordou um tempo depois e todos estavam na cozinha tomando um café. Sem perder tempo, o animal foi correndo em direção à mesa, como de costume, para comer algumas migalhas que haviam caído sobre a toalha. Porém, daquela vez ele teve uma surpresa: o prato de Ricardo estava praticamente cheio, quase não tinha sido tocado, até aquele momento...

Na hora da despedida, Cooper notou algo diferente na rotina novamente. Houve uma pequena queda de água nos olhos dos adultos. E, novamente, nenhuma festa para o animal.

Na semana seguinte, domingo, seguindo a rotina, o cachorro acordou com seu “despertador”. Daquela vez foram 3 toques longos e demorados. Cooper foi para a porta tentando receber alguns agradamentos, mas o senhor parecia um pouco atrapalhado, cheio de papéis nas mãos. O pequeno animal não sabia o que havia naqueles papéis, mas ficou curioso, pois notou que eles causaram novamente aquela queda de água pelos olhos. Sem ser notado, Cooper voltou para sua cama para dormir mais um pouco.

Depois de certo tempo, acordou novamente na hora de pegar as migalhas da mesa, e quem sabe dava a sorte grande de encontrar o mesmo da semana passada. Como esperado, lá estava o prato mal tocado, que maravilha.

Passados os dias, chegou domingo de novo, e como de costume Cooper acordou com a campainha. Daquela vez 2 toques longos e pesados. Tudo ocorreu exatamente como nos domingos passados, o clima estranho, o prato de comida e tudo mais. O cachorro já estava ficando até entediado com isso.

No domingo seguinte o animal nem acordou direto. Abriu somente um dos olhos após um longo e demorado toque na campainha e voltou a dormir, pois já sabia que não haveria nada esperando por ele lá novamente.

Passado um tempo, chegou o primeiro dia da semana novamente. Daquela vez, Cooper acordou com um barulho de pratos batendo, levantou e viu que já estavam lavando a louça. Não conseguia entender o que tinha acontecido. Talvez tivessem almoçado mais cedo, talvez não tivessem tocado a campainha, talvez ele mesmo não tivesse escutado ela tocar.

Isso se repetiu nas semanas seguintes e o animal já estava ficando maluco, não conseguia entender o que estava acontecendo.

Muito confuso, sem ter acordado em nenhum dos dias do almoço esperado, o cachorro já não sabia mais que dia era, se estava perto daquele dia de almoço ou não, ou até mesmo se era aquele dia de almoço ou não. Já estava quase um mês sem ver o rosto daquele senhor.

O mais estranho para ele ainda era o clima que a casa tinha naquele mês. Todos com caras sérias e emburradas, sem dar nenhum “piu”. Eram os almoços e jantares mais quietos que ele já tinha visto. Não havia nem uma troca de olhares.



Exigências familiares

Carolina Bekhor

Tudo mudou.

De repente todos começaram a passar mais tempo em casa. Não estava entendendo nada, pois afinal, só chegavam em casa todo dia à noite.

Passava o dia inteiro dormindo, caçava passarinhos, latia para o carteiro, ficava atrás da cozinha em busca de comida e tinha a soneca da tarde.

Corona, corona, corona. Só escutava isso o dia inteiro. Será que seria um novo filhotinho chamado Corona? Os dias passaram e nada de filhotinho...

— JAIME, JAIME, JAIME! — outra palavra que estava bastante presente no meu vocabulário esses dias. A voz principal era do Dudu, ai criança sapeca... O pior era quando vinha com as canetinhas na mão, para pintar minhas pobres unhas das minhas delicadas patinhas.

Se bem que o pior era mesmo o Antônio. Como não podia sair de casa, me usava como desculpa para poder sair na rua para correr. Ele tinha tanta energia que nem eu que dormia o dia inteiro conseguia o acompanhar.

Na verdade, já não dormia mais, pois a dona Lucinda me chamava a cada 10 minutos:

— PIRULITINHO! — Sim, a veia me chamava assim, acho que ela não sabe que eu já tenho 8 anos e não sou tão bobo assim.

Já não aguentava mais, tudo o que eu queria era minha antiga vida de volta. Os passarinhos cantavam lá fora, mas tinha que acompanhar Lucinda enquanto ela penteava seus longos cabelos grisalhos... ai, que eternidade!

Minhas sonecas da tarde já não existiam mais, agora a definição correta seria “brincadeiras com o Dudu que resultavam em bronca da vovó da tarde”.

Conforme o tempo foi passando, comecei a ser um pouco mais resistente ao me chamarem para fazer as coisas que não queria. Porém, não funcionava, pois acabava levando broncas e broncas.

HORA DO CABELEIREIRO — essa era a pior hora, todos se juntavam e aparavam minhas sobrancelhas e meu bigode, mal sabiam eles que se cortassem meu bigode eu perderia o meu equilíbrio... Minhas quedas foram ficando piores, desde cair da cama até cair quando estava andando.

Não podia fazer mais nada!!! Eu estava cada vez mais exausto e cansado de agradar esses humanos carentes, tudo o que eu queria era um tempo só para mim.

— JÁ SEI — pensei.

E se eu fizesse um cantinho onde ninguém pudesse me achar e onde pudesse ter os meus momentos de volta?

Lógico que eu teria que fazer tudo isso escondido para ninguém perceber. O lugar mais estratégico seria no porão, aonde ninguém vai. Porém, lá não dá para cavar; então me lembrei do jardim atrás da árvore: seria lá!

Acordava, saía para correr, acompanhava a velha, brincadeira com o Dudu e lá para 21:00, enquanto estavam indo para as camas, eu cavava.

Jaaimee, vamos brincar de cavalinho. Lá vai ele querendo ferrar minhas costas...

Cavava.

Acordava.

Tudo se repetia múltiplas vezes.

A cada dia, eles foram ficando piores: quando estavam entediados, inventavam cada coisa que me tirava do sério! Só me dava mais motivação para cavar cada vez mais rápido.

O tempo foi passando, até que chegou o dia da última cavada! Eram 21:00, os trabalhos começaram. Estava cada vez mais esgotado; porém, esperançoso para que tudo aquilo acabasse e eu ficasse dormindo o dia inteiro! Dias de luta, dias de glória...

Sabia que a fome e a sede seriam fatores difíceis de lidar; porém, estava preparado para passar no máximo 4 dias sem eles. Quando a fome batesse, iria no meio da noite atacar a cozinha!

Nesse último dia de “vida”, percebi que vovó Lucinda estava mais quietinha, passou o dia inteiro na cama. Acreditam que ela não me chamou nenhuma vez??? Até estranhei.

Chegou o dia da mudança! Porém, comecei a pensar se realmente valeria a pena, pois todos ficariam muito preocupados com a minha ausência. Dane-se, daqui a 1 mês estou de volta!

22:00, estava eu lá no meu buraco, sob medida, escondido e impossível de ser achado. — Vou dormir até 2050!

Apesar dos berros que ouvia de mamãe, Dudu e Antônio, minha felicidade só aumentava. Estava tudo do jeitinho que eu gosto, quente, sonecas da manhã, tarde, noite. SONECAS QUANDO EU QUISESSE!!!

Chegou o quinto dia e não me aguentei, saí pra dar uma voltinha; comi um pouco, estiquei as patas e fui voltar pra minha mansão subterrânea.

— ÔÔÔÔ JAAAIMEEEEE...

Jesus Cristo, explodiu meu tímpano. Eles ainda não entenderam que berrar não vai me trazer de volta?

Conforme os dias foram passando, os números de berros foram diminuindo; confesso que fiquei um pouco triste por não sentirem tanto a minha falta, porém sabia que tinha acontecido algo... Tudo estava mais silencioso, não ouvia os tombos de Dudu, mamãe brigando com Antônio e principalmente a vovó cantarolando. Todos do quartirão ouviam a voz dela, cinco reclamações por dia eram pouco rsrs.

Tudo se repetia. Dormir. Dormir. Dormir. Roubar comida. Dormir.

Ficava cada vez mais preocupado com vovó e queria saber o que estava rolando. Essa rotina parecia um sonho, mas depois de um tempo, a mesma coisa todo dia acaba se tornando mais entediante do que minha vida normal.

Decidi que iria ressurgir das cinzas! No dia seguinte, tudo voltaria ao normal.

Chegou o dia seguinte, saí da minha casinha de 5 metros e fui direto pra minha outra casa.

Claro, todos ficaram felizes, mas não foi a emoção que esperava receber... vovó não estava lá, minha angústia ficava cada vez maior.

Subi as escadas e me direcionei para o quarto dela. Ufa!! Suspirei de alívio, vi que ela estava deitada na cama sorrindo; porém, ela estava com uma cara horrível, fiquei até com medo.

Logo percebi que ela estava doente, não conseguia parar de me culpar por não ter estado ao lado dela quando mais precisava.

Apesar de ter curtido bastante esses dias longe da civilização, a culpa ficou em mim por vários dias.

Vovó estava piorando... Não comia, não levantava e não me chamava mais.

Sua situação ao longo dos dias estava se agravando, e todos estavam se preparando para o pior.

Certo dia, percebi que ela já não estava mais em casa, todos estavam para baixo e tristes. Presumi que o pior que todos estavam esperando finalmente tivesse chegado.

Ao longo do tempo, as caras tristes foram desaparecendo e tudo foi voltando ao normal. Todos ainda viviam em casa e não paravam de me cutucar, mas fui me acostumando.

No final, percebi que não queria que esse excesso de atenção acabasse, pois era algo que me recordava bastante a vovó Lucinda.



Surdez

Tiago Arakaki

Falta quanto para chegar? Você acabou de perguntar isso. Deixa eu ouvir música com você? NÃO! E pare de pedir, André. Que horas são? Falta bem pouquinho para daqui a pouco. Para de ser chato, Marcos! Para antes! Mãee!

O menino chama a mãe com sua voz estridente e não obtém resposta.

Em mais uma tentativa de obter atenção para si, inclina-se todo torto (ênfase no torto, tudo nele era torto: seus olhos eram desiguais, seu sorriso abria mais para um lado que para o outro, uma de suas sobrancelhas era falha e ele andava de um jeito meio torto), aproxima a cabeça do banco da frente e começa a cutucar o ombro direito do pai com suas pequenas e inquietas mãos. No entanto, a atenção que recebe é uma bronca; uma bronca proferida por ambos os pais, uma bronca seca; nem olharam na cara da criança e ainda falaram seu nome completo. Mas foi um esporro justo, afinal de contas, não se cutuca o ombro de alguém que está dirigindo.

O pai havia pagado caro naquele carro; um modelo novo, com banco de couro, apoio para o braço, apoio para o pé, para-choque, um para-choque para o para-choque, friso lateral, spoiler dianteiro esportivo, spoiler lateral mais esportivo ainda, central multimídia, calha automotiva e mais um monte de acessórios. Cuidava dele com preciosismo. André não entendia muito bem a necessidade de atenção que um motorista em uma estrada, a 100km/h, dirigindo um carro com banco de couro, apoio para o braço, apoio para o pé, para-choque, para-choque para o para-choque, friso lateral, spoiler dianteiro esportivo, spoiler lateral mais

esportivo ainda, central multimídia, calha automotiva e mais um monte de acessórios e levando uma família de quatro pessoas, deveria ter.

André, portanto, não consegue o que quer de jeito algum; não consegue a atenção dos pais, não obtém respostas para suas perguntas e não obtém a mim, o bendito fone de ouvido para ouvir música.

A criança endiabrada, recolhida e agitada no canto do assento, joga sua miniatura de Jabulani que havia ganhado no natal contra a janela de forma repetitiva, raivosa e pensativa. Ele, com sua sobrancelha falha virada para baixo, como quem está muito bravo, matuta sobre tudo aquilo que o indignava e queria conquistar.

André parecia bolar um plano maligno dentro de sua cabeça enquanto jogava aquela bolinha contra a janela; ele já não queria mais saber onde estavam, quanto tempo faltava para chegar e que horas eram. Às vezes, exagerava na força e a bola voltava em seu irmão, às vezes tacava muito fraco e ela saía rolando. André não era muito bom em jogar a bolinha, mas não parava. Aquele barulho repetitivo da bolinha dentro do silêncio interno do carro na estrada se intensificava. Sua repetição tornava-se melodia desagradável. A família toda estava em silêncio. Eu já não tocava mais música para Marcos. Tudo o que se escutava era aquele barulho contínuo e homogêneo de estrada e o som da Jabulani quicando na janela, como uma goteira. Aos poucos, o barulho da estrada foi dissipando-se e obscurecendo-se, só escutava-se a bolinha.

Marcos, como se saísse de um transe hipnótico, despertou diante daquele silêncio. Em um rápido e ligeiro movimento, com a bola ainda no ar, agarrou-a e se recolheu de volta para seu lugar no carro. André ficou vermelho. Tomado de uma raiva cega, passou a imaginar mil e uma maneiras de retrucar o ato de seu irmão. Aquela atitude de Marcos trouxe memórias conflituosas para André. O primogênito da família sempre azucrinara o caçula: já furara um número considerável de bolas do irmão, nem sempre sem querer, zombava constantemente de seu rosto feio, brincava com seus brinquedos, caçoava dele por ser mais novo e nunca, jamais, de forma alguma, deixara-o usar seu celular e escutar música nele.

André fitou o irmão de baixo para cima, de seu tênis até seu boné. Refletiu sobre seu tamanho próprio e sobre o tamanho do irmão. Muito astutamente, concluiu que a melhor forma de descontar sua raiva não seria partindo para cima dele. Fitou-o novamente de cima para baixo e de baixo para cima, muito analiticamente. Quando seus olhos passaram pela sua cabeça, André pensou no que faria. Ele, de forma rápida e fugaz, pegou o boné do irmão, abriu sua janela e ameaçou jogá-lo.

A janela aberta ocasionou um barulho estridente, penetrante, um som que vacilava e tremulava. Os carros passavam e o barulho variava de forma horrível. A paz terrível da bolinha que quicava transformou-se em uma confusão muito alta e caótica.

Como em uma negociação de refém: não jogo se você me passar o fone. Eu vou te bater. Vai não, se vier eu jogo. Se você jogar, está ferrado. Então me passa o fone, Marcos.

Marcos cede. Entrega o lado esquerdo de mim. André devolve o boné. A janela começa a ser fechada lentamente de baixo para cima e, conforme ela vai se fechando, o barulho se torna mais estridente e agudo, mais tremulante e mais penetrante. Um barulho caótico, rápido, agitado, chato, que cada vez mais entra na cabeça da família. Finalmente, a janela se fecha. Um alívio para os tímpanos. Um silêncio abafado é instaurado, a janela está fechada e a bolinha já não mais quica. Calmaria angustiante.

André botou-me calmamente em seu ouvido. Fez um silêncio que não fazia há tempos. Parou quieto, ficou imóvel, controlou sua respiração para aumentar o silêncio. Indignado, olhou para seu irmão com expressão confusa. O irmão, injuriado, percebeu o olhar de André e o olhou de volta. Nenhum dos dois se entendiam.

André suplicou: põe a música. Mas já está tocando. Está não, não estou escutando nada. Está sim. Para de brincar, Marcos. Mas está tocando, desgraça. Para de zoar, Marcos!

Com um olho de choro, André tira-me bruscamente e retorna ao seu posto recolhido no assento. Desta vez não houve reflexão. Tomado de toda a cólera existente, o pequeno André parte para cima do irmão mais velho com garras e dentes. Se empurram, se batem, se mordem, se chutam; joelhada para cá, cotovelada para lá, dedos nos orifícios, estrangulamentos, ganchos, chaves e tesouras. Marcos empurra o irmão para o lado, André se debruça na porta e acaba abrindo a janela. O pequeno espaço do banco de trás se torna um Coliseu. O barulho da janela retorna.

Marcos desfere um soco no sorriso torto do irmão; André começa a crescer, se torna mais forte, desfere uma solada no peito do irmão; Marcos, empunhado de um grande bastão, aplica um golpe nas costelas do irmão; André, na mesma medida, quebra um objeto de vidro na cabeça do irmão; com um canivete, Marcos risca o ombro do irmão; André, com um punhal apunhala a coxa do irmão; Marcos assume a peixeira e tenta aplicar um golpe que seria letal, mas seu irmão se esquiva; André quebra uma lâmpada nas costelas do irmão...

A janela aberta é a trilha sonora daquele combate. Um caos, terrível e angustiante penetra no ouvido de todos. Estridente e de cor vermelha fria, o som compõe um cenário desfigurado; a encosta da estrada desaba, já não mais há o traçado amarelo no meio da faixa, já não mais se enxerga para onde ela leva o carro. No entanto, o carro também se desfigura, para onde ele iria? A nebulosidade presente no caminho toma conta dos bancos da frente. Pouco importa o volante, qualquer direção parece ir reto, para uma infinitude. De trás do carro, a estrada se ergue como uma esteira que levanta tudo pela frente; o carro foge daquilo a uma velocidade que o velocímetro não é capaz de mostrar. O som da janela se intensifica. Parece não haver limites para aquilo. Ele penetrava o ouvido dos irmãos que lutavam e, na medida em que este se intensificava, a luta também. Tudo caía aos pedaços.

André larga suas poderosas armas e retorna à sua Jabulani, bem no ápice da luta. Empunha-a, porém, com a mesma raiva e potência que empunhava os outros armamentos. O pouco sangue que não escorreu durante o embate, agora pulsa, latejando nas veias saltadas das testas dos meninos. André olha para a bolinha e a agarra com a mesma força que seus dentes imprimiam uns nos outros. Em um movimento monumental (digno de estátua), fazendo o mais belo arco com o braço, André arremessa a Jabulani com uma força carregada de todo o caos que aquele som trazia, com todo o veneno de suas veias.

No entanto, no momento decisivo, tudo para. Aquele som da janela, que vinha se intensificando, cessa; a encosta da estrada retorna ao normal; o tracejado amarelo retorna ao meio da faixa; a neblina, abaixa; o Coliseu na traseira do carro volta à sua forma de banco; o carro se reconfigura; as direções são retomadas; a estrada volta à sua plenitude. A bolinha quica em Marcos e é ricocheteada para frente, acertando o pai dos meninos com uma força carregada do caos do som que já havia sido calado e do veneno que percorria a veia de André. O pai, motorista do carro, se assusta e em um movimento instintivo vira o volante de jeito brusco e desastroso. Aquele carro, modelo novo, com banco de couro, apoio para o braço, apoio para o pé, para-choque, um para-choque para o para-choque, friso lateral, spoiler dianteiro esportivo, spoiler lateral mais esportivo ainda, central multimídia, calha automotiva e mais um monte de acessórios, patina, derrapa, bate em outros carros, capota e vira.

Aquele som, repetitivo, intenso, melodia desagradável, contínuo, homogêneo, estridente, penetrante, vacilante, tremulante, confuso, alto, caótico, agudo, rápido, chato, terrível, angustiante, já não mais atormenta a família. O carro, imóvel, de rodas para o ar, no meio da estrada, deixa de ser Coliseu e deixa de ser modelo novo. Os passageiros, a família, estão todos com seus cabelos flutuantes testando a gravidade, presos de cabeça para baixo pelos cintos de segurança. As veias das testas dos meninos já não mais latejam. Agora não mais importa quanto tempo falta para chegar.

Eu me safei deste acidente. Estou bem, intacto. A única falha que possui é não tocar música em um dos lados, mas isso é um defeito de fábrica.

Dias de folga

João Pedro Gardenal Sarti

Dia 24/3/2020: hoje oficialmente estarei deixando de frequentar a faculdade, a casa de meus pais e familiares, festas ou mesmo cinemas. Por quê? Hoje começa a nossa quarentena. Todos estão falando que parar o país é um absurdo, mas eu não acho, estamos em um momento de crise, de falha do sistema social que irá custar diversas vidas, muitos irão morrer por causa dessa doença devastadora chamada Covid-19, agora é cada um por si. Mas eu não morrerei tão facilmente, logo no meu auge da vida; afinal, se eu fosse viver até meus 70 anos, mas morresse agora, estaria jogando 46 anos no lixo. Trabalhamos por dinheiro, e guardamos tudo para momentos como estes, quando devemos comprar o máximo de mantimentos possíveis para passarmos semanas, meses, anos em casa, tudo para não correremos o risco de morrer.

Mas que azar o meu de nascer para presenciar esta época, fazer o quê? Agora, já me preparei, comprei bolacha de água e sal, ração premium de carne com legumes, milho enlatado, osso de couro, galões de água e tudo de necessário para mim e meu pequeno garoto. Agora, infelizmente não poderei mais sair com ele, mas ele deve entender, eu irei nos manter longe das ruas, vivos e saudáveis, basta ficarmos no apartamento que estaremos seguros.

Dia 28/3/2020: já se passaram 4 dias desde o início da quarentena. Os preparativos que tomei foram de extrema utilidade. Não estou com nenhuma falta de alimentos, tenho água reservada para quando as empresas de distribuição pararem de funcionar por causa de um surto interno de Covid-19, tenho ração e

petiscos para o Rex (como ele come apenas 400g por dia, cada saco dura entorno de 10 dias, então tenho cerca de 8 meses de ração armazenados. Oito meses comendo apenas ração premium de costela com legumes, ele pelo menos parece ter tido sorte).

Dia 05/4/2020: doze dias desde o início da quarentena, duas semanas já se passaram e as coisas não vão bem. O número de mortos continua subindo, o vírus alcançou novos estados do país e está se espalhando de maneira incrível. Por sorte, já estava preparado, então a rotina não mudou muito desde o primeiro dia. O Rex parece estar um pouco triste de não podermos sair para passear, mas ele passa o dia todo dormindo e brincando com uma bolinha dentro de casa, então está em forma. Também tenho feito algumas flexões para me manter em forma sem sair de casa.

Dia 8/4/2020: 15 dias se passaram. Estou começando a ficar preocupado. Rex parece estar mais faminto, ele está comendo 600g de ração por dia, isso pode se tornar um problema para o estoque de alimentos, mas até agora está tudo certo. Imagino que eu deva deixá-lo brincar com a bolinha apenas em alguns horários, ele deve estar gastando muita energia.

Dia 14/4/2020: a quantidade de novos casos está estável, todos os dias temos em média o mesmo número de novos casos. Apesar disso, já houve mais de 1.000 mortos no Brasil e soube que a namorada de meu primo está infectada. Fico triste por ela, mas é exatamente por isso que me isolei, dentro de casa me mantenho seguro e confortável.

Já tem três dias que o Rex está parado mais ou menos no mesmo lugar. Tentei voltar a deixá-lo brincar com a bolinha, mas ele parece estar menos interessado nela e está comendo cada vez mais, cerca de 850g agora. Acho que ele está meio gordinho, mas não vou deixar meu bebê passar fome, ele só tem que aguentar mais alguns meses até podermos ir para as ruas de novo.

Dia 22/4/2020: acabei não vendo o jornal pelos últimos dias, as notícias estavam todas parecidas, então não vi necessidade em assistir os jornais. Não sei muito bem como estão as coisas fora de casa, mas tudo deve estar pior. Vejo a cada dia menos rebeldes na rua espalhando o vírus. O que de fato tem me preocupado é o Rex, ele não sai mais da caminha, está comendo mais e mais a cada dia, hoje já deve estar comendo quase 1 kg de ração por dia. Estou determinado a levá-lo ao veterinário, mas assim eu estaria me pondo a muito risco.

Dia 5/5/2020: hoje, Rex está pior do que em todos os outros dias, não sai mais da caminha e pouco se move. Decidi assumir o risco e levá-lo ao veterinário, mas não posso sair de casa, então descobri que um hospital próximo pode buscar os bichos em casa, devem vir buscá-lo ainda hoje para levá-lo para fazer alguns exames sem que eu precise me pôr em risco.

Dia 8/5/2020: recebi uma ligação do hospital. Diziam que Rex está em um péssimo estado, falaram várias coisas que não entendi por não conhecer muitas doenças e esses termos médicos, mas falaram que poderiam tentar fazer uma

operação para curá-lo e perguntaram se eu gostaria de visitá-lo antes. Eu sei que Rex vai passar por essa operação sem problemas, ele é um Mastiff Inglês, ele pode ser picado por um escorpião que não vai nem notar, então acho que apenas ficarei em casa esperando a volta dele.

Dia 9/5/2020: nenhuma ligação, ainda devem estar preparando para a operação.

Dia 10/5/2020: nada, hoje devem estar fazendo a cirurgia, já que precisa de um jejum de 12 horas, deve ser por isso que não ligaram ontem.

Dia 11/5/2020: Ainda nada, mas tenho certeza de que tudo correu bem, devem apenas estar tratando Rex antes de liberá-lo para mim novamente.

Dia 12/5/2020: nada

Dia 13/5/2020: nada

Dia 14/5/2020: nada

Dia 15/5/2020: recebi uma ligação, desta vez a pessoa falou de modo calmo, com um vocabulário que também fui capaz de entender. Lembro do que foi dito por esse homem "o paciente apresentou um caso de obesidade seguido de uma formação de fungos em sua pele por ficar muito tempo deitado e suando. Este problema costuma ser bem comum em molossos que não realizam atividades físicas regulares, e seu tratamento foi uma cirurgia para a remoção da pele excedente seguido de um tratamento para os fungos. A cirurgia correu bem, mas o tratamento não surtiu efeito. Depois de 3 dias ele apresentou óbito". Óbito. Óbito. Óbito...

Dia 16/5/2020: nada

Dia 17/5/2020: nada

Dia 18/5/2020: nada



Sindy

Matheus Garrido

Sindy, muito travessa, adora brincar, pular em sua gaiola. Tem ano e três meses. Porém, tem pelagem de alguém que acaba de nascer, tricolor, com as orelhas pretas e corpo mesclado de branco e marrom, dentes grandes, também adorando roer. É de classe média alta, comparada aos outros que vivem em bueiros nas ruas e ficam na sujeira. Come ração Premium e sempre tem seus petiscos diários em sua gaiola que fica em um apartamento no Jaguaré. Seu sonho é sair da gaiola pela parte de baixo em horário em que ninguém está em casa. Tinha certeza de que iria dar certo.

Mas não tinha certeza sobre como iria fazer para que sua saída fosse concluída com sucesso. Então, certo dia, começou roer por debaixo da gaiola, onde havia uma parte composta por plástico reforçado. Isso, pois normalmente roedores (hamsters iguais a ela) têm mania de ficar roendo superfícies mais duras, para desgastarem seus dentes, pois os mesmos crescem constantemente.

Nessas tardes em que ficava sozinha, ficava roendo um lado, via que não dava certo, ia para o outro, e assim ia a tarde inteira. Fez isso durante meses, até que um dia, seus donos, cansados de limpar o pó da gaiola que passou a ser roída com frequência, compraram uma gaiola gigantesca, pois acreditavam que Sindy estava fazendo isso por conta de espaço.

Ao perceber que todo o trabalho de roer todos os lados que tinham sido feitos na gaiola tinha sido perdido, Sindy ficou frustrada e se sentiu cansada, pois percebeu que ia fazer quase um mês que estava roendo sem parar. Então, hibernou

durante alguns dias para refletir se o que estava fazendo era correto, pois querer fugir de onde se tem comida e água na palma da mão não era comum. E assim foi durante algumas semanas, até que algo fora da gaiola lhe chamou a atenção.

Era um enorme toco de madeira que ela viu que poderia roer com o maior prazer do mundo, e assim decidiu que era melhor ficar na gaiola, pois viu vantagem. Então começou o plano.

Começou a roer só de um lado, roeu, roeu, roeu até que fez um buraco do tamanho dela. Era a hora, seu toco estava em suas mãos, mas teve que esperar a tarde do dia seguinte no sigilo, para que seus donos não vissem o buraco que tinha sido feito por ela.

Passou a madrugada toda, manhã, e seus donos saíram. Era a hora. Sindy foi em direção ao buraco correndo, alegre da vida. Quando passava pelo buraco, seu pescoço entalou, percebeu que fora imprudente ao não perceber que no buraco não passava seu corpo. Sindy passou a tarde com o pescoço preso até a hora em que começou a dar desespero, então ela quebrou o pescoço e ficou lá, agonizando, até a hora que seus donos chegaram e a viram. Levaram-na ao veterinário, mas não foi possível salvar a vida de Sindy. Esse foi o trágico final de uma vida de alegria e travessuras.

Arrependimento

Rodrigo Motta

Como uma bússola que indica norte e sul, lá estava eu, no céu, indicando, mais uma vez, riqueza. E como um cão sedento por um osso, lá estava ele no barco, seguindo minhas direções. Em meio ao oceano, eu buscava mais uma vez pela mina de ouro. Acreditava-se que tal mina fosse capaz de fornecer grande riqueza àquele que ali chegasse pioneiramente. Então, não é à toa que Josh me libertou mais uma vez de minha velha gaiola, para demonstrar o caminho até a mina. Afinal ele só pensa nisso, pois é, só quer saber de dinheiro, bebidas e prostitutas. Apesar dele ter me resgatado e me criado como seu fiel parceiro e amigo. Me sinto cada vez mais como um de seus míseros criados, já estou cansado dessa rotina. Cansei de voar para que ele possa ficar rico. Bom mesmo era voar com meu bando. Com minha família. Mas Josh não entenderia, ele não passa de um velho pirata que depende de mim, para ter tudo que já teve até agora.

É sempre assim. Já estou cansado de voar e voltar para a gaiola, voar e voltar para a gaiola, voar e voltar para a gaiola. Já não é de hoje que vivo nesse ciclo. Mas nunca tive coragem de falar com Josh. Ele pode ser meu amigo, mas com ele, o dinheiro vem primeiro. Porém, agora chega. Devo fazer algo a respeito. Ele não vê que sou o mais importante aqui? Que é de mim que ele depende? Não. Ele é incapaz de ver isso. Chega. Cansei de ser abusado e usado por este inútil de chapéu e vestido, que se autodenomina um pirata.

Está decidido. Amanhã mesmo, irei direcioná-lo para o caminho errado. Mudar o curso para que ele aprenda de quem ele realmente depende, e quem realmen-

te merece todo esse mérito por ser um pirata muito reconhecido. Quem sabe quando estivermos cercados por barcos inimigos, ele perceba a inutilidade que tem? Vamos ver se assim ele nota minha importância, e então, ganharei o mérito que mereço!

Então, o fadístico dia chegou. E como de costume, lá estava eu no céu fazendo meu trabalho como guia. Josh não conhece o mar. Que pirata não conhece o mar?

Para ele, nem precisa conhecer. Afinal, sou eu quem já voei por todos os mares e regiões. Logo, não corro o risco deste pirata de meia tigela saber onde realmente estou o levando-o. É agora, finalmente chegamos. Conduzi Josh até a Bahia da esperança. Um local onde os piratas mais temem no mundo. Mas não este pirata tolo. Ele nem sabe que já estamos cercados e vigiados por barcos da marinha.

Hahaha... já fazia anos que não ria desse jeito. A cara de desespero de Josh e de toda tripulação quando barcos cheios de oficiais da marinha invadiam seu barco... Tomando todo seu ouro roubado... e o acorrentando. Era o fim de seu legado. Em poucos dias ele será enforcado em praça pública por roubo e pirataria. Quem sabe eu não volto em uma semana para prestigiar sua morte? Saiba que foi um desprazer ser seu GPS por estes tantos anos. Foi horrível ser seu parceiro... Adeus, Josh!

Ai, que alívio. Que delícia. Como é bom voar livre. Sem objetivos. Sem rumo. Sem preocupações. Agora posso visitar o mundo. Mas por agora, chega de piratas e mestres que se aproveitem de mim. Cansei dos humanos. Não me arrependo do que fiz. Ele merecia. Ele com certeza merecia. Depois de tudo aquilo que ele fez. Me usando como bússola. Nunca me deu crédito algum pelos locais que passou e roubou. Ficou famoso graças a mim, e ninguém além de mim.

Agora, posso procurar pela mina de ouro sozinho. Então todo o ouro será só meu. E não precisarei dividir com ninguém. E todo crédito será meu também. Me tornarei o papagaio mais famoso do planeta. E quem disse que papagaio não pode ser pirata também? Eu até sei falar e repetir. Sou mais inteligente que muitos piratas, inclusive.

Vou atrás da mina!

Aqui estou eu. Cheguei à mina. Há ouro em todo redor. Estou milionário. Quem disse que eu preciso de um pirata bobo para me tornar rico?

Porém... o que vou fazer com todo esse ouro? Como um papagaio como eu carrega este ouro? Eu já tenho tudo que preciso sem um tostão no bolso. Parando para pensar aqui, o que me fazia feliz mesmo, era ver Josh contente comigo. Quem precisa deste ouro, quando se tem alguém que fique com ele para você? Nós costumávamos gastar todo o dinheiro juntos. Ele me comprava biscoitos e sempre tinha quem limpasse minha gaiola. Ahhhh minha gaiola...

Que saudade dela. O meu poleiro recém-polido e cheiroso. Minha ração misturada com restos da janta de Josh. Aiii que delícia. Confesso ter saudade também, do chacoalhar do barco nas noites de tempestade. De dormir com o barulho da

chuva em alto-mar. Poxa, que saudade dele também. Ele que me fazia carinho toda manhã. Trazendo com ele meu café da manhã. Todo dia, uma refeição diferente que ele mesmo preparava. Realmente, o que me fazia bem era a atenção que recebia de Josh. Essa não... agora ele vai morrer! E é tudo culpa minha. Não posso viver com isso.

Preciso voltar. Devo resgatá-lo e voltar a navegar com ele como nos velhos tempos. Talvez seja tarde demais. Passei muito tempo atrás dessa mina. Quando chegar lá, ele já estará morto. Não custa tentar! Sou seu parceiro. E apesar das diferenças, ele faria isto por mim! Está decidido. Voltarei imediatamente.

Te vejo em breve, Josh. Espero que ainda esteja vivo a essa hora e que me perdoe! Estou indo, amigo!

Aqui estou eu, amigo. Voltei para lhe salvar. Espero que não seja tarde demais. A notícia informava que o enforcamento ocorreria ao pôr do sol. Então, cheguei a tempo. Ainda faltavam cerca de 40 minutos para o sol se pôr. Fui direto para a praça. Aguardei a sua chegada.

Ao chegar à praça, vi outros pássaros sobrevoando a área. Eram urubus, que sobrevoavam o corpo de um criminoso. Alguém que tomou o mesmo destino que Josh iria tomar. Me aproximo do corpo desconhecido. Os urubus já haviam comido grande parte dele. Estava irreconhecível. Mas suas botas de pirata não me falharam a memória.

Era ele. Era Josh. Meu Josh. Morto em praça pública. Deixado lá como exemplo para outros piratas. Já era tarde demais. Josh havia sido enforcado ao nascer do sol. Eu nunca teria chegado a tempo. Eu era o culpado por aquilo. Eu matara este homem. Meu fiel amigo; que apesar de tudo, sempre me amara. Você será lembrado por mim como um grande pirata. Descanse em paz, Josh!



Tom

Carolina Brant

Era dia na grande São Paulo. Terra das chuvas, a cidade que nunca dorme. O lugar dos sonhos para qualquer pessoa em busca de um futuro de sucesso. Mas infelizmente, esse dia, para Tom, não marcaria um futuro de sucesso como qualquer um sonharia.

Bem ali, num beco, havia uma pequena gata dando à luz aos seus filhotes, e entre eles, estava Tom. Era um gato tigrado, de olhos amendoados, pele mesclada com o cinza, o marrom e o preto. Qualquer um que passasse não conseguiria desviar o olhar, pelo menos, era isso que se esperaria de alguém.

O tempo foi passando, exatamente um mês. Muitas coisas haviam acontecido. Logo após o nascimento de Tom, sua querida mãe protegeu seus queridos filhotes com unhas e dentes, até ser levada ao seu fim. Atropelamento. Algo comum para animais de rua daquela cidade. Depois daquele dia, Tom se separou de seus irmãos e seguiu em frente, tentando sobreviver ao máximo em seu primeiro mês de vida.

Ele adorava dormir ao lado de restaurantes, pois assim ele conseguia alguma comida. Ou era de algum cliente com dó, ou os restos que havia no lixo, mas assim que os donos o descobriam, logo ele migrava para outro lugar.

Seu grande sonho era poder ficar em um lugar permanente, sem que os donos o expulsassem ou o espantassem. Ter comida todo dia à sua frente. Entretanto, não queria depender de ninguém, ele almejava conquistar esse direito.

Certo dia, Tom foi mais uma vez buscar comida. Quando chegou ao restaurante, viu uns pedaços de carne caídos no chão, vieram do prato de uma criança

atrapalhada, essas eram as melhores. Sua grande fome não o fez perceber o grande pastor-alemão que se encontrava na porta do restaurante.

No momento em que foi abocanhar a carne do chã, Tom sentiu sua presença e logo se afastou.

— Ei garoto, eu não mordo, fique à vontade. — Disse o enorme pastor-alemão.

Tom hesitou por um momento. Aquele cão não parecia tão monstruoso quanto os que encontrou na rua.

— Como posso ter certeza de que você não está mentindo? Eu sei como vocês cães são impetuosos! — Disse o pequeno felino assustado. O cão olhou com pena do pobre animal, ele sabia o quão dura era a vida nas ruas.

— Bom, pequeno amiguinho, não vejo agora nenhuma razão para que você possa confiar em mim, pois a única coisa que tenho é a minha palavra de cão. — Tom olhou para o pastor-alemão com certa dúvida, era difícil confiar, mas algo dentro de si afirmava que estava tudo bem.

— Qual é seu nome, grande cão? — Perguntou quase sussurrando.

— Me chamo Lex, e você? — respondeu com calma, enquanto se aproximava cada vez mais de Tom.

— Chamo-me Tom.

Aquele foi o grande marco do encontro dessas pequenas criaturas. Tom nunca havia feito uma amizade antes, nem mesmo os gatos de rua eram amigáveis. Lex foi seu primeiro grande amigo. O grande pastor-alemão não tinha exatamente um dono, mas os donos do restaurante em que Lex havia encontrado Tom resolveram acolhê-lo. Davam água e comida de vez em quando, enquanto esperavam por alguém interessado em adotá-lo.

Ficou bem claro para Tom de que os danos não queriam acolher mais nenhum animal, mas Lex sempre dividia sua comida e sua água com seu amado amigo. Certo dia, logo de manhã, Tom foi visitar Lex mais ou vez. Quando chegou ao restaurante, achou estranho o mesmo não estar na porta. Ao chegar mais perto, viu seu amado amigo dentro de um carro. "O que estava acontecendo?" pensou Tom.

O grande cão olhou mais uma vez para o pequeno gatinho, e logo partiu... Tom estava mais uma vez sozinho. Voltou a mudar cada vez mais de restaurante, e sem nenhuma companhia. Será que seria para sempre assim?

Os anos foram se passando, Tom já estava com cinco anos, e nada de ver seu amigo Lex de novo. Era improvável reencontrá-lo, mas o pequeno gatinho não perdia as esperanças. Em busca de comida, Tom foi revirar algumas latas de lixo, e de repente começou a sentir um odor insuportável vindo lá de dentro.

Curioso do jeito que era, resolveu remexer um pouco para ver o que encontrava. Quando finalmente se deparou com o motivo do odor em questão, o mesmo petrificou.

Seu ódio e seu rancor de todos aqueles anos vieram de uma vez. Tom estava enfurecido. Mesmo que já tivesse entrado em estado de decomposição, o cheiro familiar permanecia. Machucados, arranhões, cicatrizes.

Daquele dia em diante, Tom se tornou outro gato.
Juntou todas as suas forças para fazer uma rebelião de animais de rua, contra os humanos. Chamou todo tipo de bicho, desde pássaros, até ratos.
Tom iria, junto com todos os animais, dominar o mundo.
E assim o fez. Agora ele não tinha mais que se esconder, e os humanos viraram os novos escravos sem direitos.

Em memórias de Lex



Como é ver o pôr do sol

Daniel Abramoff

No anoitecer da segunda-feira, em frente a uma floresta encantadora de Sydney, eu estava observando, acima de uma árvore, o bonito pôr do sol. Eu pensei: “Mas por que eu sou considerado o mais novo na escola?”, e agora respondo que é porque dentro dos coalas de 14 anos, eu sou o único que tem 13 anos, e isso é motivo para ser o mais rejeitado da classe, pois eu não tenho os meus pelos com uma cor forte, ou porque eu tenho um peso maior que os outros.

Ainda assim, eu ainda era Anton Tcheycob e podia fazer as coisas que gostava de fazer, como jogar pedras na cachoeira e conversar com as aranhas do vale. Minha mãe sempre me dizia, por ser uma das maiores lutadoras do mundo, que uma briga não precisa ser vencida por um golpe agressivo, mas pode ser por um golpe afetivo. Assim, se qualquer um da minha família fosse enganado, eu saberia o truque para vencer o duelo.

Em outro dia, quando andava pela floresta, encontrei minha irmã junto a uma das mais malignas serpentes hipnóticas da floresta, denominada Miles. Ivna era um ser completamente ingênuo e não conseguia ver maldade naquele ser. Naquele momento, eu sabia que algo de muito ruim aconteceria com minha irmã se eu não afrontasse Miles.

Então, desde aquilo que vi, eu decidi seguir Miles para o seu covil e descobrir por que Ivna estava tão interessada com o trabalho daquele odioso. Não conseguia ser tão bom para desviar de obstáculos que estavam no caminho para o covil, mas acabei desviando deles por um caminho alternativo. Quando cheguei,

descobri porque minha irmã estava tão decidida a acreditar naquela maligna serpente. Era o desejo de ser uma modelo perfeita da capa da revista Coala Capital que predominava em sua mente, mas como Miles controlava a hipnose e tinha sua mente assassina, ele planejou algo para prejudicar Ivna e depois matá-la severamente.

Eu voltei para casa. Estava um clima ruim, minha mãe preocupada com minha irmã estava abraçada com o meu pai. Luke, o canguru mais humilde que já encontrei, estava tentando estabelecer um contato com autoridades do local. Como o rapaz era gente boa, eu resolvi contar a ele sobre o sequestro de Ivna por Miles e o plano que tive para salvar a minha irmã. O plano era eu aparecer no covil de Miles como uma surpresa para ele e propor um duelo pela posse da mente de Ivna, e quando ele tentasse acabar com a luta, eu usaria o golpe de afeto, que é simplesmente propor uma reflexão sobre o afeto que a serpente tem por sua família e que o crime não resolve a busca por afeto, e assim ele devolveria minha irmã para mim. Luke disse um simples OK e saiu de casa com uma cara meio duvidosa ao que tinha dito para ele.

Depois da saída de Luke, eu resolvi executar todo o plano quando todos estivessem preocupados, ou seja, agora. Eu, Anton, fui até a floresta dos perigos, onde ficava o covil de Miles, e posso dizer que estava com um medo avassalador. Os animais eram ferozes e possuíam habilidades capazes de matar qualquer coala. Eu atravessei a floresta com todas as minhas artimanhas e lá estava Miles, em frente à minha irmã, desmaiada e totalmente controlada por aquela serpente. Estava na hora principal do plano, ir até Miles e propor o duelo.

Então foi o que fiz, entrei naquele lugar terrorizado e me encontrei com aquela maldita serpente hipnótica. Miles disse "Você deve estar aqui para me propor alguma coisa para liberar sua irmã, não é, delinquente?". Eu disse a ele a minha proposta de nos combatermos em um duelo e o sagaz logo aceitou. Estava feita a parte mais difícil do plano.

Assim, eu parei de atacar, fingindo estar com muito cansaço e foi aí que Miles despertou um golpe muito forte em mim, mas eu ia conseguir vencer desse modo. A serpente veio até mim e eu apliquei o golpe final. Miles se sentiu acolhido por mim e resolveu acabar o duelo e entregar a mente de Ivna. Agora eu possuía a minha irmã de volta e tinha ganhado um outro amigo.



O formigueiro

Victor Waldman

Caio é uma formiga que vive em um formigueiro e, no momento, está se esforçando para levar comida à sua colônia. Ele já havia trazido uma quantidade generosa de folhas, mas decidiu ir atrás de mais uma, já que o percurso não era tão longo. A formiga encontrou no caminho um pequeno pedaço de maçã, pequeno o suficiente para que pudesse carregar, mas grande o suficiente para que fossem necessárias mais formigas para fazê-lo. Caio imediatamente percebeu que seria melhor pedir auxílio, mas também pensou que seria um incômodo para companheiros da colônia, e também que seria possível carregar o alimento sem ajuda alguma. Por fim, decidiu levar o pedaço sozinho, pois o percurso era curto, e seria sua última viagem do dia, sem mencionar que as outras formigas já haviam terminado suas viagens; ou seja, mesmo que o auxílio fosse garantido, não seria agradável para as pobres formigas que viessem lhe ajudar.

Caio então iniciou sua breve viagem e, após tremendo esforço, se aproximou da colônia. Carregar a maçã havia sido uma tarefa substancialmente mais difícil do que a pequena formiga esperava, mas não havia uma gota de arrependimento na criatura, pois todo o esforço feito por si era esforço poupado de seus companheiros.

Conforme Caio se aproximou, percebeu algo ao horizonte, algo ficando maior e maior a cada instante. Após alguns momentos, a formiga percebeu que um grupo enorme de formigas se aproximava de seu formigueiro, vindo do sentido oposto.

Caio logo percebeu que era um enorme grupo de formigas-de-fogo, e que representavam uma grande ameaça. Imediatamente ele largou o pedaço de maçã que carregava e correu para alertar seus companheiros. A formiga tinha duas preocupações maiores naquele momento: a primeira era proteger a formiga-rainha, pois ela era a chave para manter viva a colônia; e a segunda era manter o ancião, a formiga mais antiga de seu formigueiro, a salvo.

Caio e o ancião haviam passado muito tempo juntos, indo em busca de alimentos para a colônia e por vezes encontrando doces incríveis. O ancião às vezes contava histórias sobre outras invasões ao formigueiro, mas Caio nunca tinha vivido uma.

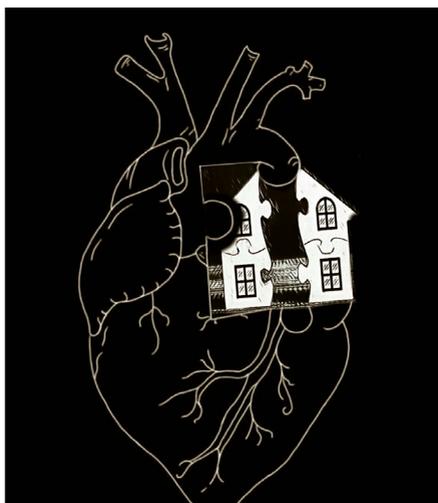
Histórias sobre as formigas-de-fogo se espalharam pela América do Sul, tais formigas eram conhecidas por seus números avassaladores e por ter, em alguns casos, mais de uma rainha em suas colônias. Dentre todas as espécies de formigas, entrar em guerra com as formigas-de-fogo seria a experiência mais perigosa.

A colônia rapidamente arranjou suas defesas, mas todos estavam cientes de sua clara desvantagem. Logo após alertar as outras formigas, Caio foi atrás do ancião, pois estava certo que os outros já estavam protegendo a rainha. Ao encontrar o ancião, ambos concordaram que precisavam contribuir com a defesa de seu formigueiro, e decidiram se separar. Enquanto Caio foi em direção à formiga-rainha, o ancião decidiu ajudar as formigas na frente de batalha.

Após um longo conflito, as formigas-de-fogo foram derrotadas e, embora as mortes tenham sido muitas, a colônia de Caio sobreviveu. A rainha estava segura e em pouco tempo o formigueiro iria se recuperar.

Animado com a vitória, Caio foi ao encontro do ancião, para que pudessem comemorar; mas, após procurá-lo por alguns minutos, uma formiga se aproximou e lhe disse que, em meio ao conflito, ele havia falecido.

Por mais que a morte dele o incomodasse, Caio estava mais incomodado pelo fato de não estar ao lado do ancião no momento em que sua morte chegou. Caio sentia culpa, mas estava feliz por ter mantido a colônia segura.



Ausência

Luiza Monteleone Robin

Sempre foi muito agitado, corria por todos os cômodos da casa sem nenhuma preocupação ou sequer alguma obrigação. Era admirado por todos que entravam por aquela porta, pelo seu jeito dócil. Tinha um olhar de quem não precisava de muito para ser feliz, apenas o amor de sua família. Sempre foi muito companheiro de todos. Seus olhos eram castanhos e seu corpo preto com detalhes amarronzados. Era um cachorro médio que tinha muita energia, a qual precisava ser gasta todos os dias de manhã na praça.

O dia clareou, a luz do sol já entrava pelas janelas da sala de estar da casa e Lucky acordou. Ao acordar, tinha o costume de ir direto para o quarto de seus donos para acordá-los, já que, quando acordavam, a primeira coisa que faziam era um dos dois levar Lucky para o tão esperado passeio do dia. Era o momento em que ele encontrava vários outros cachorros e se divertia muito com eles, uma grande rotina. Ao voltar para casa, também era sempre divertido, fazia uma grande festa para toda a família, que ficava sempre esperando que ele voltasse do seu passeio, e acabava brincando o resto do dia inteiro.

Outro dia amanhecia, a luz do sol entrava pelas janelas da sala, mas daquela vez uma luz bem mais enfraquecida, bem menos iluminada, que não trazia toda aquela energia de um dia como os outros. Mesmo assim, parecia um dia normal. Lucky foi em direção ao quarto de seus donos para acordá-los, como sempre fazia. Assim feito, foi em direção à pracinha na maior felicidade, pois poderia

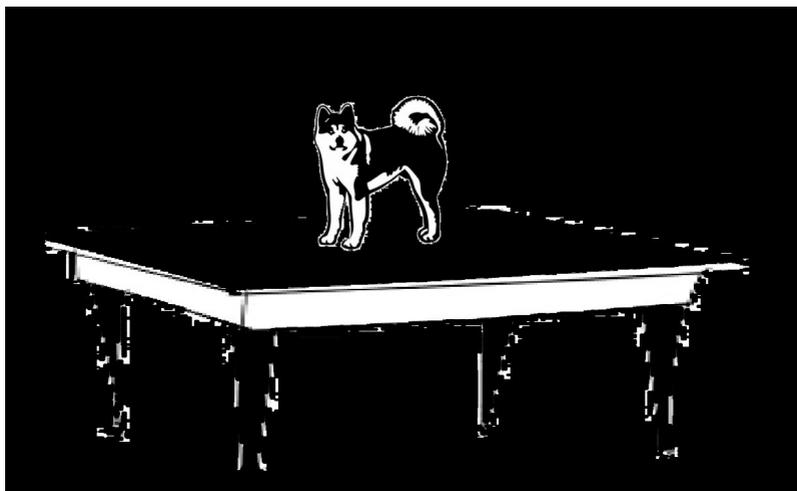
brincar, correr à vontade em um lugar com vários outros amigos e não em um apartamento pequeno sem espaço.

O caminho de casa foi algo totalmente estressante para sua dona: Lucky usava toda sua força para que ela andasse mais rápido, pois estava muito ansioso para voltar pra casa, mas daquela vez, a ansiedade era maior.

Finalmente, quando chegou a seu andar, pulou na porta e com seu longo focinho conseguiu abrir. Nem esperou que sua dona tirasse sua coleira, apenas saiu correndo em direção à sala. No entanto, algo de errado havia acontecido: Lucky se deparou com uma situação com que não estava acostumado. Foi ali que toda a sua ansiedade e felicidade se tornaram uma grande frustração, absolutamente ninguém da sua família estava esperando sua chegada à sala, como de costume. Sem entender nada, Lucky saiu correndo pela casa para entender o que tinha acontecido.

O cão se deparou com todos sentados na mesa do jantar. Ninguém deu a mínima bola pra ele; ao contrário disso, mandaram-no parar de latir e descer, pois ele estava atrapalhando a conversa. Seus donos estavam tendo uma conversa séria com seus filhos. Sem entender muito, Lucky desceu, mas não perdeu seu ânimo, foi correndo atrás de algo para se distrair.

Todos desceram para a sala. Seu dono se despediu de todos, pegou suas malas e foi em direção à porta. Lucky percebeu que ele ia demorar pra voltar pra casa de novo.



Por que fui tão insensível?

Pedro Robin

1. Essa história aconteceu comigo mesmo, Pedro Robin.
2. Nesta época eu tinha 14 anos.
3. Uma pessoa normal sem nenhum problema, pelo menos eu acho.
4. Uma pessoa pensativa.
5. Não tenho nenhum problema financeiro ou social.
6. Isso que aconteceu foi há 2 anos, na minha própria casa.

Notícias do dia: mais outro casal de país se separou. Pensativo e pensando nos meus pais, pensei sobre quando seria a vez deles, considerando o casamento que tinham na época. Estava feliz por ser quinta-feira dos jogos internos, o que significava ser o penúltimo dia de aula (ou o meu quarto dia de férias por ter faltado nesse festival da escola). Tive então a tão esperada notícia da separação.

Naquela noite, depois do jantar, primeiramente, no momento em que me chamaram, fizeram-me parar de ver o filme e me obrigar a ir para a sala naquele mesmo momento. Primeiramente, eu achava que tinha acontecido alguma coisa a um parente ou a um amigo, mas depois de uma pausa de alguns minutos, essa ideia logo cessou.

"Então, eu e seu pai decidíamos... Jean, quem fala?" Com esse começo melancólico, foi iniciada a conversa. Mesmo com esse início estranho, a notícia foi dada rapidamente; a notícia de que eles iriam se separar. Ao invés de fazer escândalo e todas as outras reações mais conhecidas, pensei comigo mesmo: "tá" não tem problema, mesmo estando curioso sobre como seria a minha vida e a vida deles nos próximos anos.

Depois de todas as explicações possíveis do que aconteceria com eles e com a gente depois da separação, se instalou um silêncio. Este silêncio só era quebrado quando meu pai e minha mãe ficavam mexendo as mãos, o que mostrava que eles estavam nervosos. Além de ficarem olhando para nós a cada segundo para ver qual reação nos estávamos tendo.

Com isso, chegou a hora das perguntas. A pergunta que interessava era somente: como que ficaria o cachorro?

Depois dessa pérola que deixou os meus pais sem palavras e reações, porque viram que quem estava pior com essa situação eram os dois, eles deixaram a gente voltar aos nossos quartos. Minha reação imediata, sem pensar no que eles poderiam estar passando, foi continuar o filme que tinha pausado.



Meu primeiro e quase último passeio...

Manuela Ferraz

Adoro sair de casa e conhecer lugares novos. Estava ansioso por esse passeio em especial. Era minha primeira vez tão distante da minha casa, tinha muito mais coisa para fazer e para explorar.

Começando o passeio, a nossa primeira parada foi na lagoa dos patos. O cheiro era totalmente diferente do que eu conhecia. Era puro e cheirava a flores. Achava que aquela parada era a nossa última também, nunca tinha ido além da lagoa. Depois de muito tempo, elas começaram a andar novamente, mas não estavam indo no sentido de casa, e como só as seguia, continuei também.

Quanto mais a gente andava, mais entrávamos na mata. O barulho da conversa inacabável de minha dona e suas duas amigas e o som dos animais era alto. Além disso, escutava o barulho de água caindo cada vez mais que subíamos a montanha. Além dessa caminhada ter várias quedas de água que parávamos para beber, eu me molhava e me refrescava nelas.

Conforme íamos percorrendo o caminho da trilha, ficava mais alto o ruído da água caindo. Estava animado para ver o que ia ser. Já achava que era outra queda d'água e já estava pensando em mergulhar nela, e minha vontade subia porque sabia que essa iria ser diferente de todas as outras paradas. Além de não conseguir me controlar ao ver tanta água, que era uma coisa que eu amava!

Então, conforme chegávamos mais perto do barulho, observava que a minha dona e suas duas amigas ficavam preocupadas comigo, já que eu sempre estava correndo e assim indo muito distante delas. Sabia que elas estavam preocupadas, principalmente

porque eu não conhecia o lugar, mas também percebi esse comportamento preocupado delas, pois deveriam estar esperando por alguma coisa mais perigosa no caminho.

Sabendo disso, fiquei mais alerta, principalmente porque minha dona é muito preocupada comigo, só tenho 1 ano de vida e sou muito desastrado. Fui mais devagar e menos afobado, mesmo elas ainda me chamando toda hora porque ficava sumido durante segundos. Então obedecia, se não, não paravam. Mas isso não me deixava menos animado para ver onde iríamos chegar, só não demonstrava tanto.

Então a subida continuava e mais lentamente elas iam; além da minha sede aumentar junto com o barulho mais forte da água caindo. Também, a mata estava cada vez mais fechada, sem eu ter para quem latir e algum outro cachorro responder, ou mesmo fugir. Então, se acontecesse alguma coisa, eu não teria para onde ir ou chamar alguém para ajudar.

O barulho alto estava perto, mais perto do que imaginava, e de novo não conseguia me segurar para ver o que era. Saí correndo de ansiedade para beber água e descobrir porque o barulho estava tão forte. Até que então, quando cheguei lá, vi a água correndo com uma intensidade muito grande e queria ver a ponta, para descobrir para onde a água estava indo. Primeiro, bebi para esperar que as pessoas chegassem bem também. Quando elas chegaram, tive que ir brincar com a água, era como ela estivesse me chamando para descer e brincar.

Feliz, vendo a água caindo, quis ir até a ponta da pedra molhada para ver até onde água chegava. E quando as meninas chegaram, tomei um susto com seus gritos desesperados e olhos bem abertos. Fui escorregando até a pedra mais próxima. Mas quando tentei parar, escorreguei mais ainda. Não sabia o que fazer: se continuava descendo ou se ficava me equilibrando na pedra escorregadia. Quando olhei para cima escutei o grito da minha dona e de suas amigas me chamando para eu não descer mais, escorreguei mais ainda. Assim, o desespero era tanto que minha cuidadora começou a descer de tanto desespero, para eu não cair mais.

A descida era muito íngreme, mas como eu tenho quatro patas e ela duas, não sabia se conseguiria descer sem cair e se machucar. Se segurando nas partes secas das pedras e nos galhos que ela alcançava, consegui descer até mim com uma cara de alívio, enquanto suas amigas seguravam seus casacos e sapatos, esperando para ajudá-la a me subir. Não tinha força para subir porque a pedra estava escorregadia demais. Então ela teve que me carregar quase escorregando na beira da água e quase se machucando. E no final, quando cheguei ao topo com a ajuda dela, vi que cortou um pouco de suas mãos e se molhou muito, então ficou com muito frio. Suas amigas a ajudaram e chegamos bem no final da trilha.

Depois dessa história, aprendi que nunca mais vou chegar perto de pedras escorregadias que possuem uma queda d'água muito grande. Porque como a pessoa que eu mais tinha carinho se machucou, eu também poderia ter me machucado. Mas mesmo assim foi uma experiência tão emocionante que agora sinto que posso fazer tudo com alguém do meu lado, desde que ninguém tenha muita chance de se machucar.



O silêncio dos cochichos

Diana Starobinas

Fim de tarde nublado, a luz branca e a paisagem verde. Meus olhos ardem um pouco. O som das rodas correndo sobre a estrada abafado pelas janelas fechadas. Um banco de couro com cheiro de novo, o cinto de segurança apertando meu corpo. O ar condicionado ligado, para um clima antes quente, agora nem tanto. Lu, no acento de trás, encostada em meu ombro, brincando com um pedaço de serpentina, enquanto eu tirava o resto de confete do cabelo dela.

— Posso te levar, Ana, mas você não prefere dormir lá em casa?

— Acho melhor não, dona Rosa.

— Tem certeza? A Lu ia gostar tanto...

— Eu viajo cedo amanhã.

Está um pouco frio no banco de trás. Frio e silencioso. Rio para Lu, que ri pra mim. Ela tira o celular do bolso e passa os dedos sobre a tela. Mesmo comigo ao seu lado, largar o aparelho não parecia uma opção. O som das rodas correndo na estrada, o ar condicionado ligado e os cochichos. Cochichos. Olho pra frente.

— Ei, Ana.

Olho para o lado.

— Quer pôr música?

— Pode ser. Você põe ou...

— Ah, eu posso por. Se você quiser, depois, pode pôr outra. Só não valem aquelas suas músicas estranhas.

— Só se você não colocar as suas.

Rimos. Ela abriu o app de música e pesquisou algo. Os cochichos tomaram o ambiente. Banco da frente. Eles estão falando sem se preocupar conosco... Música estridente. Ela põe o volume no máximo, e começa a cantar alto junto. Algo em inglês, cantava mal e errado, eu rio e tento cantar junto. Pior ainda, é claro, nunca tinha ouvido a música antes. Parecíamos felizes. Estamos felizes. Felizes no banco de trás. Eu e Lu atrás. Rosa e André na frente. O carro está em movimento, a luz branca faz meus olhos arderem. As vozes do banco da frente se misturam à música. Aparecem. Se misturam. São abafadas. Aparecem de novo. A música acaba, nós rimos.

— Mas você sabe que eu não posso fazer nada.

— É claro que você não pode, André, já que eu tenho que fazer tudo.

— Rosa, ocê sabe que não é assim...

— ...

— Ana. É sua vez. Põe.

Olho para Lu, ela ainda sorri. Ela não ouviu. Ela não ouviu...? Ela ainda sorri. Me estendendo o telefone. Meus olhos ainda ardem um pouco, ainda que esteja mais escuro. A luz branca do celular. Ponho minha música. Gosto dessa música, mas não é muito animada. Eu não sei cantá-la. Ela não sabe cantá-la. Ouvimos em silêncio. O silêncio da música, dos cochichos, da roda sobre o asfalto. Olho para frente. Lu me fala algo, mas não ouço. Respondo com um “sim, é”.

— Você precisa me dizer as coisas!

— Mas quando eu digo você nunca escuta!

— Não me venha se fazendo de vítima agora, Rosa.

— Eu? Vítima?

— É.

— ...

Olho para o lado. Lu está cantarolando algo, tentando acompanhar a música. Ela olha perdida para o chão. A chamo, mas ela não me ouve. Olho para janela. Ela não quer ouvir, faz parte do silêncio. Um silêncio de surdo. Então o silêncio se quebra. O som falta. Olho para ela, que olha para o celular. Olho para o celular.

— Sem sinal.

— Sem música?

— Sem música.

A roda na estrada, o som do ar condicionado, o frio. Não há mais luz, já escureceu. Meus olhos ardem, o cinto me aperta. Olho para ela, que ri para mim. Ouço os cochichos. Não tinha notado que eles tinham parado. Pararam com a música, mas continuaram logo. Os cochichos se tornam fala, e a fala se tornou um grito.

— Para com isso André eu não aguento mais, chega!

— ...

— Uau, mãe.

Ela olha pra mim. Faz cara de quem não ouviu. De quem nunca havia ouvido, de quem nem liga se ouvir. Ela ouviu, como ela já havia ouvido antes. Meus olhos ardem. Ela parece desesperada. Ela abre a boca para falar algo. Fecha. Abre de novo. Fecha.

- Então... — Começo.
 - Você já ouviu o hino de Osasco?
 - O quê?
 - O hino de Osasco.
 - Você sabe como é?
 - Não.
 - Não?
 - Não, mas deve ser assim...
- Depois disso, parei de ouvir.



Eu fui, mas ele não

Gabriela Dezan

Foram anos vivendo aquele mesmo antigo CD de seu artista favorito. Tempos bons e que nos trazem saudades. Porém, encontrava-se cansada daquele tempo repetitivo. Procurava por mudança, até que encontrou.

Foi uma escolha difícil; na verdade, necessária. A vida passou por uma reviravolta.

Início de 2019, o ano começou cheio de esperança e momentos bons. Estava tudo em seu devido lugar, como ela queria. Muitos planos estavam se concretizando e a ansiedade para um dos seus maiores sonhos aumentando a cada dia.

Poucos meses se passaram e tudo já ficou "a little too much". A união se tornou solidão. Sentia falta de várias pessoas ao seu redor, aqueles certos amigos não eram quem ela realmente imaginava.

Não estava se sentindo em casa como antes e sim perdida em um espaço do qual não fazia mais parte. Sim, talvez deixada de lado por ser ela mesma.

A realidade muitas vezes não é como esperamos e foi preciso que aprendesse a lidar com a dificuldade. Sozinha de novo. O quê? Não foi nada fácil lidar cotidianamente com o sentimento de solidão e certa venerabilidade. O pequeno girassol foi murchando e perdendo toda a sua essência.

Se passavam segundos, minutos, horas, dias, sendo pisada por aqueles certos amigos. Não podia demonstrar o seu amor pela pessoa que mais amava na vida toda. Muitos momentos eram marcados pela destruição de sua felicidade.

de. Era julgada por simplesmente ser capaz de até andar no fogo para adorá-lo. A pureza de seu amor era marcada de ansiedade e confusão.

Finalmente, o momento de vê-lo chegou. Estava tudo planejado da melhor maneira. Era dia 28 de novembro, a partir desse dia passou a viver seu maior sonho com alguém imensamente importante, sua melhor amiga da vida toda. Foi necessário abrir mão de muito; seu egoísmo causou um leve tornado.

Seriam dois dias de pura euforia. Mas não foi isso que aconteceu.

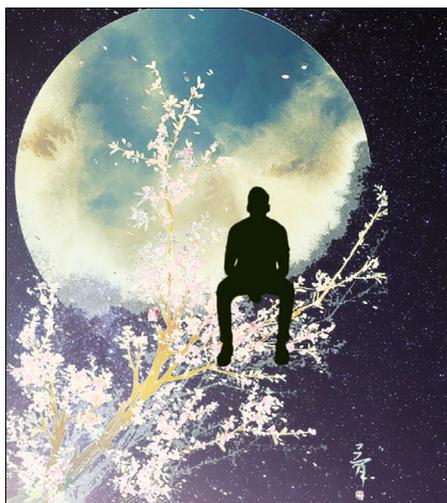
Primeiro dia, escutaram a voz dele como se estivessem em casa. Era um sentimento único e que nunca será esquecido. Logo, não se sentiu mais tão sozinha. Estava, talvez, completa. Foram algumas horas vivendo intensamente, como se nada mais importasse. Nunca se sentira tão realizada, parecia que nada daquilo era real, e que às vezes vale a pena esperar. Esse dia foi realmente perfeito.

O dia seguinte foi péssimo. Manchetes de noticiários, trending topics do Twitter, mensagens dos amigos... Ninguém imaginava o que aconteceria. Ela não estava nenhum pouco preparada para o que viria a acontecer após horas na fila aguardando... Foi anunciado que seu ídolo estava doente e assim não poderia realizar o show. No momento, não conseguiu acreditar no que tinha acabado de acontecer, estava sem reação.

Após o acontecimento, foram ao shopping ao lado do estádio, todos estavam desolados, não havia um ser feliz no local. Foi uma tarde em que muitas coisas aconteceram, amizades de longe se encontraram depois de muito tempo. Apesar de tudo estar muito estranho teve um lado bom.

O longo final de semana se encerrou. Sua melhor amiga voltou para sua cidade. Sua ficha só caiu quando todos foram embora. As saudades de um dos melhores dias e a dor de tudo que foi vivido se instauraram novamente. O que era para ser lembrado como um sonho realizado se tornou um trauma. Certos eventos em nossas vidas não ocorrem como imaginamos e expectativas não são atendidas.

Realmente, não parece ser nada importante, mas sua única esperança para se reerguer, preencher o vazio da solidão foi destruída. Algumas lições foram levadas: nem sempre é bom colocar tanta expectativa em eventos distantes. A vida como um todo é imprevisível, e acabamos não tendo controle sobre o que pode acontecer.



O pessegueiro e o menino

Natália Tito

Ele era alto, talvez o mais alto do parque. Seus pêssegos eram os mais suculentos e suas folhas as mais belas da primavera. Vivia no parque uma longa vida comum, sempre calma e tranquila. Adorava passar seus dias vendo as crianças brincarem em sua volta e depois se deitarem a seus pés pra descansar e fazer piqueniques. Porém, depois de comer e brincar, elas sempre iam embora e ele sempre ficava sozinho novamente. Às vezes, se sentia muito solitário no parque, os outros eram diferentes dele e ele se sentia deslocado, como se seu lugar não fosse aquele. Seu sonho sempre foi ter alguém que lhe fizesse companhia dia e noite, da primavera ao inverno, mas isso nunca acontecia, e isso só fazia como que ele ficasse triste. Assim, suas verdes folhas começaram a cair, seus frutos não eram tão doces e saborosos como antes, a solidão enfraquecia o pobre pessegueiro, e todas as noites ele pedia às estrelas que elas dessem a ele o que tanto desejava.

Lucas, um menino muito quieto que vivia sempre atrás dos livros, havia se mudado para a rua de trás do parque. Como era novo na região, não tinha muito amigos e gostava de ir ao parque para ler e dar uma volta. Até que, numa bela tarde de primavera, andando em busca de uma sombra para ler, avistou o pessegueiro. Seus belos e rosados pêssegos chamaram sua atenção e ele caminhou até a árvore para apanhar um. Deu a primeira mordida; nunca tinha comido um pêssego tão suculento na vida, era doce e macio como nenhum outro, então acabou sentando-se ali e começou a ler o livro.

O pessegueiro ficou durante horas observando o menino lendo a seus pés. Ele havia chamado muito a sua atenção; por algum motivo achava que aquele garoto era diferente, especial; até que a noite chegou, o sol não brilhava mais e Lucas resolveu voltar para casa. O pessegueiro passou a noite toda pensando que talvez aquele menino pudesse ser sua companhia, o melhor amigo que tanto desejava. Durante o resto da primavera, na mesma hora, todos os dias o garoto ia até o pessegueiro para ler e comer seus pêssegos, e a cada dia que passava, mais o pessegueiro ficava alegre e mais ele gostava da companhia de Lucas.

Passou o verão e enfim chegou o outono, as folhas do pessegueiro começaram a amarelar e cair e seus pêssegos a parar de crescer; porém Lucas continuava a ler aos pés da árvore de que tanto gostava. O pessegueiro estava radiante, pois seu sonho finalmente havia se tornado realidade; mas, então, em um dia como qualquer outro o menino estava encostado no tronco quando uma bola o atingiu na cabeça. Uma menina se aproximou e disse:

— Meu Deus, você está bem?

Lucas levantou os olhos e a viu: ela era alta, loira, de olhos azuis como o oceano, seus lábios eram vermelhos como maçãs maduras e seu sorriso era perfeito. Ela era linda. O garoto, apaixonado, então respondeu:

— Estou sim, não se preocupe.

— Ah, que bom, me desculpe mesmo, não era pra eu ter acertado você.

— Sem problema, acontece. Mas, qual é o seu nome?

— Gabriela, e o seu?

— Lucas.

— Ah você é o menino que se mudou há pouco tempo para a rua de trás, né?

— Isso mesmo, sou novo por aqui ainda.

A escuridão na noite caía e Lucas então falou:

— Nossa, já está escurecendo, preciso ir para casa.

E a garota respondeu:

— Vou te fazer companhia até lá então, não quero que você fique tonto e desmaie no meio da rua por causa da minha bolada sozinho.

Lucas então aceitou a companhia e os dois foram embora juntos.

No dia seguinte, o menino não apareceu para ler. No começo, o pessegueiro achou que ele poderia ter tido um dia cheio e que talvez estivesse muito cansado para ir até o parque, ou que ele tivesse ficado doente; mas passaram dias, semanas, e Lucas não retornou ao pessegueiro.

O pessegueiro, a cada dia que o menino não voltava, começava a achar que tinha sido abandonado novamente, e assim cada vez ficava mais triste e deprimido. Muitos pensamentos passavam pela sua cabeça tentando imaginar o que havia acontecido com Lucas. Na realidade, o menino começou a namorar Gabriela e então não tinha tido muito tempo para ir visitar o pessegueiro. Na verdade, tinha até se esquecido um pouco da existência dele.

Passaram-se alguns meses e o pessegueiro continuou muito solitário, até que numa bela manhã de frio, vários homens com máquinas e pás chegaram à sua volta. A princípio, ele pensou que era o seu fim: ia morrer como havia nascido, sozinho; mas depois percebeu que iria apenas ser transplantado, talvez para outro parque ou outra área. Porém, para sua surpresa, colocaram-no num lugar não muito distante do antigo. Neste novo lugar, havia algo diferente: ele viu a seu redor vários outros iguais a ele, pessegueiros. Finalmente, ele se sentia no lugar certo. O pessegueiro começou a se sentir feliz de novo.

Chegou a primavera novamente e o pessegueiro nunca estivera tão alegre, ele nem pensava mais em Lucas.

Porém, o menino tinha acabado de terminar com Gabriela e estava muito triste. De coração partido, lembrou-se de sua árvore favorita, embaixo da qual gostava muito de passar suas horas lendo, então resolveu ir vê-lo. Quando chegou lá, deparou-se com um enorme nada: o pessegueiro havia sumido. O garoto então começou a chorar. Além de perder sua namorada, acabara perdendo o pessegueiro também. Ele não parava de pensar em como estava arrependido por não ter ido ver o pessegueiro antes de sua morte. Até que o jardineiro do parque encontrou o menino chorando e perguntou:

— O que aconteceu? Por que está chorando, menino?

— O pessegueiro morreu, ele ficava bem aqui.

Então o jardineiro começou a rir de Lucas e falou:

— Não, menino, ele apenas foi transplantado para a área dos outros pessegueiros. Fica do outro lado do parque.

Lucas então parou de chorar e respondeu:

— Nossa, que alívio, pensei que ele tinha morrido. Obrigado, senhor!

E Lucas saiu correndo em direção ao novo local do pessegueiro.

Totalmente sem fôlego de tanto correr, Lucas avistou o pessegueiro e abriu em seu rosto um belo e grande sorriso. O pessegueiro também viu Lucas e ficou surpreso e muito feliz: o menino havia voltado. Lucas então se aproximou e com todas as forças que ainda lhe restavam abraçou a árvore enquanto sussurrava:

— Pensei que você tinha morrido. Que saudades, eu nunca mais vou te abandonar, nunca!

E o menino então, desde aquele dia, nunca mais deixou o pessegueiro. Os anos se passaram e Lucas cresceu, casou-se, teve filhos, envelheceu, porém, sempre ia ver aquela árvore, levou sua esposa para fazer piqueniques na sua sombra e seus filhos para brincar aos seus pés e comer seus suculentos pêssegos. O pessegueiro nunca mais se sentiu sozinho em sua longa vida: ele conseguiu o que sempre quisera: uma família.



Ratatouille

Karina Simone Fischer

La Tambouille, um dos restaurantes mais chiques no centro de São Paulo, comida francesa, lugar bem elegante e agradável, mesas pequenas com flores brancas e rosas a todo canto, típico cinco estrelas. Lá, com um xale vermelho e cabelos loiros, Rachel, uma jovem de 37, fascinada por culinária, sentada na mesa perto da cozinha, espera pelo seu Ratatouille. Prato típico francês e um de seus preferidos, a jovem observando todos que entram e saem pela porta do restaurante, esperava ansiosamente pela sua comida.

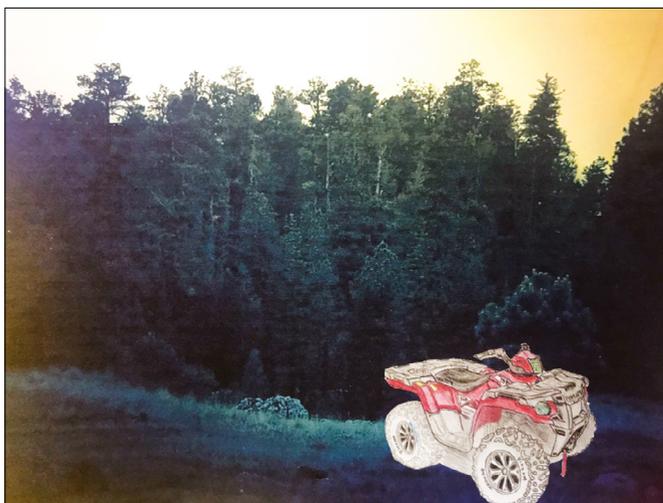
Passaram 3 pessoas pela porta, 4 se levantaram, 2 mesas vazias e nada do seu Ratatouille chegar. Por que tanta demora? Sentada, Rachel até pensa em reclamar com o gerente, mas logo deixa isso de lado quando vê, é ele mesmo, o próprio, Roberto Carlos. Nunca pensou que iria encontrá-lo, logo ele, no seu restaurante preferido enquanto esperava ansiosamente pelo seu Ratatouille, apesar de nesta hora o famoso prato francês já não importar mais para Rachel. Com o coração na mão, milhões de pensamentos passavam por sua cabeça.

Como seu ex-namorado viera parar lá? Não era possível, eles não se viam há quase 5 anos, como podia ser? Ele, parado na porta de entrada esperando pelo garçom, vai até uma mesa de dois lugares e se senta. Rachel sem saber o que fazer decide olhar fixamente para ele com esperança de que percebesse sua existência. Passaram-se 2, 3, até 5 minutos, e nada. Será que ele sabe que ela está lá? Ou também está com vergonha de dar oi? Será que está esperando alguém mais importante? Uma mulher mais bonita? Mais rica que ela? Mas disso

tudo, o que importa? Rachel já tinha superado ele mesmo, depois de 2 anos sofrendo por aquele homem, mas não custa dar um oi por respeito? Ansiosa com a constrangedora situação, ela então decide se levantar e sentar ao seu lado, pôr o papo em dia, falar sobre quaisquer assuntos ou apenas dar um oi, até porque estão separados por quatro mesas. Mas não, não deu, não foi dessa vez, Rachel achou melhor ficar sentada, mesmo angustiada, esperando ele notar sua existência, por apenas quatro mesas de distância.

Cansada de esperar, com seu prato frio, Rachel então decidiu se deliciar e gastar seu tempo com o que realmente importa, seu Ratatouille, obviamente. Já não estava tão gostoso, pois perderá o apetite, mas iria pagar por ele do mesmo jeito. A jovem, ao comer seu prato, percebeu então que não precisava passar por todas aquelas angústias, até porque ele já tinha sido, um dia, o homem da sua vida, que a amava, não precisava ter vergonha e muito menos ficar ansiosa de ir falar com ele, até porque Rachel agora era uma mulher livre e sabia seu lugar.

Então, respirou fundo e com a maior coragem que tinha restado dentro dela, com a mão suando e o coração batendo cada vez mais rápido, Rachel ainda nervosa sabia que isso era o melhor a fazer e que um dia ou outro tinha que superar suas angústias e desafios, levantou-se e olhou diretamente para mesa que Roberto Carlos estava; mas não, não podia ser, realmente ela foi uma boba de ter pensado que aquilo iria dar certo, pois naquele momento Roberto Carlos já não estava mais lá, e sim saindo pela porta do restaurante e entrando em seu carro. Nem percebeu sua existência, passou aquele tempo todo a 4 mesas de sua ex-namorada e nem para dar um oi, um olhar, saiu como se fosse nada, como se a história de seu relacionamento não valesse tanto assim. Era tarde demais, sua chance tinha ido embora, e seu resto de Ratatouille tão esperado, no lixo.



Visões

Giovana Chagas

Já passava da meia-noite. Sem sono nenhum, lá estávamos eu e minhas amigas, sentadas no gramado do campo que havia em frente à casa. Minhas únicas companhias eram as minhas amigas e a lua cheia que iluminava o céu do Mato Grosso do Sul. O silêncio era tanto que a impressão que eu tinha era que só estávamos nós acordadas na região.

Adolescentes reunidas; sentadas no gramado exposto ao céu e aos pinheiros que rodeavam aquele lugar; bebendo um tereré gelado; jogando papo fora. Nada podia dar errado. Até que surgiu a brilhante ideia de pegar o quadriciclo e dar um passeio pelo bosque.

O quadriciclo tinha 2 lugares. Estávamos em 4. Uma dirigiu e a outra estava no banco do lado. Eu e minha outra amiga subimos atrás do quadriciclo e fomos em pé. Após diversas voltas pela região, decidimos subir um morrinho de grama com o quadriciclo. Tentamos. Não subiu. Tentamos de novo, e a bateria do aparelho acabou.

Desespero não era cabível no momento, então a decisão tomada foi que desceríamos do quadriciclo, e voltaríamos a pé pelo bosque. No meio de muitos pinheiros e outras árvores. No escuro. Já passavam da 1h da manhã.

Descemos do quadriciclo, e com apenas uma olhada para cima do morro vimos três senhoras vestidas de branco, pareciam que seguravam algo em suas mãos. Talvez fossem velas. Perguntei para as minhas amigas se elas estavam vendo a mesma coisa que eu. E sim, elas estavam. Olhamos de novo, para confir-

mar se nós não estávamos ficando loucas ou se realmente havia três velhas de cabelos brancos, vestidas de branco, e aparentemente iguais. É... não estávamos delirando. Nenhuma delas acredita nessas coisas sobrenaturais, então disseram que era apenas o irmão de uma delas junto com os amigos que estavam assustando a gente. Eu não acreditei. Até porque as figuras que a gente viu eram altas. E o irmão e os amigos tinham 12 anos.

Pegamos o quadriciclo e fomos empurrando até em casa. Coração acelerado. Comecei a tremer e a suar frio. O medo tomou conta de mim e aquela imagem das velhas de branco não saía da minha cabeça. Eu sabia que havia algo de errado ali. Tentei acelerar os passos. E então, no meio de muitas árvores, olhei para trás e as velhas de branco ainda estavam no pico do morro. Pareciam que estavam nos encarando. Mesmo tomadas pelo medo, seguimos em frente no meio do mato.

Finalmente chegamos à casa de uma das minhas amigas, que era onde todas nós estávamos ficando. Estacionamos o quadriciclo na frente da casa e corremos para dentro, logo trancando as portas. Entramos e fomos direto ao quarto em que o irmão da minha amiga e seus amigos estavam hospedados. Nos surpreendemos quando vimos que eles realmente estavam dormindo.

Velhinho da fumaça

Eduardo Abibi

O dia estava lindo e como moro em apartamento, resolvi levar meu filho para a casa da minha mãe, pois lá poderia brincar no quintal.

Peguei meu filho no colo, coloquei-o no carro, ele brincou a viagem inteira com seu boneco interativo do Buzz Lightyear.

Chegamos, minha mãe abriu a porta, meu filho entrou correndo e foi direto para o quintal. Enquanto ele brincava, eu e minha mãe ficamos conversando na sala de estar.

“Nathália que bom que você pôde vir hoje aqui, tava me sentindo solitária nessa casa”.

“Já te falei mãe, para você se mudar para uma casa menor”.

Ela me olhou com um cara triste e disse: “Não sei por que, mas não consigo me desprender dessa casa, agora quero passar um tempo com meu neto e depois conversamos sobre isso.”.

Senti que ela não estava confortável e estava tentando desviar do assunto, então concordei. Fomos para o quintal e nos sentamos na grama.

“Mãe! Mãe! Brinca comigo e o velhinho da fumaça?”

“Agora não. Filho, eu estou conversando com a vovó, depois eu brinco.”

Ele saiu correndo para o fundo do quintal.

“É incrível como essas crianças tem uma imaginação fértil, né, Nathália?”

Estava ficando tarde.

“Filho, vamos para casa?”

“Não mãe, só mais um pouquinho!”

“Precisamos ir embora filho, você não quer comer?”

“Sim! Então podemos voltar amanhã para ver o velhinho da fumaça?”

“E a vovó, né?”

“Ah é verdade, e a vovó.”

Coloquei ele no carro e fomos para casa.

No dia seguinte, meu filho me acordou pulando na minha casa e gritando:

“Quero ir ver o velhinho da fumaça, velhinho da fumaça, eu quero, eu quero!”

Levantei da cama, me troquei, comemos pão na chapa.

Peguei meu filho no colo e coloquei no carro.

Chegamos, minha mãe abriu a porta, meu filho entrou correndo e foi direto pro quintal.

Dessa vez tava meio nublado, então eu e minha mãe ficamos dentro de casa.

Fiquei observando meu filho brincando durante horas.

Ele pulava.

Corria.

Dançava.

Ele brincava de pega-pega sozinho.

De repente, como se alguém tivesse o empurrado ele caiu no chão.

Choro, muito choro.

Saí correndo para ajudá-lo, ele ralou o joelho.

Peguei ele no colo e coloquei no sofá.

Ele não parava de chorar.

Peguei um band-aid e coloquei no ralado, dei um beijinho e ele parou de chorar.

“Mãe, tá ardendo.”

Então tive a ideia de distraí-lo com um álbum de foto do meu casamento.

“Filho quer ver as fotos do casamento da mamãe?”

“Sim, sim!”

Abri o álbum: primeira foto era minha e do meu marido se abraçando.

“Mamãe, como você era jovem...”

Me senti ofendida, mas perdoei ele, pois era apenas uma criança.

Virei a página do álbum, a próxima foto era uma foto da minha mãe com o meu pai.

“Mãe! Mãe! Olha o velhinho da fumaça aí!”

“Esse é o velhinho da fumaça?!?”

Minha mãe me olhou com uma cara assustada.

“Sim.”

Depois dessa resposta não consegui me mexer, não conseguia abrir minha boca.

Silêncio.

Olhei para minha mãe, ela estava paralisada e olhando para o chão.

Lágrimas.

“Olha ele ali.”

Meu filho aponta para um sofá atrás de mim.

Me virei rapidamente.
Nada além de um sofá.
“Onde ele tá?”
“O velhinho da fumaça tá ali, sentado no sofá.”
Novamente aponta para o mesmo sofá.
Fiquei olhando fixamente aquele sofá e nada.
“Ele tá vindo.”
“Vindo? Como assim vindo?”
“Ele está vindo pra cá.”
De repente sinto um calafrio, com se alguém tivesse passado por mim.
Uma lágrima cai do meu olho.
“Espera!”
Meu filho deu um grito.
“Fica mais um pouco!”
Eu e minha mãe nos olhamos, nossos olhos estavam cheios de lágrimas.
Meu filho me olhou com uma cara chateada e disse:
“Ele já foi.”
Depois desse dia nunca mais meu filho o viu novamente.
E minha mãe concordou em vender a casa.



Um em um par

João Alfredo Cardoso Lamy

Um garoto entra em uma FootLocker com apenas uma coisa em sua cabeça, ser o garoto mais descolado de sua escola. Todos lá tinham algum pisante maneiro, fosse ele um Air Trainer 1, um Reebok 5600, Puma Clyde ou um Converse Weapon. O mais cobiçado de todos era o primeiro tênis signature de um novato vindo da universidade da Carolina do Norte que entrou na liga nacional de basquete uns dois anos antes, o Air Jordan 1 (o primeiro tênis do Michael Jordan, mas eu acho que isso já ficou um pouco óbvio).

Righty vê um garoto entrando em sua FootLocker, seu irmão Lefty observa a mesma cena. Ele rodeia a loja por um tempo, mas Righty já sabe que ele os escolherá, afinal, eles são o par mais descolado da loja.

O menino olhava pela loja, ficando espantado com a quantidade de modelos disponíveis. Muitas cores vibrantes e chamativas, e muitos tênis monocromáticos. Ficava rodando as mesmas seções várias vezes, vendo os mesmos modelos nas mesmas cores, pensando quem gostaria de qual. Será que ele queria se misturar com os gangsters? Com os hustlers? Com os esportistas? Com os nerds e CDFs não, eles não entendem de estilo. Ele logo viu um a que não conseguiu resistir, um tênis que todos em seu bairro usavam. Um que seu grupo favorito popularizou no começo da década. Um que ele achou que seria chamativo sem ser ridículo. Um que era minimalista o suficiente para ser bonito. Um tênis sexy, sem ser vulgar. O Adidas SUPERSTAR, popularizado pelo grupo Run DMC.

O perambular do garoto deixa Righty desconfortável, mas Lefty continua calmo como sempre, já esperando ficar na prateleira por mais um tempinho. Righty está muito ansioso com a indecisão do garoto, "Será que ele é burro o suficiente para não nos escolher? Como que ele acha que vai se destacar sem a gente?".

Logo o garoto para na frente de nossa dupla dinâmica, olha para sua mãe e aponta para os shelltoes. O vendedor explica que os tênis no display são os últimos em estoque e podem ficar um pouco grandes no pé do menino, mas seu pé é largo, então eles acabam se sentindo em casa. "Ele gosta de mim", Righty diz. Lefty não comenta, apenas acha ridícula a alegria de Righty.

O menino sai da loja com seus novos calçados brancos, quase que cristalinos, com uma sola de borracha vulcanizada que duraria gerações. Ele logo dá seus primeiros passos, e já olha com desgosto para o chão.

Righty se prepara para enfrentar o árduo mundo das ruas de Nova York. Esse soldado com sola emborrachada irá embarcar numa missão muito perigosa, o mundo fora da loja é repleto de coisas fora do nosso controle. Ele se prepara para o primeiro passo, e logo fica horrorizado.

Nessa época (não que isso tenha mudado muito), Nova York era uma cidade não tão bonita. As ruas eram infestadas por ratos e você tinha que pagar a mais por uma pizza sem baratas. Tendo isso em mente, podemos assumir que o chão não seria um dos mais sanitários, afinal, ele é o chão. Mas esse tinha uma peculiaridade, estava repleto de chicletes. Pequenas minas terrestres antipisantes. Felizmente para o nosso garoto, suas novas máquinas de popularidade instantânea não entraram em contato com a área contaminada pelo resto de dinossauro semicomestível, mas foi apenas sorte.

Righty dá um suspiro, falando consigo mesmo: "ele ainda gosta de mim".

Ele cautelosamente volta para sua residência, nem tirando os tênis dos pés ao entrar. Ele não queria que eles saíssem do seu lugar, gostaria de vesti-los para todo o sempre. Na escola? Claro. Em Casa? Por que não? Qualquer lugar é uma oportunidade de brilhar. No chuveiro? A mãe dele não deixou. Tristeza escorre pela cara do garoto..., mas ele entende que estragaria o seu novo tênis, então apenas aceita. Ele dorme com eles no pé, já vestindo a roupa do dia seguinte. Sonha com todos em seu colégio admirando seu senso de estilo (que era apenas vestir o que era popular), entrando para o grupo dos descolados e sendo venerado por todos os seus amigos como o grande chefe da p%\$#@ toda que ele imagina ser.

O dia finalmente chega. O garoto olha para Righty. Righty olha para o garoto. Lefty se sente excluído. O garoto coloca o par no pé. Lefty observa a situação, notando uma cara de extrema confiança exposta na face dos dois. Era como se estivessem conectados por algum tipo de poder extra-humano que só foi colocado na história pelo autor para melhor representar a conexão entre o garoto e seu tênis. Lefty decide ignorar, achando que era apenas algum tipo de coincidência.

Ele sai de casa, cautelosamente se esquivando dos chicletes colocados na rua, mas percebe que está atrasado para a aula. Os seus 5 minutinhos a mais haviam se tornado 20, e agora ele poderia ser expulso da instituição (na realidade, ele só entraria no segundo período e havia uma boa probabilidade do seu professor nem notar que ele não estava presente). O garoto com fogo nos olhos (e no rabo) corre pelos quarteirões como se fosse o futuro medalhista olímpico Usain Bolt (que havia nascido no ano anterior).

Righty se prepara para uma grande maratona, se agarrando ao pé do garoto. Lefty faz o mesmo, mas apenas pelo medo de ser deixado para trás. Os dois saltam, pulam, levitam, agarram o chão nas curvas, e passam pelas primeiras 5 quadras numa graciosidade apenas vista em vídeos de dançarinas de balé. Agora, vinha o maior dos obstáculos já vistos, o bairro de SoHo.

SoHo era perigoso para o garoto, era o bairro dos skatistas, o bairro dos noia-dos, o bairro dos que viriam a ser descolados dali a dez anos. Era um lugar perigoso, não por causa das pessoas e sim pelo que elas consumiam...

CHICLETE

Os chicletes são as minas explosivas dos tênis. Eles acabam entrando em todos os cortes feitos na sola, feitos para otimizar a tração nas quadras de basquete; mas hoje em dia apenas servem como um pequeno bolso para guardar cocô de cachorro. O garoto olha para frente, olha para o seu relógio caxio (um Casio falsificado que ele comprou no metrô do Brooklyn com a impressão de que ele funcionava melhor que um de grife, mas não dava nem pra ajustar as horas, e o horário mostrado era o de Taiwan), olha para o nosso herói, e corre.

Ele parece dançar pelas ruas imundas como se fosse um bailarino. Seus saltos são graciosos, suas pisadas sutis. Sua determinação é de ferro e não pode ser quebrada; se não, a mãe dele o quebra no cinto. Ele está quase na última quadra quando percebe que demorou muito. Só faltam 10 minutos e ele tem que percorrer mais 27 quadras.

Ele parece a reencarnação de Jesse Owens ao percorrer as últimas quadras com tanta leveza e rapidez. Logo, ele se vê indo em direção a um chiclete Bazooka grudado no chão, a marca mais grudenta. Righty agarra o chão imundo das ruas de Nova York, quase que lixando sua parte de baixo. Mesmo com todo o seu esforço, ele não consegue desacelerar. Ele decide fazer uma manobra radical, levando consigo o garoto para a rua, o ambiente mais letal e mais comum da cidade.

As ruas de Nova York são inundadas por carros, e eles não se importam com a sua segurança. Eles não se importam com seu bem-estar.

Righty dá um salto enorme, quase que levitando o garoto enquanto ele desvia de um táxi vindo em sua direção. Lefty se agarra no pé do garoto, tentando se salvar do triste destino do possível atropelamento. Eles chegam sãos e salvos na calçada, mas esbarram em alguém, o líder dos descolados de sua escola.

Ele ridiculariza nosso querido garoto, nossa criança de ouro. Ele poderia ter tênis estilosos, mas suas roupas eram falsificadas. Ele zoa o moleque, indo da cabeça aos pés. Terminando em seus tênis. Ninguém usava mais os superstars naquela área. Agora é tudo sobre os Uptowns, Air Force 1 lows brancos. Como qualquer escrotão, ele estreia seus tênis, que antes eram quase reflexivos de tão brancos. Agora têm marcas de sola em cima.

O garoto quase que prefere ficar descalço a usar os seus novos pisantes. Volta para casa e os limpa, achando que isso resolverá o problema. Ele pega uma escova de dente velha e limpa o couro branco. Mesmo assim, não se sente confortável usando-os. Ele os joga no armário, para sempre estarem limpos, mas nunca serem usados. Righty sussurra, sua voz trêmula, "ele não gosta mais de mim".

Conto de um tênis

Daniel Keunecke

Estava pronto. Havia esperado por esse dia durante minha vida inteira. O ano era 2016. Já estava em Orlando fazia dois dias, já havíamos treinado no Amway Center e nessa noite aconteceria o confronto Warriors versus Magic. Eu estava nas nuvens, isso é claro, se o Steph me escolhesse... Não conseguia tirar isso da minha cabeça. Será que ele iria me escolher? Será que eu teria a chance de provar o meu valor? Ou melhor ainda, seria um jogo histórico e estaria nas fotos daquele dia, por todo o resto da história da NBA?

Para aquele momento, eu era uma das três opções que ele tinha. A disputa estava entre mim, George e o John. Estávamos os três posicionados no armário do Curry, ele estava nos olhando, era o momento de tomar uma decisão. Ele pegou George em suas mãos e meu coração parou. Será que era só isso? Será que iria acabar assim? Todos os meus sonhos seriam jogados fora?

Mas, no instante seguinte, escuto Curry dizer:

— George, seu air está furado. Parece que vai ser sua chance, Wilson!

Ao ouvir isso tive um surto de alegria, misturado com nervosismo. Eu estava pronto, havia sido preparado para aquele momento durante a minha vida toda, mesmo tendo só três meses de existência.

Ele me pegou e me calçou, e foi puxando cuidadosamente, porém, com cada vez mais força, um por um dos meus cadarços, de modo que ficassem bem firmes. Subimos para o aquecimento. A cada degrau que minha sola subia

eu conseguia escutar mais um pouco da torcida e meu coração ia acelerando, já que estávamos jogando fora de casa.

Ainda tinha o fato de eu nunca ter sido usado por alguém, era uma sensação ótima, finalmente tinha um propósito na vida. Quando finalmente chegamos à quadra comecei a analisar nossos adversários. E foi quando Steph cumprimentou Victor Oladipo, que conheci Carlos, um Jordan, e como eu sou um Under Armour, já não nos demos bem logo de cara.

Bom, eram esses caras que iriam nos marcar a maior parte do jogo, já que estaríamos na mesma posição como armadores (point guard — PG). O jogo já ia começar e Curry foi até a mesa localizada na beirada da quadra para passar o tradicional pó de magnésio, para bola não escorregar, e em seguida me esfregou em uma estranha plataforma quadrada, acredito que era uma espécie de "limpador de solas" para não escorregar também.

Com o som do apito e a bola ao alto o jogo começou. A primeira posse de bola foi nossa, passaram para Curry e ele pingou a bola duas vezes antes de dar um corte para o centro, tum tum, foi quando eu dei o stepback para linha de três e ele arremessou. Splash, uma cesta perfeita e um recorde quebrado na história da NBA. Naquele momento, Steph atingia a incrível marca de 128 partidas marcando pelo menos uma cesta de 3. Meu sonho tinha se tornado realidade e eu estava sendo usado em um marco histórico na liga de basquete norte-americana.

Porém, era só início do jogo. No ataque seguinte do Magic Oladipo, Carlos veio pra cima de mim e discretamente me deu um pisão. Ali, iniciava-se uma guerra e, para minha sorte, Oladipo não estava muito bem naquela noite. No nosso próximo ataque, fingi um corte para direita e saí para esquerda, deixei Carlos perdido na quadra, Curry conseguiu achar Klay livre e splash de novo, cesta dos Warriors. E o jogo seguiu assim até o final. Eu e Curry anotamos 51 pontos e garantimos a 52ª vitória do time de São Francisco na temporada. Enquanto Carlos teve apenas um jogo sem graça e ninguém nunca mais se lembraria dele ou o veria, eu estaria em todas as capas do dia seguinte, com manchetes dizendo que Curry havia instaurado um novo recorde na NBA.

Eu não podia estar mais feliz, tudo que havia imaginado para minha vida tinha acontecido. A noite estava perfeita, até que no fim do jogo Steph me tirou, me deu um autógrafa e me jogou para um menino que estava na torcida.

Solução

Pedro Mazzuccheli

Incomodado com a sua vida um tanto quanto monótona na cidade de Nova York, Jim, um dos principais detetives do departamento de polícia, já não aguentava mais esperar por um caso que lhe desse calafrios e uma real vontade de resolver, coisas que um jovem detetive de 25 anos precisa para ter vontade de continuar na profissão. O problema da questão é que Jim se exaltava muito em seus casos, o que fazia com que, em alguns deles, perdesse o controle da situação e acabasse deixando o bandido em questão escapar por pura desatenção e indiscrição de sua parte. Tal desatenção fez com que, gradualmente, o comissário da polícia fosse perdendo parte da sua confiança sobre o detetive.

Com seus casos rasos e simples, Jim estava, há muito tempo, desanimado com o seu trabalho, sem vontade. Porém, isso estava prestes a mudar quando, naquela quinta-feira cinzenta de outono, seu pai foi brutalmente assassinado enquanto andava na rua. Obviamente, tal acontecimento chacoalhou tudo que havia dentro da cabeça do detetive. O mesmo concluiu que precisava encontrar o culpado, não importasse o que ocorresse. Decidido, foi ao comissário solicitar o caso, porém, o mesmo se encontrava em dúvida, pois não queria que a emoção afetasse um caso como esses, “investigar a morte de seu pai não é fácil” dizia ele. Depois de muita insistência, Jim conseguiu o caso e, com sangue nos olhos, começou uma busca implacável pelo assassino.

Começou pela cena do crime, um mercadinho de esquina que ficava a dois quarteirões da casa onde Jim nascera e fora criado. Seu pai havia apenas saído

para comprar o jantar e mal esperava pelo que estava por vir: o pior. Tudo isso deixava, cada vez mais, Jim transtornado. Seu pai, que o criara, que lhe ensinara quase tudo de mais importante, foi assassinado quando queria apenas comprar comida. O criminoso não teria como saber o animal que encontraria caso o detetive o achasse.

No mercado, Jim começou a entrevistar as testemunhas, cinco pessoas que viram o assassino seguindo o pobre senhor ao sair do estabelecimento. O jovem, pensando de forma inteligente, escalou seu parceiro Mike para conduzir as conversas. Pessoa após pessoa, os dois detetives estavam ficando sem esperança. Até então, a única descoberta útil que Mike obtivera fora a cor do cabelo do delinquente: loiro.

Até o fim dos interrogatórios, essa permaneceu sendo a única pista que ambos tinham obtido sobre o bandido. Frustrado, o filho da vítima começou a andar em círculos pelo estabelecimento e a balançar a cabeça, sem saber ou conseguir pensar no que deveria fazer. Foi quando notou um trunfo, que até então havia passado despercebido aos olhos dos dois detetives (que pelo que pudemos perceber, não eram tão atentos). Uma câmera! A mesma gravava o estabelecimento dia e noite, sem parar. Não era a peça que faltava no quebra-cabeça, mas era uma que os ajudaria muito. Ao assistir às gravações, Jim descobriu que o culpado se tratava de Adam Odonnell, um criminoso que há tempos era procurado pela polícia de Nova York pelos mais diversos delitos. Jim conseguia apenas se recordar de seus companheiros reclamando que nunca tinham conseguido encontrá-lo; o homem era um fantasma.

Com o conhecimento sobre o culpado, Jim começou a entrevistar outros detetives do departamento de polícia para conseguir cada vez mais informações sobre Adam. Por impulso, o detetive resolveu recorrer à internet, publicando um pedido de ajuda. Nele estava a seguinte frase "se você viu esse homem, favor contatar (917) ***_****".

O criminoso procurado, ao descobrir sobre a existência da postagem, começou a pesquisar e reunir informações sobre o homem que o estava procurando, preparando formas de se livrar dessa "pulga em sua orelha". Ambos os lados do caso estavam se preparando para o inevitável encontro.

Dia e noite, Jim desgastava cada vez mais sua mente. Sua cabeça, obviamente abalada pela morte recente do pai, somava-se ao seu físico, exausto por conta de incontáveis horas buscando pelo assassino. Pistas esfriavam tanto quanto o coração do bandido. O detetive ia, aos poucos, perdendo sua esperança. Até que um som cotidiano, que costumava passar despercebido, tomou a sua atenção naquela noite de terça-feira. Era o tocar de seu telefone: finalmente, os anúncios colocados nos postes de rua tiveram algum efeito. O suspeito havia sido visto a 30 minutos da delegacia.

Sem hesitar, o jovem explodiu em direção ao seu carro, era sua chance. O trajeto de meia hora foi realizado em 15 minutos. As sirenes, antes ligadas para

facilitar a locomoção através da cidade, foram desligadas quando o detetive se aproximou do local. Ele não queria que o criminoso se alarmasse. Ao entrar no local, Jim se deparou com uma escada, a qual subiu. No piso superior, deparou-se com seu adversário que, aparentemente, estava à sua espera.

Ao se deparar com seu antagonista, o jovem adulto se viu tomado pelo ódio. Ele queria vingar seu pai. Antes de qualquer coisa, enquanto as lágrimas escorriam por seu rosto quente, Jim exigiu uma explicação: por que aquele monstro havia assassinado seu querido pai? Enquanto o detetive esperava por respostas, o que ele recebeu foi apenas uma risada, uma risada que ele jamais havia escutado antes. Uma risada fria, sem sentimentos. O culpado caçoava dele, o que só aumentava seu ódio. Suas mãos suavam, o suor escorria junto às lágrimas por toda a sua face.

Sua cabeça estava envolta em um caos que se resolveria apenas de uma forma: BANG, o som do tiro ecoava pelas paredes da fábrica abandonada na qual os rivais se encontravam. Com a mesma velocidade que as lágrimas escorriam por seu rosto, Jim ia ao chão. Ele não aguentava o caos em que estava envolvido. A saída? Um tiro vindo de sua própria arma. O mesmo atravessou a sua cabeça como um som, de uma orelha a outra. Finalmente, Jim encontraria seu pai novamente.



O sonho

Júlia Paliães

Em seu quarto enorme, lindo, cheio de janelas com vista para o mar, Nina, uma mulher de olhos claros e cabelos compridos, de 25 anos, depois de tudo o que passara, resolveu voltar ao oceano para surfar novamente. Ela estava feliz e determinada, já que não sabia o que estava por vir.

Dois anos antes, Nina seguia sua carreira como surfista, acordando todos os dias bem cedo e indo direto dar um mergulho. Bem, naquele 3 de janeiro, ela não esperava a revolta do mar, como não esperava sair de lá muito tempo depois, fraca e sem fôlego, tendo que passar meses sem poder surfar, devido à sua fratura no tornozelo.

Mas enfim, essa tragédia ficou no passado, devemos nos preocupar mesmo com o que está por vir. Decisão tomada, Nina voltou ao mar, do mesmo jeito que sempre fizera, acordando bem cedo e partindo para seu mergulho. No início, tentou não pensar em seu antigo acidente, até surfar sua primeira onda, a primeira em dois anos, esquecendo de vez esse trauma, passando a manhã toda na prancha, até ficar exausta.

Depois de um exercício revigorante como o que havia feito, não podia voltar para casa sem pegar a última onda, a onda perfeita. Mesmo exausta, esperou por um bom tempo, até que percebeu um movimento no mar. Sua atenção e seu coração estavam a mil, pois tinha certeza que esse movimento todo significava que sua onda perfeita se aproximava. Movimento mais forte, se posicionou. Pressão do mar a puxando, onda se formou, bateu seus pés com sua maior força,

alta velocidade. Subiu na prancha, seu momento perfeito acabava de ir por água abaixo, literalmente. Minutos embaixo da água, conseguindo ar por apenas milésimos de segundos. Desespero cada vez maior. Falta de ar cada vez maior. Falta de esperança cada vez maior.

Naquela hora, não havia mais nada a ser feito. Nina não tinha mais força e nem fôlego. Estava tomada por tonturas, ilusões, vagos e profundos pensamentos. Estava totalmente entregue, leve, flutuando com o leve balanço do mar, anestesiada. Só enxergava o escuro. Só ouvia um vácuo. Segundos se passavam, os mais longos segundos de sua vida, os últimos, como ela pensava. Passou a sentir algo estranho. Coração acelerado. Medo. Desespero. Agitação. Queda. Por que sua respiração estava de volta? Por que o balanço do mar tinha ido embora? Talvez fosse porque Nina estava em seu quarto enorme, lindo e cheio de janelas com vista para o mar. Era tudo mentira? Mentira não, um pesadelo. E nem tudo, porque a parte da queda foi bem real, já que Nina estava toda confusa no chão, ao lado de sua cama.

Em espera

Mariana Ramalho

A noite estava árida, o calor atingia a minha pele, que, porosa, se esfarelava no chão.

Nunca fui muito bom com temperaturas. Na verdade, eu nunca fui bom em nada. Sou tão fraco que qualquer um me quebra, sou tão pequeno que ninguém consegue me ver. Sou insignificante e nada posso mudar, mas se eu pudesse dizer algo, pediria para pelo menos sair desse canto, quem sabe conhecer o mundo, ou melhor, não ser assim tão firme.

Sempre penso em como seria a minha vida se eu não vivesse pregado no chão, o que eu faria se eu fosse um dos vultos que vêm e voltam por aqui, que falam, andam, se tocam. Um toque, sinto-o e isso é o suficiente para me tirar de meus pensamentos.

Olho para frente e vejo um objeto cilíndrico e translúcido em quase todo o seu corpo, menos em uma fita que passa em volta de seu diâmetro. Nesta, estão escritos os dizeres “Corote”.

Não muito tempo depois, aparecem três vultos, mas que às vezes se juntam em um só. Andam atrapalhados e se apoiam uns nos outros para não caírem. Cheiram mal e falam de um jeito lento e sem coesão, dá muito medo. Se pudesse, teria fugido, principalmente quando um deles decide se aproximar de Corote.

Achei que eles iriam pegar o objeto que em mim tocava, mas eu estava muito enganado. No lugar disso, decidiram observar Tomás, que se encontrava a alguns centímetros de distância de minha matéria.

Os vultos se olharam e o mais próximo decidiu coletá-lo. Os dedos dos vultos cobriam o corpo de meu colega, o esmagando levemente. Não demorou muito tempo para ele ser suspenso pelos ares.

Filho da puta! Ele sempre conseguiu tudo que quer. Rezei o dia todo para os céus, desejando ter uma oportunidade dessas para ela ser gasta justamente com o Tomás.

Nada contra, sempre teve do que se orgulhar, seu corpo era arredondado, possuía um formato estranho, mas muito incomum, algo que o fazia se gabar dia e noite. Sua pele era lisa e refletia a luz da lua como verniz. Havia boatos de que ele na verdade era precioso e por isso brilhava tanto, mas isso nunca foi confirmado. Prefiro não acreditar; se isso fosse verdade, o ego dele iria até as alturas, até mais alto do que ele estava agora.

Observando a superfície translúcida de Corote, pude ver os vultos levando o meu colega até uma área vazada e retangular, que estava preenchida d'água. Tomás foi arremessado do ponto mais largo que o vulto pode alcançar. Ele caiu com tudo em direção daquele monte de água. Quando chegou lá, desapareceu. De rastro, só vi algumas gotículas do líquido e um pequeno estrondo de quebradiço.

"Depois disso ele não volta nunca mais", comentou Ruth ao meu lado.

Ruth era minha colega de anos, era firme, e de língua afiada. Sempre boa de conselhos. Sua ponta aguçada, que se encontrava no topo da sua cabeça, dava medo em qualquer um. Era comum que dos vultos saísse um suco vermelho toda vez que lhe queriam lhe fazer um cafuné.

Sempre quis ter essa habilidade, mas sou fraco até para isso. Os céus não foram bondosos comigo, não me deram nenhuma característica especial, a qual pudesse chamar de minha. Meus colegas vivem me dizendo que já encontraram muitos de mim por aqui. Alguns foram levados pelo vento, outros, chutados por vultos. Fico aguardando esse momento, como uma sina, que, cruelmente, nunca é cumprida.

E ali estava eu, sujo de suco, insistindo para que largassem Ruth e que me pegassem em seu lugar, mas eles me ignoraram, eles nunca nos escutam.

Novamente, os vultos se afastaram, levaram-na para a área vazada; choro e poeira se despregaram de meu corpo, senti-me cada vez mais nulo, débil e de corpo ralo. Tentei me debruçar sobre Corote, para pelos menos ver meus amigos partindo para uma vida melhor.

Aproximei-me do meu companheiro e vi Ruth partindo. Também, não dava para não ver: histérica, minha colega clamava por alguma ajuda. Mas eu não entendia o porquê de tanto escândalo, aquilo era o melhor para ela, vivia sentindo dores, dado a uma rachadura que recebeu de um vulto.

Além disso, era muito velha, tinha experiência de sobra e sabia os nomes dos vultos de cor. Me surpreendeu inclusive o fato deles não terem largado Ruth quando foram ditos os nomes, sendo mais uma prova de que os vultos são seres desprovidos de qualquer inteligência.

Souo o barulho da morte, Ruth desapareceu enquanto eu me enfraquecia. Cada vez menos de mim restava, as partículas saíam por minhas lágrimas e pelo calor que aquela noite emanava. Dali a pouco, ficaria apenas o meu pó que seria, igual ao de outros, levado pelo vento.

Se, por um lado, eu estava feliz porque aquela merda de vida finalmente iria acabar, por outro, me desesperava o fato de não ter uma morte digna.

Em busca de um conselho amigo, perguntei para Corote o que ele achava sobre aquilo, mas ele não me respondeu, provavelmente intimidado (já que àquela altura ainda não éramos amigos).

Enquanto eu tentava me abrir para Corote, dois vultos levavam com dificuldade o velho Sérgio até a área vazada. Só percebi isso quando eles estavam bem próximo do local e quando um deles falou algo em um tom tão irritado, que duvidou que fosse uma coisa boa.

Vi-me chorando, mais poeira saía de meu corpo. Droga! Por que não posso ser forte pelo menos nesse momento? Por que essa dor de cabeça e esses curtos apagões tinham que aparecer justo agora? Queria poder me despedir direito de meu colega. Se estivéssemos em situações opostas, ele detalharia a minha morte para todos que estivessem ali. Seu grande porte sempre o fez se intrometer onde não deveria. Era comum ele ser invasivo conosco, mas pelo menos ele se importava com quem estava ao seu redor.

Estava sendo ainda mais difícil enxergar alguma coisa, minhas dores se misturavam com o barulho que velho Sérgio fazia ao chegar ao fim de sua vida. A água trasbordada da área, resultado do grande impacto que o mergulho que Sérgio causou, parecia a minha consciência, que aos poucos saía de meu corpo. Até que finalmente me encontrei no breu.

Boom!

Acordei novamente.

Vi que Corote não estava mais em minha frente, e não demorou para descobrir que ele se encontrava a vários metros de distância. Provavelmente, foi chutado por alguns dos vultos... Essa era a única explicação lógica que encontrei para esse fato.

Mas os vultos não me deram muito tempo para pensar na injusta agressão que Corote sofrera, pois seus dedos calorosos já adentravam minha superfície.

No calor e no conforto de uma mão desconhecida, fechei meus olhos, e pensei: "Essa é a minha hora."

Como um pássaro, sentia que as lágrimas que me judiavam no passado se transformavam em grandes e fortes asas que me ajudavam a cada vez mais me aproximar dos restos mortais dos meus colegas, que se encontravam abaixo d'água.

Eu os via e os sentia cada vez mais perto de mim. Minhas asas batiam mais rápido, ansiosas para que esse grande encontro acontecesse, mas elas se foram, me deixando fraco novamente.

Estava pisando em água, à deriva, nada podia me levar ao chão, e não poderia me juntar aos meus colegas novamente. Fiquei olhando severamente aos olhos dos vultos, implorando por uma segunda chance, mas como já disse, eles nunca nos escutam. Tive que ficar na linha tênue entre a água e a morte.

No dia seguinte, acabei ganhando um passeio de rede. Voltei novamente para o lugar onde antes estava. Um novo colega veio rolando até mim. Se apresentou e perguntou o porquê de eu estar tão molhado. Preferi não comentar



Presos entre gritos

Malu Ross Kaiut

Oscar se preparava para seu encontro, em seu apartamento no último andar do pequeno prédio onde morava. Lennin, no apartamento abaixo, assistia televisão tentando distrair sua mente de seu nervosismo constante, que diante das circunstâncias se agravava cada vez mais.

A noite caía e Lennin ia ficando com uma feição cada vez mais agonizante. Olhava para as paredes de seu apartamento e contava as horas, contava, olhava, mas o tempo estagnado só lembrava de sua abstinência, que agora era maior que as paredes que o mantinham em isolamento. Em um ato agressivo, dirigiu-se à porta, colocou o casaco, abriu a porta e finalmente apertou o botão do elevador.

Oscar fumava seu cigarro na janela e pensava a respeito de seu futuro encontro; pensava a respeito do homem, pensava sobre o que sentia por ele; ao mesmo tempo, estava nervosa; era a primeira vez que ia sair do isolamento social e não sabia ao certo se queria mesmo ir vê-lo. Ela olhou para o relógio e percebeu que estava muito atrasada, já não era mais tempo de decidir se ia ou não... Saiu da janela, logo se dirigiu à porta e apertou o botão do elevador.

Oscar, ao entrar no elevador, parou no andar de baixo, onde encontrou Lennin. Os dois, que muito pouco sabiam um do outro, mantiveram um papo contínuo de elevador, onde tanto Lennin quanto Oscar estavam claramente nervosos. Os dois então se despediram, pois seguiam em direções diferentes. Oscar entrou em um Uber apressada e Lennin seguiu pela rua à procura de satisfazer-se.

Após uma longa caminhada sem sucesso, Lennin se dirigiu ao bar mais próximo, um bar meio esquisito, do qual nunca tinha ouvido falar, mas tinha acabado de achar no google maps e dizia ser de cinco estrelas. Lennin entrou no bar sem rumo, tomado por decepção consigo mesmo, mas como um bom homem frágil, Lennin decidiu encher a cara.

— E aí, cara, o que eu posso beber com vinte conto?

— Nada! O bar tá fechado, tamo na pandemia, cara. Volta pra casa, na rua só tem negligência.

Sem bar. Sem bebida. Sozinho. Lennin seguiu em frente, tirou do bolso de dentro do casaco uma cerveja que tinha pegado sem que o senhor do bar visse; tirou também uma caixa de fósforos brancos, a caixa estava meio cheia meio vazia, mas havia pelo menos uns 15 fósforos. O homem já tinha andado o bastante para qualquer jovem com desejos que não podiam ser saciados; sua mente já tinha cansado de andar por ruas e ruas sem encontrar lugar onde pudesse extravasar suas necessidades. Lennin então se sentou debaixo de um poste de luz e às 23:30 acendeu seu primeiro cigarro.

Oscar já estava em seu Uber a tempo suficiente para rolar todo o feed do seu insta, face, twitter, tempo suficiente para desligar o celular e olhar os grandes prédios da marginal como se nunca os tivesse visto antes. Apesar da vista ser linda, ela estava aflita sobre suas decisões, sentia que seus dias passavam inextatos, inacabados, a todo o momento que encontrava liberdade se distanciava. Envolta em seus pensamentos, sem perceber, disse em voz alta:

— Liberdade.

— Pois não, senhora?

— Desculpe, pensei alto.

— Não se preocupe, converso muito pouco durante meus dias.

Então, o que estava pensando?

— Eu estava pensando sobre liberdade.

— Acredito que a liberdade que conheci é muito distinta da sua.

— Não sei se cheguei a conhecê-la, sinto que hoje em dia fica muito difícil encontrar liberdade sendo que esta acompanha conhecimento pessoal e seus desejos.

— Sem dúvida, estes dois certamente caminham juntos, mas não entendo o que faz com que você acredite que nunca tenha vivido a liberdade. Claro que entendo que no estado atual da pandemia esteja realmente difícil encontrar isso, mas conhecimento pessoal e desejos são os pilares da nossa sociedade.

— A pandemia certamente não me faz nada bem, mas a sociedade terceirizada em que vivemos instiga nossos desejos, tornando difícil não se submeter a ser apenas uma espécie de subproduto mal trabalhado.

— A pandemia faz mais mal para motoristas como eu, ou trabalhadores de lojas, shoppings, tudo que é administrado por pessoas que podem trabalhar

de suas casas. Mas isso não tem sido uma questão, pouco posso fazer na minha situação, e sobre a liberdade que tenho hoje, é a mesma de antes disso tudo.

— Sim, acho que é um momento muito delicado, pois vivemos sob um medo e uma agonia e de certo só o inconstante. Para completar, ainda temos que lidar com a fragilidade do sistema brasileiro. Exaustivo.

— Ah, sim. Exaustivo sempre. Mas apesar de ter gostado da nossa conversa, chegamos.

— Foi um prazer conhecê-lo é...

— Walter. Tenha uma boa noite.

Oscar desceu do carro, olhou para o prédio, abriu a porta, subiu as escadas, virou por corredores, subiu mais escadas, virou à direita, virou à esquerda, até que ficou de cara com a porta. Lá estava ela, só conseguia olhar o número do quarto 230. Ela tirou o celular do bolso e eram exatas 23:30.

Lennin costumava se apropriar do cigarro para passar o tempo. Por mais que o jovem se sentisse borbulhando e cheio de desejos, se sentia constantemente fácil. Por mais que não fosse recomendado fumar cigarros na rua durante a pandemia, Lennin sem nem pensar já acendia o segundo. Cansado de se sentir enclausurado, ele começou a gritar intensamente, palavras que nem ele compreendia. Tomado por sensações, gritava não por mal e nem por loucura, gritava para os vizinhos que, tomados pelo desejo, gritaram junto. Os gritos não se estenderam por muito tempo, aos poucos foram se silenciando, morrendo, até que Lennin se sentisse a única pessoa da rua novamente.

O que Lennin não sabia é que no décimo quinto andar do prédio que estava à sua frente, havia uma senhora que não tolerava ser perturbada. Esta, em um ato de raiva, decidiu ligar para a polícia, pois não era capaz de suportar a presença de Lennin, pois não a compreendia.

Já eram 00:30 e Lennin, jogado na calçada, sem máscara, apenas com seu cigarro, sorria incessantemente, fechava os olhos em poucos segundos, se via livre.

Oscar continuava a olhar a porta do quarto, pensava em mil coisas, pensava em estar quebrando a quarentena, pensava em seu relacionamento. Agora, afogada em pensamentos, já não pensava, respirava fundo, até que sua mente foi tomada por insegurança e medo. Só conseguia pensar nas milimétricas possibilidades de se infectar com o vírus. Sem nem abrir a porta, Oscar correu até o primeiro andar com o celular na mão e pediu seu Uber de volta para casa.

Do lado de fora do prédio, só conseguia torcer para que seu amante não a visse fugindo. Em paralelo gritava consigo mesma por estar sem máscara nas ruas de São Paulo, mas o que poderia fazer? Sua maquiagem escorria com suas lágrimas por todo o seu rosto, estava presa pelo tempo. Na rua. Na pandemia. Os segundos lentos lhe mostravam a fragilidade de suas decisões mal pensadas, que explodiam dentro dela mesma.

O Uber chegou, o motorista não falou nada dessa vez, Oscar entrou no carro cansada, implodindo como todos que estavam passando pela pandemia. Pode

perceber que quando passamos muito tempo com nós mesmos, esquecemos, ficamos consumidos pela decepção e inconstância quando não temos estímulos. Ela viu as loucuras que era capaz de fazer por não conviver consigo mesma. Oscar pôde ouvir no rádio do carro que eram 00:00.

Lennin, que já estava no quinto cigarro pra passar a hora, ouviu barulhos de passos silenciosos, porém rápidos, Lennin se sentou e sem surpresa se preparou para o que estava vindo... Sem demora, dois homens altos fardados se colocaram em frente a ele. Sem nem pensar, foi espancado, mas enquanto ainda estava acordado, pôde ouvir o rádio da viatura informando o horário, eram exatamente 00:45.

Acordou desorientado, não se mexeu muito, não demorou muito para entender que sua liberdade consumia o desejo de todos os moradores, moradores que eram capazes de agredi-lo desde que sumisse, e sua liberdade também. Com isso, Lennin levantou cambaleando com o resto de suas forças, caminhou rumo a seu prédio, acendeu seu último cigarro com o último fósforo que havia sobrado dentro da caixa, o cigarro queimava rápido e o sangue que caía de sua sobrance-lha cortada caía diretamente no filtro do cigarro. Logo estava em frente ao seu prédio e pôde ver Oscar chegando ao mesmo tempo. Lennin se dirigiu ao elevador e quando estava entrando, ouviu Oscar gritar para segurar a porta.

Oscar desceu do Uber com gosto, aliviada. Por mais que estivesse cansada, com a maquiagem borrada, só conseguia pensar no alívio de chegar ao seu prédio. Subiu as escadas e viu que Lennin estava entrando no elevador e gritou para que ele segurasse a porta. Com pressa, entrou no elevador e quando pôde descansar seus olhos, olhou para Lennin e pôde perceber que ele estava inteiramente ferido. Quando estendeu suas mãos para acolhê-lo, Lennin tossiu três vezes.

Formatura inesquecível

Diogo Nieto

Maria acordou superfeliz, era o dia da formatura dela na faculdade, por isso, nada poderia atrapalhar. Então, ela foi pra faculdade caminhando, como sempre fez. Ao chegar, teve sua formatura e tudo ocorreu como esperado. Após o evento, foi embora de volta pra casa caminhando. No meio do caminho, um grupo de borboletas pretas passou por ela. Maria não fez nada, apenas lembrou-se de uma lenda que tinha escutado de que borboletas pretas significavam a morte de alguém próximo a você. Mesmo sabendo da lenda, apenas continuou andando. Após um tempo, esse mesmo grupo de borboletas voltou e começou a seguir a moça, quando ela chegou à rua de casa, ouviu uma voz dizendo:

— Joana...

Após ouvir isso parou e olhou para todos os lados, mas não tinha ninguém, apenas as borboletas. Mesmo com supermedo continuou olhando para a borboleta até que a maior das borboletas disse com a mesma voz:

— Joana...

Maria perguntou assustada: — Minha irmã?

Borboleta: — Joana...

Após essa pequena e assustadora conversa, lembrou que a irmã fizera uma viagem de avião e por isso ficou superpreocupada e correu pra casa. Ao chegar, ligou para sua irmã, porém ninguém atendeu. Após ter ligado e sua irmã Joana não ter atendido, Maria começou a ficar ainda mais desesperada, pois a irmã tinha ido para a viagem de avião a trabalho em um lugar perigoso. Ela foi para uma

floresta em algum canto da Amazônia, pois era bióloga e tinha que explorar uma nova espécie de plantas. Após um tempo tentando esquecer tudo isso, Maria se acalmou e pensou que aquilo talvez fosse apenas uma ilusão, já que ela estava preocupada com a irmã.

Então Maria foi dormir. Às 3:00 da manhã ela acordou com algumas batidas na porta de sua casa, estranhou, mas foi ver quem era. Abriu e não tinha ninguém; então voltou para o quarto e quando se deitou, ouviu 3 batidas na janela. Ao se virar, viu um grupo ainda maior das borboletas pretas. Ao ver isso, congelou. As borboletas a encararam por alguns minutos, até que a maior que havia no grupo falou:

— Joana.

Após ouvir isso, o desespero que já tinha sumido voltou a seu corpo. Os pelos dos braços se arrepiaram e todo o seu corpo tremeu muito fortemente. E então, Maria desmaiou. Ao acordar, lembrou-se do ocorrido e decidiu fazer uma loucura: comprou a primeira passagem para o local em que sua irmã estava e foi. Ao entrar no avião, sentou-se perto da janela e observou a vista. Quando o avião começou a andar, uma borboleta preta passou do lado da janela da Maria, deixando-a ainda mais preocupada com a irmã. Quando faltava uma hora para chegar, uma turbulência muito forte ocorreu. Ao olhar para fora, viu o motor pegando fogo; quando ela olhou de novo para dentro do avião, viu uma borboleta preta no fundo do corredor; quando a mesma sumiu, o avião começou a cair.

Ao perceber que o avião iria cair, a personagem entrou em desespero, porém sabia que não podia fazer nada, então fechou os olhos e... acabou acordando em casa superassustada, e a primeira coisa que a Maria fez foi ligar para a irmã e viu que ela estava bem. E então, apenas esqueceu esse sonho, após ligar para a irmã percebeu que estava atrasada para a formatura, decidiu ir para faculdade e recebeu a notícia que conseguira se formar. Estava superfeliz, então decidiu ir para casa; porém, no caminho, um grupo de borboletas pretas passou na sua frente.



Bem-vindo ao Ensino Médio

Filipe Amaral Vieira

Estava ansioso. Era a primeira vez que ia fazer isso. Estava na casa de um amigo meu e muito animado para o cair da noite. Essa noite seria fantástica, ainda mais porque sabia que não voltaria para casa, tinha tudo para ser perfeito.

Nós estávamos jogando videogame na sala esperando dar o horário para sairmos, quando ele se lembrou de uma lição de casa para segunda-feira que a gente ainda não tinha feito e eu falei:

— Mano, esses professores não têm dó, não, já teve muita lição essa semana. Não estou suportando mais, eu quero ir logo para a festinha de hoje à noite.

— É, meu caro, bem-vindo ao Ensino Médio. Agora para de reclamar e vamos fazer logo essa desgraça.

Feita. Nesse momento, a mãe dele tinha acabado de preparar a janta e nos chamou para comer. Eu não conseguia pensar em outra coisa sem ser essa festinha. Estava louco para finalmente beber com os meus amigos, tanto que nem comi direito.

Acabamos de jantar, levei meu prato até a pia, como qualquer boa visita, e eu e meu amigo falamos para a mãe dele que já estava na hora de, finalmente, irmos para a festa. Ela disse que nos levaria até lá e assim foi como aconteceu.

Chegamos. Eu e meu amigo saímos do carro e fomos até a porta. Lá já comemçava a loucura: para entrar tínhamos que tomar um “shot de entrada”. Eu, por estar muito animado, fui primeiro e meu amigo, por não gostar muito dessas coisas, falou que estava tomando remédio e não podia beber, o que era mentira.

Descemos até onde realmente estava acontecendo a festa. Vi muitos de meus amigos, já meio alterados, e fui cumprimentá-los. Fui pegar um copo para mim. Nos primeiros goles, eu percebi que a bebida era ruim, era do tipo forte e barata, e tinha muitos sabores. Nessa hora, eu, por ser muito curioso, tive a brilhante ideia de experimentar cada um dos sabores para ver qual eu mais gostava. E, por alguma razão inimaginável, eu decidi, além de fazer isso, ir experimentando a bebida do copo dos meus amigos para ver se eu conseguia identificar o sabor.

Nisso eu acabei tomando um copo, outro, outro, e outro, mais um, o último, a saideira, mais outro... tantos que perdi a conta. Só sei que fiquei muito mal. Eu estava torto e não conseguia mais andar direito. Mas, na hora, ainda estava me sentindo bem, no controle de tudo.

Até que olhei para o chão. Ele estava muito limpo. Dei um passo e o chão começou a tremer e rodar muito rápido. Fui parar em uma escada. Não sei como. Vi um quadrado branco e gigante me trazendo um copo de água. Não sei como. Bebi e ele falou que precisava voltar para o corre. Ainda estava me sentindo muito mal. Mas, naquele momento, fui socorrido pelo Buzz Lightyear. Isso mesmo, o Buzz Lightyear.

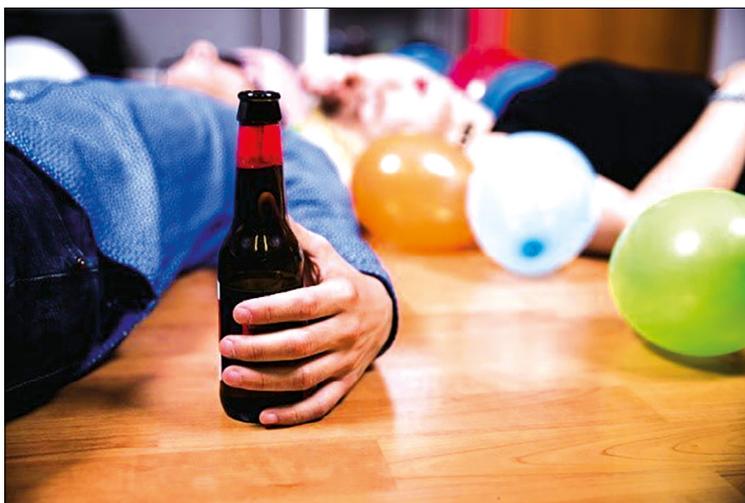
Ele disse que precisava muito de minha ajuda para vencer a guerra intergaláctica e assim, derrotar o temível Imperador Zurg. Eu ainda não estava bem o suficiente para ajudá-lo. Ele disse que deveríamos partir imediatamente, porque já estávamos sendo perseguidos e precisávamos fugir de maneira rápida da festa. Saímos correndo até o seu glorioso Honda Fit que estava estacionado do outro lado da rua. Quando entramos, vi que o assento do motorista já estava ocupado.

Não podia acreditar. Era o próprio Zurg. Buzz me traíra. Ele tinha me enganado! Falou que a galáxia precisava de mim, que eu era o único que poderia salvá-la. Mas era meramente uma armadilha. Eu estava desesperado. Será que eu viraria prisioneiro de guerra? Será que seria torturado por Buzz nas luas de Júpiter? Será que ele venderia meus órgãos no mercado negro lunar? Estava ficando louco com todas as possibilidades do que podia acontecer.

Zurg começou a falar. Sua voz não era maligna e imponente como eu havia pensado, na verdade, era bem normal e até que parecia um pouco a voz da mãe do meu amigo... Era a voz da mãe do meu amigo. Nesse momento, Zurg deixou de ser Zurg e se transformou na mãe de meu amigo, enquanto Buzz voltou a ser o meu amigo. Isso queria dizer que o destino da galáxia não estava em jogo e que eu não estava a caminho de ter um terrível destino e meus órgãos vendidos, mas que eu apenas estava indo para sua casa.

Estava de volta a mim e acho que, por isso mesmo, eu imediatamente voltei a me sentir mal e a sentir que o mundo estava girando um pouco. O carro acelerou. O mundo também. Eu comecei a sentir minha barriga dando nó, meu rosto quente e minha cabeça doendo. Começamos a fazer curvas. Eram muitas curvas, uma atrás da outra. Não conseguia mais segurar.

Vomitei. Vomitei mesmo. A salvação foi que eu abri a janela do carro a tempo, então não sujei o banco e o chão do carro, mas isso era o de menos. A mãe do meu amigo percebeu o que tinha acontecido e ficou muito chocada. Eu percebi que mudamos o caminho e não estávamos mais indo para a casa do meu amigo. Eu comecei a reconhecer o caminho e percebi que o fim estava próximo. Chegamos à minha casa



Uma noite para ser lembrada

Felipe Pestana W.

A cada duas semanas, tinha uma festa nova, a cada duas semanas tinha que tomar a difícil decisão de, na última hora, comprar ou não comprar o ingresso.

Diferente dos mais festeiros, eu nunca tive o hábito de chegar a minha casa depois das onze. Sendo assim, raramente adería a rolês e festas. Porém, meu problema sempre foi a curiosidade. Em meus plenos 15 anos, tive pela primeira vez vontade de ir a uma festa para experimentar.

Já estava tudo planejado com meu amigo Marcos. Ele e mais um colega viriam à minha residência para assim irmos juntos à festa, isso porque eu não teria coragem de ir sozinho, o que é completamente normal. E como em todo bom plano, o amigo mais experiente me guiaria nesse mundo novo e mágico de baladas.

Passou-se aquela sexta-feira, no final do dia estávamos prontos. Eu, diferente dos meus amigos habituados às festas, cometi um erro de achar que era uma festa ao estilo formatura do nono ano, logo vesti uma polo preta, bonita e confortável. Marcos não havia me dado nenhum toque (talvez por dó), mas quando nosso amigo mútuo chegou, já me mandou a real.

— Mano, que po##a de camisa é essa? Vai para um baile de gala?

Percebendo meu erro juvenil, tentei escapar dizendo que costume usar tal roupa em casa, devido ao fato de ser muito confortável, mas acho que não funcionou.

Minha mãe estava pronta para nos levar, mas antes me puxou para o canto da sala e me deu aquele conselho clássico:

— Felipe, não se atreva a usar qualquer tipo de droga e beber.

Agora sim, estávamos prontos para ir à festa. O que poderia dar errado, não é mesmo? Chegaríamos às 22 horas e por fim eu e Marcos (que dormiria em minha casa) poderíamos voltar à meia-noite. Era perfeito.

Mas assim como todo plano perfeito que irá gerar por consequência uma boa história deve ter um antagonista, no meu caso esse antagonista foi minha própria pessoa. Sim! Você não leu errado, meu plano me fode#. Chegando à festa, tudo correu normalmente: bebidas, drogas e pegação (o esperado). Porém, havia algo com que eu não estava contando, uma variável fatal, que me veio à cabeça apenas no meio da festa quando soube por meio de um amigo que Marcos estava completamente bêbado. Foi aí que me veio à mente: meu amigo bêbado vai dormir na minha casa! Por conta de eu não beber, eu esqueci de considerar que meu amigo beberia. É, eu sei, um erro infame.

Em determinado momento da festa, quando estava perambulando, foi anunciado de forma calma e ordenada:

— Colou polícia! Todo mundo desce!

Enquanto todos desciam em pânico, eu vi uma oportunidade. Estava com medo da polícia e com sono, então pensei, vou ligar para minha mãe vir nos buscar. Uma ideia sensata; porém, alguns instantes depois, descobri que era tudo apenas um alarme falso. Ainda segui meu plano B, encontrei Marcos e lhe avisei que a polícia estava ali e que minha mãe nos buscaria. Ele, completamente louco, me disse que naquela hora (uma da manhã), não estava pronto para dormir em minha residência, mas que dali a umas duas horas estaria. Me mantive forte e não caí em seu papinho persuasivo de bêbado. Eu era um gênio do crime e as coisas terminariam bem se ele seguisse meus passos.

Chegando a minha residência, sabia que o desfecho daquela noite seria complicado. Marcos foi tomar banho e eu comecei a levar um esporro de meus pais. Neste meio tempo, começamos a escutar barulhos estranhos vindo do meu banheiro... Fomos nos aproximando e percebemos que Marcos estava vomitando.

Eu e meus pais não sabíamos o que fazer, o ideal seria ligar para os pais de meu amigo para virem buscá-lo, porém isso seria ser um X9. Entretanto, decidimos chamá-los mesmo assim. Perante tal humilhação, só pensei em mandar uma mensagem para meu amigo lhe avisando do iminente.

Porém, o real trauma na vida de Marcos veio quando estávamos calçando nossos sapatos para nos encontrarmos com seus pais. Ele vomitou de novo. Sim, algo deselegante de se pensar, que se assemelhava até àquela famosa cena do filme O Exorcista.

A partir deste momento Marcos nunca se perdoaria, nunca se esqueceria de tal vergonha. Porém, creio que isso o ajudou. Parou de beber por uns bons meses e seus pais ficaram de boa. Já eu... bom, eu não vou a uma festa do tipo desde então.

Alguém com seu melhor amigo

Pedro Hassun

Zezinho era um garoto de dez anos que vivia em sua casa em um bairro nobre da cidade de São Paulo. O garoto não tinha muitos amigos na escola, então sempre que chegava em casa no fim do dia, ia correndo ficar com seu cão chamado Simão até a hora de dormir. Neste período, ele levava o seu mascote para brincar em uma praça, dava comida e fazia carinho enquanto contava como havia sido seu dia. Embora Simão nunca entendesse o que era dito, era algo que acontecia diariamente, pois deixava o garoto mais tranquilo. Simão havia chegado à casa um pouco antes de Zezinho nascer e já com seus doze anos de vida era considerado um irmão para o garoto.

Um certo dia, o garoto chegou em casa e reparou que seu cão não estava lá. Foi perguntar para o seu pai e ele respondeu:

— Ele vomitou um pouco à tarde, então ele foi ao veterinário, mas daqui a pouco já está de volta. Escutando isso, Zezinho ficou mais calmo; porém, a ansiedade do garoto ainda era grande para ficar com seu melhor amigo. Por isso, ele ficou um tempo em frente à porta de sua casa apenas esperando sua cozinheira trazer o cachorro de volta para começarem a fazer tudo que já era de costume.

Entretanto, quando pretinho (outro modo pelo qual o cachorro era chamado pelo garoto) chegou em casa, o menino avisou a seu pai que iria levar o cão à praça para que ele pudesse interagir com outros cachorros. O pai vetou a ideia e sugeriu que o garoto ficasse com ele no quintal, pois ele deveria descansar e ficar um certo período sem fazer exercícios bruscos. O menino acatou a ideia e ficou

com seu amigo fazendo carinho e contando como havia sido seu dia até a hora do jantar. No dia seguinte, após a aula do garoto, havia treino de polo aquático no clube. Durante o treino, ele só conseguia pensar se após o conturbado dia anterior, o dia de Simão teria sido bom. No fim do treino, Zezinho voltou a pé para sua casa junto com sua empregada e, durante o trajeto, perguntou para ela se pretinho estava bem. Ela respondeu:

— Ele foi ao veterinário com seu pai para o médico ver como havia sido a reação dele ao remédio, pois em um determinado prazo, essa substância pode começar a causar problema ao fígado dele.

Ao chegar em casa, o menino novamente ficou esperando no portão seu pai e o cachorro, mas quando escutou o barulho da chave, levantando-se rapidamente para ver se estava tudo bem, só viu seu pai.

Logo seu pai se sentou ao seu lado e começou a contar o que havia acontecido com Simão durante o dia. Após um longa conversa, seu pai concluiu a conversa tentando falar de uma forma amena sobre a morte de seu amigo. Durante aquela noite, seu pai buscou fotos de Zé com o cachorro para lhe lembrar dos grandes momentos que tinham juntos.

No dia seguinte, ainda triste com o ocorrido, Zé percebeu que deveria continuar sua vida tentando achar outras coisas que também o deixassem alegre. Chegando à escola, o menino fez algo que raramente tentava, que era se enturmar com outras pessoas. Isso fez com que ele percebesse que ele ainda amava seu cão, mas que, também, outras pessoas poderiam lhe ajudar. A partir de um fato triste, o menino conseguiu mudar sua forma de viver.

Nota final

Este livro foi escrito em condições muito específicas. Alunos e alunas trabalharam em suas casas e foram orientados à distância pelo professor Luiz Venâncio R. Aiello, durante o período de aulas remotas e distanciamento social, por conta da pandemia da covid-19.

Foram muitos meses de afastamento da Escola e dos encontros presenciais de trabalho, mas em nenhum momento interrompemos os processos escolares inerentes às aprendizagens dos alunos. A beleza do livro reside um pouco nessa circunstância especial. As marcas da experiência atravessam a escrita e seguem conosco como memória da escola que vivemos juntos, mesmos distantes.

Ana Bergamin

Novembro/2020



VERACRUZ



VERACRUZ